



Aldo Carotenuto **EROS** **E PATHOS**

Margini dell'amore e della sofferenza



TASCABILI BOMPIANI

extensão LDB



A análise de Carotenuto se enquadra no quadro teórico da psicologia profunda, particularmente da corrente junguiana. Descreve com sutileza a fenomenologia da experiência amorosa, procurando compreender as causas, muitas vezes inconscientes, para apreender os fundamentos nas vivências primárias da criança. Ela está atenta às dimensões da individualidade, da interioridade, do imaginário, dos sentimentos dessa experiência em que a corporeidade e o psiquismo de cada um estão intensamente envolvidos. Acima de tudo, Carotenuto destaca as ambivalências e contradições estruturais da experiência do amor: o subtítulo de seu livro *Margens do amor e do sofrimento* não indica duas experiências diferentes, mas duas dimensões essenciais e entrelaçadas da mesma.

ALDO CAROTENUTO

Psicanalista, nasceu em Nápoles em 1933. Professor de Psicologia da Personalidade na Universidade de Roma, dirige a "Revista histórica da psicologia dinâmica". Entre as suas obras de não-ficção mais recentes destacam-se: *Tratado da Psicologia da Personalidade* (1991), *As Masmorras da Alma* (1995), *As Lágrimas do Mal* (1996), *A Minha Vida para o Inconsciente* (1996), *O Charme Discreto do horror* (1997), *O eclipse do olhar* (1997), *Carta aberta ao aprendiz de feiticeiro* (1998), *Vivendo a distância* (1998), *Nostalgia da memória* (1999).



SAGGI

Aldo Carotenuto
Eros e pathos
Margini dell'amore e della sofferenza

Prefazione di Gérard Lutte

 TASCABILI
BOMPIANI

© 1987/2006 RCS Books SpA
Via Mecenate 91 - 20138 Milão

ISBN 978-88-58-70002-0

Primeira edição digital 2010 de
XVIII Bompiani edição em brochura de julho de 2006

Na capa:
Gustav Klimt, *Adam and Eve*, 1917/18, Österreichische Galerie, Viena, parte.

Projeto gráfico Polystudio.
Capa e design gráfico de Aurelia Raffo.

Visite o site www.bompiani.eu e torne-se fã do Bompiani no Facebook (<http://www.facebook.com/pages/Bompiani/111059814766>)

Este trabalho é protegido pela lei de direitos autorais.
Qualquer duplicação não autorizada, mesmo parcial, é proibida.

EROS E PATÓS

A morte é a solidão dos entes queridos, essa
névoa ao seu redor que nenhuma palavra
terna pode atravessar.

A morte é dor e desespero nas
mesmas palavras que foram a
embriaguez da felicidade. A morte são
as lágrimas que escorrem
ao ouvir uma palavra que significava amor.

(Joe Bousquet)

NOTA À NOVA EDIÇÃO

Quando *Eros e Pathos* foi lançado em 1987 , nunca imaginei o sucesso que esse tema faria com o público. Depois de oito edições e da reintrodução do livro na série brochura, permitam-me uma reflexão mais aprofundada sobre a experiência da qual, em caso algum, quem viveu a perturbadora vicissitude do transporte do amor não pode escapar: o inevitável aparecimento da traição. A este tema dediquei um livro inteiro, *Amare Tradire* (Milão, Bompiani, 1991), ao qual remeto o leitor para maiores esclarecimentos, aqui me limitarei a alguns aspectos gerais levantados pelo problema da traição.

Em *Eros e Pathos* , o nono capítulo, intitulado *Traição e Abandono*, suscitou consternação e perplexidade no público, como atestam as inúmeras cartas que recebi nestes seis anos desde a publicação do livro. Porém, há um ponto que precisa ser esclarecido: a traição não se esgota no relacionamento amoroso, talvez a experiência mais comum e conhecida, mas permeia todos os aspectos de nossas vidas.

Também é verdade que há algo de incompreensível na experiência do amor; “o objeto do desejo” não pode ser definido, não pode ser reduzido, esgotado, banalizado na relação. No momento em que encontramos esta dimensão, todo o mundo, que nos parecia familiar, de repente assume uma fisionomia diferente. A maior mudança acontece na nossa forma de sentir as coisas da vida, vemos com outros olhos. Quando amamos, a energia que nos permeia vem de novas forças que nos conduzem a uma dimensão estranha diferente daquela dos períodos em que não amamos. E ninguém pode amar pensando que o amor acaba, ninguém pode amar pensando em morrer ou que a experiência é limitada no tempo. Por isso é profundamente justificado quando essa relação

quebra a saudade, o sofrimento por algo que realmente se perdeu, pois nenhum novo encontro poderá dar vida novamente àquela realidade.

Mas o imediatismo em mudar radicalmente toda a nossa visão da realidade, característica da experiência do amor, nos transpassa igual e inesperadamente também no momento em que nos descobrimos traídos ou traidores. "Amar" e "trair", a meu ver, não são dois momentos diferentes da relação afetiva; e não é sequer a observação óbvia de que um dos dois não exclui o outro (pode-se trair e continuar a amar, pode-se amar e continuar a trair), mas algo mais radical: os dois conceitos são inseparáveis, não podem não combina. Poderíamos dizer que "amar" é "trair".

O que pode significar esta equação em termos de psicologia profunda, que parece satisfazer mais uma imaginação ambígua e um tanto perversa do que a necessidade de uma compreensão psicológica de nossa experiência profunda?

Acostumamo-nos a classificar a realidade com uma terminologia simplista e unívoca, digamos mesmo "monocromática", e a considerar o amor apenas como o lugar do êxtase, da paz, da compreensão total; e a morte um inimigo eterno, testemunha de um retrocesso infinito, prova do absurdo que regula todo o ciclo da existência, de uma natureza maligna que, como queria Leopardi, zomba das promessas de felicidade que inicialmente instila no coração do homem. E, sempre nesta perspectiva que ao longo do tempo descobrimos estreitos e inadequados, os sentimentos só podem ser divididos em "bons" e "maus", sendo a clareza dos significados a prova da perfeição de uma Razão que separa e define, que estabelece os limites e a legalidade de toda experiência, que "nomeia" o que percebe, o que proíbe e aprova. Assim sendo, bastam as ações para nos dar a medida de um ser humano, basta a superfície das palavras para nos dar a compreensão da voz que as pronuncia, assim como basta o hábito para fazer um monge.

Neste carrossel de clichês e singelezas reconfortantes, a traição é sempre e apenas atribuível ao outro: o "vilão", o "estrangeiro", o "diabólico". É sempre e apenas a armadilha em que cai a vítima inocente, a arma do sedutor desonesto ou do adivinho infiel.

A traição é repugnante à nossa consciência "pura", nunca poderia nos pertencer, e simplesmente a projetamos fora de nós mesmos, além do

perímetro de nossas intenções. E por muitos séculos o "fora" e o "outro" foram identificados com o universo feminino e é inútil prolongar-se nas santas Inquisições ou nas cisões operadas pela imaginação masculina sobre a imagem da mulher, santa mãe ou cortesã luxuriosa.

Quem poderia traçar as feições de Judas em seu próprio rosto; e, ainda, quem seria capaz de reconhecer nos olhos de Judas, o olhar de um homem apaixonado por seu mestre, idealizado a tal ponto que a relação parece insustentável e a única saída é destruí-la? Porque trapacear é o ato necessário para reequilibrar o jogo de forças anímicas que transfiguram os objetos do desejo, tornando-os estranhos para nós como divindades desconhecidas; é a ferida que deve rasgar a nudez da alma quando ela ainda está fechada em uma virgindade inconsciente e impensada. É a fuga de Eros, que deixa Psique desorientada e apaixonada, mas que, justamente por meio dessa traição e das dores que a busca pelo amado acarreta, poderá encarnar uma feminilidade completa, e se reunir com seu homólogo masculino.

Traição é uma palavra com um significado ambíguo. De fato, o itinerário semântico do verbo correspondente reúne significados opostos, de modo que tradere significa "entregar" ou "contar", e em latim "traditor" é tanto o "traidor" quanto "quem ensina". Essa duplicidade nos revela algo útil, por exemplo, a capacidade de trair tem afinidades com a capacidade de liderar os outros. O que isso pode significar?

Para nós, simplesmente o fato de aquele que toma as rédeas do próprio destino em suas próprias mãos é também aquele que fez uma "traição" aos ditames do coletivo, dos valores e dos pedidos vindos de o contexto que o acolheu e do qual tem de se separar para se identificar. É uma história que desde os tempos mais remotos reapareceu nas cenas do nosso itinerário existencial, tanto que não só ao longo da nossa vida a traição está sempre em cena, desempenhando um papel principal, senão mesmo protagonista, mas é precisamente por virtude de uma traição que o homem foi literalmente "trazido ao mundo". Como se dissesse que se nasce traído e que não se pode libertar senão por um ato igualmente transgressor.

O que significa nascer "traído"? Isso significa que cada um de nós, desde o momento de sua concepção, incorpora o fantasma do desejo materno:

toda mãe, no momento em que descobre que está esperando um filho, molda-o fantasiando-o. Ou seja, ela tenta construir e moldar a identidade da criança dentro de si, à sua imagem.

Se já somos "imaginados" antes de nascer, isso significa que nossa existência sofre um primeiro condicionamento: é como se já tivesse sido inventado. Se levarmos em conta que por trás de cada fantasia estão os próprios complexos e as imagens inconscientes que guiam aquele que imagina, é claro que a criança carregará o peso de um sistema de projeções através do qual o complexo familiar lhe será transmitido.

Na própria origem da individualidade do indivíduo, portanto, está uma traição. Portanto, é necessário "trair" para não trair a si mesmo. Em outras palavras, o indivíduo se entrega ao imperativo, inscrito na própria dinâmica evolutiva do psiquismo, de se libertar, de se emancipar de tudo que o mantém fiel a uma imagem de si que não lhe corresponde, e que em vez disso, incorpora o desejo do outro ou responde conscientemente às demandas do ambiente social. Mas é um caminho difícil, arriscado, quase contra a natureza, se "naturalmente" o indivíduo tenta responder por adaptação, à sua própria necessidade de segurança e satisfação, e se, para conseguir uma autopercepção satisfatória e um controle estável da própria imagem, desde cedo todos aprendem aquelas estratégias defensivas que o protegem da angústia, defendendo o ego de experiências destrutivas.

É por isso que o processo de individuação frequentemente envolve situações de ruptura, fraturas inevitáveis, destinadas a marcar toda a nossa história humana: cada passo rumo a uma etapa evolutiva ulterior será pontuado pela experiência da fratura, que é uma experiência de traição. O que a mitologia nos ensina sobre isso? Que nossos ancestrais tiveram que enfrentar as mesmas duras provações para se diferenciarem do reino da inconsciência absoluta, e que tiveram que transgredir as injunções divinas, sofrendo a sentença do exílio e o esforço de dar sentido às suas ações. Que até Cristo experimentou uma dupla traição, por parte dos homens, no caso de Judas, e por parte do Pai, que preferiu abandoná-lo à morte.

Se o espaço familiar é o "primeiro" lugar em que a traição se manifesta, o cenário que a verá como protagonista absoluta será o relacionamento conjugal, justamente por ser esse o lugar de todas as expectativas: expectativas de

plenitude, totalidade, redenção. Expectativas sobretudo de um reencontro com o "outro" imaginal que cada um guarda dentro de si, e que o parceiro parece encarnar por um certo tempo, tornando-se portador de uma promessa que atravessa o tempo do mito e a história da religião - que isto é, o de uma unidade original que o homem perdeu dolorosamente.

Comparado a expectativas tão altas, o parceiro só pode parecer inadequado e, com o tempo, tornar-se "culpado" por não ter dado o suficiente. Na realidade, o outro só seduz na medida em que se presta a ser modelado e "construído" pela nossa expectativa, e quando a idealização falha inevitavelmente, a realidade do seu rosto é inaceitável. Assim nasceu o paradoxo segundo o qual duas criaturas envolvidas em um aparente movimento de reciprocidade se chocam ao longo de duas trilhas paralelas destinadas, talvez, a nunca se encontrarem. Trata-se, portanto, de uma traição mútua que se perpetra ao outro e, certamente, a si mesmo, cultivando a aspiração inconsciente de restabelecer uma condição de indiferenciação e fusão originária que só pode se concretizar no momento mágico do enamoramento. A idealização do amor significa, de fato, sua traição. Entre outras coisas, quanto menos o indivíduo tiver evoluído em termos de consciência, mais a escolha do parceiro será ditada por razões inconscientes, que decidirão sem o seu conhecimento a atitude psicológica e emocional que caracterizará o encontro. De maneira junguiana podemos afirmar que nestes casos o casamento institucional "externo" não é absolutamente o reflexo do "casamento interno" com o Animus para o feminino, e com o Anima para o masculino.

No entanto, mesmo a presença dominante de fatores inconscientes pode permitir que a relação amorosa se mantenha e funcione por anos: é o caso dos casamentos neuróticos, que se mantêm vivos por anos justamente porque seus pressupostos permanecem inconscientes.

Mas poderíamos pensá-lo fora deste necessário encontro de almas, podemos fugir à alquimia da sedução, ao jogo das afinidades, à tentação de um encontro que introduza a força vital do eros onde há consciência da solidão e a procura de relações ? Podemos evitar trapacear e nos entregar? Esta é a questão a que procuramos responder, investigando com particular atenção no universo do sentimento feminino, e na particularidade da evolução psicológica da mulher, em

sobrecarregado por séculos de cultura repressiva e repúdio humilhante. Na história de seu desenvolvimento psicológico, a mulher deve enfrentar, na dinâmica do casal, o dilema da traição, que se torna uma espécie de passo obrigatório para o resgate de sua identidade. A quebra do vínculo revela-se então como a necessidade de permanecer fiel ao próprio crescimento psicológico. Vamos tentar seguir este processo.

Cristalizada no papel passivo de mãe e amante, identificada com a sua própria corporeidade, significando o feminino por excelência, sobre o qual continua a projectar as razões do seu sofrimento psíquico, confinada ao silêncio que é a condição perene e milenar da mulher, pode escolher a infidelidade como forma de redenção da submissão que "traí" o potencial intrínseco de sua natureza, a riqueza de seu mundo emocional, a capacidade de construir relacionamentos. Quando a mulher retira a projeção da figura externa de seu parceiro e reconhece esse masculino como algo interno, ela alcança sua própria autonomia em relação ao parceiro. Naturalmente isso é irremediavelmente vivenciado pelo parceiro como uma traição, que vivencia a transformação da mulher como uma ameaça e uma rejeição. A traição e o adultério pertencem radicalmente ao feminino: se olharmos para os mitos e para a literatura, são muito frequentes as imagens femininas que "traem": ela trai Eva, como trai a Sophia dos gnósticos, trai Pandora quando abre o vaso, e ela trai Elena ao entregar os heróis que tiveram que enfrentar as batalhas de Tróia por causa dele.

No entanto, não devemos identificar a traição com o adultério, visto que o adultério por si só não favorece a aquisição de um novo nível de consciência. Os casamentos estão cheios de traições "consumidas", mas não compreendidas, e a consumação por si só não traz transformação. Em alguns casos podemos dizer que "consumir" a traição sem nos questionar e nos deixar questionar pelo mal-estar, pelo medo que ela gera, é a melhor forma de não mudar nada. Para que a traição adquira um valor psicológico, devemos enquadrá-la no contexto mais amplo da lealdade a si mesmo: a traição põe em jogo nossa autenticidade. Quando percebe que uma relação amorosa se esgotou, não dá para trair, e a mulher tem mais essa capacidade de ler por trás das linhas do desconforto e da incomunicabilidade a verdade do desgaste. Talvez por sua capacidade mais intensa de se relacionar, de

alimentar-se de emoções e sentimentos, irá em busca de autenticidade na relação. Nas dinâmicas de casal, a resposta masculina costuma ser inadequada, boba e pueril. Muitas vezes a mulher, para salvar um relacionamento, esconde de si mesma as verdades que percebe em nível subliminar, e opta por fazer o papel passivo de quem tudo aceita e perdoa. Mas isso é uma traição grave: as mulheres-anime, como Jung chamava as mulheres que vivem para encarnar as projeções do homem, ainda são muitas. O preço desse sacrifício de sua parte ativa e transformadora será pago em termos de distúrbios psíquicos e somáticos.

Uma vez que a traição ocorreu, a pergunta crucial que ambos se fazem é "por que eu fiz isso?" E este é um dos tormentos mais intensos que nos podem ser reservados. Para quem *sofre* a traição, será uma questão de empreender um processo de "elaboração do luto". Quem *trai*, por sua vez, tem que lidar com a experiência da culpa, de ter destruído o objeto do amor. Ambas são experiências que caracterizaram as fases mais importantes de nossas primeiras experiências com os pais: amor e ódio, agressão e destrutividade. Ainda encenamos as experiências de nossas primeiras experiências relacionais, e é por isso que o mundo é povoado por uma porcentagem muito alta de homens e mulheres cujo desenvolvimento emocional e psicológico ainda está no início de sua história.

O que precisamos saber, ao contrário, é que ao vir ao mundo o homem ganha acesso a uma dimensão que está *ontologicamente* exposta à traição, e que não pode haver crescimento sem essa experiência. Fechar-se à experiência da traição significa permanecer preso a uma necessidade de fusionalidade, na busca perene do outro com quem se fundir. Mas no momento em que esse desejo de plenitude infantil se apegue a um objeto concreto, a perda já ocorreu.

Outra verdade sobre a qual muito pouco se esclarece é que a traição nunca é imputável apenas a um dos membros do casal: traído e traidor recitam ambos um roteiro preciso, no qual, porém, é o traidor quem tem a tarefa mais árdua. Na verdade, ele deve assumir a responsabilidade de destacar a dissolução e a natureza problemática do relacionamento, de pedir uma revisão. Na verdade, muitas vezes o traído esconde de si mesmo que seu parceiro o está traindo, ele precisa negar a si mesmo a evidência do que está irremediavelmente ou temporariamente perdido. Se o outro for aceito apenas

na medida em que corresponde às expectativas, então a traição pode ser lida como uma tentativa de libertar-se do papel que cada um relegou ao outro, do papel que desempenhou para o outro. A traição pode, portanto, ser lida não apenas como abandono do parceiro, mas também como uma tentativa de reconhecer aquelas partes de si sufocadas no relacionamento. Se no casal as fantasias fusionais privaram ambos da percepção dos limites de sua própria identidade, a traição visa restabelecê-los. É por isso que defendemos que a traição é uma passagem inevitável na história de duas pessoas que se amam: é um momento de abertura para fora e para dentro, um momento de reconquista da própria identidade.

Mas não é apenas no espaço da relação do casal que as dimensões do sentimento, com sua carga de ambivalência, medo e esperança, são vivenciadas em seu aspecto trágico de sofrimento ou favorecimento da traição. A amizade também, por exemplo, é terreno extremamente batido, e todos podemos dizer que fomos traídos ou traímos um amigo. De facto, tal como acontece na escolha de um parceiro, também a escolha de um amigo assenta na activação de sensações inconscientes, em afinidades misteriosas porque ligadas a imagens profundas. Aristóteles sobre este assunto expressou uma reflexão esclarecedora para nós psicólogos:

"Assim como alguém se relaciona consigo mesmo, também se relaciona com o amigo".

Seremos, portanto, tanto mais tolerantes com a diversidade do outro e com sua "negatividade", quanto mais conscientes estivermos de nossa parte da Sombra. Trair um amigo significa não aceitar a humanidade imperfeita que se opõe ao nosso desejo idealizador. Caso contrário, o amigo será apenas o eco do nosso narcisismo, e nos alimentaremos de elementos de semelhança para buscarmos a confirmação de nós mesmos. Muitas vezes, então, a traição é representada como uma reação defensiva em relação ao desapontamento daquelas expectativas narcísicas de que falamos. O amigo muitas vezes ativa nossas projeções de Sombra. Mas diferentemente do relacionamento amoroso, na amizade temos mais uma chance de superar a traição, elaborando-a com o outro, sem deixar que os elementos destrutivos prevaleçam até que o vínculo seja rompido. Não devemos esquecer uma díade em particular, que engloba elementos da relação de amizade e elementos da relação de casal. Ou seja, estamos falando do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Tema assustador, que nos encontra

em perfeita concordância com o que o escritor inglês Edward Forster escreveu sobre isso: ou seja, que o que é realmente abominado não é a homossexualidade em si, mas sim "o convite para pensar sobre isso". No entanto, conhecemos uma lei hitita de 1400 aC que previa o casamento entre indivíduos do mesmo sexo, e sabemos que a mesma tolerância em relação à experiência homossexual existia na Grécia antiga, onde nem mesmo uma diferenciação entre experiência homossexual e heterossexual existia.

Se partirmos da perspectiva do homem comum, falar de homossexualidade já significa falar de sexualidade "traída": todos nascem com uma identidade sexual fisiologicamente determinada e também sabemos que, por razões intrínsecas à sobrevivência da espécie, o heterossexual escolha é a escolha "pela natureza". Assim, o amor ao próximo é visto como "contra a natureza". No entanto, sabemos que o homem cultural iniciou um processo de emancipação do homem biológico e que a sexualidade humana independe de fins meramente procriativos. A sexualidade é um canal de busca de relações interpessoais, antes de ser um meio de reprodução ou de pura satisfação do prazer. A homossexualidade, nesse sentido, não trai a natureza, mas sim o costume cultural, que confina o diferente no segredo e na vergonha. A pesquisa psicanalítica tem destacado que a homofilia deve ser compreendida como uma *forma particular de estar* no mundo da experiência amorosa. Não podemos entender a homossexualidade se a separarmos do amor. Na experiência clínica podemos observar que o amor homossexual não difere, em suas expressões, do amor heterossexual: o transporte, a doçura, a expressão do sentimento são idênticos. Mas uma diferença fundamental e profunda que a pesquisa psicanalítica destaca é o fato de que o amor homossexual nega ou se defende da relação com a diversidade. O sexo oposto é, para cada indivíduo, um mistério, e o contato com nossa contraparte sexual é o contato com a alteridade por excelência. O eros heterossexual nos coloca em relação com o que é diferente de nós, porque no fundo cada um se sente a metade de um símbolo que só pode ser recomposto no encontro com um parceiro do sexo oposto. Em outras palavras, homem e mulher são psicologicamente complementares, e ir em direção ao sexo oposto também representa uma possibilidade de ir além de si mesmo, em direção a uma perspectiva completamente diferente e, portanto, enriquecedora. Então

entrar em contato com o "diferente" porque é visto como muito ameaçador: uma espécie de escolha forçada. O feminino para os homens e o masculino para as mulheres representam um desafio. De uma forma junguiana podemos dizer que no homem a opção homossexual pode ser vista como uma identificação com a Alma, que o indivíduo não consegue projetar para fora.

Se podemos, portanto, falar de traição, não é traição contra a própria sexualidade, mas talvez contra a imagem contrassexual interna de alguém, e o desafio é ser capaz de recuperar a confiança em seu mundo interno.

A estas traições fundamentais podemos acrescentar outras: a da doença, da feiúra, do suicídio e da morte. Todas essas dimensões sempre foram vividas pelo homem como experiências de fracasso, de fracasso, como prova do limite que o homem coloca na *traição* de sua existência.

A experiência originária do limite se dá antes de tudo como experiência dos limites do corpo: é através da minha corporeidade que percebo a inexorável traição do tempo, que muda minhas formas e as deforma, que impede minha vitalidade e meus movimentos, e que, na doença, pode até abreviar minha vida. Em suma, o corpo é a prova da derrota de todas as nossas ambições de onipotência.

Se levarmos em consideração, por exemplo, o problema do corpo, de sua feiúra, deparamo-nos com a sensação de uma grave traição: a de não amar a si mesmo. Um dos desejos básicos da existência é, de fato, gostar de si mesmo; a autoestima passa também pela aceitação e satisfação com o próprio corpo. Um corpo feio só pode inspirar rejeição, e se pensarmos na etimologia do termo "feio", veremos que em seu significado original significa "sujo". Em inglês, a etimologia refere-se à área semântica do que é assustador, assustador, algo que apavora porque está ligado à experiência de dor, dor, angústia.

Pessoas feias, portanto, experimentam os aspectos monstruosos da vida em sua própria pele.

Muitas vezes, no entanto, a experiência de um corpo feio é uma experiência subjetiva, no sentido de que alguém pode se sentir feio de forma desproporcional em comparação com a realidade real. Nestes casos, somos confrontados com uma experiência autodestrutiva, uma

compulsão de se apresentar ao outro de forma a garantir uma recusa, *identificando-se com a Sombra*.

Com efeito, a feiúra incita projeções de conteúdos inconscientes agressivos: pense-se, por exemplo, em quantas vezes, em creches, crianças feias ou obesas são objeto de escárnio e agressões alheias. Feio constela o fantasma da impossibilidade e indignidade de viver, e remete à mais devastadora das traições, aquela sofrida no relacionamento primário.

De fato, o corpo feio costuma ser evidência de uma experiência precoce de rejeição. Uma mãe que, ao invés de conter e enfraquecer os impulsos agressivos do filho, os devolve amplificados, torna-se assim uma mãe repudiante, que por sua vez é agressiva. Por trás de cada história do "patinho feio" está a história de uma recusa do amor: assim, a experiência de ser "feio" remete a um original que foi exilado. O feio adotará então uma estratégia inconsciente funcional à compulsão de repetir a experiência da rejeição, apesar de ser movido internamente pelo desejo.

Opor um corpo feio ao outro é um expediente para escapar do desejo do outro, para se colocar desde o início fora do jogo e neutralizar uma recusa inevitável antecipando-a.

Ancorado na experiência de uma traição precoce, o "feio" só pode repropor continuamente essa experiência, e no campo fenomenológico da experiência da feiúra podemos naturalmente incluir doenças como a obesidade, a bulimia ou, inversamente, a anorexia, e também certas escolhas ascéticas de vida, nas quais toda a energia psicofísica do indivíduo é direcionada para a mortificação do desejo, para defender-se do medo do confronto.

Se um corpo desagradável é a expressão da impossibilidade de habitar positivamente a própria corporeidade, o corpo doente amplia enormemente essa impossibilidade. O corpo doente trai nossa necessidade de vida e expansão e introduz a morte na vida. A doença suspende a existência em um limbo sem sentido, e quem é sua vítima é o "desesperado", o pária; ou, como sustentava o pensamento medieval, o doente é o *pecador*, aquele que deve expiar um crime.

Na concepção cristã, a doença é um castigo divino que acompanha o pecado do homem, exatamente como na tradição judaica:

no Antigo Testamento é o Senhor que envia as "sete pragas", assim como a terrível doença do devoto Jó.

Ao relacionar a doença com o castigo divino, o cristianismo expressou uma realidade psicológica muito profunda, porque a doença é sempre vivida como um agente persecutório. Sentimo-nos verdadeiramente traídos, vítimas de uma agressão externa que nos deixa completamente indefesos porque acampa dentro do corpo e nos invade. O paciente é assim despojado de seu projeto existencial.

Mas por que sentimos a necessidade de uma *explicação* do mal que nos domina? Por que a doença desencadeia sentimentos de culpa? Provavelmente porque o mal nos coloca em relação, como aconteceu nos primeiros estágios de nossa existência, com "maus objetos" persecutórios: com os perseguidores *internos* que habitam dentro de nós.

No entanto, o que se deve ter em mente é que, de fato, nunca devemos considerar a doença apenas como um fato somático: ela é sempre indicativa de algo que está em crise dentro de nós: somatizamos porque perdemos o contato com o conflito patogênico, que é impedido do acesso à consciência. Assim, a primeira pergunta que um analista se faz quando um paciente adoece é o que significa o sintoma, que mensagem ele traz oculta em si mesmo. A doença pode, isto é, ser funcional para alguma coisa. A doença psicossomática, por exemplo, ocorre quando nosso nível de consciência é muito pouco desenvolvido, não tem força para se expressar no nível simbólico e afeta o nível mais fraco, o corporal. Sabe-se, por exemplo, que os estados depressivos enfraquecem nosso sistema imunológico e expõem o deprimido a distúrbios aos quais o outro facilmente resiste.

Quando o corpo é questionado, significa que nossa resposta aos conflitos intrapsíquicos é bastante primitiva, arcaica.

A doença pode tornar-se também uma forma agressiva de comunicação com os outros: quando alguém de uma família adoece, a sua condição é a de alguém que tacitamente repreende.

Usamos o corpo e o corpo nos "usa". Podemos trair-nos com o corpo doente ou trair um equilíbrio fictício, entregar-nos à morte ou tentar uma reviravolta desesperada e violenta da nossa existência, um resgate hiperbólico, uma ressurreição final.

Mas a doença é também a porta através da qual se olha para uma realidade muito mais terrível e radical: a da morte. Porque a morte é a última traição, ou a primeira, o fantasma que surge no horizonte do nascimento, antes mesmo que o indivíduo aprenda o que significa viver.

O analista não pode, portanto, proceder sem uma "filosofia da morte". É um tema incontornável que teremos de enfrentar várias vezes na vida, quer com a perda de um ente querido, quer com a vivência da doença, que evoca o espectro da morte. Contra ela existe, em nossa cultura contemporânea, uma tentativa muito forte e desesperada de exorcizá-la, de encerrá-la além dos confins do dito, no silêncio. A tentativa é trair a morte, retirar-lhe a presença através dos "ritos" da modernidade: a corrida ao progresso, à hiperprodução, o vertiginoso uso do tempo na ilusão que nessa vertigem as imagens e sinais do temido fantasma. Mas o que não podemos esquecer é que é impossível trair a morte sem trair a nós mesmos, porque a morte significa a possibilidade de que nossa existência não se cumpra.

Em outras palavras, devemos entender que só a morte é dada como possibilidade por excelência de *escolha* da vida. Até que possamos escolher a morte, simbolicamente ou em alguns casos concretamente, não podemos escolher a vida. E o suicídio é a prova de que a morte pode ser uma escolha. Perante a necessidade de responder à questão do sentido que nos colocamos, a escolha da morte pode, paradoxalmente, consubstanciar uma resposta: pensemos, por exemplo, em certas escolhas particulares que se podem ler como formas transversais de suicídio: a de alistar-se voluntariamente para uma guerra, ou de passar fome por um ideal. Camus é esclarecedor a esse respeito, quando nos diz que

"o que se chama uma razão para viver é ao mesmo tempo uma excelente razão para morrer".

E nós, invertendo essa suposição, podemos afirmar que uma razão para morrer apenas sublinha as razões de viver.

O suicídio trai a vida, mas nesse ato há um pedido de "desvelamento" daquilo que a vida não nos ensinou. Assim, o suicídio com sua escolha revela ao mundo a riqueza da vida, uma riqueza que, sendo inatingível, ativa uma revolta total, exasperada, paradoxal.

Um grande artista contemporâneo, Mishima, que se suicidou em 1970, deixou uma mensagem deslumbrante em sua mesa:

"A vida humana é curta, mas eu gostaria de viver para sempre".

Esta mensagem comovente confirma a nossa tese, nomeadamente, que o gesto suicida, por detrás da demonstração óbvia de agressão e destruição, esconde um pedido e uma enorme sede de vida, um amor visceral pela existência.

Assim, Schopenhauer argumentou que o suicida ama a vida, e estamos de pleno acordo com esta afirmação.

A tensão suicida exprime, portanto, não uma revolta de ódio contra a vida, mas a experiência de uma traição: a vida promete-nos tudo, seduz-nos com a esperança de uma realização feliz, seduz-nos com os sonhos de infância e os projectos de juventude, e então, parafraseando Leopardi, ele nos trai. Então, o pensamento do suicídio também pode revelar seus valores transformadores e ocultar um desejo de uma nova vida: isso está presente em todos os símbolos dos ritos iniciáticos, nos quais a prova pela qual o adepto deve passar simboliza sempre uma passagem para a morte, a fim de para ser transformado e, assim, renascer. O homem puramente material, diz Jung, deve transformar-se em homem espiritual, e para acessar este novo nascimento é necessário atravessar uma zona de morte psíquica. Em suma, escolher crescer implica também uma escolha de morte, um gesto simbólico suicida.

É preciso morrer velho, preso a modos infantis e regressivos de se relacionar com os outros, e arriscar uma existência que, se se joga nos tons da traição, nas sombras e no claro-escuro da ambivalência, está em qualquer caso em nossas mãos, se escolhermos e direcionarmos seu caminho.

O espaço da traição, para resumir, corresponde a duas experiências: por um lado, a experiência "passiva" *de ser traído*, por outro, a experiência *de ser traidor*, de exercer uma vontade de transgressão que não cessa antes. Mas na história da traição, o traidor e o traído representam dois aspectos da mesma questão, que é uma questão relativa à necessidade de se encontrar. E como a compulsão de repetir significa a compulsão inconsciente de sempre ceder aos mesmos erros,

a traição, em sua essência, representa uma tentativa de redenção. Não pretendemos fazer uma apologia do crime, mas sim preservar a complexidade de um fenómeno que se reduz facilmente uns aos outros pela gravura. Se o homem fosse livre, não precisaria trair, mas é igualmente verdade que, se não fosse livre, não poderia trair. A escolha é nossa.

Aldo Carotenuto, junho de 1993

PREFÁCIO

por Gerard Lutte

A experiência do amor está entre as mais significativas, para muitos a mais considerável, da existência humana. No entanto, as análises psicológicas do amor são relativamente raras e, em todo caso, em sua maioria, são devidas aos que trabalham no campo clínico. A psicologia agora hegemônica, a positivista-experimental, que se pretende objetiva apenas porque objetiva o homem ao privá-lo de sua humanidade, subjetividade e historicidade, lida sobretudo com a percepção, o aprendizado e outros fenômenos que parecem quantificáveis. Muitos manuais de psicologia do adolescente acreditam poder explicar essa fase da vida sem levar em consideração a dimensão amorosa. E nos *Psychological Abstracts*, que apresentam resumos de artigos de centenas de revistas "científicas", a palavra *amor* apareceu apenas alguns anos atrás e continua entre as menos mencionadas. Tudo isso me parece um dos sintomas que revelam o quanto a corrente quantitativa e objetivante, que busca reduzir a experiência humana a caixas estatísticas, frequências, médias, desvios-padrão, correlações, fatores e outras abstrações matemáticas, tem desviado a pesquisa e teorizar sobre o psíquico, negligenciando as dimensões essenciais da experiência humana, aquelas que são objeto específico do estudo psicológico como a individualidade, a historicidade, a interioridade. A validade de uma abordagem epistemológica e metodológica em psicologia deve ser proporcional à capacidade de abordar os problemas existenciais dos indivíduos em relação ao seu sofrimento interior, relações de amizade e amor, senso de religiosidade, etc. A abordagem exclusivamente quantitativa elimina o homem da psicologia porque negligencia o indivíduo, sua subjetividade, a singularidade e a irrepetibilidade de toda história humana, apoiando

daí as tendências à massificação, à burocratização, ao controle anônimo e generalizado que caracterizam nossas sociedades pós-industriais e informatizadas.

Carotenuto, por outro lado, consegue falar de amor de forma original não só porque se deparou na sua prática clínica com dolorosas histórias individuais, mas também porque - parece-me adivinhar por discretas alusões - reflecte sobre a sua própria experiência. Toda elaboração científica, na verdade, é uma releitura subjetiva da realidade e acho que não é possível falar de forma profunda e pessoal sobre o amor sem tê-lo vivido intensamente. Este não é o primeiro ensaio do autor sobre a experiência amorosa. Já em 1980 e 1985 tinha editado dois números monográficos da *Revista de Psicologia Analítica*, "L'existisse amorosa" e "Consciência do amor", que se tornaram referências obrigatórias para quem se ocupa destes temas. Aprofunda agora a sua análise numa obra comparável na literatura recente à de Barthes, *Fragmentos de um discurso amoroso*, tanto pela profundidade do tratamento como pela elegância da escrita. Ambos são trabalhos densos, lidos e relidos lentamente, comparando-os com a própria experiência, meditando sobre as implicações sombrias da existência pessoal.

A análise de Carotenuto se enquadra no quadro teórico da psicologia profunda, particularmente da corrente junguiana. Ele não se contenta em descrever com sutileza a fenomenologia da experiência do amor - como alguns sociólogos tentaram fazer em livros de grande sucesso - mas também em compreender as causas, muitas vezes inconscientes, da apreensão - de forma plausível e sem dogmatismos escolares - os fundamentos nas experiências primárias da criança. Ele está atento às dimensões da individualidade, da interioridade, do imaginário, dos sentimentos dessa experiência em que a corporeidade e o psiquismo de cada um estão intensamente envolvidos.

Acima de tudo, ele destaca as ambivalências e contradições estruturais da experiência do amor. O subtítulo de seu livro, *Margens de amor e sofrimento*, não indica duas experiências diferentes, mas duas dimensões essenciais e entrelaçadas da mesma. Uma experiência em que a imaginação dos nossos desejos que o ser amado inventa tem de lidar com a realidade deste e da sua imaginação, em que se exacerbam as sensações de vida e morte, de presença e ausência, de fusão e solidão, de atração e angústia, de libertação e transgressão-

culpa, respeito e exploração, força e vulnerabilidade, fantasia e realidade, luz e sombra, ternura e violência, diálogo e incomunicabilidade, confiança e ciúme, fidelidade e traição, êxtase e abismo de sofrimento.

Em polêmica com Piaget, Riegel afirmava que o pensamento maduro não é o lógico-formal baseado no princípio da não contradição, mas o dialético que inclui a si mesmo, as pessoas, os objetos, o mundo inteiro, em suas múltiplas relações contraditórias. A análise de Carotenuto capta essas contradições da realidade psíquica e frequentemente se vale daqueles que melhor expressam as ambivalências da existência, os poetas. Ao contrário, ele afirma que só se desenvolve de forma criativa quem aceita as contradições em sua vida, quem integra os aspectos negativos do Self, ou seja, os aspectos da Sombra. E nesse crescimento atribui um papel essencial à experiência da dor, do incompreensível, da solidão, do abandono.

Uma reflexão sobre o amor só pode ser uma meditação sobre o sentido da existência humana, caracterizada pela insatisfação, pela nostalgia, pelo sentimento de solidão, pelo desejo de completude e perfeição, pelo sofrimento psíquico "chamando a alma". É também uma reflexão sobre a sociedade que o autor percebe como inimiga da individualidade e verdade única de cada pessoa porque massifica e se funda no poder, a antítese do amor. Carotenuto analisa com perspicácia a destrutividade do poder, do desejo de dominação e autoridade sobre os outros, que se baseia numa percepção inconsciente da própria incapacidade e esterilidade e que tenta bloquear a criatividade alheia. Seu exercício "de forma eficaz, dramática e inexoravelmente consome e destrói o indivíduo em um nível humano". Mas o poder, como os outros obstáculos da vida, quando é possível apreender o seu sentido e os significados subjacentes, pode levar o indivíduo a tornar-se autônomo, a recuperar a sua unidade e uma perspectiva de desenvolvimento.

Se eu tivesse que publicar uma antologia sobre o enamoramento, não seria fácil escolher entre os vários temas abordados por Carotenuto. Ficaria tentado a inserir as passagens sobre o imaginário, a sedução, a linguagem dos olhos, o beijo, a autodeclaração, a sacralidade do corpo, a redenção da subjetividade, a criatividade, a individualidade, a incomunicabilidade, o poder. Mas percebo que estou listando quase todos os temas do livro.

A obra de Carotenuto certamente não esgota – seria impossível – os temas do amor. Ele só leva em consideração o amor erótico, apaixonar-se e não as outras inúmeras formas de amor: aquele por pessoas concretas, pais, filhos, amigos, o estranho e raro pelos inimigos, aquele por entidades abstratas, Deus, país, ou aquele para os abandonados, os oprimidos. Quais são as ligações, unidades, semelhanças e diferenças entre esses diferentes amores? Qual é a relação entre Eros e Ágape?

A análise do autor nos confronta com o mistério do amor e o significado da existência humana e nos permite compreender melhor as complexidades. Mas o mistério, ou melhor, os mistérios do amor não são revelados. O que mais me fascina no apaixonar-se é o seu carácter absoluto, a sua pretensão à eternidade e à perfeição, a convicção dos amantes de terem encontrado a única pessoa capaz de satisfazer a infinitude do seu desejo. Daí a necessidade, brilhantemente descrita por Carotenuto, de inventar o ente querido, de o idealizar, de o divinizar, de o idolatrar, de o fazer tornar-se o simples suporte da nossa imaginação. Com a consequência inevitável da exploração do outro, da desilusão quando nos aparece na sua realidade ou de qualquer modo despojado da aura da nossa imaginação. Parece, portanto, que quando se apaixonar se fixa em uma única pessoa, é narcisista, auto-enganador ou, pelo menos, erra parcialmente o alvo. Para corresponder ao infinito do desejo, o obscuro objeto do mesmo desejo deveria ter dimensões cósmicas, ser também infinito. Não é talvez o que acontece na experiência dos amantes apaixonados cujo amor tem dimensões infinitas, como um Cristo que se dirige com amor ao Pai e à humanidade, como uma Madre Teresa de Calcutá cuja ternura amorosa abraça todos os abandonados, como um Che Guevara, um Oscar Romero, bispo de San Salvador, um certo Tomás Borge, um sandinista, que oferece com amor a vida pelos oprimidos? Nesta perspectiva, as desilusões de apaixonar-se por uma única pessoa, a angústia do abandono que nos assola quando o amor acaba, são, como bem assinala o autor, uma oportunidade de crescimento mas, a meu ver - e isto não só porque permitem um grau de autonomia mais evoluído – até porque permitem relações mais maduras com o mundo. Não é incomum na experiência do amor sentir junto com o amante e a reconciliação com todos os homens e com o universo, uma sensação em

algum tipo de amor universal enxertado em um amor particular mais intenso. Não se trata de amor passivo, porque a comunidade dos homens apresenta muitas vezes aquelas dimensões de massificação, de opressão, de poder, de mentira, denunciadas por Carotenuto, mas de amor criador que tenta transformar as sociedades, reconstruí-las sobre a base de autenticidade, de igualdade, de amor. Acho que a maturidade humana se manifesta não apenas no crescimento criativo da originalidade interior, mas também no esforço de estabelecer relações amorosas com o universo, transformando-o de forma criativa. Neste caso, o amor é não só uma oportunidade de crescimento pessoal, de conquista de uma autonomia superior, mas também uma componente essencial do amadurecimento humano nas diversas relações com os outros.

Talvez nossas análises do amor permaneçam muito centradas na relação conjugal e seria necessário estendê-las a outras formas menos restritivas. Na Nicarágua tive várias vezes a oportunidade de ver como o compromisso revolucionário pode ser expressão de um amor apaixonado e ao mesmo tempo terno, não só por um determinado homem ou mulher, mas por todo um povo, pelos pobres, pelas crianças, pelos camponeses . E até para os inimigos. Penso que é nesta universalidade dinâmica e criativa do amor que o homem encontra a sua dimensão humana, a sua verdade interior individual e a resposta adequada à infinitude do seu desejo amoroso.

Gerard Lutte

INTRODUÇÃO

Anos e anos de trabalho analítico me familiarizaram com as duas emoções mais violentas que o homem experimenta em sua vida; emoções que, por se relacionarem com sentimentos, costumam ser distorcidas e mascaradas. É como se o homem tivesse vergonha de admitir que sua própria alma é suscetível de se inflamar ou se romper em angústia diante do amor ou do sofrimento.

Parece que a relação analítica é agora o único "teatro" onde ainda podem ser recitados esses antigos ritos pertencentes ao mundo emocional. De facto vamos à análise, ainda que não sobretudo, porque é aí que nos podemos deixar levar, é aí que podemos mostrar as nossas fraquezas mais escondidas, é aí que podemos gritar a nossa raiva e o nosso justo ressentimento contra uma vida que nos parece preparada mais pelo diabo do que por Deus.

Com efeito, ser humano na totalidade do espectro que acompanha a nossa existência por vezes significa ser "doente", pelo menos do ponto de vista da norma coletiva. Mas aqui a discussão se torna perigosa e ambígua. Na análise deve ser pressuposto um modelo a ser referenciado, para o qual, por exemplo, o paciente delirante *deve* se transformar em uma pessoa que, ao contrário, sempre mantém o controle da atividade do ego. Mas isso, acredito, é um caso extremo, na verdade raramente temos que lidar com pacientes desse tipo; em geral, são pessoas que lidam com problemas cujos modelos de referência são no mínimo questionáveis. Tomemos como exemplo o amor – significando por este termo o sentimento que une duas pessoas que também se desejam sexualmente.

Aqui está um caso em que modelos e parâmetros inspirados na 'norma' e no bom senso não são mais necessários. Porque agora é muito difícil negar que o

condições que o senso comum teimosamente define como 'normais' – um amor que dura a vida inteira, os dois parceiros que envelhecem juntos continuando a se amar – na realidade são tão raros que representam uma anomalia na prática.

Pode-se dizer que no amor a subversão da 'norma' coincide com a subversão da patologia. Onde tudo flui “normalmente”, nos deparamos com algo anormal. Afinal, teria sido necessária uma série tão forte e pesada de regras para todos os campos em que o amor se inscreve, se ele não estivesse constantemente sujeito a uma espécie de força centrífuga?

Quanto mais destinos de 'normalidade' fui capaz de investigar, mais ódio e padrões de relacionamento sadomasoquista pude encontrar; para o qual cheguei à seguinte regra geral: um relacionamento amoroso é baseado em uma necessidade patológica de cada um dos parceiros, e cada amante representa a doença do outro.

Pode-se dizer, portanto, que as afinidades eletivas em que se baseia a escolha do amor não são as partes "belas" do indivíduo, mas as piores, aquelas que pertencem à dimensão da Sombra. Deste ponto de vista podemos ver que a vida dos amantes famosos – se escritores ou crônicas falam deles, não importa, na verdade eles fazem parte do imaginário coletivo – é repleta de arrepios de terror, cheia de dramas sangrentos e atos delinquentes. Pensamos em Macbeth e sua esposa, o grande inspirador dos crimes de seu marido; a Margherita, que por amor a Fausto primeiro mata a própria mãe e depois a criança nascida de seu relacionamento culpado. Pensemos na história exemplar de Teresa Raquin, narrada por Zola: a protagonista mata o marido com a ajuda do amante e realiza seu desejo de viver junto com o homem que ama. Mas esse ménage logo se revela um inferno, cuja testemunha, muda pela paralisia, é a mãe da vítima. A história termina tragicamente: os dois assassinos, depois de terem confessado sua culpa à velha, suicidam-se diante de seus olhos. São vidas dedicadas à destruição, nas quais não há vislumbre de salvação. A paixão oprime com a inelutabilidade de um destino e como um demônio toma posse da mente e do coração do homem.

O amor que une os amantes também liga inextricavelmente as partes "doentes" dos dois indivíduos. Por isso podemos dizer que a relação de casal tem aspectos delinquentes que, se fortalecidos por um

contexto particular ou uma disposição patológica de ambas as pessoas, pode trazer à tona dramaticamente as áreas cinzentas.

Assim, elementos ocultos ou mesmo desconhecidos são acionados na relação amorosa, que são trazidos à tona pela força avassaladora da emoção. Pensemos em quantos crimes foram cometidos em nome do amor: um exemplo clássico conhecido não só na literatura de todos os tempos, mas também no noticiário 'negro' é representado, como em Teresa Raquin, pelos amantes que matam o cônjuge de um dos dois. Essa história é tão comum e tão inserida na consciência coletiva que pode ser considerada um *topos*: quantos romances, dramas ou filmes foram construídos nesse caminho!

Alguns filmes abordaram esse tema com considerável penetração psicológica: em *Dupla Indenização*, *O Carteiro Sempre Liga Duas Vezes* e *Obsessão*, o problema do triângulo amoroso é resolvido com o assassinato do marido que impede um relacionamento livre entre os amantes; que, porém, atormentados pelo remorso, morrem por sua vez. Em *Cronaca di un amore*, de Antonioni, a história ganha nuances mais sutis e perturbadoras: os dois parceiros não são materialmente responsáveis por um assassinato, mas testemunham um acidente em que a namorada do homem morre, sem fazer nada para ajudá-la, tornando-se assim cúmplices de uma morte que elimina o obstáculo entre eles. Esse acordo ambigualmente criminoso reaparece no plano para matar o marido da mulher. Mais uma vez eles não cometerão o assassinato: o homem morre na rua, sob o olhar de sua amante, que o esperava para atirar. O sentimento de culpa deteriora o relacionamento e os dois vão se separar para sempre.

Todas essas histórias apresentam a mesma sequência: o enamoramento, a decisão de remover o obstáculo, a cumplicidade dos amantes na ação homicida, o remorso, a infelicidade, a morte. A maldade que a carga amorosa trouxe à tona explodiu em toda a sua violência, mas quem a viveu e a levou às suas últimas consequências não resiste psicologicamente à epifania da maldade *interior*. Nesse ponto o sentimento de culpa e morte entra na história como intervenção de uma lei, interna antes mesmo de externa, que reequilibra a história. A morte dos amantes assassinos configura-se então como elemento necessário para recompor a ordem derrubada pela força destrutiva do amor.

Deve-se notar que no mundo antigo nenhum episódio de amor 'diabólico' pode ser rastreado; isso porque – como afirma De Rougemont – o conceito de amor, como nós modernos o entendemos, no sentido de envolvimento emocional total, era desconhecido naquela época.

A dimensão amorosa, com a sua carga disruptiva e transgressora, baixa os níveis de guarda da nossa consciência – com quem podemos deixar-nos levar por completo senão com a pessoa amada? – criando assim um espaço, o espaço psicológico do casal, onde tudo é permitido. É verdade, o amor te liberta, livre para manifestar sem inibições não só o seu lado emocional, mas também a sua inclinação para o negativo, o que com um sugestivo termo junguiano se chama Shadow.

Tomemos o exemplo de Don Giovanni, talvez a mais famosa figura de sedutor de nossa cultura ocidental, oscilando entre a verdade histórica e a realidade artística. Esse personagem faz com que muitas mulheres se apaixonem por ele – “mil e três” só na Espanha, recita seu fiel servo Leporello, no primeiro ato da ópera homônima de Mozart – mas ele as ama à sua maneira, 'fiel no momento', ele define Kierkegaard. No entanto, ele é capaz de perpetrar as ações mais abjetas para com seus amantes, o pior dos quais certamente não é o abandono.

Don Giovanni mente descaradamente, trai, usa de violência, mata. O que podemos ler nesta figura é a história de um homem que extrai da dimensão do enamoramento a energia necessária para transpor o código moral e viver a sua própria sombra em toda a sua plenitude. “Viva a liberdade”, exclama a certa altura o Don Giovanni de Mozart: a liberdade de fazer o mal que quiser sem se sentir culpado.

Esse desejo, presente em todo ser humano, tem um grande poder sugestivo: o cantor Ruggero Raimondi, protagonista do filme *Don Giovanni* de Joseph Losey, confessou a um jornalista que sentiu um grande prazer ao abandonar Donna Elvira no set. Don Giovanni, com a grande força subversiva que carrega, parece ser o paradigma do negativo que pode emergir na condição amorosa. De fato, o amor, entendido como uma tempestade emocional que domina o ego, potencializa as tendências criminosas presentes em cada um de nós. Um homem justo como o rei Davi da Bíblia, quando se apaixonou por Bate-Seba cometeu um assassinato, mandando o marido da mulher morrer em um empreendimento do qual não tinha chance de se salvar.

O amor, portanto, revela o homem a si mesmo. Parafraseando uma frase célebre de Joseph Conrad – o homem só se conhece no momento do perigo – podemos dizer que o homem só conhece a sua verdadeira natureza quando se apaixona. Mas se certas condições excepcionais, como a do perigo, não ocorrem em todas as existências, o amor é, ao contrário, uma experiência que todo ser humano experimentou pelo menos uma vez na vida.

E nesse horizonte, delimitado e infinito ao mesmo tempo, nossos fantasmas interiores ganham vida e agem. Desta forma surgem conteúdos desconhecidos, ou que assumem um novo significado neste contexto.

Se examinarmos os comportamentos que ocorrem na dimensão do amor, descobrimos que ao lado da ternura, do afeto e do investimento emocional existem *sempre* outros elementos que devemos analisar para entender *o outro lado do amor*, mesmo que não exatamente no sentido a que o título de um bom filme de Ken Russell aludiu, mas levando em consideração todos os aspectos, presentes em toda relação amorosa, que constituem seu lado negro.

A mentira, por exemplo, é um caminho muito frequente no labirinto amoroso. Todos os amantes mentem: doces decepções são o *leitmotiv* de todo relacionamento sentimental. À primeira vista pode parecer uma contradição que o amor esteja em harmonia com a mentira e crie nela seu próprio modo particular de expressão. Como diz Roland Barthes (1977, p. 209), "O amor abre os olhos, torna-o clarividente", e de fato a dimensão amorosa ativa das possibilidades de conhecimento de tal forma que todo um universo, até então desconhecido, se oferece aos olhos maravilhados e curiosos do amante. O mundo exterior ganha então cores e matizes surpreendentes – "Como era azul o céu", exclama Barthes (1977, p. 109) – e o mundo interior se expande, acolhendo em si uma centelha de infinito. Nesse ponto, há uma fissura incurável entre a percepção da própria vida interior, tornada mais intensa e vibrante pela condição amorosa, e a comunicação dessa experiência, que se configura como indizível. As experiências profundas que emergem dos recessos de nossa consciência não podem ser traduzidas para a linguagem da vida cotidiana; somente através da função poética esses conteúdos encontrarão uma completude expressiva na dimensão simbólica.

Os poetas são os únicos seres humanos que encontraram na palavra uma modalidade expressiva capaz de captar a essência dos sentimentos, porque a poesia é feita de metáforas e alusões, símbolos e referências cruzadas.

A experiência do amor recorda indissolivelmente um tipo de comunicação que na sua sinceridade exprime também o máximo de falsidade. Vêm-me à mente as palavras de Mefistófeles (Goethe, 1832, p. 141), numa citação cara a Freud: "O que de melhor se pode saber, não se pode contar a esses meninos". Nunca como na dimensão amorosa há uma impossibilidade real de deixar claro para os outros o que permanece, afinal, obscuro e ambíguo também para nós, porque ela é cheia de contradições, de cores complementares que a tornam "mutável", indefinível. Fica-se preso na inadequação da palavra, e a mentira torna-se então um compromisso entre a própria realidade interna, inexprimível e portanto incomunicável, e o desejo de manter aquela relação sem a qual já não se pode viver. Tememos que a pessoa amada não consiga entender o que nós mesmos mal podemos intuir, e então apenas temos que cobrir uma verdade com um véu de falsidade que, justamente por não ser redutível a palavras, pode ser assustador.

O jogo do amor é um sistema muito complexo no qual existem estratégias como engano, traição, ciúme. São dimensões que fundamentam uma força precisa, mas elusiva: o ódio. A famosa linha de Catulo "Odi et amo" representa um conflito sempre presente no relacionamento, mesmo que raramente atinja o limiar da consciência. A prática clínica ensina que onde um sentimento está presente, o seu oposto também ganha vida e consistência. Os opostos, que com sua interação dilaceram o indivíduo, constituem o dinamismo secreto da vida. O amor, portanto, lembra, na verdade exige, a co-presença do ódio. Essa terrível dualidade foi resumida por La Rochefoucauld (1665, p. 107) em uma de suas máximas: "O amor, se julgado pela maioria de seus efeitos, assemelha-se mais ao ódio do que à amizade".

O elemento destrutivo pode viver secretamente, dentro do vínculo sentimental, manifestando-se apenas algumas vezes com aparições violentas e repentinas que deixam os dois parceiros maravilhados e incrédulos. Mas às vezes, quando as circunstâncias externas ou internas o favorecem, essa instância emerge com toda a sua força e pode levar ao assassinato, ao que as crônicas chamam de 'crime passionnal', o assassinato de um ente querido.

por vingança, por ciúme, por abandono: um tipo de crime que inspirou poetas e dramaturgos ao longo dos séculos, de Paolo e Francesca de Alighieri a Otelo de Shakespeare. Na literatura e no teatro, como na vida, o amor e o ódio são dois sentimentos inextricavelmente ligados; mesmo no momento da loucura homicida o assassino não deixa de amar sua vítima. Don José, depois de esfaquear Carmen que queria abandoná-lo, diz: "Fui eu quem matou *minha adorada* Carmen".

A história do amor, portanto, também é escrita com sangue. Em seu nome são cometidos inúmeros crimes, mas também as ações mais nobres. O amor é, portanto, uma centelha do divino – e por este termo quero dizer uma força que abrange os dois pólos da dicotomia maniqueísta bem-mal – que ilumina por um momento a nossa existência. Mas aquele momento pode dar sentido a toda uma vida porque despertou ressonâncias profundas do fundo do nosso ser: é uma espécie de eletrocussão que relampeja a dimensão do eterno no fluir do tempo. Mas é uma "eternidade" que tem vida curta: este estado de graça não pode durar, porque o ser humano não suporta a tensão do conhecimento. Com razão, De Rougemont fala do amor como um *mito*. De fato, somente em um horizonte mítico esse sentimento pode encontrar uma realidade psíquica, que está fora da história, mas, paradoxalmente, influencia a história dos homens.

O amor se manifesta no mundo, mas não pertence ao mundo: o ser humano tem medo dele. Esta tese pode ser ilustrada por dois filmes suecos. A primeira, *Elvira Madigan*, é a história de uma jovem acrobata e de um conde que abandona o exército sueco para fugir com ela. Os dois se amam profundamente, mas logo começam as dificuldades econômicas que contrapõem seus primeiros desentendimentos. O homem não pode trabalhar porque corre o risco de ser preso como desertor, mas não quer que Elvira ganhe a vida cantando porque tem muito ciúme. Os dois são obrigados a procurar bagas na mata para se alimentar, então, inevitavelmente, chega o fim: o protagonista mata Elvira e se suicida. Este não é um filme sobre o amor, mas sobre a impossibilidade do amor. Quem ama de verdade não pode viver no mundo porque se torna uma testemunha incômoda, sua presença é uma reprovação viva para quem vive no cinza. Elvira e seu companheiro devem morrer porque esta é a única maneira de serem coerentes com seus sentimentos. François Truffaut diz: "Para mim, um final feliz não é um casal que fica junto, mas que vai até o fim" (De Fornari, 1936, p.

O segundo filme é *The Sign*, de Ingmar Bergman . A história se concentra em uma mulher que sofre de uma grave doença mental e no homem que vive ao lado dela com grande devoção. A protagonista tem uma pequena mancha em um olho e remonta a ela todos os sofrimentos de sua vida. Quando a doença mental se agrava e é necessária a internação em hospital psiquiátrico, a mulher considera o marido responsável pela situação e se recusa a vê-lo. Então o homem, depois de ter escrito no quadro-negro da sala de aula onde sua esposa ensinava "O amor resolve tudo", machuca voluntariamente o olho, vai ao hospital até a mulher e diz a ela "Agora sou como você, agora eu sei qual é a sensação." A história termina com o suicídio de ambos; antes de morrer, o casal escreveu uma carta ao psiquiatra na qual pediam para serem enterrados juntos e explicavam os motivos do gesto: "Entendemos que o amor é a única coisa verdadeiramente importante no mundo", e acrescentam "mas neste mundo não há lugar para o amor, por isso preferimos morrer".

À luz desta mensagem podemos compreender mais intimamente a combinação amor-morte que perpassa a cultura ocidental, desde o século XII até os dias atuais, como afirma De Rougemont. Segundo esse autor, o desejo de aniquilação se esconde por trás do amor-paixão, pois somente no momento do limite extremo o homem se conhece. Gostaria de acrescentar que a morte é a conclusão natural do amor, não pela vontade dos amantes, mas porque o mundo não pode aceitar a carga subversiva que esse sentimento carrega consigo. O amor rompe as barreiras da existência e subverte a ordem estabelecida, portanto *deve* ser aniquilado.

As leis não podem proibir os seres humanos de se apaixonarem, mas é a própria sociedade que deixa morrer aqueles que ousaram transgredir, trazendo uma centelha divina no sulco sempre igual e cinzento da existência.

Isso não pretende ser uma conclusão negativa sobre o amor, mas um convite à reflexão. Devemos perceber que somos dilacerados por uma profunda ambivalência: por um lado, desejamos, ansiamos pelo amor, por outro, o rejeitamos porque temos medo dele, e nos refugiamos na vida cotidiana, nas coisas mais chatas e relacionamentos banais.

Precisamos perceber esta verdade amarga e terrível: o mundo não quer amor e não sabe disso. No entanto, é possível pensar em outras experiências além do amor

permitem ao homem penetrar mais profundamente em sua psicologia.

Entre estes pode-se contar o êxtase místico, a perda momentânea da presença do ego na tentativa de união cósmica com a divindade.

Mas talvez a outra "estrada real" do conhecimento resida no encontro com a aparente gratuidade da dor. Gostaria de precisar que existe uma lacuna fundamental entre a punição, que decorre de toda "ação prometéica", como a construção de um trabalho, a pesquisa, que representa uma tentativa de romper os laços da dimensão humana, e a angústia e a amargura sem sentido que invade nossas vidas todos os dias. Se uma analogia for possível, poderíamos dizer que é a mesma diversidade que existe entre a oração dos fariseus, que teve sua recompensa na aprovação do povo, e a oração do cristão, cujo testemunho permaneceu desconhecido do mundo.

Este tipo de dor é a que mais interessa às consciências e que se torna mestra de vida. A história geralmente se cala sobre essa dor, mas seu testemunho está na vida de todos os homens, homens excluídos de fatos e acontecimentos importantes, homens pisoteados por aqueles que 'entenderam', que na verdade já estão mortos continuando vivos.

A exclusão vem de dentro, do drama da própria dimensão interior, vem de uma sede insaciável de amor que nada nem ninguém poderá saciar. Vem de se sentir "pobre" quando se é "rico", feio quando se é bonito, indefeso, vulnerável quando ao contrário é forte, porque senão não teria sobrevivido à dor, às feridas.

Exclusão é não conseguir aceitar a "ferida", sentindo ainda um desprezo que já cessou há algum tempo, acabando por perpetuá-la masoquicamente. Sempre em busca de um ideal impossível de si e do outro, acaba-se assim por "falhar" perante a vida, suicidando-se lentamente, dia após dia.

Parece que ninguém consegue convencer essas pessoas de que a coragem e o amor só podem vir de si mesmo, que a força não nos é dada, mas deve ser conquistada com força. É assim que vivemos o drama de Peter Pan que se recusa a crescer. A protagonista de um delicado romance (Jong, 1984, pp. 155-156), na sua difícil luta pela independência, para ser capaz de uma relação *adulta* com o seu homem, com a sua filhinha, que ouvindo o conto de fadas de *La A Bela Adormecida* pergunta a ela "E se o príncipe não vier?", ela responde que a Bela Adormecida terá que acordar sozinha e se abraçar fortemente. Somente a autoaceitação pode levar a

independência, permitindo o *relacionamento*. E esta parece ser a única forma de "salvar a vida".

AÇÃO DE GRAÇAS

Este livro deve muito à minha vida e às pessoas que conheci intimamente. Para eles talvez o significado tenha ecos particulares, mas todos poderão reconhecer como cada momento, quando visa o conhecimento, se redime dos aspectos que preferimos esconder do mundo.

Agradeço a Marco Balenò, Cristina Schillirò e Silvia Martufi pelas sugestões úteis propostas durante a redação do livro. Às minhas colaboradoras Daniela Bucelli, Maria Fiorentino e Anna Maria Sassone meu profundo agradecimento pela válida ajuda que me foi prestada.

Aviso editorial Os

nomes dos autores seguidos da data, citados no texto, referem-se às Referências bibliográficas ao final do volume. No caso de obras para as quais existe uma tradução italiana, a data indica a edição original, enquanto os números das páginas referem-se à tradução.

1.

UM ACONTECIMENTO INESPERADO

O amor pertence por sua natureza à esfera *do indizível*, como tudo o que tem a ver com a alma, com a dimensão mais profunda e secreta do ser, está próximo do mistério, é acompanhado pelo silêncio. Ultrapassar a barreira *do inexprimível*, dar forma e corpo *ao indizível* é um empreendimento louco, 'cheio de medo', em que só artistas e poetas sempre se aventuraram. A investigação psicológica muitas vezes se detém em uma tentativa de pseudocompreensão racional, que trai e viola a realidade da alma. Para levantar o véu com o qual a alma cobre sua essência, deve-se proceder com respeito e trepidação. Apreender as mil nuances cambiantes com que nos encontramos com o outro, entrar no mundo imaginário labiríntico, significa abandonar qualquer perspectiva unilateral, para dar voz a todos os 'daimones' que ali habitam. Nesta misteriosa jornada pelo amor, cada um encontra o outro e depois o outro a si mesmo.

Escrever sobre o amor significa então enfrentar o inexplicável, contar uma experiência misteriosa e subversiva, dar voz aos próprios fantasmas. No entanto, como a leitura é a reinvenção do texto, a tradução do mundo imaginário do autor para o seu, o leitor encontra-se não tanto com as imagens do escritor, mas com as suas próprias. Cada discurso sobre o amor torna-se assim o seu próprio discurso, a confissão mais íntima.

A vantagem da linguagem poética sobre a linguagem psicológica é o acesso imediato às imagens da alma. Assim como o profeta, o poeta silencia seu ego para dar voz ao 'demônio', para que o leitor possa dialogar diretamente com o deus que nele habita.

Abençoado para mim, o homem que
se senta diante de você e ouve suas doces
palavras de perto parece um deus
e sua doce risada
amorosa. E imediatamente em meu peito
meu coração se maravilha: se eu te vejo apenas
por um instante, imediatamente minha voz se
extingue.
Minha língua se quebra, e uma chama sutil
passa por meus membros, e não vejo mais
nada com meus olhos;
ouvidos rugem.
Suor frio me inunda, e um tremor se apodera
de mim, e sou mais verde que a grama, e não
pareço estar longe de minha morte...

(Safo, 1972, p. 113)

Este 'poema lírico' de Safo contém muitos desses aspectos dos quais trataremos ao longo de nossas reflexões. Um dos fenômenos característicos da experiência amorosa, que imediatamente chama nossa atenção, é a *adesão imediata ao objeto*: a presença, a proximidade do outro nos capta com uma intensidade e imediatismo que não se encontram em nenhum outro modo de existência. David (1971, p. 49) de fato compara apaixonar-se ao estado hipnótico. Assim como ocorre na relação entre o hipnotizador e o hipnotizado, a relação amorosa provoca uma fixação da libido na pessoa amada, que torna o amante "enfeitiçado" e obcecado pela imagem do outro. Essa experiência tem um caráter súbito, irreal, quase compulsivo. Platão até falou de "delírio divino", e também os primeiros versos do fragmento de Safo ("Para mim abençoado ele parece um deus / o homem que se senta diante de você e ouve / suas doces palavras de perto") expressam uma espécie de êxtase extático. Diante da pessoa amada, o amante experimenta uma sensação de plenitude incrível e, ao mesmo tempo, tem a sensação de ter vivido até aquele momento em estado de privação: sua presença é fonte de um bem-estar que parece têm possibilidades inesgotáveis. A experiência parece dizer-nos que é a *proximidade* que perturba: alguém ou alguma coisa para a qual o olhar se dirige nos capta. Mas na verdade o amor vive e se alimenta do que acontece em nós, na nossa interioridade. O ser sobre o qual fixei meus olhos e meu desejo assume para mim um

porque só ele pode evocar em mim dimensões interiores profundas e muito particulares. Bataille (1957, p. 35) aponta que, no erotismo, mesmo que se tenda incessantemente a descobrir um objeto de desejo colocado fora de si, é-se então capturado, sequestrado, por um objeto que parece dotado da extraordinária qualidade de correspondendo exatamente à *interioridade* do próprio desejo. O estado de enamoramento sempre nos confronta com algo incompreensível. O outro é *atopos*, ou seja, 'inclassificável', porque sua distinção implicaria também seu conhecimento. Ao longo da duração do enamoramento, a tentativa de enfrentar o que está cheio de segredos e fascínios representa, na verdade, a tentativa de traduzir esse mistério e essa atração subversiva em uma experiência conhecida e compreensível. Mas, ao mesmo tempo, tentando compreender, "rasgar o véu", jamais desejaríamos abandonar completamente aquela 'ilusão' que, ao nos deslumbrar, permite e sustenta o nosso enamoramento. Como afirma Kierkegaard (1843 a, p. 99): "O amor tem muitos mistérios, e esta primeira paixão também é um mistério, e não menos importante". Permanecemos neste estado até que o outro possa ser apreendido de nossa própria dimensão espiritual. Antes desse momento, algo me leva a pensar sobre o valor que aquele rosto tem para mim. Como portador de um sentido interior, do *meu* próprio sentido, o outro torna-se o único verdadeiro interlocutor, o único a quem se pode fazer perguntas e de quem se espera sempre uma resposta concreta, ou melhor, a resposta. A intensidade e a exclusividade da relação amorosa transformam, animando-a, a forma como interpretamos a realidade externa e interna. É como se uma nova multidão de imagens, percepções e emoções preenchesse nossos canais sensoriais, abrindo outra dimensão para a alma. Quem não mergulhou nesta experiência pelo menos uma vez, fica separado do mundo do espírito e da carne. O amado torna-se uma figura que me impulsiona a buscar minha verdade interior. Bataille (1957, p. 28) escreve, com belas palavras, que para quem ama o amado é a *transparência do mundo*. Na experiência do amor, o amor pode iluminar qualquer aspecto da existência física e psíquica com significado. O escritor francês Bousquet (1941, p. 80) consegue apreender essa verdade com grande acuidade, quando afirma: "E eu sou apenas o lado escuro de uma vida em que a luz é a consciência do meu amor". Isso só pode acontecer quando o outro, cuja imagem me obcecou com

incessantemente em 'sua' direção minha vida psíquica. A força desse fascínio está contida no mistério do objeto de amor, em sua indefinibilidade. O amado é sempre "esse obscuro objeto de desejo" que não pode ser reduzido, esgotado ou banalizado. A vitalidade que experimentamos quando amamos deriva da nova disposição de 'buscar', despertada e alimentada pelo desejo. A capacidade de manter viva uma experiência de amor depende da possibilidade de partilhar com o outro aquele enriquecimento interior que brota da relação. De certo ponto de vista, amar é o autêntico trabalho psicológico, o mais exigente que existe, justamente porque ativa em nós uma nova possibilidade de conhecer o mundo. Se, por exemplo, se vive durante vinte ou trinta anos num clima de desamor, no momento em que se encontra esta dimensão deve-se aprender a enfrentar todo um mundo que já parecia familiar e que, de repente, assumiu uma forma diferente.

Essa diversidade que me parece vir do outro do qual me deixei capturar involuntariamente me tornou diferente, e agora meu próprio olhar, minha própria capacidade de viver essa experiência, se transformou.

Quando o desejo entra em cena, o corpo assume: "imediatamente no peito / meu coração se maravilha: se eu te vejo / só por um instante, imediatamente minha / voz sai". Ao olhar a pessoa que amamos, ao acariciá-la com o olhar, ao contemplá-la, ou mesmo perscrutá-la intensamente, quase como se quiséssemos apreender o segredo que nos prende e nos desorienta, talvez estejamos procurando nosso passado em aqueles sinais. No entanto, a inquietação e o desejo suscitados pela visão do outro dizem-nos quão urgente é a necessidade de reencontrar o que parecia perdido e que agora se apresenta com novas e ainda mais atraentes feições.

Assim que somos movidos pelo desejo, junto com a voz está toda a realidade que se rompe. A realidade externa, tão evidente e incômoda até então, desliza e desaparece, e em seu lugar, como a cena muda em um palco giratório, uma realidade fantástica assume, um novo universo, no centro do qual estão os dois pessoas envolvidas no relacionamento amoroso.

Do ponto de vista deles, esse universo é o único plausível; mas apenas desse ponto de vista, pois há apenas um ponto de onde cada um dos dois braços da imensa colunata da basílica de São Pedro construída por

Bernini parece ser composto de uma única linha de 32 colunas em vez de 32 linhas

de quatro colunas cada. Para todos os outros, que obviamente não conseguem ver as coisas desse ângulo particular, o mundo dos que se amam é aberrante e inexplicável.

Nos versos de Michelangelo (1981, p. 268):

Um homem fala em uma mulher, na verdade
um deus fala por sua boca, de modo que para
ouvi-la eu sou feito de tal forma que não serei
mais meu.

Creio bem, desde que fui
tirado de mim por ela, fora
de mim para ter piedade de mim; sim, acima
do vão desejo, seu belo rosto me estimula, que
eu veja a morte em todas as outras belezas.

Ó mulher que gasta sua
alma em dias felizes pela água e pelo fogo, ah,
não volte mais para mim.

Podemos ver nestas palavras a inevitável violência a que nos expõe o êxtase amoroso. A rendição ao poder de Eros solapa, e muitas vezes varre, todos os pontos de referência anteriores. O amor faz a pessoa só, pois a harmonia com os outros seres humanos, perde-se a comunicabilidade da própria experiência. A única linguagem possível continua sendo a da arte, da poesia, que com seus misteriosos poderes alquímicos consegue expressar o que de outra forma permaneceria para sempre oculto.

Perceber que não somos compreendidos é sempre uma experiência perturbadora, mas também estimulante, porque nos faz sentir verdadeiramente únicos no mundo, 'indivíduos'. A prova da nossa singularidade é sentir-se amado pelo outro, único por sua vez, a única pessoa que nos importa naquele momento. A singularidade do amado, portanto, se cruza com a nossa singularidade. E o encontro de duas singularidades só pode dar origem a uma relação típica e irrepetível. É por isso que, quando essa relação termina, a saudade, o sofrimento por algo que realmente se perdeu é profundamente justificado, pois nenhum novo encontro poderá reviver essa mesma experiência.

Enquanto dura, o amor é vivido como algo definitivo, perene. Quando passamos por uma experiência de amor até o fim, haja ou não fim, sabemos que o sentido da dimensão amorosa é

acompanha o sentido da eternidade. Ninguém pode amar pensar que o sentimento acaba, ninguém pode amar pensar que a experiência é limitada no tempo. Se quisermos experimentar *o infinito psíquico*, o aspecto que transcende os limites de nossa existência, devemos entrar na dimensão do amor. Nesse momento perdemos o sentido das coisas. Mas é bom que seja assim, devemos perdê-lo. O nosso estar fora da realidade quotidiana, encerrado naquilo que David (1971, p. 146) define como um "narcisismo a dois", leva os outros a unirem-se contra nós. Estamos "perdidos" por causa de suas experiências, desertamos, passamos para um mundo diferente, "estranho" para eles, incompreensível e, portanto

O amor é caracterizado por uma alteração da nossa relação com a realidade. Em termos psicológicos, ser "alterado" significa que a estrutura psíquica que carregamos até um momento atrás esgotou sua função. Não poderíamos ter nos colocado em tal situação se nossa estrutura psíquica não permitisse a possibilidade de alteração. A convulsão gerada pelo amor é necessária para que atitudes aparentemente rígidas se dissolvam como a neve ao sol. Uma antiga história de amor árabe, retomada pelo poeta persa Nezȳmȳ (1985, passim), fala de um jovem príncipe Qeys, cuja raiz do nome remete à ideia de medida, equilíbrio, que, após conhecer a bela Leylȳ, a "noite", o "escuro", quando seu amor será frustrado, prisioneiro de seu delírio amoroso, ele vaga por anos, até sua morte, no deserto, perto do acampamento de sua amada mulher. Portanto, ele será chamado por todos de Majnȳn, o "Tolo" do amor. Assim como Julieta e Romeu simbolizam a combinação de Amor e Morte no imaginário ocidental, Leylȳ e Majnȳn representam na tradição oriental o casal arquetípico do "amour fou", da paixão que se transforma em loucura. Na verdade, o louco é aquele cuja mente foi obscurecida. E Leylȳ, o objeto do amor, em sua dupla forma de mulher e noite, é aquela que envolve, que envolve em suas "sombras". Leylȳ é comparada à lua, cuja luz cria formas ilusórias.

O amor assume então a forma de uma *geração de imagens*, de "daimones" que, precisamente com seu poder destrutivo, alteram e destroem toda medida, todo equilíbrio.

Uma pessoa atenta e sensível sempre consegue perceber se o interlocutor está em uma situação amorosa, pois quem está imerso em

esta dimensão tem uma tendência particular: a inclinação para considerar o objeto amado como fonte de felicidade infinita. Afinal, ele não está totalmente errado, porque aquele momento particular está carregado de uma força que não tem igual em nenhum outro objetivo humano. Mas quando na vida nos encontramos vivendo uma experiência em que uma pessoa externa a nós se torna a fonte de nosso êxtase, certamente estamos em um "estado limite". No momento em que eu, percebendo que minha felicidade passa por um ser humano, me abandono a ele, devo também tremer de medo porque, tendo me entregue em suas mãos, estou agora à sua mercê. Já se disse muitas vezes que a possibilidade de resistir ao mundo está na proporção direta da capacidade de autonomia; mas é inegável que o conhecimento mais profundo passa por essa identificação da origem da alegria de um no outro.

Embora a renúncia total à liberdade possa trazer um sofrimento tão intenso quanto a felicidade esperada, ainda estamos diante de uma emoção que não pode ser evitada. Aqueles que foram poupados dessa condição pelo destino estão, de fato, em minha experiência, mortos interiormente. Sua armadura de caráter é tal que eles não sentem e não sentem nada. Para eles, a vida é eternamente "muda".

Os estados de alteração e transformação que acompanham a experiência amorosa são os aspectos psicologicamente mais interessantes do fenômeno 'amor', os mais próximos do trabalho analítico, que essencialmente tende a ativar um processo dinâmico no paciente.

Kierkegaard (1843 a, p. 113) assim expressou o conceito: "Quando você ama, não segue as estradas principais [...] não comece do lago; embora seja apenas um caminho de passagem, ainda assim é percorrido e o amor prefere abrir seus próprios caminhos". Afinal, estamos lidando com um fenômeno que nos desarma diante da vida e *nos impõe escolhas e decisões originais*. Como costuma acontecer com o paciente que inicia uma análise, o amante se vê vivendo uma experiência-limite que o coloca em uma posição existencial e psicológica muito particular. Ele experimenta de forma contraditória tanto um estado de renovação, até mesmo de renascimento, como também o fim de um aspecto, de uma parte de sua personalidade que não estava vital e profundamente ligada à sua existência. O estado de enamoramento caracteriza-se justamente pela ruptura violenta do núcleo defensivo narcísico: o sujeito é dilacerado

de sua solidão para voltar a entrar em contato com aspectos vitais de si mesmo, até então afastados.

A condição de amor dispõe o indivíduo para uma nova e mais ampla participação psíquica. Mas para ser restituído à continuidade da vida, ele se vê sofrendo uma perda repentina e descontrolada do equilíbrio, sofrendo uma ferida que põe em xeque toda a sua ordem existencial, apenas aparentemente consolidada. Num poema de Guido Cavalcanti (1951, p. 437):

Você encheu tanto minha mente de dor
que minha alma se dá ao trabalho de partir,
e os suspiros que enviam o coração dolorido
mostram aos olhos que ele não pode sofrer [...]

Vou como quem está fora da vida, que
parece, a quem olhe, que um homem é feito
de cobre ou pedra ou madeira, que só se
maneira com habilidade e carrega no coração
uma ferida, seja ela qual for, como ele
morreu, sinal aberto.

Segundo Bataille (1957, p. 37), nas experiências extremas de amor e erotismo o indivíduo abala violentamente todas as suas certezas e se coloca em uma condição existencial de desequilíbrio. Quando estamos profundamente envolvidos no amor, sentimos que o ego começa a vacilar, a ponto de perdermos o controle de nossas ações. Podemos, portanto, afirmar que a *alteração*, entendida como um estado transitório de desequilíbrio, é peculiar à dimensão amorosa. Essa mudança, característica e necessária a toda transformação psíquica, que pode nos envolver repentinamente, é também o estado do qual tentamos continuamente nos defender. De fato, sentimos instintivamente o risco de sermos arrebatados por uma experiência que, em todas as culturas, está associada à ideia de morte. Poetas e artistas sempre evocaram o fantasma mais temido, o da morte, para exprimir, dar forma e forma ao estado de mais intenso envolvimento e apego ao outro: "Tu és a vida e a morte", escreve Pavese à sua mulher (Pavese, 1950, p. 93). Tal situação não pode deixar de nos fazer tremer, porque a experiência erótica nos obriga a viver uma das condições interiores mais violentas e perturbadoras: a mais desejada, mas também

o mais temido. A *vulnerabilidade* a que o amor nos expõe, e a importância central que o outro assume nas nossas vidas, colocam-nos em estado de carência. Sobretudo na fase inicial e mais intensa do enamoramento, somos obrigados a viver numa espécie de “solidão a dois”. Todos os outros desaparecem, até a realidade fica em segundo plano e a pessoa amada torna-se a única presença significativa, a única com quem nos importamos. “*Está-se sozinho na companhia de tudo o que se ama*”, escreveria Novalis; máxima que traduz, entre tantas outras interpretações possíveis, um dado de pura observação psicológica: “a paixão [...] é uma espécie de intensidade nua que desnuda [...] a partir desse instante o mundo desaparece, 'os outros' deixam de estar presentes, não há mais vizinho nem deveres, nem vínculos que prendam, nem terra nem céu” (De Rougemont, 1939, p. 195).

Somos seduzidos por um jeito de ser do outro, por seu jeito particular de andar ou mover as mãos, por seu olhar, por aquela voz. Certas características da pessoa amada, mesmo de suas manchas aparentes, parecem ter um encanto especial e irresistível, na verdade têm o dom de coincidir com o nosso desejo, que só se revela através de um pequeno fenômeno ativado pelo outro. Aquele detalhe de sua pessoa, insignificante aos olhos de todos os outros, torna-se significativo apenas para mim, que amando descobre e sofre seu encanto. Quanto à beleza, ela pode ter um efeito mortal porque nela somos levados a ver uma harmonia que é o eco concreto de uma necessidade profundamente interiorizada. Mas o que é beleza? Possuir um corpo obriga todos a enfrentar constantemente um problema estético. Os homens às vezes são cruéis uns com os outros, principalmente quando são muito jovens: todos nós conhecemos em nossas vidas o peso de ter um corpo, que pode ou não responder aos cânones estéticos culturais. Na realidade, devemos perceber que a beleza é uma experiência espiritual, psicológica, que não diz respeito apenas ao *objeto* como tal, mas ao meu modo de percebê-lo e de me relacionar com ele. Uma forma torna-se *bela* porque é significativa para um sujeito, e o é quando, coincidindo com seu desejo inconsciente, ele consegue representá-la e também evocá-la.

Pode-se perguntar qual é a gênese de tudo isso, como acontece que uma imagem se torna importante. A psicanálise tentou responder a essa questão argumentando que os olhos, que me

fascinados com seu misterioso encanto, são eles que me fitaram, quando eu era muito pequeno, quando ainda não tinha consciência de mim mesmo como homem. É possível que seja a ontogênese, a causa remota pela qual um certo gesto, um certo modo de ser do outro adquire sentido. Mas com o passar do tempo esse vínculo com o passado já não tem muita importância, o que importa é que naquele momento aquele gesto, aquele cabelo, aquela voz, aquelas mãos tem um significado pungente e portanto disruptivo para mim e "eu sou" o a beleza que procuro, que coincide com o meu desejo evocado pelo outro. Nossa experiência é exatamente esta: estar entre mil pessoas e ser pregado em uma única imagem. Isso indica que uma dimensão interna minha, da qual eu não tinha consciência, emerge repentinamente e me enriqueço com uma psique que até então me era desconhecida (Alberoni, 1979, p. 123). Chegamos à conclusão que a imagem que definimos como "bela" advém da nossa capacidade de *criar, dar vida* às formas. Na dimensão amorosa somos arrebatados não pelo ser que está diante de nós, mas pela ideia que ele soube suscitar, de modo que mesmo à distância temos diante de nós os traços daquele rosto, o som daquelas palavras, aqueles gestos, aquele jeito de posar, signos do nosso mundo interior ativados e trazidos à tona *pelo encontro*. Uma ideia que o indivíduo sempre carregou, mas que só ele conseguiu evocar.

Goethe observou a esse respeito: "Às vezes falamos com uma pessoa presente como se fosse uma imagem. Não precisa falar, olhar para nós, cuidar de nós; nós o vemos, sentimos nossa relação com ele, aliás nossos relacionamentos podem crescer sem que ele faça nada para esse fim, sem que ele perceba que se comporta conosco como uma imagem" (Goethe, 1809, p. 169). A emergência prepotente de nossa imaginação, graças ao outro, a um único outro, explica por que ninguém é intercambiável em uma relação amorosa. Na verdade, só aquela pessoa específica é capaz de ativar esse mecanismo no amante, para trazer de repente à luz sua dimensão enterrada. Basta um telefonema atrasado, um atraso em um compromisso ou não conseguir notícias de um ente querido, sem saber os motivos, e somos assaltados por uma sensação de angústia. Descrevendo a experiência de quem espera, Barthes escreve: "A espera de um telefonema tece assim uma rede de pequenas proibições, *ad infinitum*, até a vergonha: eu me proíbo de sair do quarto, de ir ao banheiro, até de telefone..." (Barthes, 1977, p. 41).

Apesar da pretensão racional do ego de sempre compreender, apreender e controlar tudo, nesses casos, quando as expectativas não coincidem com a realidade, o indivíduo não consegue evitar ser tomado pelo pânico, pela dor, por um sofrimento que se torna quase físico. E é nesse momento, na dor que a ausência do outro provoca, na ferida que o objeto amoroso inflige, na violência do desejo que só o amado pode suscitar, que o amante de repente se dá conta de que é eu vivo. .

Como escreve Barthes (1977, pp. 162-163): “Quanto mais a ferida está aberta, no centro do corpo (no coração), mais o sujeito se torna sujeito: porque o sujeito é intimidade ('A ferida ... é de uma intimidade aterradora'). Tal é a ferida do amor: uma ferida radical (nas 'raízes' do ser) que não se fecha, e da qual o sujeito escorre, compondo-se como sujeito justamente nesse fluxo...”. Na intimidade nos descobrimos, conhecemos nossas verdades interiores, por isso a dimensão íntima e o tornar-se sujeito estão intimamente ligados. O fato dramático é que esta experiência, este “batismo de fogo” deixa uma ferida, o tipo de ferida que nunca cicatriza.

“Você virá comigo” eu disse sem que ninguém soubesse
onde e como pulsava meu estado doloroso, para mim não
havia cravo ou barcarola, nada além de uma ferida aberta
pelo amor.

Repeti: venha comigo, como se estivesse
morrendo, ninguém viu a lua sangrando na minha boca, ninguém
viu aquele sangue subindo ao silêncio.
Oh amor vamos esquecer agora as estrelas com espinhos!

Mas quando ouvi sua voz repetindo
“Você virá comigo” – foi como se eu soltasse a
dor, o amor, a fúria do vinho aprisionado

que se ergueu de seu porão submerso e de
novo senti na boca um gosto de chama, de sangue e cravos, de
pedra e queimaduras.
(Neruda, 1960, p. 33)

Para David (1971, p. 49) o amante “é um espelho que vê”. Em virtude do estado amoroso que rompe os limites ordinários do ego, ele

percebe, conhece com uma sensibilidade diferente e uma presença completamente nova no mundo.

O destino da humanidade sempre foi o da diferenciação, ou seja, um sutil processo de desprendimento das matrizes naturais, e é um fenômeno que se afina ao longo do tempo também do ponto de vista ontogenético, na existência individual. No entanto, essa conquista tem um preço alto em termos de solidão e luta.

Ficamos em conflito justamente por causa de nossa singularidade, por nos afastarmos de certas origens. Podemos ter a sensação de deter esse desenvolvimento exaustivo e de nos aproximarmos dessas fontes antigas, através de várias experiências, por exemplo através do sonho que nos visita à noite, ou através do pensamento fantástico. Mas a estrada real para esse retorno às experiências originais é certamente *o amor*.

2.

EVOCAÇÃO DE IMAGENS

É singular, mas longe de ser inexplicável, que na tradição romântica o amor seja considerado uma doença. Já mencionamos alguns "sintomas", como a visão alterada da realidade, a superestimação - beirando o grotesco - da pessoa amada, a necessidade de restringir drasticamente o próprio campo de relacionamento: não é difícil falar de um "desenvolvimento patológico foto". Há uma interessante consideração de Stendhal (1822, pp. 25-26 e 39-40): "Para que uma criatura humana se dedique com prazer a divinizar um objeto agradável [...] ele, não de forma total, mas com relação ao que está sob o olhar dela naquele momento [...]. É muito simples, então basta pensar em uma perfeição, para vê-la em quem você ama. É fácil ver onde a *beleza* é necessária [...]. Mesmo os pequenos defeitos em seu rosto, por exemplo, um sinal de varíola, amolecem o homem que ela ama e o colocam em um profundo devaneio, se ele os vê em outra mulher; o que acontecerá quando ele os vir em sua amante? Porque olhando para aquele pequeno sinal, ele experimentou sensações deliciosas, todas do maior interesse, que, sejam elas quais forem, se renovam com uma violência incrível ao ver aquele sinal, mesmo no rosto de outra mulher. Se assim passamos a preferir e amar a *feiúra*, significa que neste caso a feiúra é beleza". E de fato Freud (1915, pp. 362-374) falava de um quadro patológico tanto para o amor quanto para a transferência, ou seja, para aquele tipo de relação que de uma forma ou de outra todo paciente experimenta em análise com o analista e que pode surpreendentemente se assemelhar à experiência de um relacionamento amoroso. Também na transferência o terapeuta consegue evocar desejos reprimidos no paciente, ele é visto de forma irreal e supervalorizado a ponto de o paciente ver

felizmente todo o seu campo de relações reduzido à relação com o analista. Mas convém lembrar que esta "patologia" se equipara - tanto na concepção romântica quanto na positivista - à "patologia do artista". E assim temos o direito de supor que em ambos os casos se trata de uma doença muito saudável, que desperta e fortalece a criatividade, e nada como a experiência do amor nos dá a sua medida, que até então não tinha sido utilizada porque era ignorada e latente. . A enorme capacidade que Eros tem de evocar a nossa imaginação faz dele um extraordinário adivinho capaz de identificar os veios de energia mais escondidos no subsolo.

Naturalmente não estamos a falar de criação artística – o facto de o amor arrebatado algumas rimas mesmo a pessoas que até então nunca se deram ao trabalho de lançar um olhar à poesia é um fenómeno absolutamente irrelevante, sobretudo em termos de resultados – mas disso mais criativo que consiste em agir autonomamente na realidade.

Quem ama encontra-se mais forte e rico, sente-se inesperadamente capaz de enfrentar até situações perigosas, por exemplo, só no amor é possível contrariar o peso da família: um jovem que nunca soube dizer não aos pais, no momento em que é apanhado no encontro com a própria imaginação é capaz de se opor a ela, é capaz de queimar os móveis da casa para realizar seus projetos. Nesta situação recupera-se uma força insuspeita: diante de nós abrem-se perspectivas imprevistas, novas possibilidades de realização. Um poeta muito querido por mim, Rilke (1929, p. 49), diz que "amar é uma estreita oportunidade para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo em si mesmo, tornar-se mundo graças a outro, é um grande pedido imodesto que está colocado, algo que o eleger, o chama para uma vasta extensão". Quando desistimos de amar, quando não nos permitimos esse encontro com o outro, sugere Barthes (1977, p. 87), na verdade abrimos mão de nossa imaginação, esse fator gerador interno que é ativado apenas pela dimensão amorosa. E então podemos dizer que o amor é realmente um emaranhado, uma desordem, é uma convulsão, uma irritabilidade, mas uma nova existência nasce apenas do caos. Como diz Cesare Pavese: "Agora tudo o que vive tem voz e sangue" (Pavese, 1950, p. 78).

A experiência criativa do amor é a ativação da nossa imaginação que consegue dar forma ao seu planeta interior a partir da confusão.

Estou bem ciente de que as origens etimológicas remotas de uma palavra podem não ter mais nada a ver com seu significado posterior, mas é um fato

que a raiz latina da palavra 'desire' (desejo) indicava a situação de um auspício incapaz de fazer previsões devido à "ausência de estrelas" (obviamente devido à nebulosidade do céu). E é fato que, se para os auspícios romanos as estrelas serviam para fazer previsões, desde o início do mundo os marinheiros as serviram para orientação. Bem: algo semelhante acontece no amor quando você quer. Não somos mais capazes de nos orientar, carecemos de pontos de referência externos. É precisamente nesta dimensão que nunca percorremos as grandes estradas porque de facto nelas abundam os pontos de referência, enquanto o amor nos lança para fora da estrada, para longe do que já nos é conhecido e a realidade que encontramos deve ser continuamente interpretada, porque tem referências ao nosso passado. Assim, 'desejar' é como uma condição na qual o sujeito não é mais capaz de interpretar a realidade com critérios conhecidos e habituais, como uma subversão dos signos, como uma perda de pontos de referência. O indivíduo vivencia uma situação que tem a característica de ser sempre nova: Eros cria movimento psíquico, estabelece novas conexões e conduz a projetos novos e desconhecidos. É como se fôssemos arrancados de um estado de imobilidade, o que é conveniente porque na imobilidade as referências permanecem sempre as mesmas. Se pararmos por um momento em um lugar, ele se torna familiar para nós. Na dimensão amorosa ativa-se uma conexão com algo que transforma, e o que muda é sempre imprevisível para nós. O desconhecido é outra característica do ser desejante: são sem referência e se projetam violentamente diante do que não conhecemos.

Mas o que é desconhecido geralmente causa medo. Gostaria de sublinhar como esta e a dimensão amorosa andam sempre juntas; um sinal de estarmos apaixonados é o sentimento de medo que temos diante do amor e se não sentirmos também angústia pelo que está acontecendo provavelmente não amamos. "O amor excita o medo", escreve Hillman (1966, p. 93), "temos medo de amar e medo de amar, realizar propiciações mágicas, buscar sinais e pedir proteção e orientação." E então temos que nos perguntar por que existe essa experiência. Podemos ter certeza de que a dimensão amorosa, essa inefabilidade do outro que consigo conquistar pela imaginação, é um fato relativamente recente na história da cultura humana. Para De Rougemont, "A Antiguidade não conheceu nada parecido

ao amor de Tristan e Isolt. Sabe-se que para os gregos e romanos é uma doença (Menandro) onde transcende a voluptuosidade, que é o seu fim natural.

É um 'frenesi', diz Plutarco, 'alguns pensaram que era raiva'.

Portanto, devemos perdoar os amantes como os doentes" (De Rougemont, 1939, pp.102-103).

Agora parece natural para nós, mas quando você pensa sobre isso, não há nada menos 'natural' do que esse sentimento de viver e ser capaz de viver apenas à luz de outra pessoa, como evidenciado pela poesia de Safo em diante.

Provavelmente é uma aquisição "recente", e é típico da espécie humana encontrar-se numa situação em que vive constantemente sob o signo de uma dependência vital. O indivíduo que se deixa morrer uma vez separado de sua companheira ou o ciúme e a monogamia entendidos como reivindicações contra o outro representam exemplos significativos, ainda que em alguns mamíferos e aves se encontre algo vagamente semelhante: a fêmea (e/ou o macho das pombas) é considerado em virtude de uma posse duradoura. Por razões desconhecidas, mas talvez compreensíveis à luz de uma nova funcionalidade da espécie, pudemos assim desenvolver a dimensão do amor "contra a natureza", sem estarmos inicialmente equipados geneticamente. Inventamos e propomos a nós mesmos esta modalidade em que sentimos a necessidade de nos sentir dilacerados e de dilacerar o outro, e nossa experiência é acompanhada pelo medo porque ainda não o dominamos. Por isso é difícil falar desse sentimento e é necessário vivenciá-lo para tentar entendê-lo. Gostaria de reiterar que um sinal do nosso envolvimento é viver, paralelamente a esta situação de sequestro, também o medo de que um evento destrutivo possa acontecer. E esse medo se justifica porque é difícil aceitar como natural o fato de que os maiores sofrimentos e dores que somos capazes de experimentar e causar nos outros são predominantemente no amor e não há outras experiências que possam igualar a do tormento que sofremos. causa ou que recebemos nesta dimensão. E não podemos deixar de nos surpreender ao descobrir que causamos danos mortais à própria pessoa a quem dedicamos nossas vidas e por quem estamos prontos para fazer qualquer coisa. Também se pode matar e não é por acaso que inúmeras tragédias estão ligadas ao amor: ambos podem se matar se a paixão não continuar, e afinal sabemos

muito bem que o suicídio como selo de um conflito sentimental sofrido não surgiu nem se pôs com o romantismo.

Por exemplo, quem de nós às vezes não se refere aos sofrimentos de Werther? O destino do jovem é considerado como um destino ao qual todos poderiam se aproximar e isso porque a história em que ele se inseriu é tipicamente humana e, portanto, ninguém pode, pelo menos em parte, escapar dela. Após a publicação do romance, a sociedade da época foi abalada por uma série incontável de suicídios. É claro que Goethe não pretendia esse objetivo, mas devemos reconhecer que quando a arte atinge uma intensidade que nos atinge no nível mais profundo de nossa alma, ela age poderosamente em cada um de nós e se torna realidade: " Paixão significa sofrimento, algo sofrido , o poder dominador do destino sobre a pessoa livre e responsável. Amar o amor mais do que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma, do *amavam de Agostinho ao amor* ao romantismo moderno, significa amar e buscar o sofrimento. Amor passionai: desejo daquilo que nos fere e nos aniquila com seu triunfo. É um segredo que o Ocidente nunca tolerou revelar, continuando teimosamente a sufocá-lo" (De Rougemont, 1939, p. 95).

Mas, além do trágico binômio 'amor e morte', a possibilidade de prejudicar os outros amando-os está ao alcance de todos. É um fenômeno que não é fácil de explicar; talvez a razão esteja no fato de que, de qualquer maneira, nos sentimos sequestrados e violados; ninguém pode conquistar impunemente a nossa dimensão interior, como acontece nesta experiência, e assim pode ser que a necessidade, talvez inconsciente, de violentar o outro e feri-lo seja a sutil vingança de quem se sente completamente possuído. É por isso que o amor é "uma coisa cheia de medo", é por isso que, ao lado dos sentimentos mais sublimes, também sentimos medo por essa experiência. A poesia sempre iluminou esses aspectos, como nestes versos do poeta do século XIII Jacopo da Lentini (1951, p. 90):

Um desejo de amor muitas vezes
tomou conta de minha mente: o medo
me faz e me põe errante.
Não sei se me calo sobre isso, ou digo alguma coisa
sobre vocês, mais gente: não, vocês não se importam,
tanto que tenho dúvidas.
Ca s'eo lo lo taccio, vivo em penitência, ch'amor
m'intenza

do que pode estar por vir.
E ele pode sofrer
danos, que podem sair em capas, se lhe
disserem: "olhe para frente".
E se o disse, temo muito mais que não
desagrade a ti, a quem me esforço para
servir, mulher refinada; ca semo por
aliança, que está entre nós, de um cor
dois: temere mi famor, che mi famo; e
se você pensar em meu medo, você me
amará mais, pois meus medos nada
mais são do que amor.

Quem não teme isso, má poria amarga:
e todo o meu medo é o ciúme.

Tenho ciúmes do amor; mas onde
está, assim me guarda, que o amor
está cheio de medo.
E quem ama bem algo que guarda
vive na dor, pois teme não perdê-lo
por acidente.
Donqu'è rasion que encontro comida e
perdão; se falo demais em ti, não sou eu
que falo: o amor é o que o silêncio traz de
volta o bem-falar, e a fala muda.

A dimensão amorosa traz sempre consigo uma angústia mortal e, a ela ligada, um indelével sentimento de culpa. O psicólogo profundo explica esse sentimento de culpa - e seu trabalho diário com os pacientes continuamente oferece a ele a prova da validade dessa interpretação - com o fato de que enfrentamos experiências inextricavelmente ligadas, complementares, mas dramaticamente conflitantes: proibição e transgressão. Já é lugar-comum ouvir e até defender com veemência a ideia de que no amor a pessoa é mais livre; mas os fatos nos dizem o contrário: amar e ser amado significa colidir, mais cedo ou mais tarde, com as proibições das pessoas ao nosso redor. Nosso entusiasmo amoroso é sempre experimentado pelos outros como uma manifestação perigosa e desestabilizadora que pode minar seus padrões e estruturas relacionais.

Quem experimenta em primeira mão a metamorfose que acompanha a experiência do amor sabe que está apenas questionando o *status quo*, mas o coletivo já vê nessa mudança uma subversão intolerável e por isso mobiliza a proibição, obrigando os amantes a transgredir, o que é justamente uma infração das leis humanas, algumas das quais visam apenas preservar e estabilizar, para evitar esses saltos. Cada vez que acontece de recusar, por racionalização, a experiência do amor, nada fazemos senão obedecer a uma lei coletiva já internalizada. Cada um de nós absorveu essa estrutura que nega que vivamos o desejo livremente, enquanto na vida estamos sujeitos a contínuas solicitações externas, e assim pode acontecer, e muitas vezes acontece, que não vivamos o desejo – e o imaginário ativado por desejo – de acordo com uma proibição externa que já fatalmente habita em nós e da qual nem nos damos conta. A miséria, o empobrecimento da nossa existência, a nulidade, a estática, são proporcionais à força com que tal impedimento age em nós. Refiro-me sobretudo ao processo dinâmico que se ativa na chamada fase do enamoramento, que também se pode considerar apenas um momento inicial destinado a normalizar-se. No entanto, é preciso ter a coragem de dizer que esse período inicial também pode ser permanente: essa experiência disruptiva me arranca de certezas consolidadas e estéreis e me leva para outro lugar. E afinal Jung disse: "O amor no sentido da *concupiscência* é a dimensão dinâmica mais infalível que traz à tona o inconsciente"

(Jung, 1954, p. 86).

Para experimentar plenamente a tempestade que eu mesmo busquei, devo ter a força, a coragem e a capacidade de neutralizar o que ouço dentro de mim como um grito de reprovação eterno e ameaçador.

Nossa vida está repleta de relacionamentos, mas também está repleta de crescimento e se não podemos ativar essa possibilidade de crescimento nos tornamos estéreis, gananciosos, sem graça. O imaginário de onde se extrai a energia criativa não é mais vivificante, enquanto nossa existência precisa ser iluminada por esse tipo de circunstância. A outra "experiência", o balanço dos acontecimentos vividos, não nos dará muita luz porque, como diz Confúcio, é uma lâmpada que carregamos às costas como uma mochila e por isso só ilumina o caminho percorrido. , e não só não é o caminho que está à nossa frente, como também não são os lugares por onde passamos, os momentos

vivemos de vez em quando. Se não acendermos a luz da nossa imaginação, nada veremos; qualquer experiência, mesmo a mais rica no sentido objetivo, torna-se a mais miserável no sentido subjetivo porque lhe falta a luz desta dimensão fundamental.

Mas por que a proibição? Uma vez internalizado, serve para prevenir a ansiedade, para evitar a terrível sensação de ser perseguido que experimentamos quando nos pegamos fazendo algo que poderia ser repreendido. Para nos protegemos de sentimentos de culpa, recorremos ao respeito à proibição, que por sua vez mantém afastada a violência do desejo; mas é precisamente o desejo que nos dá força para enfrentar a existência de uma maneira nova, que nos põe em contato com novos valores e novos significados. Em linguagem comum, a proibição internalizada é chamada de "voz da consciência", mas é uma consciência estática, "ancorada", firmemente ancorada em um porto seguro; para zarpar, navegar e tocar outras terras, nossa consciência precisa "largar as amarras", arriscando tempestades e mares revoltos em rotas desconhecidas. Fora da metáfora, a consciência movida pelo desejo é obrigada a inventar continuamente o sentido do outro.

Vamos tentar esclarecer o que significa "inventar o sentido do outro". Quantas vezes já dissemos a alguém "Você está me escapando", ou "Não consigo te entender" e quantas vezes nos disseram, sem saber que na realidade é justamente esse elemento que ativa um processo evolutivo. Na dimensão amorosa, a primeira experiência é a percepção de um impedimento: algo ou alguém dentro de nós nos diz que estamos nos aventurando em um terreno que não é nosso; porém, por uma estranha coincidência, a percepção da interdição é acompanhada pela sensação, talvez tênue, subjugada mas desesperadamente tenaz, de ter a coragem de quebrá-la. De Rougemont afirma: "O obstáculo [...] e a criação do obstáculo pela paixão dos dois heróis [...] de uma forma muito mais profunda? Não é, para quem perscruta o mito em toda a sua profundidade, o próprio objeto da paixão? [...] e ainda a paixão do amor constitui, *de fato*, uma infelicidade. Nove em cada dez vezes, a sociedade em que vivemos, e cujos costumes basicamente não mudaram a esse respeito, há séculos, leva o amor-paixão a assumir as formas do adultério [...] Afirmar que o amor-paixão realmente significa que adultério é insistir na realidade de que nossa adoração

do amor mascara e transfigura ao mesmo tempo; é evidenciar o que este culto esconde, rejeita e se recusa a nomear, para nos conceder um abandono ardente ao que não ousamos reivindicar. [...] Para quem julga pelas nossas literaturas, o adultério surgiria como uma das mais notáveis ocupações a que se dedicam os ocidentais: não demoraria muito a enumerar os romances que nem sequer lhe fazem alusão [...] sem adultério, o que seria de toda a nossa literatura?" (De Rougemont, 1939, pp. 87 e 60-61). O fato é que nossa força psicológica consiste exatamente na capacidade de lutar contra o que está contra um processo de crescimento, e o momento em que conseguimos perceber o obstáculo junto com a sensação de ter energia para neutralizá-lo é também o momento em que a psique torna-se consciente de si mesma. Quando faço algo que não devo fazer, portanto, não estou no caminho principal mas prefiro abrir um caminho pessoal, é então que tomo consciência da minha existência. Não sigo por um caminho seguro no qual encontro indicada a direção a seguir, mas por um caminho onde não há sinais, um caminho que eu mesmo traço: nesse momento sinto realmente que existo porque sirvo pelo menos eu mesmo; mas precisamente porque assumi a responsabilidade pela orientação, a consciência passa necessariamente pelo medo e pelo medo de se perder.

Nietzsche (1879-1881, 309, p. 186) dizia que no amor é sobretudo o medo que faz crescer. A ilusão amorosa mostra a beleza do outro, mas o medo nos leva a refletir, a buscar, a adivinhar, ou seja, a praticar a penetração na realidade além das aparências. O medo desempenha um papel propulsor, de conhecimento. Já Platão (*Banquete* 211 c) falava de Eros como conhecimento. O amor excita o medo, porque o que o outro representa deve ser continuamente interpretado; e essa dimensão é um espaço infinito, porque a interpretação total seria o fim dessa força exuberante que me empurra para o outro. Podemos dizer que o amor e o medo andam sempre juntos porque têm o primitivismo do que não conhecemos, porque envolvem níveis muito elementares, não passaram pelo escrutínio da racionalidade: levam-nos, somos dominados por eles. Sou da opinião de que quando falta esse medo, nossa dimensão amorosa acabou ou nunca existiu. Eu diria então que o ser humano experimenta a si mesmo quando consegue transgredir. Se ele carrega uma proibição e consegue sup

ele se questiona, mas só então tem a percepção de ser homem e está realmente vivo. É uma experiência comum que na solidão, quando não há possibilidade dessa ativação de nossa imaginação, sentimos que temos um corpo, mas é como se ele nos fosse estranho, como se se opusesse a uma enorme inércia; como se cada movimento nos apresentasse uma conta na centésima do esforço que exige e não conseguíssemos pagar essa conta, não tivéssemos mais forças para gastar. Aqui: quando nos falta a possibilidade de sermos ativados em nossa imaginação, nos sentimos impotentes. É um sentimento que nos faz, ou deveria nos fazer, mais terror do que aquilo que nos inspira a aventura de interpretar o outro, com todo o risco e perspectiva de não conseguirmos chegar ao fim na empreitada. Aliás, este risco é uma das razões pelas quais na esfera do amor voltamos às "propiciações mágicas": consultar as estrelas, ou a cartomante, ou lançar uma moeda ao ar ou consultar o I Rei, são rituais apotropaicos que *servem* conter a angústia da relação com o outro. Mas aqueles que nada têm a pedir às estrelas ou ao Rei I não devem ser invejados : tornamo-nos psiques, seres psíquicos, apenas quando a transgressão e a angústia resultante nos obrigam a recorrer a ritos propiciatórios. E não adianta lamentar "ter chegado até aqui", não adianta reclamar do "azar" quando a experiência do amor parece apresentar apenas uma face frustrante. Frases como "Dane-se aquele dia" ou "Quantos anos perdi atrás de você" são insultos à verdade: aquele dia foi certamente um dia auspicioso e os anos vividos desde aquele momento não só não foram perdidos, mas foram o mais proveitoso de nossa existência. Quanto à angústia que marcou as passagens cruciais da história de amor, é de se suspeitar que ela seja fundamentalmente constitutiva de toda experiência vital.

Humano.

3.

A FUNDAÇÃO DA FALTA

Deve haver algo de mágico na experiência amorosa, se é verdade que é sobretudo nessa ocasião que mesmo as pessoas que costumam ser alérgicas a tudo o que não é racional se permitem algumas "exceções à regra". Este retorno a um medo antigo certamente tem a ver com o perigo de ser "despossuído"; mas não é improvável que haja também uma experiência extremamente remota envolvida, a mais remota pela qual o homem já passou. Embora seja legítimo ter algumas dúvidas sobre o chamado "trauma do nascimento" (talvez à luz de duas propostas teóricas muito recentes: a, que é o 'gene' que quer, quer mais fortemente perpetuar-se; b, que ao lado das 'pulsões' da mãe existem também os 'empurrões' do nascituro) e, portanto, não considerando o choro do recém-nascido como um forte protesto, é difícil negar que o nascimento é uma separação, como as cosmogonias de várias diversas culturas nos dizem, desde a "Esfera primordial" de Empédocles até o "Um primordial" dos Upanishads (e vamos até pensar na expulsão do Éden, mesmo que seja difícil encontrar mitos análogos em outras culturas que não tenham, como a judaica um, viveu desde a aurora dos tempos a experiência excruciante de um povo nômade que, tendo saboreado as delícias daquele autêntico paraíso que deve ter surgido aos seus olhos o "crescente fértil" e por isso induzido a escolher - ou melhor, a se iludir de escolher - um modo de vida mais refinado posente, é expulso e forçado a voltar para a estrada novamente).

Voltando às primeiras experiências da criança, que são aquelas das quais ela obviamente não consegue se lembrar, mas que devem ter deixado uma marca indelével em seu mundo interior então em formação, podemos dizer que a angústia e o medo da separação têm sido uma

tema recorrente desde o nascimento. É legítimo supor que no estado de enamoramento se produz a ilusão de preencher um vazio estrutural básico.

Podemos concluir que, se todos somos estruturados por esse sentimento de carência que tentamos preencher amando, todo relacionamento tem sua dignidade. Não há amores indignos ou de que se envergonhar, porque cada experiência responde às necessidades profundas do indivíduo. Nada nunca foi inútil, porque naquele momento particular a pessoa que estava à nossa frente foi capaz de preencher o nosso vazio, que é inerente a todo ser humano e que tende a ser preenchido pelo amor ao outro, sejam quais forem as circunstâncias, mesmo negativas .

Somos todos portadores dessa deficiência e sempre somos levados internamente a buscar o que nos falta e podemos até chegar a pensar que todas as imagens externas são alucinatórias, criadas, fantasiadas pela nossa imaginação em busca do que podemos definir como uma totalidade perdida. Os mitos o contam, mas cada um de nós pode experimentar esta história em primeira mão: experimentar a falta e tentar superá-la através da busca da totalidade perdida. Se me encontro numa fase em que vivo intensamente essa dor, o outro assume o valor de uma esperança: a promessa, para mim, de me tornar algo completamente novo.

São experiências que todos nós vivemos de uma forma ou de outra, mas é preciso um pouco de coragem para vivê-las sem reservas mentais, porque em nós existe uma tendência racionalizadora que nos diz "Você basicamente não precisa de nada". E essa é uma mentira lamentável que contamos a nós mesmos. Sou de opinião que a maturidade de modo algum coincide com a ausência de desejos, ainda que nos digam e inculquem isso. A minha experiência clínica, para não falar da minha experiência pessoal, ensinou-me que o estado de necessidade permanente, esta dimensão de carência que impulsiona a procura do outro como um todo, representa para o homem uma promessa contínua de diferenciação e mudança. Todos nós, que temos a sorte de nos apaixonar, percebemos verdadeiramente a metamorfose que ocorreu quando saímos dessa experiência, mas, no entanto, conseguimos intuí-la no momento em que a vivenciamos. No entanto, é preciso dizer que é preciso um pouco de coragem, porque uma promessa de completude sempre traz também o risco de fracasso.

Pode ser que naquele determinado momento algo atrapalhe a minha metamorfose e depois o outro, depois de encarnar a "promessa viva"

da minha possibilidade de vir a ser, pode representar o testemunho vivo da minha impossibilidade de me transformar. Este é o aspecto mais perturbador, porque ter sentido por um momento que poderíamos ser diferentes, ter nos iludido que algo poderia mudar nos deixa uma herança dolorosa. E então devemos aprender a suportar a privação. Acho que a aceitação da falta é outra característica estrutural da nossa existência. Toda a nossa vida é uma luta para agarrar esse algo que nos escapa, e para podermos lutar devemos aprender a sentir o peso da ausência do outro sobre os nossos ombros. Acredito que nenhuma terapia, nenhuma experiência pode eliminar essa sensação de vazio que o amor nos promete preencher enganando-nos. Quando acreditamos que o vácuo foi abolido, provavelmente estamos nos enganando. De fato, por mais que o outro corresponda ao nosso desejo inconsciente, a necessidade de totalidade é tão grande que nenhuma experiência pode realmente preenchê-la. O destino estrutural da nossa vida é aprender a suportar a privação e também a desilusão do próximo: quem quer que seja, o que quer que represente ou tenha representado para mim, ainda expressa uma ausência. Podemos dizer que toda dimensão do amor encena um mito; cada vez que nos encontramos nesta experiência "encenamos" algo: a totalidade perdida que remete aos primeiros momentos de nossa existência ou o chamado desejo de completude e - ainda mais doloroso - estar sempre pronto para renovar esta sensação de vazio. Na verdade, por mais que eu ame o outro e por mais que este retribua meus sentimentos, em todo relacionamento ainda existe a possibilidade de perder a pessoa amada. E esse medo se renova com mais força cada vez que um novo relacionamento é criado, mesmo que o sentimento criado continuamente ofereça uma forma de controlar a perda. Mas a perda nos leva de volta ao desejo.

O desejo é inflamado pela falta de algo que me parece vital e para o qual sou levado a me mover. Na dimensão do amor, a ausência instala o outro poderosamente em meu mundo interior.

Quando o outro não está, consegue preencher toda a nossa existência. Na ausência, ele se torna o que Leopardi chamou de "pensamento dominante".

Somos obcecados pela sua imagem e é sempre uma imagem parcial que nos vem à mente: aquela imagem muito particular que

capturado e agora preenche o vazio deixado por seu desaparecimento.

Por outro lado, quando o outro está presente, aqueles detalhes de seu jeito de ser que amamos, como diz Marguerite Yourcenar (1957, p. 1), concentram-se, tornam-se mais pesados que os metais: "Ausente, seu rosto se dilata tanto tanto quanto para encher o universo. Você passa para o estado fluido, o dos fantasmas. Presente, condensa; e atingir a concentração dos metais mais pesados, irídio, mercúrio. Esse peso me faz morrer, caindo sobre meu coração". A dialética da ausência e da presença traduz-se numa experiência 'limite' em que o Ego é subjugado: em ambos os casos o sujeito é poderosamente chamado 'fora de si' pelo desejo. A dialética "presença imaginária-ausência real" é o próprio cerne do desejo "que o promove como latência ativa: o desejo é, portanto, conflituoso em sua estrutura, e a contradição está localizada bem dentro dele" (Muldworf, 1972, p. 47).

A falta, a ausência, são o próprio fundamento do desejo. Para quem deseja, como nota Barthes (1977, p. 34), o objeto amoroso está sempre ausente e o suspiro nasce da 'emoção da ausência': "as duas metades do andrógino suspiram uma pela outra como se cada respiração, incompleto, quis fundir-se com o outro: uma imagem de um abraço, pois funde as duas imagens numa só".

Por outro lado, nesta situação psicológica particular e no entanto singular é como se a nossa imaginação, ou seja, o poder que temos de criar imagens e não apenas ser passivos perante elas, nos permitisse ser, por assim dizer, criativos, porque então é nossa necessidade dar vida a imagens que, embora distantes da realidade, expressem a nossa própria possibilidade de criar algo, de lhe dar vida e de reconhecer nele todo um mundo fantástico.

Se o desejo é, por definição, insatisfeito, quando amamos voltamos a experimentar a sensação de solidão de forma bastante vívida. Em nós há um impulso para a totalidade, um movimento para a perfeição, a ponto de em certas pessoas, místicos por exemplo, o amor ideal ser dirigido a Deus e não às coisas terrenas. Chegamos a essas conclusões com tristeza, porque é claro que tendemos a nos iludir sobre essas coisas, e também é certo que assim seja; mas, na verdade, a dimensão amorosa pela qual passamos é sempre uma experiência de ausência, e ausência tem a ver com nostalgia.

Acho que a saudade e a experiência da ausência coincidem com o sentido da nossa vida. É como nós, ao longo do caminho

da existência, experimentamos continuamente uma profunda insatisfação, apesar de tudo o que conseguimos apreender. Há um sentido do ilimitado que nos move, mas o que podemos apreender é limitado e então, mesmo que olhemos nos olhos do ser que amamos, nesse momento talvez possamos ler a saudade um do outro em nossos olhares.

Durante toda a viagem a saudade não se separou de mim
Não estou dizendo que era como se
minha sombra estivesse ao meu lado
mesmo no escuro Não estou dizendo que era como se
minhas mãos e pés quando você dorme você perde
suas mãos e pés e eu não perdi a saudade nem durante o
sono durante toda a viagem a saudade que ela não se separou
de mim não digo que foi fome ou sede ou desejo de frescor no
calor ou calor no frio foi uma coisa que não dá para saciar
não foi alegria nem tristeza não foi ligado às cidades às nuvens
às canções às memórias

estive dentro de mim e
fora de mim ao longo da viagem a saudade não se separou de
mim e da viagem nada me resta senão aquela saudade.
(Hikmet, 1933/1963, p. 94)

Lemos em Platão (*Banquete*, 202 b) que o nome da mãe de Eros era Tenia, ou 'pobreza', 'necessidade'. Podemos dar uma interpretação estática e dinâmica a este nome: sentir-se privado de algo e sentir-se impelido a buscar. Tanto na vida como na dimensão amorosa, a necessidade impele-nos mas a investigação nunca termina, porque qualquer resultado que se possa obter é sempre insuficiente face às expectativas. O homem em suas incessantes andanças, como Ulisses, permanece perpetuamente amargurado por sua própria experiência, mas a insatisfação é o preço que ele deve pagar para crescer. Sabemos que nossa personalidade se desenvolve apenas sob o impulso do que nos falta. O crescimento para a dimensão adulta também está ligado ao enorme desejo de apreender o que nos foi fechado quando crianças.

Eu diria que, de certo ponto de vista, a sorte de muitos de nós coincide com o fato de essa dimensão infantil não decair completamente. É precisamente essa insatisfação perene e infantil que nos permite, na verdade nos 'exige', sermos diferentes. O que, em outras palavras, é expresso através o

a disposição para aceitar novos caminhos e situações que tenham a cor do inesperado também tem o dom de provocar em nós novas descobertas.

Quando não podemos aceitar a ausência do outro, então a imaginação é ativada: começamos a sentir nossa dimensão humana como criador de coisas completamente novas, cuja existência não teríamos suspeitado se tivéssemos nos iludido que a necessidade havia sido satisfeita. É por isso que os relacionamentos amorosos são tão dolorosos. Por isso não existe relacionamento que não interfira nessa sensação de poder crescer; e não há relacionamento amoroso que não seja também cheio de ressentimentos. Pois sentimos não apenas uma plenitude aparente, mas também que essa plenitude é falsa; algo naquele momento fica aquém das expectativas e, portanto, sentimos obscuramente essa falsa realização como um obstáculo ao crescimento autêntico. O amor que se dá e o amor que se nega podem ser uma fonte de insatisfação, igualmente dolorosa e fecunda.

Hoje eu estava esperando
por você, você não veio.

E a tua ausência sei o que me diz e a tua ausência
que tumultuou no vazio que deixaste como uma
estrela.

Ele diz que você não quer me amar.

Como uma tempestade de verão se
anuncia e depois se afasta, assim, você
se negou à minha sede.

O amor, em seu nascimento,
tem esses arrependimentos repentinos.
Nós silenciosamente
nos entendemos.

Amor, amor, como sempre gostaria de te
cobrir de flores e insultos.

(Cardarelli, 1936, p. 76)

São versos que Cardarelli escreveu em idade decididamente adulta, agora navegados e perspicazes ainda que - como qualquer poeta autêntico - ainda prontos para acolher cada nova experiência com frescor infantil. “Como sempre, gostaria de te cobrir de flores e insultos”: como sempre, caminhando contigo por esta estrada, vejo a Alegria e a Dor caminhando em nossos passos, de mãos dadas como nós dois.

Ao contrário do que geralmente se pensa, ou pelo menos se diz (e se escreve), não é verdade que o amor seja uma fusão de almas e corpos, ainda que os amantes tentem realizar concretamente essa ilusão. É verdade, ao contrário, que na experiência do amor o outro subtrai continuamente nosso desejo. Afinal, é preciso estar sozinho, é preciso sentir a própria solidão para entender o que significa a presença do outro. Se o fascínio pela pessoa amada se produz no encontro e na ativação da própria dimensão interior, paradoxalmente o envolvimento amoroso obriga a entrar numa relação mais profunda com o próprio sentimento de solidão, que agora se faz sentir mais aguçado e exasperado. E o reconhecimento da própria solidão é sempre chocante. Em última análise, na dimensão amorosa o encontro sempre se dá entre duas solidões, porque é como se estivéssemos constantemente diante de nossa própria imagem desejante.

Sabemos, porque todos o vivemos, ainda que não guardemos memória directa, que no momento em que viemos ao mundo somos obrigados a viver um contacto pré-verbal; imediatamente após o nascimento, o único meio de que dispomos para nos comunicarmos com o mundo são os nossos olhos, que via de regra encontram outros olhos: é aí, a meu ver, que se origina a sedução pelo olhar; parece ser uma das emoções fundamentais da nossa existência. Obviamente não posso descrever o que uma mulher sente, mas posso dizer que não há nada mais perturbador para um homem do que encontrar o olhar de uma mulher que ele deseja. Isso ocorre porque nossas primeiras experiências como crianças são com uma mulher, como de fato também é para a menina. E afinal, tanto o homem quanto a mulher têm essa impressão particular: quando adultos perseguirem aqueles olhos, reviverão um momento que foi fundamental para eles. Através do olhar você pode experimentar a grande intensidade do desejo de se comunicar que foi frustrado quando crianças. Nas primeiras sensações infantis não temos um pensamento com o qual qualificar e compreender o mundo, mas apenas a possibilidade da visão, única ferramenta de que dispomos para expressar e

No amor, os olhos, o olhar, conservam o seu papel primitivo de instrumento privilegiado de comunicação. O olhar permite vivenciar qualquer experiência: e aqui então, através de sua profundidade, os olhos da amada aproximam o mundo. E aqui encontramos novamente o

desejo insatisfeito. Assim como naquela época, na primeira infância, o "diálogo dos olhos" certamente não nos permitia satisfazer nossa necessidade de compreender a realidade através do outro, agora esse mesmo envio de mensagens sublinha a distância sideral que nos separa do outro : e é como se mais uma vez só pudéssemos experimentar a nossa solidão.

No momento em que peço ao outro que represente para mim tudo o que sou incapaz de ser, reitero uma separação irremediável. É como se eu fosse o portador de uma perda inicial: devo compensar essa perda e, portanto, estou sempre em busca do que me falta para recuperar uma totalidade perdida, e essa busca seria de qualquer maneira cansativa e doloroso, mas torna-se uma autêntica 'dor' – a dor do amor – quando descobrimos que só existe uma pessoa no mundo capaz de me “completar”. Como tal convicção pode surgir e se consolidar é sempre um tanto misterioso: é provável que toda a série de nossas experiências, começando pelas mais remotas, tenha moldado nossa alma de tal maneira que a união com o outro não seja possível. isso, mas seja qual for o motivo, ficamos com a amarga percepção de que no universo existe apenas uma pessoa capaz de refletir a dimensão de nossa completude. É isso que dá grande força a quem se ama e é a base de sua cumplicidade: o sentido do estado de amor torna-se palpável justamente porque as duas pessoas se correm, como se realmente tivessem que cometer atos delinquentes. Só eles podem entender o que está acontecendo e, embora o senso comum diga que eles estão vivendo uma experiência comum à espécie humana, mesmo predeterminada e posta em jogo pelas leis da evolução, naquele momento eles a vivenciam como única e irrepetível, não comparável para nenhum outro.

É provável que uma das razões pelas quais a experiência amorosa sempre aparece "sem precedentes" resida justamente em sua impressionante complexidade e natureza contraditória: ela aparece sempre tão 'anômala' a ponto de sugerir que é de fato um caso excepcional, fora de os paradigmas habituais.

Mas é precisamente esta contradição que devemos saber aceitar e viver; Refiro-me em particular ao binómio presença-ausência de que já falei: a dimensão amorosa ganha forma e legitimação conforme a nossa capacidade de aceitar a sua irremediável, inevitável ambivalência, a contradição estrutural que faz o poeta dizer:

Você é minha escravidão você é minha
liberdade você é minha carne que queima
como a carne nua das noites de verão.

Você é minha
pátria, com reflexos verdes em seus
olhos, alto e vitorioso.

És a minha saudade
de saber que és inacessível
no momento em que te
agarro.

(Hikmet, 1933/1963, p. 44)

O outro expressa uma promessa de ser e este é um ponto para reflexão. Se eu me sinto dividido e também sinto o desejo de alcançar uma totalidade, e se há apenas uma pessoa que expressa minha possibilidade de me aproximar da totalidade, então ela se torna para mim uma esperança de uma existência diferente; o outro, em quem vejo tal promessa, torna-se também a encarnação de uma possibilidade que só com ele poderei concretizar. À luz dessas observações podemos entender uma daquelas frases que os namorados costumam dizer: "Não posso viver sem você". No momento em que o outro se coloca em minha existência, eu mesmo sou questionado: percebo que até então não havia vivido. Por isso falei de 'transformação'. A aparição do outro é realmente uma "epifania" extraordinária: agora sei que vou me tornar algo diferente, algo que não conhecia. Eu diria que no amor nunca foram ditas frases tão verdadeiras como esta. Em última análise, a presença do outro indica o que podemos ser. É evidente que a experiência da transformação é acessada endopsiquicamente, porém na dimensão amorosa esse fenômeno é mais evidente, diria mesmo 'visível', justamente porque um projeto de existência inconsciente encontra no outro sua representação viva. Costuma-se dizer então que estamos apaixonados, como se tivéssemos contraído uma doença. "De todos os males o meu difere; porque eu gosto; isso me alegra; minha dor é o que eu quero e minha dor é minha salvação. Então não vejo de quem devo reclamar, já que o meu mal vem da minha vontade; é a minha vontade que se torna o meu mal; mas sinto tanto prazer em querer assim, que sofro agradavelmente, e há tanta alegria em minha dor que fico doente entre as delícias", afirma Chrétien de Troyes (De Rougemont, 1939, p. 82).

No entanto, a 'doença' é apenas uma promessa muito doce que diz "você será diferente se se juntar a mim". Tal promessa destaca meu estado atual de inexistência, minha condição de ser dividido. A "luta" entre os amantes, a dialética que se gera entre duas pessoas que sentiram necessidade uma da outra, pode também encenar a tentativa de cada um de se defender dessa "promessa". O vício envolve ressentimento e hostilidade quando o aspecto "perigoso" da necessidade é sentido. No fundo, todos nós nos defendemos da necessidade dos outros, tanto que às vezes acabamos fazendo escolhas erradas, escolhas convenientes, *pro bono pacis*; mas trata-se de uma paz pela qual pagamos caro: a renúncia a viver em plenitude ou pelo menos a promessa de uma existência diferente. Essa renúncia é uma dimensão que todos nós já passamos e é uma constatação amarga, porque nesse caso vivemos não só na inautenticidade, mas até em algo pior: nos bloqueamos e deixamos uma possibilidade de transformação falhar miseravelmente. Abertura para o outro, envolvimento, sofrimento mútuo e agudo de um estado de necessidade – que é a única dimensão de vitalidade e força – são outras tantas condições dentro de uma experiência que permite ser transportado para fora da vida mundana.

Na relação amorosa somos fascinados justamente pela promessa que o outro representa. Afinal, eu diria que a sedução é uma espécie de encenação. Mas não há fraude, não há má-fé porque, em última análise, através do outro eu dou vida às minhas imagens interiores que são evidentemente autênticas, tanto que sou o primeiro a acreditar nelas e a entrar no jogo. É interessante notar que quanto mais íntima e habitual se torna uma relação, mais se percebe que a imagem que me seduz é, na verdade, a minha própria imagem interior. "Tristão e Isolda não se amam [...] *O que eles amam é o amor, e o próprio fato de amar.* Tristan adora se sentir amado, muito mais do que Isolda, a loira. E Isolda não faz nada para manter Tristan perto dela: um sonho apaixonado é o suficiente para ela. Eles precisam um do outro para queimar, mas não um do outro como realmente é"

(De Rougemont, 1939, p. 86). O maior erro que podemos cometer é pensar que o outro nos seduziu: fui seduzido pelas minhas próprias imagens, que o outro só conseguiu evocar. Quando eu caio nos braços um do outro e sinto vontade de fazer qualquer coisa, na verdade alguém

ele deve ser capaz de me dizer que eu estaria pronto para dar qualquer coisa para realizar meu mundo interior. O outro é ou foi a ocasião, o incentivo e o instrumento, enquanto uma dimensão minha pessoal é evocada e questionada. Acrescente-se desde já que não se trata de projeções puras e simples (mesmo que as projeções sejam inevitáveis em uma relação amorosa como em qualquer outra); caso contrário, o amor seria nada mais nada menos que um erro. O outro está aí, "e como", e não se pode prescindir dele. O conteúdo dessa promessa é meu e não poderia ser meu; mas o outro é seu evocador, único e insubstituível, e a partir deste momento torna-se seu fiador. Então não posso deixar passar, é muito precioso. Frases como "você é meu" ou "meu", corretamente rotulados como incivilizados se entendidos literalmente como reivindicações de propriedade, são ternamente plausíveis se expressarem a necessidade vital que um tem do outro, e então o adjetivo "possessivo" 'meu' é não é mais possessivo do que na invocação "Meu Deus".

4.

A APARENTE SEDUÇÃO

A diferença fundamental entre sedução e relacionamento reside no fato de que este último se baseia na renúncia à totalidade do relacionamento e, portanto, principalmente na aceitação da separação e no reconhecimento realista do outro. No relacionamento, a totalidade é uma dimensão que prezamos, mas é mais um mito do que uma realidade. Abandonar o mito, sair da simbiose, significa que na relação vive-se continuamente a separação daquilo que se ama: o que eu amo nunca será completamente meu. A aceitação da realidade obriga o homem a reconhecer a própria solidão fundamental e estrutural, mesmo naquelas situações que parecem evitá-la. Tenha em mente que a ausência e a presença são os pilares de qualquer relacionamento e, para aceitar a distância, cada um de nós deve entender que nosso desejo tem a ver acima de tudo com nossa própria imaginação. Chegamos à conclusão de que, para poder aceitar a ausência, devo ter conseguido interiorizar o outro.

A sedução, por outro lado, baseia-se numa ilusão, na criação de um "fetiche", uma ilusão que, no entanto, tem uma realidade *subjetiva* própria que se concretiza numa imagem:

Divindade bizarra, como as
noites escuras, com um perfume que
é uma mistura de Havana e almíscar,
obra de um Obi, o Fausto da savana,
um encantador de ébano, filha das
meias-noites negras, prefiro vinhos
raros, ópio, 'elixir de sua boca onde
o amor se desfila; quando

a caravana dos meus desejos
parte para ti, os teus olhos são a
cisterna onde bebem as minhas preocupações.

Através desses dois grandes olhos negros,
fendas de sua alma, derrame menos
chamas sobre mim, demônio implacável!
Ai, não sou o Estige para poder
abraçar-te nove vezes, e não posso, bruxa
libertina, enfraquecer-te e encurralar-te, uma
Prosérpina reduz-me ao inferno da tua cama!

(Baudelaire, 1857, p. 57)

É o tema doloroso e eterno da destruição das aparências. Esses são os pilares que nos sustentam na vida, temos que nos enganar sobre o que fazemos, sobre o amor que vivemos, sobre a importância que pensamos ter no mundo, para podermos sobreviver. Pode parecer um discurso oportunista, mas na verdade é apenas uma aceitação muito mais tolerante da realidade do que se pode imaginar. E então quem sabe qual deveria ser a verdade diferente sobre os sentimentos?

Na sedução não somos "sujeitos" do nosso amor, enquanto no que Buber chama de relação "eu-você", o outro nunca é um objeto, mas um sujeito. Na relação "Eu-Tu" presenciamos a relação entre dois indivíduos que se encontram e se reconhecem como tal graças ao espaço criado pela relação. Já na sedução, o sujeito renuncia à sua própria subjetividade para se tornar um objeto fantasmático.

No entanto, a sedução desempenha um papel fundamental, tanto transformador quanto cognitivo. Essa dimensão nos impulsiona a trabalhar a aparência e ao mesmo tempo nos obriga a nos conformarmos com nossa subjetividade cognitiva. Isso significa que na sedução posso tomar consciência de que, quando o outro se coloca diante de mim e se torna importante para minha vida, aprendo a conhecer, tanto quanto poderia em outras situações, minha subjetividade, aquela mesma que criou o fetiche. Enzo Paci (1961, p. 9) expressa o mesmo conceito quando diz: "Na subjetividade à qual a redução me conduz o mundo se torna um conjunto de modalidades do meu sentir e assim se torna meu próprio mundo, o mundo vivido por mim no qual Acho os outros vividos por mim".

A imagem que está diante de mim e que destrói ou exalta minha vida, que se torna tão importante quanto as drogas podem ser para alguns, esta imagem

sedutor torna-se para mim se consigo entender a compreensão de minha ação pessoal, porque na sedução não existe ninguém, o outro se torna algo que ativou meu mundo sob a pressão de minhas necessidades. Por isso é difícil escapar ao fascínio desta situação, porque ela esconde a sua própria necessidade oculta, a sua própria imagem perturbadora que, precisamente por terem sido afastadas, adquiriu uma enorme força e veemência, um poder subversivo avassalador que não pode deixar de viver ao máximo. E poderíamos dizer que precisamos ter coragem de viver a sedução até suas últimas consequências. O jogo se torna complexo porque ser seduzido significa sair do rumo, ser desviado.

Lembremos que o demônio era o grande sedutor: nossa história de homens está ligada ao mito do demônio que nos seduz e nos desvia, mas é justamente nessa perspectiva que começamos a construir nossa história. A partir disso podemos começar a ver como a sedução é um estado psicológico que nos permite entender aspectos da personalidade que de outra forma permaneceriam desconhecidos para nós. Quando essa experiência acontece? Quando a gente merece. Eu diria: bem-aventurados os que conseguem ser seduzidos, porque se conhecerão muito melhor.

A relação com essas partes escondidas, essas partes obscuras – Jung diria a relação com a Sombra – surge sobretudo quando somos seduzidos. A outra face da nossa personalidade, aquela que surge nas grandes crises, nas análises, nas grandes experiências, emerge poderosamente na sedução.

É uma espécie de droga, um veneno que, se tomar posse de nós, só nos abandona se chegarmos ao fim, se passarmos por ela e conseguirmos metabolizar aquela experiência. Só assim encontramos aquelas partes que representam a dimensão da qual nos envergonhamos, que nunca trazemos à tona. Em outras palavras, uma pessoa se revela em sua complexidade, em sua totalidade, apenas neste momento específico de sua vida, isto é, quando está encurralada e não tem possibilidade de se defender, de se salvar, a não ser apelando para sua totalidade psicológica que pode emergir nesta situação. Assim, a sedução como uma experiência de ser desviado e, ao mesmo tempo, ser confrontado com alguns aspectos da nossa personalidade que nunca teríamos suspeitado que existissem. Poderíamos então dizer que este engano - engano porque quem nos seduz não é como o vemos - torna-se

uma oportunidade de conhecimento e verdade. Não devemos fazer nenhum discurso moral sobre essa experiência, a chave moralista não abre nenhuma porta na construção da psicologia. Somente a compreensão psicológica desses problemas pode tornar a experiência do amor menos perturbadora. Afinal, também a sexualidade não tem curso nas relações humanas a não ser pela sedução, porque esta consegue mediar até mesmo esses aspectos que são tão naturais, tão fundamentais que parecem ser os pilares da nossa existência. Em si, o elemento sexual não tem sentido sem a sedução, porque também neste caso a imagem do outro deve ser criada segundo uma perspectiva pessoal. E isto é, aliás, uma grande fortuna para todos porque cada um de nós pode eleger o seu próprio "parceiro ideal" pessoal que do ponto de vista da sexualidade se torna significativo para nós e não necessariamente para os outros. Esse tipo de significado, de fato, passa pelo momento sedutor que evocou as imagens de minha estrutura psíquica. A sedução põe em causa qualquer discurso científico sobre a sexualidade, porque geralmente tendemos a atribuir os nossos movimentos sentimentais ao jogo estreito e complexo de sinais e respostas biológicas. Mas é inútil acreditar que estamos desenhando mapas e paradigmas da vida sexual ignorando o fator que já ultrapassou os orgânicos.

Novalis disse que afinal o engano é essencial para a nossa alma: devemos ser capazes de nos iludir porque só através dos erros vamos ao que chamamos de "verdade". Se não tivermos sonhado continuamente no caminho da dimensão amorosa, nossa realidade de seres que se colocam subjetivamente diante do outro não poderá emergir, pois confundiríamos algo que não nos corresponde como verdadeiro e real. A única coisa em que podemos nos reconhecer autenticamente é nossa individualidade psíquica que cria a realidade do amor.

O que escrevi de nós é tudo mentira é a
minha saudade crescida no galho inacessível
é a minha sede

arrancado do poço dos meus
sonhos é o desenho desenhado num
raio de sol o que escrevi sobre nós
é toda a verdade
é sua graça

cesta cheia de frutas virada na grama é a
tua ausência quando me torno a última
luz na última esquina da rua é o meu ciúme quando corro
vendado entre os trens à noite é a minha felicidade rio
ensolarado que rompe as represas

o que eu escrevi sobre nós é tudo mentira
o que eu escrevi sobre nós é tudo verdade
(Hikmet, 1933/1963, p. 101)

O dom e o privilégio do poeta é aceitar a contradição na vida e em si mesmo: o homem de ciência, como sabemos, não pode se dar a esse luxo. Quanto a nós que escolhemos a vida psíquica como realidade a investigar, o elemento contraditório está no próprio objeto de nossa investigação, é um dado constante e ineliminável. O psicólogo continuamente se depara com a "ambivalência", ou seja, a natureza contraditória dos sentimentos. Expressões como "eu faria e não faria", "eu te odeio e te amo", "sinto atração e repulsa" são as únicas que podem descrever corretamente a maioria das experiências da vida amorosa.

Mas voltemos à nossa discussão sobre a sedução, que desafia (e supera) esse tipo de "força de gravidade" que é o dado sexual. É uma verdadeira vingança da psique, uma vingança da alma no corpo, na aparência. Só um espírito superficial pode pensar que por "formas", por "contornos" se pode apoderar-se do outro, apoderar-se precisamente no sentido mais brutal e selvagem do termo; mas na realidade não há dimensão sexual que resista às impressões psíquicas evocadas pela presença do outro, que subjetivamente consegue criar *uma* verdade de atração e sentimento.

A sedução é a nossa arma preferida nos relacionamentos. Desde o momento do nascimento, o bebê que começa a sorrir, com seu rosto redondo e olhos enormes, ativa um processo sedutor que "obriga" a mãe à ternura. Esta impressão inicial da existência condiciona e configura todas as nossas relações e cada vez que nos encontramos com pessoas, por qualquer que seja o motivo que se justifique esse encontro, na realidade o rito da sedução realiza-se no mais absoluto silêncio. Ambos os indivíduos tentam conquistar um ao outro, através da possibilidade de despertar no outro uma dimensão psicológica que ele mesmo desconhecia; todos nós nos tornamos

ativadores de um novo conhecimento. A sedução vem perturbar a realidade porque não sabemos que somos seduzidos.

A vida também pode ser lida como uma contínua sublevação do conhecimento e do estado de equilíbrio, na tentativa de apreender o seu sentido: em certo sentido, a nossa identidade de homem, à medida que crescemos, deve em algum momento perder-se; a gente se perde na existência, a gente se perde na realidade que está diante de nós, mas tudo isso é construído. Natoli (1986, p. 242) diz: "A pessoa aceita o risco de sua autodestruição para poder desfrutar de sua liberdade. A liberdade de se perder existe". Quando me destruo atrás de uma pessoa e estou disposto a jogar toda a minha existência para possuí-la, até fazer as piores ações, estou perdido em um certo tipo de realidade, mas me baseio no conhecimento de mim mesmo. Os homens - e mulheres - que passam por essa experiência abolem a verdade do mundo e a substituem por uma imagem alucinatória, e não percebem, ao vivê-la, que aquelas formas estranhas, que parecem vir de fora, são exatamente própria realidade interior.

Todos somos levados a nos perguntar qual é o sentido da nossa vida e geralmente o procuramos fora de nós mesmos, mas só recebemos a única resposta real se, imersos na dimensão existencial da sedução, entendermos que o que nos seduz é a imagem que carregamos. Também por isso é insensato atacar e apontar o dedo a quem nos conquistou, porque a sedução brota - pelo menos para quem a fascina - da ausência de sinais claramente decifráveis de que a pessoa está desprovida dos significados que Eu atribuo a ele e me permitiu dar a essa realidade minhas imagens.

Aqueles que se orgulham de serem grandes sedutores, a quem todos chamam de portadores de imagens, são na verdade seres humanos que permitem que uma infinidade de projeções sejam feitas sobre eles. É justamente esse absurdo que me permite, como numa miragem, vislumbrar nele aquele detalhe, aquela imagem tão sedutora da qual não consigo escapar.

Na sedução parece que o espírito é capturado justamente pela ausência de sentido. Nesse estado psicológico o sujeito é inconscientemente o principal criador da própria experiência: a sedução não é obra do outro pelo qual se sente fascinado na realidade, mas sim uma ilusão criada pela própria imaginação; uma duplicata, um reflexo

que parece vir ao nosso encontro de fora, saindo do "vazio deixado pelo sentido". Como escreve Baudrillard (1979, p. 95): "De fato, se a vocação divina de todas as coisas é encontrar um sentido, uma estrutura sobre a qual fundar seu sentido, elas também são indubitavelmente perpassadas por uma nostalgia diabólica de se perder no aparências, na sedução da própria imagem, ou seja, de reunir o que deve ser separado em um único efeito de morte e sedução". A ausência de sentido nunca é absoluta, objetiva, mas sempre relativa e subjetiva: nenhuma criatura humana é uma casca vazia e o que pode não ter são os conteúdos e significados que somos levados a lhe atribuir.

Isso nos levaria a pensar que estamos condenados, ancorados a um determinado tipo de imagem, mas essa fixação também pode ser vista como a possibilidade de viver esse modelo de forma diferente ao longo da evolução de nossas vidas. Em outras palavras: como sou sempre eu quem preenche a experiência diante de mim, e como eu cresço, também este momento se enriquece de diversos significados, justamente em função das mudanças contínuas.

Quem sabe quantas pessoas, olhando para trás e tentando apreender um fio comum que liga todas as experiências de envolvimento emocional na área dos sentimentos amorosos, serão sempre capazes de reconhecer as mesmas imagens. E esta é a razão pela qual devemos concluir que a sedução é inescapável em si mesma. Ao longo da minha vida, não posso deixar de experimentar esse fenômeno. O que realmente tem o poder do fascínio e causa um interesse avassalador, insistente e devastador é uma questão que a presença perturbadora do outro coloca ao sujeito que carrega seu peso. Esta questão equivale àqueles grandes problemas insolúveis que, em outras esferas de nossa existência, nos confrontam; essas questões que se tornam um verme para nós, assim como um verme, mas não irritante, torna-se a dimensão não resolvida no contexto de um relacionamento onde o elemento sedutor desempenhou um papel de primeira importância. A sedução como uma pergunta: eu me faço perguntas incômodas porque o outro, por si só, não pode ser resolvido e totalmente compreendido.

O encanto em que nos encontramos e pelo qual somos obrigados a passar é dado justamente pelo oculto, pelo desconhecido, pelo mistério, pelo

sentir que a pessoa que estamos enfrentando é um mundo a descobrir, uma terra incógnita, uma aventura inesgotável.

Eu te reconheci, porque olhando para a
marca do seu pé no caminho, senti dor
no coração por você ter pisado.
Eu corri loucamente; Procurei o dia todo,
como um cachorro sem dono.
Você já se foi! E teu pé pisoteou meu coração,
numa fuga sem fim, como se aquele fosse o
caminho que te levaria para sempre...

(Jiménez, 1916, p. 47)

No fundo de toda sedução está a elusividade daquilo que seduz: somos sedutores quando somos elusivos. Isso coincide com o fato de nunca conseguirmos fechar contas com o problema que foi colocado, porque nossa presença só ativa perguntas e abre outras questões. E são dúvidas dilacerantes: tanto que se eu sumir, o outro cai no desespero; esse tipo de angústia, no momento em que consegui ativar muita inquietação e me coloquei a ele como uma pergunta, como um enigma a ser resolvido, é tal que pode até levar à morte. Quem não passou por esta experiência tem dificuldade em compreendê-la, mas na realidade o dilema colocado por quem nos seduz torna-se verdadeiramente a questão primeira da existência. Quando o trabalho clínico me põe em contacto com estas pessoas sofredoras que vivem uma fractura, vejo como o problema colocado se torna quase uma dimensão obsessiva, que não deixa espaço, tanto que tem consequências também a nível físico. Acontece então que não se consegue mais tapar a laceração aberta e o sofrimento físico que se sente só poderia ser eliminado com a presença da pessoa que desencadeou aquelas questões. Todo pedido, que também pode assumir tons altamente regressivos, pede, em última análise, para aliviar a dor provocada pela violência da pergunta feita. O "sedutor" pressiona uma tecla nunca tocada antes e naquele momento não há respostas, mas a pessoa se ilude que elas podem vir dele. Na sedução há um aspecto evidente, que permite explicar em parte o encanto de quem seduz; mas também há sempre um aspecto oculto, como uma corrente oculta.

É uma experiência sombria, capaz de lançar uma espécie de feitiço onde não consigo explicar a uma pessoa porque é tão importante para mim. E quando às vezes somos ingênuos o suficiente para tentar, percebemos como nossas palavras são pobres, porque estamos verdadeiramente diante do 'inefável'. Você pode tentar descrever a beleza ou muitos outros aspectos, mas esse "discurso invisível" é inútil porque a sedução não pode ser descrita, só pode ser experimentada. Poderíamos ver este estado como um desafio: devemos ser capazes de desfrutar e viver o que adivinhamos a partir da pergunta. Se duas pessoas nessa situação pudessem ser observadas à distância, notaria-se que o sedutor não fala, mas expressa sua presença por implicação; enquanto o outro o pressiona e tenta se satisfazer com o que às vezes pode intuir. O sedutor é aquele que se deixa adivinhar, não fala ou suas palavras são enigmáticas e precisam ser interpretadas. Em um belo e trágico conto de Dostoiévski, *O manso* (1873), é ilustrada a sutil arte de dominação do sedutor que dobra até a morte aquele a quem quer dominar. Mas na realidade o que conseguimos entender já nos pertence, porque estamos criando essa experiência. A sedução nos tranca no labirinto e nos obriga a enfrentar o Minotauro que nos atraiu para lá.

A experiência da sedução baseia-se na reativação de um fantasma pertencente ao nosso passado, que o aparecimento significativo de "alguém" desperta. Isso se introduz em nossa existência com a ameaça e a numinosidade de um 'cavalo de Tróia': ou seja, sabemos que seremos vencidos, que uma guerra está começando.

O desafio diz respeito à batalha de matar o Minotauro e em legítima defesa, já que a tentativa de sedução equivale ao desejo de constranger o outro para que ele não tenha chance de escapar. A sedução nos leva a um duelo invisível, um duelo que também acontece com os olhos. Estes exercem um grande fascínio porque através do olhar podemos amar e dialogar secretamente uns com os outros sem que ninguém saiba. Este jogo de olhares é um tipo de comunicação que permite muitas audácias e não deixa rastros: se 'verba volant', quanto mais os olhares! Os olhos são capazes de dizer com uma eloquência desconhecida das palavras, provavelmente porque a dos olhos foi a primeira

linguagem em que aprendemos a nos comunicar. Pode-se dizer que através do olhar podemos compreender melhor as palavras.

Até a voz exerce seu fascínio imediato. Provavelmente sua atração tem influência genética, pois a mãe fala com o filho mesmo quando ele não consegue entender. Abordamos o recém-nascido baseando-nos apenas na entonação, o que se torna um fato tranquilizador. Recordamos a voz e algumas das suas modalidades particulares, bem como o olhar daqueles que nos amam. Muitas vezes nos momentos de abandono é evocada a voz da pessoa amada:

Sua voz! Eu a senti antes, pura,
como aquela primavera ao
vento, no frescor da manhã.

Sua voz! Eu o sinto agora, no
pôr do sol dourado do meu
sonho vivo, estrela na última
luz do sol.

Sua voz! Paz do novo dia ao acordar;
suave azul noturno para descanso...

Sua voz!
(Jiménez, 1916, p. 49)

A voz, o diálogo secreto dos olhares, o perfume, um certo jeito de andar, ou aquele gesto tão sedutor: enfim, tudo o que diz respeito ao outro pode ser fonte de sedução quando colocado diante do sujeito como aparência alusiva remetendo com ocultos significados que desafiam a serem revelados. A sedução, como o amor, vive do segredo, da necessidade sempre renovada de descobrir o significado indescritível de algo que permanece oculto, entre a presença e a ausência.

Esse algo que buscamos no outro está no fundo do nosso ser e não há introspecção, não há experiência que nos coloque em relação com o inconsciente como o amor; só então podemos nos conhecer e aprender a enfrentar o lado negro da existência. É também um fato doloroso porque finalmente teremos que perceber que o segredo do outro é, na verdade, resultado de uma projeção psíquica. Apesar das ilusões e delírios, não se pode deixar de ficar fascinado e seduzido;

'o que' que nos seduz (ou 'quem' nos seduz) consegue, com a sua presença alusiva e perturbadora, colocar questões vitais, violando a nossa 'inocência'. Afinal, muitos sofrimentos psicológicos estão ligados a uma dificuldade, senão mesmo uma impossibilidade, de acessar a sedução. Ser seduzido significa perder as próprias certezas e, evidentemente, se não nos deixamos seduzir, ficamos num certo estado de inocência infantil, nunca tendo a oportunidade de nos conhecermos realmente. Gostaria de concluir dizendo que as páginas mais bonitas de Jung, ou mesmo as páginas mais bonitas de cada pessoa que consegue expressar sua criatividade, sempre decorrem de uma experiência de sedução, que coincide com a consciência do próprio mundo interior. Um caminho doloroso, um caminho que nos leva à loucura, mas ninguém duvidaria entre optar pela inocência ou pela possibilidade de se encantar por outro.

Mas, por outro lado, e sentimos a necessidade de reiterar novamente, não há conhecimento que não passe pela estranha experiência do amor. De qualquer forma, damos um significado muito amplo a esse conceito, mas é preciso entender que ele expressa a forma como investimos energia, damos valor, a algo que também está fora de nós, mas que é essencialmente o nosso mundo. Kierkegaard (1848 b, vol. 1, p. 767) reflete sobre o tema e nos diz: "Porque geralmente se acredita que aquele que recebe é inativo, e que o que é revelado é o que lhe é comunicado. Mas a realidade é que quem recebe é o amante; e assim a coisa amada é revelada a ele, porque ele é transformado pelo amor na semelhança da coisa amada; e tornar-se a coisa amada é precisamente a única maneira de compreender: só se compreende algo na medida em que se torna isso". Esse processo transformador tem analogias empolgantes com a cura analítica. Essa "dialética" da relação continua sendo a condição real que permite melhorias no tratamento, mas se um (o paciente) não é necessário para o outro (o analista) dificilmente podemos falar em análise e a consequente transformação psicológica.

5.

CORPO SACRALIDADE

Há um aspecto da dimensão amorosa que ainda não levamos em consideração, embora seja muito notório e "falado": *o uso* de outro ser humano.

Aquele que ama é sempre, por definição, um objeto, porque se experimenta como uma 'coisa' em relação à qual o outro mantém sua própria liberdade fundamental. No entanto, o amante não apenas experimenta a perda de sua própria subjetividade porque é objetificado, mas deseja ser um objeto e, desejando outra pessoa, ele por sua vez faz dela seu próprio objeto. Quem ama, portanto, vive constantemente essa contradição básica, esse conflito dinâmico desencadeado pelo desejo entre ser sujeito e ser objeto. O corpo se torna e é o símbolo desse conflito. Há um momento da vida em que nos damos conta de que somos feitos de carne e alguém diz que no fundo ela se faz sentir sobretudo através da dor, mas quero referir-me a uma experiência diferente, nomeadamente ao fenómeno de redescobrir o próprio corpo através do desejo e isso não se limita a nos objetivar, mas aciona, cada vez mais, a revelação de nossa corporeidade. Podemos então compreender também o que significa psicologicamente sentir que deixaram de nos amar: é como perceber que de repente nos tornamos invisíveis. Quando sentimos falta daqueles olhos que nos desejaram, daquelas mãos que nos acariciaram, daquela dimensão "diferente" que presenciou e sublimou nossa experiência corporal, quando tudo isso falta, nosso corpo escurece: ele é completamente reiniciado. O outro, que até então valorizou nossa presença, com a perda de interesse nos diz que não percebe mais nosso corpo.

Digamos então que nos tornamos conscientes da nossa carne, que nos tornamos visíveis, sobretudo quando amamos e somos amados, porque no amor e no ser querido voltamos a ser corpo por mãos diferentes. E então quem me quiser permite o milagre da minha encarnação. Obviamente, temos uma dimensão corporal desde a concepção, mas só nos apropriamos dela verdadeira e novamente quando encontramos aqueles que nos desejam. A descoberta de ser cobiçado acontece uma vez na vida, é uma experiência que temos em um momento preciso: nesse momento aprendemos algo, portanto é um momento cognitivo (Alberoni, 1986, pp. 233-239). É como se um mistério nos fosse revelado porque eu tomo posse de minha carne novamente a cada vez. Desde então, começamos a tomar consciência de uma nova forma extremamente importante que nos permite sentir a nossa própria consciência. Clinicamente, quando no contexto de uma experiência analítica encontramos um ser humano que se descuida fisicamente, as hipóteses que fazemos são sempre bastante pessimistas e negativas, porque descuido significa que ninguém anseia por essa pessoa. Uma pessoa cobiçada nunca é negligenciada. Não me refiro à beleza no sentido usual, mas àquela consciência que surge dentro de nós quando temos uma relação com o outro que nos faz experimentar a 'beleza'; quando não há relacionamento, a pessoa também é incapaz de ter tal consciência.

É por isso que se obtém uma impressão trágica quando no encontro com uma pessoa, por exemplo no espaço analítico, se percebe a falta de sentido do próprio corpo.

Se alguém nos quer, nossa existência subjetiva não coincide mais com nossa individualidade, mas com nosso ser carne e tal transformação se dá pelo desejo. Evidentemente, essa experiência também representa um grande perigo e explica por que, pelo menos em nossa cultura, existe tanto medo de se tornar objeto de cobiça: no momento em que somos objetificados pela concupiscência, abandonamos nossa subjetividade; nosso ser pessoa está em crise, tanto que cada um de nós pode reconhecer seu próprio desânimo nas palavras de Yourcenar (1957, p. 64) quando escreve: "Meu Deus, entrego meu corpo em tuas mãos!" O fato é que devo poder perder minha subjetividade, o que me permite ter uma nova experiência. E aqui nos deparamos com um processo quase ilusório que ocorre na relação

amoroso. Na verdade, o que queremos captar através do contato com o corpo, penetrando com as mãos nas dobras da carne alheia, cheirando seus cheiros, agarrando seus cabelos, desfrutando de suas sensações, é a peculiaridade, a subjetividade que inclui toda a sua vivência, que diferencia a pessoa amada de qualquer outra pessoa. Entrar neste mundo e torná-lo nosso é a conquista mais refinada que podemos realizar e a ilusão está em pensar que através da objetivação como carne, como corpo, posso realmente conquistar também a sua subjetividade. Isso é uma ilusão porque esse processo, por mais avassalador e emocionalmente carregado que seja, nunca poderá resolver o mistério para mim. É uma contradição da qual ninguém consegue sair, mas na qual é preciso entrar para poder enfrentar a possibilidade de experimentar o outro como objeto, desconsiderando toda a sua dimensão psíquica. A possibilidade de fazer isso tem uma razão psicológica profunda. Muitas vezes na experiência analítica, principalmente nos primeiros encontros, a pergunta que o analista se faz é: "Essa pessoa já foi abraçada alguma vez?". Há casos em que se duvida se alguém já foi acolhido e, além das experiências maternas, tem-se a impressão de que ninguém jamais teve a coragem de objetificá-lo: estamos diante de um tipo de distúrbio psicológico que nos impede de sendo transportado para uma condição de objetividade. Esta é uma situação de extremo sofrimento. A sensação de repulsa que se sente por um homem nos conta sua história, ou seja, que ele nunca esteve em posição de ser objetificado. Uma pergunta que é feita com bastante frequência pelos pacientes em análise, uma pergunta absolutamente sincera, é esta: "Se você conhecesse alguém como eu, teria vontade de compartilhar sua vida com essa pessoa?". É uma questão crucial, nada gratuita. O indivíduo sente, ao fazer esta pergunta, que na realidade se encontra numa condição em que ninguém poderia partilhar a vida com ele. Quando temos essa percepção de nós mesmos, esse sentimento de solidão em que ninguém mais estaria disposto a entrar, significa que ninguém poderia nos objetificar. Ser transformado em objeto mostra que um ser humano pode compartilhar sua vida conosco, significa que alguém pode nos fazer viver sua saudade. Afinal, mesmo nas condições mais evoluídas da existência psíquica existe um desejo não resolvido, que provavelmente tem suas raízes genéticas na infância, de sermos considerados objetos, assim como provavelmente já fomos consi-

pais no momento do nascimento. Carregamos este chamado antigo dentro de nós.

Ouvindo as frases, as palavras, essas pequenas nuances que geralmente pontuam qualquer relacionamento, descobre-se como todos dizem a mesma coisa: você e eu nos objetificamos.

A experiência de tocar corpos é ainda mais profunda e necessária do que a de se alimentar. Tocar e acariciar representam formas primárias e essenciais de conhecer e amar. Com a carícia 'moldo' o corpo, sigo e descubro os seus limites, devolvendo-o à sua carne; Regenero-o e deixo-me regenerar. Claro que existe a tentativa de descobrir o ente querido revelando seu segredo por meio do contato. O aspecto mais significativo de uma relação reside precisamente nesta inesgotável possibilidade de ser, que dificilmente revela a sua dimensão mais profunda.

Há casos de pessoas que se conhecem há muitos anos e conseguem vivenciar o encontro erótico como algo novo porque o elemento oculto que gostariam de descobrir nunca se revela. Esses também são os casos em que o amor não é realizado e o desejo mútuo sobrevive ao longo do tempo.

Quando esse lado sombrio falha, surge o desinteresse.

A vida de relacionamento é extremamente importante na existência de uma pessoa porque ela tem a sensação de sua própria segurança e de seu corpo também em relação a como ela nos amou e apreciou. A sensação de receber afeto é internalizada justamente a partir das primeiras experiências de contato e vai estruturar o sentimento de segurança pessoal. Para nossa sorte, se alguém sabe amar a nós e a nossa carne, porque sabe acolher nossa inclinação, a vida se torna intensa e significativa.

As mudanças mais evidentes que observamos em um ser humano geralmente não dependem de seu crescimento intelectual, mas de uma experiência amorosa que moldou sua vida de maneira diferente. A confiança na existência física e a confiança na psique não podem ser separadas e uma experiência é simplesmente o espelho da outra. É natural que um tipo muito profundo de comunicação seja experimentado através da carne.

A proximidade corporal representa a comunicação não verbal mais direta e intensa, que está ligada ao momento em que, no perigo, no medo, na ternura, a mãe aperta o bebê contra o seio. Essa circunstância é lembrada e revivida em nossa existência adulta e nos oferece a possibilidade de nos comunicarmos silenciosamente. O relatório e a descoberta do

próprio corpo pode, no entanto, ser uma fonte de medo. Porque temos uma dimensão física, estamos 'imersos' na nossa natureza humana, dependemos de experiências de prazer e dor, estamos mais ligados à vida mas também mais conscientes da morte. E, em particular, o corpo do amante está sempre "nu", mais simples e mais *exposto*, assim como toda criatura é frágil, voltando a ser mais intimamente ela mesma.

A situação ideal para realmente entender uma pessoa, para conhecer mais profundamente sua psicologia, não é tanto um estado de estresse ou entrega incondicional que permite que a "máscara caia", mas sim a vulnerabilidade à qual o estado de queda apaixonado o expõe.

Na situação amorosa, nossa existência é particularmente indefesa justamente porque, do ponto de vista psicológico, estamos completamente expostos à pessoa amada. O sentido da nudez reside no desvelar de um sentimento que é o mais ciosamente escondido da nossa vida. Quando amamos somos olhado para dentro e isso vem acompanhado de um sentimento de vergonha. Tornar o próprio eu interior manifesto induz à vergonha porque, em nossa cultura, isso equivale a uma admissão de fraqueza. Há alguns que, mesmo amando intensamente, têm dificuldade em expressar seus sentimentos porque temem correr um grande risco. Reiteramos também que nesta situação nos descobrimos realmente e quando o outro me goza profundamente, também posso ter a sensação de ter abdicado da minha liberdade. É como se o amante sentisse que perdeu algo. E esta é uma percepção ligada não só a uma experiência quotidiana, mas também a aspectos mais amplos e profundos da nossa existência: é como se tivéssemos tomado algo muito vital em nós e o tivéssemos sacrificado a quem amamos, tal como se faz oferendas a um deus. Nesse caso, o corpo que doamos é entendido como parte de nossa dimensão psicológica. Sentimos que fomos presos, que estamos presos a uma condição para a qual não vemos saída imediata. E, no entanto, apesar da fragilidade e do estado de necessidade a que o amor nos obriga, o poeta pode escrever:

Abençoado seja o dia, e o mês, e o ano e a
estação, o tempo e a hora, e o ponto, e o país,
e o lugar onde fui alcançado por dois lindos
olhos, que me prenderam 'eles têm'; e
abençoado é o primeiro doce suspiro

pois tive que me unir ao Amor, e ao arco, e às
flechas com que fui picado, e às feridas que vão
até o fundo do meu coração.
Benditas sejam as tantas vozes que
eu, chamando o nome de minha senhora, me separei,
e os suspiros, e as lágrimas, e o desejo; e abençoados
são todos os papéis em que celebro a aquisição, e
meu pensamento, que é somente dela, de modo que
não há outra parte.
(Petrarca, p. 117)

Petrarca agradece e abençoa tudo: o "primeiro suspiro", e "o arco e as flechas", e "feridas", "suspiros", "lágrimas" e "desio".

Usemos essas expressões para evocar a experiência contraditória do amante e representar a condição de vulnerabilidade que o caracteriza: ele, cheio de medo e coragem, ao se declarar, enfrenta uma prova. Isso explica por que em muitas situações temos tantas hesitações em ter esse tipo de experiência, pois para isso é necessário um passo fundamental: correr o risco da rejeição. E então é como se, ao revelar nosso amor, tivéssemos que imaginar o outro no ato de nos esperar de braços abertos. Essa alucinação é necessária para nosso impulso; em certos momentos de nossa existência devemos ser capazes de viver com ilusões, alucinações, desejos, fantasias, encontrar forças para nos expor diante da pessoa amada, ignorando o que poderia acontecer em comparação com a realidade. A coragem, o impulso são refreados se experimentamos o espectro do fracasso; e geralmente quando nos desnudamos, todas as nossas ansiedades são levantadas em torno do medo da rejeição. Revelar-se significa basicamente dar parte de sua liberdade e eu diria quase 'partes' de si mesmo. Devemos também imaginar esses elementos como dimensões físicas e não apenas psíquicas. Na verdade, o amor é uma experiência limítrofe, na qual a condição corporal e psíquica se misturam, se confundem. Que apaixonar-se envolve tamanha privação, com repercussões a nível físico, é provado pelo facto de o sofrimento causado pela falta de alguém que amamos nos fazer adoecer. Os poetas sabem disso e podemos restaurar o significado real das palavras comumente usadas se fizermos um esforço para entender a implicação corporal desses termos, junto com sua força metafórica. Como afirma Barthes, "ao ausente, falo continuamente de sua ausência, situação que é

um pouco estranho; o outro está ausente como referente e presente como alocutor. Dessa distorção singular nasce uma espécie de presente insustentável; Encontro-me preso entre dois tempos: [...] você se foi (do que sofro) você está aqui (já que me dirijo a você). Sei então o que é o presente, esse tempo difícil: um pedaço de pura angústia" (Barthes, 1977, p. 35).

Entregar-se a quem amamos significa abdicar da própria autonomia, e esta só pode ser devolvida pela pessoa a quem foi doada. Eis, pois, o jogo circular da dimensão amorosa, visto na perspectiva da autodeclaração: só posso me oferecer e me abrir ao outro se colocar em risco a minha independência, que só ele pode me devolver.

Revelar-se pode assumir diferentes significados, mas para quem vive esta experiência o valor mais profundo e fundamental está em compreender que dizer "sim" a alguém é dizer "sim" a si mesmo, pois é capaz de se desnudar e aceitar o seu fraqueza. Refiro-me a uma condição de fragilidade porque o espaço da declaração é habitado pelos sentimentos mais secretos e também pelos mais vergonhosos. O inferno e o céu se tocam como nunca nesta situação, porque é um momento de dilaceração e abalo, onde dizer sim significa aceitar e reconhecer a própria necessidade. A partir deste momento, nossa vida, por tempo indeterminado, parecerá ter consistência apenas se o que nos foi 'roubado' puder ser devolvido.

Revelar a própria dimensão interior é uma manifestação de maturidade sob o aspecto da coragem; significa arriscar sua posição, fazer seu movimento e revelar-se. É uma experiência comum nos descobirmos pelo menos uma vez de forma precipitada e entendermos que aqueles que amamos nunca poderão nos devolver o que nos tiraram. Podemos então perguntar-nos se ainda vale a pena, em certas situações, agir "com coragem". Eu diria que são sempre experiências importantes, pois mesmo quando não se é correspondido, aspectos da personalidade que desconhecíamos se desdobram diante de nós. Quando as coisas vão bem e dar corresponde a receber, cria-se uma espécie de harmonia que não nos permite perceber notas falsas dentro de nós. Em vez disso, quando nos deparamos com a rejeição, volta para nós uma dimensão psicológica nossa que, por mais dolorosa e irritante, por mais sinal de 'fraqueza', permanece dentro de nós como um sólido fulcro cognitivo: eu pude manifestar a minha vulnerabilidade, declarar minha reivindicação; Eu era

capaz de dar voz e vida àquelas necessidades psicológicas que a pessoa amada evocou e desafiou. Podemos dizer que fazer aparecer esse estado psíquico é uma situação crucial em nossa existência, pois nesse momento podemos dar vida e realidade às nossas fantasias. O objeto do amor é forjado e dado forma, no sentido de que construímos um mundo de possibilidades, de experiências, de relacionamentos, criamos uma condição que, desde que seja puramente imaginativa, não é perigosa; mas no momento em que me aproximo de alguém, aceito implicitamente que o meu universo fantástico se concretize nele. Isso é algo que me assusta, pois o que vejo representado é a minha própria imagem: mais uma vez temos que dizer que aquele que amo não é bem o que me parece, pois está cheio de minhas fantasias e construções. Como diz Lec (1977, p. 197): "Olhamos nos olhos um do outro: eu só via a mim, ela só

via a si mesma". É como se eu tivesse dado a ele minha existência interior e então, quando me revelo, vejo minha doação como um fantasma diante de mim. Quantas vezes fantasiemos sobre um relacionamento, quantas vezes criamos aparências maravilhosas em torno de uma situação e quantas vezes, finalmente para nós, elas finalmente adquiriram consistência! São momentos de absoluto êxtase porque nem sempre conseguimos tocar com nossas próprias mãos a profundidade de nossas figuras internas. E temos a certeza de que são precisamente as fantasias que criamos porque quando já não têm motivo para encarnar naquela pessoa, perde todo o sentido para nós; isso coincide com o fim do estado de enamoramento. Apaixonar-se permite que você experimente seu mundo interior no outro. Declarar-se é dizer sim não só para quem amamos, expondo-nos assim à rejeição, mas também ao próprio mundo interior e ao risco de nos encontrarmos consigo mesmo na relação. Naturalmente, ser amado também representa o grande perigo de que sua experiência seja frustrada.

Em certo sentido, devemos poder arriscar que nossa interioridade seja rejeitada. Poderíamos dizer que o encanto de um indivíduo reside em sua capacidade de criar uma forma fantástica na qual o amante possa mergulhar completamente.

Toda a nossa experiência testemunha como esses mesmos aspectos podem variar na proporção da capacidade de fazer descer sobre nós um "imaginário" que preenche a vida. Realidade ou não-realidade, não importa se meu parceiro realiza comigo uma interioridade diferente. Esse

moldar à mão um corpo implica construí-lo com a sua esfera íntima e por isso quanto mais ricos somos, mais somos capazes de ser criativos, mais somos capazes de dar profundidade aos que nos são próximos. A amargura que podemos sentir ao estar ao lado de alguém que já não nos dá nada também pode ser uma acusação contra nós mesmos, porque não somos mais capazes de recorrer à nossa imaginação para trazer para o outro um elemento psicológico que o ative, isto é, dizer para encarnar nossa interioridade e nossos desejos. Portanto, se partimos do ponto de vista de que manifestar o amor também significa aceitar as condições dos outros, declarar-se, dizer sim, significa basicamente dizer sim a tudo, no sentido de que diante de mim há alegria e sofrimento, plenitude e dilaceração. O equívoco em que infelizmente caímos é pensar que na relação amorosa devemos excluir com todas as nossas forças o conflito, o sofrimento, a dor e a laceração. Isso é utópico, porque se nós mesmos somos portadores de um desacordo estrutural, se nós mesmos somos portadores da vida e da morte, não há união onde não surja essa dicotomia, essa antítese. O enorme sofrimento que pode resultar de um vínculo é um fato intrínseco; não podemos rejeitar um relacionamento porque nos machuca. Manifestar os próprios sentimentos significa ter dito a si mesmo que está disposto a aceitar também este aspecto, mas nossa engenhosidade nos conduz ilusoriamente a caminhos que aparentemente excluem esta fratura; na verdade, quando dizemos sim a alguém, dizemos sim à vida e à morte.

Aceitar enfrentar a coexistência da vida e da morte obriga-me a lidar não tanto com o conflito geralmente entendido, mas sim com a minha própria dimensão conflituosa. Assim, a coragem ou o medo de se abrir expressa a coragem ou o medo de se conhecer intimamente. Revelar o amor que sente significa que o meu desejo se torna realidade e cada declaração - que depois se resume nas palavras "eu te amo" - torna-se uma afirmação repetida que diz respeito não apenas ao início do vínculo, mas à continuidade da relação. Cada momento de estar juntos é uma confirmação mútua. Estamos, portanto, diante de um contínuo ato e demanda de amor. Na circularidade da condição amorosa, minha fantasia toma forma naquele que amo e consegue despertar nele um mundo desconhecido para ele e para mim, que se torna o lugar de nossa contínua exposição. Mas não podemos esquecer que também há reconhecimento.

Quando o amante está prestes a se revelar, ele reconhece implicitamente que o

sua interioridade encarnada pelo outro, sua imaginação, suas fantasias e expectativas são precisamente 'suas' e que ele precisa de sua aceitação para dar-lhes vida. É por isso que ele se expõe tanto, porque revela seu delicado mundo de afetos no confronto com aqueles que podem lhe negar a realização. E ainda assim vale a pena. Como afirma Stendhal (1822, p. 100), “Aos quarenta anos eu teria me arrependido de ter passado a idade de amar sem uma paixão profunda. Eu teria sentido a amarga e humilhante tristeza de perceber tarde demais que havia deixado a vida passar sem viver.

6.

SOFRER O OUTRO

A investigação psicológica, bem como a nossa experiência pessoal (que no campo dos sentimentos é um facto generalizável porque a linguagem da dimensão amorosa pode sempre ascender ao discurso universal), diz-nos que quanto mais intensa a dor que um indivíduo sofre, e mais às vezes está disposto a aceitar, sempre se inscreve no mundo das paixões. Como escreve Yourcenar (1957, p. 81): “É preciso amar um ser para correr o risco de sofrer por ele. É preciso te amar muito para poder te sofrer”. Não há outra condição humana em que se aceite sofrer por alguém como quando se ama. Pode parecer estranho para aqueles que supõem que o amor deve invariavelmente dar felicidade; mas isso é uma ilusão que criamos para poder superar as intermináveis horas de sofrimento. Yourcenar tem razão: só as pessoas que amamos podem nos fazer sofrer com a mesma intensidade com que as amamos.

As dores de amor envolvem sempre profundamente a pessoa inteira, como uma ferida aberta na carne. A sensação psicológica de *união*, aliás, no início, de *confusão* com o outro, faz com que este se torne um centro fundamental da própria existência, quase uma parte de si mesmo. Com isso, o amante é exposto além das palavras a deficiências, distâncias, perdas.

Mesmo que a pessoa ao nosso lado fique conosco ao longo de nossa existência, ela continua presente e não, porque o vínculo sentimental é por definição flutuante e cheio de contradições. Esse é um aspecto que gera dor, pois a ausência pode ser vivenciada como a privação de uma parte vital do ser. Acho que é apropriado falar de 'perda' real. Na condição amorosa, de fato, pelo menos nas primeiras

fases, mudamos nossa constituição psíquica e em união com o ser amado nos tornamos diferentes, nos transformamos em um novo "metal", criamos uma nova 'liga': essa fusão, porém, é sempre questionada e pode ser perdida a qualquer momento . Daí a angústia que nos leva a tais situações, ligada a um risco: o perigo de saber que um fato que até então permanecia em meu psiquismo foi criado por minha imaginação. Pensemos nos primórdios da abordagem do relacionamento real: é tudo uma fantasia. Quando você pode dizer essas duas fatídicas palavras "eu te amo" para a pessoa que você está interessado, tudo o que você faz é lançar as bases para contar aos que estão ao seu redor aquela parte de sua imaginação que os preocupa. Essa fantasia de amor é mesmo uma invenção nossa, porque até então não conhecíamos a real realidade do outro. Esse é um aspecto importante para a compreensão da fenomenologia desse momento: o amante fantasiou o amado, sonhou acordado, criou toda uma história sobre ele, mas ao se declarar, decide afirmar sua própria existência *interior* . Chegou a um estado crucial e agora pede para dar vida às suas próprias fantasias, aos seus próprios desejos, para transpor a emoção ativada para a linguagem e profundidade da relação, pede para fazê-la existir sob o 'olhar do outro' . Ao fazer isso, ele se expõe a um confronto e corre o risco de ser frustrado, rejeitado.

Duas ou três vezes te amei e
não conhecia teu rosto, teu nome tão em voz,
em chama informe que os anjos se mostram
muitas vezes, e nós os adoramos.
Sempre, tendo vindo até você,
vi um nada esplêndido e adorável.
Mas se minha alma
coloca membros de carne
ou então não pode fazer nada, amar seu filho, não
deve mais ser etéreo, mas ele também deve tomar
um corpo, portanto, eu disse ao Amor para perguntar
quem você era e o que você era, e agora eu deixa-o
assumir o teu corpo e fixar-se no lábio, no olho, na
testa, acreditando assim lastrear o amor e proceder
com mais firmeza com os bens de modo a submergir
a admiração, vi que o bote salva-vidas estava agora
muito cheio.

Cada cabelo seu é demais, demais para o amor.

Tenho que encontrar uma forma mais
adequada porque o amor não se fixa em
nada nem em extremos que irradiam luz.

Assim, como um anjo assume um rosto e
asas de ar, seu amor também pode ser a esfera
do meu amor.

(Mulheres, 1977, p. 51)

Neste poema de John Donne, a relação com o elemento fantástico representa a concretização de uma ideia, mas com um grande "salto de qualidade": enquanto o projecto envolveu apenas a imaginação, ainda que activada pela presença do outro, na materialização o ente querido torna-se parte do futuro. Esse é um passo fundamental e, portanto, crítico: o embate com a realidade, chegando aos fatos. É um momento crítico porque meu plano realmente se torna uma possibilidade, em que uma nova dimensão com a qual tenho que lidar deve se aproximar de um estado meu. Deste ponto de vista, o encontro pode ser assimilado a uma iniciação. O romance *L'amante* de Marguerite Duras (1984, *passim*) é a história de uma menina que se inicia na arte do amor justamente por um processo gradual de sucessivas "concretizações" que a transformam. E não há dúvida de que a experiência do amor é a mais formativa, porque é nela que extraímos pela primeira vez na vida a sensação de completude. No caso do protagonista de *O Amante*, poder-se-ia objetar, com fácil malícia, que se trata também de plenitude física; mas, *calembours* à parte, é a totalidade psicológica que nos dá o sentimento do amor, porque a falta que criou em nós os pressupostos para isso era psicológica. Na realidade é uma iniciação que não tem fim, porque essa 'falta' nunca será preenchida por completo e de uma vez por todas. Mas quando tivermos experimentado aquela extraordinária sensação de satisfação que o estar com o outro dá, não estaremos mais vazios, justamente porque já saberemos o que é esse vazio. É por isso que as primeiras experiências são fundamentais: elas dão a impressão que nos permitirá reconhecer continuamente a causa de nosso sentimento de incompletude fora de nós. O aspecto dramático, mas também extremamente estimulante, desse processo iniciático é o que mencionei há pouco: uma vez iniciado, nunca termina. O 'risco' dessa sensação de totalidade reside em ser dinâmica e não

estáticos, porque crescemos psicologicamente, como homens ou como mulheres, transformamo-nos continuamente e então pode acontecer que o ente querido nos falte porque o nosso tamanho cresceu tanto que já não responde à nossa sensação de vazio. Este é o drama com o qual nos confrontamos continuamente durante nossa experiência amorosa.

E é também por isso que se pode pensar que declarar-se é um estender-se ao outro visto como uma conquista: se algo nos falta, temos que agarrá-lo, temos que roubá-lo do mundo, porque o que desejamos é não nos é dado espontaneamente, mas temos que arrebatá-lo com nossas forças. Ao mesmo tempo que conseguimos captar o que nos dá a sensação de plenitude experimentamos também, com muita dor, terror e angústia, a possibilidade da perda. Haverá também relacionamentos sem luzes e sombras, sem emoções e pressentimentos; mas são parcerias de um tipo diferente. A dimensão amorosa caracteriza-se precisamente pela alternância entre distância e encontro, pela necessidade incessante de reafirmar a posse, de dizer “tu és minha para toda a vida” e isto certamente responde a uma voz secreta que nos diz o contrário. Pertencer a alguém de forma duradoura não é algo dado, se é que é uma conquista contínua.

A falta lembra imediatamente a solidão e, além disso, não apenas uma. De fato, neste encontro, no qual finalmente descubro o sentimento de ser um com a pessoa amada, também experimento o ser solitário, porque o sentimento de falta é, na verdade, uma maneira de ver a solidão como uma abertura, uma abertura desesperada para o outro: isso nos permite fazer certos gestos, que são também atos de coragem.

A experiência de união junta-se à experiência de desapego; é como se houvesse essa condenação básica, uma condição existencial: encontrar também significa poder perder. Este é um componente fundamental do relacionamento amoroso e onde falta, onde há segurança aparente, provavelmente não há relacionamento. Quanto mais profundo o vínculo, mais somos necessários para aqueles que amamos e eles para nós, mais experimentamos o medo da perda: alguém se tornou indispensável para nós. Nesta união tão profunda, neste estar junto vital, nós que tendemos para a pessoa amada e dela sentimos necessidade, então reconhecemos a sua distância fundamental. Afinal, é uma ilusão acreditar que nosso sentimento de totalidade é garantido pela presença de alguém, mas é uma lisonja da qual não podemos nos desvencilhar. não há processo

psicologia digna desse nome que pode preencher esta ilusão necessária - que se queremos permanecer jovens ela deve nos acompanhar ao longo da vida - na qual também está implícito o reconhecimento da distância e da diversidade. Uma relação profundamente psicológica tem como fato essencial o reconhecimento da diferença. Por outro lado, é a distância psíquica que nos permite estar juntos, porque experimentamos a presença do outro, mas na sua dissimilaridade está também a sua ausência e por isso nos encontramos de certa forma reconduzidos à solidão inicial, mas com uma grande diferença: é um isolamento que lutou e em todo caso se abriu. Em suma, tivemos força para ir e ver como as coisas realmente são. E a coragem de ver a distância, de ver a realidade significa entender em profundidade, mas sem desfazer o vínculo, porque isso seria, no mínimo, parte dos aspectos infantis de nossa existência. A coragem de ver também significa conviver com a diferença, aceitando sua alteridade.

A metáfora de Keats – que agora passou a ser de uso comum – do coração de pedra em vez do coração de carne permite ao psicólogo uma “segunda leitura” que amplia seu significado. Na verdade, o coração de carne e osso que esperamos é construção nossa: existe um coração diferente do que penso, um “coração de pedra”, porque não corresponde à minha expectativa. A minha força está em aceitar que seja diferente, porque este é um momento necessário na minha vida. Não é coincidência, não é sorte ou azar: é a necessidade implícita daquele momento particular da minha existência que me põe perante a necessidade de alguém, que neste caso deve ser vivido até às últimas consequências.

Precisamente nestes momentos somos sustentados pela ideia de que o nosso encontro tem sempre um equilíbrio dinâmico no fundo: a sua história, a sua profundidade estão ligadas aos meus níveis de maturidade. O encontro é criado continuamente, portanto este “coração de pedra” pode se transformar em nossa experiência, pois nossas necessidades mudam. No entanto, deve-se acrescentar que em nosso plano – e voltemos à imaginação – em todo caso negamos o design diferente e, portanto, no encontro entre os dois projetos é como se houvesse uma luta. Não devemos esquecer que nunca há uma influência recíproca como na dimensão do amor. Nesse estado, em que as duas pessoas mudam uma em relação à outra, sentimos que somos permeados por algo “novo” e “antigo”: o “novo” é a transformação que está ocorrendo, e o “antigo” nada mais é do

que a redescoberta da subjetividade na relação, que construiu e deu
poesia ao amor.

7.

A REDENÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Sou de opinião que o encontro se caracteriza por um retorno a uma subjetividade mais plena. Inicialmente, na fase do enamoramento, a individualidade do amante foi confundida com a do amado, mas quando a união ganha vida, ou quando o relacionamento assume o controle, volto à minha própria singularidade transformada. Isso significa que algo antigo nos perpassa: é nos reconhecermos, nos encontrarmos no vínculo que conseguimos criar. E é aqui que podemos dizer que o encontro é como uma criação artística. O que pode ser fascinante, o que em última análise mantém as relações e lhes dá profundidade é o fato de que nada é dado, nada é escrito em outro lugar, mas tudo está diante dessas duas subjetividades que podem dar vida a algo completamente novo. Então, se dizemos que esse momento é um fato criativo, dizemos também que os dois protagonistas são os responsáveis pelo tamanho, forma e evolução que seu relacionamento vai levar. Mas aqui encontramos o tema do compromisso pessoal na relação a dois, onde na verdade, já que não há nada dado, é o nosso trabalho dentro dela que cria uma condição, talvez a ideal, para poder viver. Nesta situação, nós realmente criamos algo. Mas o que é que moldamos?

Somos portadores de um desejo; e assim, quando me encontro vivendo um encontro, a tentação – absolutamente saudável – é “formar” a relação à minha imagem e semelhança: como um arquiteto ou escultor, modelo uma forma diante de mim. Dentro dessa possibilidade de construir, entendemos que o outro deve ser considerado como uma descoberta progressiva porque, se nada já está dado, estamos em uma terra incógnita. Se você é corajoso, enfrenta terrenos e idiomas

desconhecido, a pessoa é forçada a lidar com algo que nunca teria imaginado. A princípio não se suspeita de nada porque, como eu, o ser amado tem uma essência própria e exclusiva, mas misteriosa; ele é, portanto, o portador de seu próprio projeto, tão "saudável" e legítimo quanto o meu, com o qual meu desejo deve se conformar.

As grandes vicissitudes situam-se precisamente nesta área: a dificuldade de considerar a presença do outro, de reconhecer a sua exclusividade, ou seja, uma dimensão completamente diferente da nossa, que atravessa as nossas vidas. Alguém fala em destino, mas nós acreditamos em algo diferente, acreditamos na nossa criação dessas etapas fatais que permitem o encontro com um indivíduo cuja particularidade pede justiça e espaço na relação direta conosco. É interessante verificar que é precisamente nesta relação de diferentes individualidades que emergem factores que sublinham de uma forma particular a nossa subjetividade. A nossa essência mais autêntica, a nossa dimensão interior emergem na sua totalidade, com todas as sombras e luzes, precisamente no contexto de uma relação. E é por isso que não há possibilidade de crescimento psicológico que não passe pelo encontro e choque entre dois mundos, de onde emergem a minha singularidade e a do outro: a relação torna-se instrumento de conhecimento profundo da própria condição subjetiva.

Não se pode abordar o lado obscuro da própria personalidade senão através do confronto com outra pessoa e se esta abordagem for caracterizada por sentimentos amorosos, torna-se o "recipiente hermético", o recipiente mais adequado para o surgimento da personalidade autêntica, que é conhecida apenas em o relacionamento. Então, quando na própria existência, por qualquer motivo, não se faz outra coisa senão passar de um vínculo a outro, escapando ao aprofundamento do encontro, devemos traduzir psicologicamente esse comportamento em termos de uma dificuldade de relacionamento consigo mesmo. E devemos sempre ter isso em mente: antes de experimentar nossa dificuldade de forma paranóica, atribuindo-a a problemas de casal, devemos entender que na realidade estamos nos acusando, porque nos privamos da única possibilidade de nos conhecermos, que é amor sem dúvida. . Por isso defendemos que só é possível visualizar e tocar a própria subjetividade, o próprio ser quem somos, se aceitarmos a dimensão do sentir. A indignidade, seus aspectos perversos, a possibilidade de se comportar da pior maneira possível

eles emergem apenas em união com outro. Não devemos confiar nas pessoas "corretas", que estão corretas apenas porque e até que se aventurem neste terreno. É muito fácil ser fiel à verdade, capaz de não querer o mal do outro e de ser generoso, quando se está fora da relação: a verdade é que a nossa indignidade como homens, o nosso lado obscuro só emerge nesta situação. Ao dizer "emerge" quero sublinhar que a nenhum de nós é dada a possibilidade de escapar a este tipo de prova que é estrutural na relação. Isso traz à tona nossos piores lados, que você precisa conhecer e passar para entrar em contato conosco.

Jung (1946, p. 191) afirma, em seus trabalhos sobre a transferência, que os aspectos mais elevados e mais baixos da espiritualidade humana emergem na relação analítica. Na simbologia alquímica que Jung usa para sua tese, o fundo e o topo são a mesma coisa. Neste tipo de relação onde a nossa maldade aflora e experimentamos até que ponto podemos ser violentos, descobrimos também qual pode ser a nossa força, a nossa luz, porque se somos capazes de fazer uma coisa também somos capazes de fazer o contrário. . Minha luz e força só posso ver através da minha escuridão.

No momento em que tal perspectiva de encontro entre duas subjetividades é aceita, é como se um certo tipo de essência pudesse ser criado, uma nova condição que só pode surgir da relação dessas duas individualidades particulares. Este é um dos aspectos mais significativos da dimensão do amor. Podemos dizer que é uma ilusão, podemos dizer que é uma farsa, mas o que importa é a nossa sensação de que essa síntese, esse fenômeno particular do encontro, essa "essência" só consigo obter com aquela pessoa específica. Há uma impossibilidade subjetiva, mas não menos concreta, de "substituir" o outro elemento dessa experiência, porque esse campo é criado apenas entre essas duas pessoas. Isso também diz respeito ao problema da transferência em análise. É um problema difícil, obscuro, do qual nem todos os dados são conhecidos ainda; de um fato, porém, temos certeza: mesmo na esfera da transferência, tudo o que acontece está intimamente ligado a esses dois indivíduos. E isso vale também para o analista que atende mais pacientes ao longo do dia; pode-se pensar em uma situação rotineira: na realidade cada união é completamente diferente porque os dois protagonistas criam um campo particular. É por isso que podemos dizer, nessas situações particulares, frases como "você nunca vai me esquecer". É verdade, porque se esta "essência" existe

sido, ainda que por muito pouco tempo, o encontro que o criou torna-se inesquecível porque tocou a própria estrutura da nossa existência. É compreensível que haja uma tendência por parte de todos nós de eternizar esta experiência e, a meu ver, assim deve ser; a sensação de eternidade que experimentamos naquele momento é uma sensação subjetiva, mas que tem sua própria verdade profunda. No entanto, os fatos nos dizem que às vezes o encontro tende a se transformar em não-encontro, quando a dimensão do poder acompanha a redescoberta da minha individualidade. Se não tivermos cuidado, aquela frase – “você nunca vai me esquecer” – traz a possibilidade de explorar a indispensabilidade do outro. Na situação ótima essa experiência é recíproca e igualmente intensa, mas basta um pequeno desequilíbrio para que a tentação seja fortíssima, para quem sente um mínimo de superioridade, de usar sua inescapabilidade como instrumento de poder. E então passamos lentamente do encontro de duas subjetividades ao embate com uma dimensão que se transforma em algo completamente diferente.

Na relação temos espaço e tempo: e o tempo é sempre o presente. Não é possível imaginar um vínculo entre dois indivíduos sem a criação dessa dimensão particular em que a singularidade de cada um é descoberta e concretizada na relação com aquele *Você* exclusivo. O encontro é a forma, a essência que só eu e você podemos alcançar juntos. Como em um poema de Jiménez (1916/1918, p. 45):

Não durma. Não. Eu não durmo.

Estamos conversando sob as estrelas.

Aqui estamos nós, duas rosas ninhadas na paz da terra.

Segundo a terminologia de Buber (1954, p. 31), o amor é o próprio espaço da relação. Quando você ama, sempre se relaciona com um *Você* compreendido e reconhecido como sujeito exclusivo da relação. Retiro o outro do mundo inanimado das coisas, ou da condição de objeto para mim – como se é 'objeto' em toda relação de poder – e devolvo a ele a dignidade, a integridade e a força de sua presença. Todas as organizações tendem a esmagar esse elemento individual: a construção global do mundo é vista como uma abdicação de nós mesmos em vista de um bem objetivo. Não se trata de negar a legitimidade desta estrutura organizativa, mas sim de defender simultaneamente o elemento sagrado da

nossa esfera interior. Então, se é possível ativar esse elemento, paralelamente existe o perigo de provocar o contrário, o perigo de objetivar o outro, e ele pode se tornar um instrumento do qual eu me utilizo. Vamos pensar em quantas vezes em nossa experiência de relacionamento nos sentimos usados. A exploração é uma verdadeira perversão e, no entanto, é preciso perceber que no encontro a possibilidade de ter um *Tu* com quem dialogar (Buber, *ibidem*) corre sempre o risco de se perder, de cair *no Isso*. A imagem que pode esclarecer melhor esse discurso nos vem novamente de Buber: é a conhecida da crisálida. A crisálida é uma 'forma' em estado nascente, uma criatura que terá que se desenvolver e atingir sua própria perfeição, tornando-se o que potencialmente já é. A "crisálida" é a vida em formação enquanto a "borboleta" é a subjetividade em desenvolvimento. Precisamente porque a relação põe em causa a especificidade de cada um dos dois parceiros, a dificuldade pode consistir - e geralmente consiste - em reconhecer e aceitar a própria individualidade que emerge da comparação com a do outro, sobretudo com a lógica construtiva que habitualmente se utiliza para justificar o comportamento de alguém.

No encontro vamos uns para os outros porque todos conseguem ativar uma nova dimensão psicológica que é vivida como externa a si, corporificada pelo outro, algo ao qual se torna indispensável reunir. Eros cria as conexões, os vínculos entre as diferentes dimensões psicológicas, dando vida a uma nova essência, dando sentido, interioridade e sacralidade à experiência erótica. Se um ser humano se torna algo importante porque conseguiu ativar o divino em mim, isso significa que, ao me deparar com minha subjetividade, devo levar em conta também o fato de que ela se liga e se conecta a uma nova dimensão, a sagrada. E aqui entram em jogo dois elementos importantes que Jung chamaria de luz e sombra. Para dar vida a essa essência particular que se liga à peculiaridade e singularidade de duas pessoas, tenho que passar pela leitura da minha parte perversa; no momento em que surge a Sombra, a capacidade de fazer mal, é justamente então que dou vida a uma dimensão completamente diferente no encontro. É como se houvesse uma catarse dentro de mim e eu tivesse feito nascer algo completamente novo, que tem a ver com o sagrado: é algo misterioso, difícil de falar. Afinal, justamente por ser tão sagrado e

por isso tem as características de 'mistério', temos a sensação de estarmos completamente sós nesta dimensão, a sensação de já não podermos comunicar a ninguém o que vivemos. Lembro-me de um filme antigo intitulado *Breve Encontro*: uma história que dura pouquíssimas horas, em que tudo se consome e da qual um dos protagonistas, quando solicitado a falar, só consegue explicar com um sorriso.

Na reunião criamos um espaço que consideramos sagrado. Nesse contexto, ganha vida uma das experiências mais intensas que um ser humano pode vivenciar: a sexualidade. É um momento violento e atraente porque o universo, qualquer que seja seu propósito, e mesmo que não o tivesse, 'usa' esse instrumento para seu crescimento; e é um fato do qual nenhum ser humano pode escapar razoavelmente.

Pode-se dizer que a experiência sexual é verdadeiramente a expressão mais forte que temos do nosso ser subjetivo, é a nossa especificidade que emerge de forma avassaladora. É também a forma mais dramática de abordar outra pessoa, porque o âmbito do sexo, ao contrário do animal, sempre foi limitado por proibições; nunca conheceu a liberdade da natureza, e todos nós somos portadores dessas proibições, talvez inconscientemente. Acreditamos ou nos iludimos que alcançamos uma certa liberdade, mas caímos lamentavelmente se nos deparamos com o que poderia ser seriamente uma livre expressão dos sentidos. Poderíamos então dizer que a arte de amar, o erotismo, coincide com a transgressão. O impulso da carne é então a forma mais dramática de abordar o outro porque a minha abordagem deve enfrentar a proibição que pesa sobre essa forma de se expressar. Ainda mais do que numa relação de nível psicológico, concedida a todos, há restrições à possibilidade de um saber que incluía a sexualidade, pois esse saber implica uma transgressão.

O erotismo é por excelência a modalidade que o ser humano desenvolveu para aprender a quebrar as proibições; é o triunfo do homem sobre a proibição. O erotismo, como sabemos, não deve ser confundido com a pornografia, é algo profundamente diferente. Assim como em muitas expressões de sua existência o homem caminha para situações ótimas, também na dimensão sexual, que é o ápice do encontro, pode-se caminhar para o desenvolvimento, o crescimento e a aquisição de um caráter plenamente humano através da dimensão do erotismo. Nesta nova modalidade de aproximação com o outro, deixamos de ser espectadores da natureza, passamos a ser sujeitos de

prazer que vivemos. Isso significa que nossa imaginação consegue bravamente quebrar proibições, que podem ser de vários tipos. Essa capacidade de transgressão é extraída diretamente do desenvolvimento do erotismo. Ao quebrar os tabus entendemos que a expressão dos sentidos só pode viver no banimento, que se alimenta do que é proibido.

A sexualidade humana nunca é completamente instintiva, inconsciente e natural como a sexualidade animal porque a imaginação sempre intervém nela. A consciência de ter uma experiência sexual faz parte do medo, da angústia e do sentimento de culpa, e poder viver o próprio instinto livre desses sentimentos requer um alto nível psicológico. Somos forçados durante o desenvolvimento, desde a infância até a adolescência, a vivenciar essa experiência de forma negativa. Isso tem um duplo aspecto: o desejo de viver com um sentimento de culpa porque no fundo tenho a sensação de estar fazendo algo que não deveria; e a sensação de transcendência, a possibilidade de sublimar, de ir além desse impulso. Os exemplos mais clássicos são os dos místicos. Nesse caso, o desejo é transcendido, transformado em experiência espiritual. No entanto, na produção literária mística, às vezes encontramos uma ambigüidade fascinante: "Santo Agostinho escreve [...] 'Eu estava procurando você fora de mim e não pude encontrá-lo, porque você estava em mim': fale com Deus, ao eterno Amor. Mas [...] o amante, acostumado às metáforas místicas que entende em seu sentido profano, será tentado a ver naquela mesma frase a expressão da paixão que ama" (De Rougemont, 1939, p. 201).

Desejo e experimento, portanto, o sentimento de transcendência para superar o desejo, porque nele descubro uma conotação perturbadora: quando quero outra pessoa, na verdade aspiro ao que representa a dimensão 'animal' do outro. Quando queremos alguém, sua carne se torna a guardiã indispensável e inseparável, a mais importante de nossa vida. Pode-se ser atraído por uma maneira vulgar de se mover, por um gesto que, ao deixar vazar o obscuro, de repente se torna revelador de sua sexualidade. E isso nos faz sentir culpados. Pode-se dizer que uma experiência desse tipo nos leva a situações extremas nas quais nossa forma habitual de nos relacionarmos com o mundo fica prejudicada.

Com os sentidos tocamos e ultrapassamos um limite, tomando consciência de que a ordem cultural em que a existência se inseriu e encontrou apoio pode ser momentaneamente abolida, posta em crise, pode dissolver-se. No outro

em parte sabemos que os limites existem apenas por uma razão: eles podem ser ultrapassados. Como escreve o poeta J. Donne: "Toda perplexidade dissolve o êxtase (dizíamos) e nos diz o que amamos [...] Mas como cada alma contém coisas misturadas e ignoradas, o amor ainda mistura essas almas misturadas e cada uma faz uma dois, este e aquele [...] Assim, quando o amor um pelo outro anima duas almas, aquela alma mais completa que dele brota vence as solidões perdidas [...]" (Mulheres, 1977, pp. 37- 38).

Gostaria de recordar que esta intensidade erótica é expressa por um pastor protestante, porque Donne o era, e sublinhar como a sensibilidade com que consegue nos conduzir pelo eros mais vibrante é também testemunho de uma profunda religiosidade.

Diria que assim como não se pode ser religioso estabelecendo um limite, pois a religiosidade sempre se aprofunda no curso da existência, igualmente a dimensão do erotismo e da sexualidade no encontro com o outro nos impulsiona a seguir sempre em frente, porque o próprio limite tende para se afastar. É por isso que uma emoção profunda e violenta do sexo só pode ser experimentada em um conhecimento prolongado, o único que nos permite mover os limites que a cultura nos impõe. O conhecimento prolongado permite, no afeto entre duas pessoas, criar novos horizontes que nenhuma relação fugaz pode oferecer. E é justamente esse afastamento do limite que dá origem às nossas angústias, que não se alimentam de proibições externas, mas também ou sobretudo daquelas proibições internas que chamamos de "inibições".

8.

A LUTA COM A BAN

Proibição e inibição externas colidem com coerção: por um lado esses elementos tenderiam a nos paralisar, por outro uma espécie de imperativo interno nos impele a viver essa experiência. É por isso que a dimensão sexual pode ser atemporal entre duas pessoas que se amam. Pode não haver limites cronológicos dentro de um relacionamento de casal, porque há uma força que por si só impulsiona a repetição. A inibição de um lado e a compulsão de outro formam então aquele espaço que definimos como "inexprimível", o lugar inexprimível da experiência, que é praticamente o segredo de todo amor. E então você entende o significado de certas expressões: "Não consigo pensar que você faz essas mesmas coisas ou diz essas mesmas palavras para outra pessoa". Frases desse tipo, que sempre encontraremos em nossas experiências amorosas, têm fundamento porque se referem à criação de um espaço sagrado entre duas pessoas e, portanto, os dois parceiros sentirão com razão a possibilidade de que esse tabernáculo possa ser retirado como sacrilégio e profanação do santuário. Infelizmente, essas coisas acontecem porque o ser humano também é, por vocação antiga, um profanador, mas na verdade a repulsa e a indignação que sentimos ao saber delas têm seu fundamento na sacralidade da relação.

Na área entre a inibição e a compulsão, portanto, celebra-se uma espécie de 'mistério', que é o próprio fundamento da criação em todos os seus aspectos do bem e do mal. A paixão, a veemência sexual intensificada pelo desejo testemunham um colapso progressivo. Nesses momentos em que o vínculo erótico se torna predominante e onde se tem a sensação de ter criado um espaço sagrado – e ao mesmo tempo a experiência subjetivamente real

da impossibilidade de poder recriar esse espaço em outro lugar – um lugar, ou seja, onde o ente querido em sua dimensão carnal é vital para nossa existência, é como se unindo nos apresentássemos uns aos outros para renascer de novo ao mundo, para propor a ele. Quando tal estado entra em crise, minha própria existência é quebrada. Acrescente-se, porém, que nas mesmas situações, tão perturbadoras e dramáticas que nos fazem temer que tudo já tenha acabado, sentimos também o acendimento, não um vislumbre de luz parada, por mais distante que seja: mais do que uma "esperança razoável", uma certeza irracional, a promessa de poder renascer. A coação realizará o milagre de ressuscitar a sacralidade destruída. Bataille (1957, p. 251) diz que nessas situações temos o desejo de viver sem deixar de viver, e o desejo de morrer sem deixar de viver. A meu ver, esta frase aparentemente enigmática exprime a necessidade de chegar a um estado extremo, que poderíamos qualificar como o desejo de incorporar e de ser incorporado. E aqui aparecem os fantasmas das "Grandes Mães". Alguns versos do *Fausto* (Goethe, 1832, p. 557) podem nos ajudar a entender melhor essa sensação: "Um tripé de fogo finalmente te dirá/ que você terá tocado o fundo do abismo mais profundo./ Em sua luz você verá o Mães./ Algumas sentam, outras ficam e se mexem/ conforme o caso.

Formando, transformando,/ jogo eterno de sentido eterno./ Envolto pelas imagens de todas as criaturas:/ elas não te veem. Eles veem apenas sombras./ Tenham coragem, pois o perigo é grande".

Gostaria de dizer que esse desejo de incorporar e ser incorporado se manifesta no ser humano com a expressão mais terna da experiência do amor, que é o beijo. Uma dimensão que a prática clínica nos leva a considerar fundamental nas relações humanas, porque revela a existência de um sentimento verdadeiro entre duas pessoas.

O beijo é um desejo de incorporar e de ser incorporado, ligado a experiências muito precoces. "Amamentar é um beijo, o mais puro que existe. A criança busca instintivamente a vida no ventre de sua mãe, a mulher continua a dar-lhe como lhe deu durante nove meses. É um pequeno milagre cujo objetivo é a defesa da espécie, não há dúvida; mas a 'armadilha' armada pela Natureza está no prazer que a criança sente no ato. Mesmo que não queiramos incomodar Freud, é claro que aqui entram em ação forças subterrâneas que mais tarde formarão o inconsciente do ser humano" (Giachetti, 1984, pp. 42-43). Quaisquer que sejam as origens do beijo,

quando não sentimos mais o desejo de unir nossos lábios aos da pessoa amada, significa que o vínculo foi rompido. Poderíamos dizer: posso fazer amor com alguém, mas não posso beijá-lo se não o amo. E isso mostra como, em última análise, a sexualidade não está ligada a órgãos específicos, mas é generalizada. A boca, que é para o homem a primeira forma de conhecer o mundo circundante, a primeira forma de receber e receber amor e vida, torna-se depois um aspecto revelador deste sentimento tão profundo.

Falamos da "vontade de viver sem deixar de viver" e da "vontade de morrer sem deixar de viver", então nos encontramos dentro de uma dicotomia básica que na verdade expressa toda a nossa brutalidade: a violência da morte e a própria dureza da vida, que estão no fundo da nossa capacidade de "sentir" o erotismo. Diante dessas experiências de morte e vida que podem surgir na dimensão amorosa, o que se rompe em primeiro lugar é a própria subjetividade, mas é justamente essa perda dela que permite sentir o sentido de uma união profunda. No entanto, é preciso acrescentar de imediato que isso está fadado ao desapontamento porque, por mais esforço que se faça, a subjetividade do outro nunca é totalmente possuída. E assim o destino da repetição paira sobre a sexualidade. Se não temos um certo nível psicológico, o instinto sexual torna-se hediondo em sua repetição, numa tentativa desesperada de apreender o outro. A sexualidade vivida como busca desesperada do outro, de seu corpo, longe de expressar um grande amor, é justamente fruto da impossibilidade de agarrar o ser amado. No entanto, essa repetição também é nosso destino e se torna um ritual. A possibilidade constante e ininterrupta de amar e desejar é característica do homem, não estando ligada a fases ou ciclos, provavelmente devido a eventos evolutivos.

Alguns antropólogos veem esse afastamento da periodicidade da atividade sexual característica de outros animais como o fundamento da civilização. A possibilidade de repetição contínua torna-se um rito fundador de nossa existência, que deve ser recitado, mas precisa de uma particularidade: em minha tentativa de superar minha subjetividade e capturar a do outro, encontro a violência, a morte, que posso no entanto adoçar com outro expressão da vida amorosa: ternura. Quantas vezes percebemos que em determinado momento não era o elemento sexual que importava, mas uma nova dimensão que acompanhava a veemência típica desse i

A ternura equivale a um momento que já vivemos, como já experimentamos a experiência cognitiva da boca: voltemos então a essas situações fundamentais da nossa existência, que ressurgem depois nos momentos mais importantes e perigosos. Neste campo existe uma diferença fundamental entre o masculino e o feminino: este último celebra a sua incrível profundidade de vida através da presença da ternura. Somente o "feminino" (nas mulheres como nos homens) pode fazer isso. A ternura opõe-se a uma grande ameaça: aquela que nos vem do sentido da morte de que falávamos há pouco, do sentido da perda.

Poderíamos dizer que experimentamos a sensação mais profunda através da violência e da ternura, que estão ligadas pelo medo constante de perder o outro. É por isso que nessas experiências precisamos nos confrontar por meio da verbalização e dos gestos, para de alguma forma confirmar nossa presença. Bataille (1957, pp. 94-95) argumenta que o erotismo se baseia no desejo de viver na incerteza. É como se a fonte mais profunda, aquela que nos impulsiona a continuar existindo através da procriação, não fosse a felicidade, mas a angústia. Então poderíamos dizer que a perda de um ente querido se torna o próprio simulacro de todo relacionamento: posso te perder a qualquer momento. Há quem aceite o desafio e há quem o rejeite.

O medo de perder o objeto de amor invade todo o psiquismo e, justamente por isso, falamos de angústia. É com base nisso que nasce e se enraíza um sentimento do qual se fala com relutância, que é terrivelmente difícil de confessar, mas do qual é ainda mais difícil permanecer imune: o ciúme. Está ligada à relação amorosa: quem ama não pode deixar de conhecê-la, porque os amantes criam um campo psicológico no qual se ativam fenômenos particulares que, ao mesmo tempo que se configuram na relação, têm suas raízes em um húmus mais antigo e profundo. Se é verdade que sentimos surgir suspeitas sobre aqueles que amamos, também é verdade que isso evidencia nossa dimensão psíquica que teria aflorado em outras situações de qualquer maneira, pois o campo psicológico não fez nada além de constelar um conflito pré-existente em nós.

Isso explica por que, no momento em que descobrimos que temos ciúmes, o sofrimento específico que experimentamos é a angústia. É mais do que provável que uma reação tão intensa e dramática revele concretamente nossa experiência de relacionamentos primários. Mas então podemos dizer que a partir disso

Do ponto de vista, a dúvida é funcional: um sentimento que notoriamente obscurece nossa visão da realidade externa, e "obscurece" nossa paisagem interior fazendo-a mergulhar na escuridão, é, ao contrário, iluminador em termos de autoconhecimento. Diz-nos quanto crédito temos pelo "amor exclusivo" e, portanto, diz-nos o que esperamos, aqui e agora, do outro: amor ilimitado. O ciúme recria e atualiza o que é uma necessidade vital da criança: um afeto ilimitado e exclusivo. Realmente não é preciso explicar por que a necessidade de ser amado é vital nas crianças: sabemos que nas fases mais primitivas da existência crescemos e nos desenvolvemos através do amor dos outros. E assim, se o nosso crescimento, principalmente psicológico, está ligado a esta perspectiva, o medo que sentimos quando estamos prestes a perder o objeto amado torna-se um sinal de perigo. O que pode nos consolar é o fato de que, mesmo quando adultos, quando saímos dessa situação primitiva, nós, até o último momento de nossa existência, por mais que tenhamos passado por muitas experiências, reagimos ao ciúme da mesma maneira, e o frase típica é: "Não posso desistir de você". Será o outro, ou o outro, quem cede, não eu, porque a minha vida só pode crescer segundo a dele. Em outras palavras, o fato de termos investido nossa própria dimensão psíquica, através da qual nossa própria existência é projetada para frente apenas porque a outra pessoa existe, contribui para a desconfiança e possessividade que temos em relação a alguém. Então você entende por que a dúvida é tão devastadora. Podemos dizer que é o medo de perder o apoio que nos chega daqueles que amamos. No entanto, quando passamos por essa condição particular e nos deparamos com essa possibilidade, a tentativa de evitá-la recorre a toda uma série de ferramentas psicológicas que têm a ver com a agressão. Um indivíduo ciumento e infeliz se transforma em um agressor. E aqui me vem à mente uma frase de Proust (1923, p. 88) em que diz que "o ciúme nada mais é do que uma necessidade inquieta de tirania aplicada às coisas do amor". Ao ter construído as coisas de tal maneira que devo ter ciúmes – na verdade, realizo meu destino no ciúme, porque a escolha de uma certa relação em que esse sentimento não pode deixar de surgir nunca é acidental – estabeleci as condições para dar vida a uma tirania inconsciente: de fato, a suspeita tudo justifica, não há ato que não possamos realizar sob seu impulso. É uma daquelas atitudes pelas quais nossa Sombra emerge com toda a sua violência e justifica qualquer coisa

Ação. Devemos também mencionar o fato de que o desejo inconsciente de possessividade em relação ao outro provavelmente leva o indivíduo a escolher situações de relacionamento em que seja possível para ele expressar seu ciúme e sentimento de tirania. Torna-se então a prova da nossa insegurança, e é o momento em que nos deparamos com uma cisão entre a forma habitual de ser e uma nova forma de existir. E esta é a circunstância mais difícil de nossas vidas, da qual nenhum de nós pode escapar: quando a perda do apoio pode parecer concreta e a possibilidade de viver uma vida diferente surge diante de nós.

Esta nova situação é inicialmente sentida como uma tragédia:

O velho tem a terra de dia, e de noite tem uma
mulher que é dele – que foi dele até ontem.

Gostava de descobri-la, como abrir a terra, e
olhá-la demoradamente, deitado nas
sombas, esperando. A mulher sorriu, olhos fechados.

Esta noite o velho está sentado à beira de seu
campo aberto, mas não examina o pedaço de sebe
distante, não estende a mão para arrancar um
pedaço de grama. Contemple um pensamento
ardente entre os sulcos. A terra revela se alguém a
tocou e quebrou: ela também a revela no escuro.
Mas não há mulher viva que retenha o traço do
aperto do homem.

O velho notou que a mulher sorri apenas com os
olhos fechados, esperando deitada, e de repente ele
entende que o aperto de outra memória passa sobre
o corpo jovem em um sonho.

O velho não vê mais o campo nas sombas.
Atirou-se de joelhos, agarrando-se à terra
como se fosse uma mulher e pudesse falar.
Mas a mulher deitada nas sombas não fala.

Onde está deitada de olhos fechados a mulher
não fala nem sorri esta noite, da boca dobrada
ao ombro lívido. Por fim, revela o aperto de
um homem no corpo: o único que poderia
marcá-la, e extinguiu seu sorriso.
(Pavese, 1950, p. 17)

São versos de Cesare Pavese. Só o sofrimento de um homem que tinha uma profunda dificuldade com a dimensão da sua alma poderia encontrar acentos tão verdadeiros para evocar uma situação de abandono. Podemos "ouvir" estas palavras sobretudo se compreendermos que num vínculo sentimental cada gesto pode adquirir um significado ampliado que o transcende: um beijo, uma carícia, uma palavra são enriquecidos pelo investimento psíquico de que cada um de nós é capaz. Então não é a infidelidade sexual em si que desperta a angústia do ciumento, mas sim o medo de perder o que o elemento erótico passou a representar na relação. Os dois amantes que dividiram esta dimensão de sua existência por dias, meses ou anos, quando há um "desvio" dentro do relacionamento, percebem a traição de tudo o que construíram através e em torno da sexualidade. E este é o momento em que emerge a parte infantil de alguém, o medo de que o amor e o apoio falhem, em última análise, o medo do abandono. Pessoalmente, não acredito que a maturidade coincida com a ausência de ciúmes, porque o crescimento nas relações amorosas não consiste em não sentir possessividade; este é um estereótipo cujas origens seria interessante conhecer. Mas com isso voltamos a um tema que me é particularmente caro: a observação de como certas dimensões infantis, como o ciúme, o sentimento de posse, etc., são na verdade a premissa de nosso desenvolvimento e de uma autenticidade conquistada.

Acredito que um indivíduo que não tem ciúmes de seu parceiro não é autêntico. De fato, se vemos nossa vida como uma série de camadas, devemos dizer que cada "camada" é importante. E, portanto, sou da opinião de que, paradoxalmente, devemos manter nossa capacidade de ser ciumento. É verdade que esse sentimento também pode expressar o desejo de ser simplesmente o centro das atenções e em geral suas expressões muito intensas e irrealistas revelam problemas psicológicos, mas também é verdade que percebemos a dimensão psicológica de uma condição amorosa somente quando essa experiência é atravessada pelo fenômeno dramático e irracional da possessão. Ou seja, tomamos consciência de nós mesmos, temos a oportunidade de nos conhecermos e de compreender mais profundamente que tipo de relação temos com a pessoa amada somente quando nos deparamos com sentimentos desse tipo. É como se tivéssemos que experimentar o amor como

angústia, amor como desejo de viver na angústia. Encontramos esse aspecto dramático da condição amorosa admiravelmente expresso na frase de M. Le de Lespinasse "Eu te amo como se deve amar, no desespero" (Barthes, 1977, p. 45). E só podemos viver no sofrimento se tivermos a percepção contínua da perda do outro. Diria então que estranhamente existem pessoas "destinadas" a escolher situações em que o ente querido tem sempre a possibilidade de escapar. Voltemos ao conceito de evasivo, mas neste caso do ponto de vista de quem vive constantemente com medo de perder a pessoa amada. É como se essas pessoas sentissem que só vivem se amarem assim. E aqui está outro tema que já mencionei: um ser humano que ama o poder não pode viver neste estado; é por isso que "poder" e "amor" nunca se dão bem. Um homem, cego e satisfeito pela vontade de poder, não pode amar de forma avassaladora porque isso implicaria em ser completamente absorvido pelo sentimento, visto que o outro pode se perder a qualquer momento.

O ciúme é a fonte de tanto sofrimento porque quem o experimenta chegou à conclusão de que a sua vida sem ser amado não tem sentido e que só vivendo com ele pode crescer; isso significa ter percebido a própria finitude como indivíduo. Esta consciência é tão angustiante que é precisamente o seu espectro que nos impede em certas situações de nos largarmos: temos medo de enfrentar o sentido do nosso próprio nada, da nossa própria pequenez, porque naquela situação é como se fôssemos um pólo de discurso que só existe na medida em que o outro polo também existe. Enfrentar essa experiência exige um pouco de coragem.

Quem, ao fazer o balanço da sua vida, pudesse dizer que nunca se deixou entregar inteiramente ao amor, com todos os seus riscos, incluindo a possessividade e as suas implicações esclarecedoras mas "diminutivas", também poderia dizer que viveu sem um pinga de coragem, de ter feito a grande recusa "por covardia": a renúncia a uma vida autêntica, mesmo que dolorosa. Invertendo o discurso habitual, diria que sinal de maturidade é justamente a possibilidade de aceitar a própria pequenez e o fato de se sentir dependente. Admitir que pode ter ciúmes significa correr o risco de que nossa existência evolua apenas com a condição de que a pessoa amada esteja perto de nós. É por isso que Barthes (1977, p. 98) escreve: "Como ciumento, sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me censuro por ser ciumento, porque

Temo que meu ciúme acabe machucando o outro, porque me deixo dominar por uma banalidade: sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser igual a todo mundo”.

Acredito que nossa posição em relação ao sentimento deve levar em conta a possibilidade de encontrar a experiência do ciúme e vivê-la plenamente. E isto significa tornar conscientes os seus lados obscuros, os seus aspectos "patológicos": devemos ser capazes de aceitar a nossa patologia porque só assim conhecemos a profundidade de nós próprios. Assim como é um erro quebrar nossas alucinações com intervenções farmacológicas, também é um erro pensar em vencer o "mal" do ciúme com força de vontade, porque esse afeto nos permite conhecer exatamente os aspectos mais ocultos de nosso envolvimento amoroso.

A ameaça, que percebemos ao nos entregarmos a uma situação em que nos sentimos nada sem a pessoa amada, vem de nós mesmos, porque somos nós que escolhemos nos relacionar com alguém que sempre pode nos escapar, mesmo que sabemos muito bem que não podemos suportar que ele viva sua experiência fora de nosso campo psicológico. O ciúme também é significativo na medida em que permite iniciar um confronto diferente: a verdadeira declaração de intenções entre dois amantes ocorre no campo desse sentimento; é aí que eles podem se olhar, porque o ciúme põe em crise o encontro. Antes de seu surgimento, vivíamos na ilusão da eternidade, ou seja, na crença de que aquele campo psicológico poderia abranger toda a nossa experiência. Ao sentir esse sentimento trágico, a pessoa é obrigada a refazer as contas dentro do relacionamento e assim começa outra fase em que os dois amantes se reencontram. A consciência de que o outro sempre pode ir embora pode questionar o encontro, que deve, portanto, ser encarado em termos continuamente diferentes. Numa relação amorosa somos levados a divinizar o outro e isso torna mais dramática a situação do amante. Então, a experiência da posse pode ser descrita como o colapso da 'fé' (da confiança 'primária') na pessoa em quem até então se acreditava cegamente. Mas nenhum ser humano pode suportar essa deificação, que é convenientemente desafiada pelo ciúme.

Afinal, o colapso de uma fé construída por nós mesmos nada mais é do que a queda de um véu: agora podemos ver claramente que a perda não foi um perigo remoto, mas uma realidade sempre presente e atual, um aspecto

dimensão ineliminável do amor. Como diz Barthes (1977, p. 27): “[...] é o medo de uma perda que já aconteceu, desde o início do amor, desde o momento em que fui enfeitiçado. Alguém deveria poder me dizer: Não se preocupe mais, você já perdeu”.

9.

TRAÍÇÃO E ABANDONO

Rios de tinta foram derramados sobre o ciúme, três quartos da história do teatro, da ficção e do cinema construíram acontecimentos dramáticos ou grotescos, trágicos ou cômicos sobre essa 'paixão'. Mas para aqueles envolvidos com a psicologia profunda, o que é interessante não é "onde o sentimento de posse pode levar", mas "de onde ele parte". Desse ponto de vista, não são as ações que nos interessam, mas as dinâmicas intrapsíquicas que as fundam. O discurso psicológico sempre nos traz de volta à nossa interioridade e, portanto, mesmo na esfera do amor, tende a trazer à tona e descrever a realidade endopsíquica que está por trás de uma determinada fenomenologia. No contexto do ciúme nos encontramos em uma situação extremamente conturbada, pois não é apenas um tormento que oprime e aplanha nossa existência, mas também tem um efeito dinâmico, propulsivo e cognitivo. O modelo do triângulo parece fundamental na experiência sentimental a tal ponto que, nos raros casos em que não existe esse terceiro elemento que se intromete na relação a dois, somos obrigados a imaginá-lo. O "terceiro" é tão necessário à nossa imaginação que, quando não existe na realidade, é inventado a um nível fantástico (Hillman, 1966, p. 108). Essa necessidade do terceiro tem suas raízes na grande triangulação que cada um de nós experimentou desde o nascimento: o pai e a mãe reaparecem em nossas vidas quando, como adultos, revivemos o que testemunhamos no passado.

Em certas circunstâncias também pode acontecer que esse trio não seja vivido apenas em segredo, o que é o mais comum; não apenas imaginado, o que é ainda mais comum, mas efetivamente vivenciado na realidade, onde a dinâmica inconsciente nos leva a reviver o chamado

dimensão edipiana, no sentido de que o amor é feito por três pessoas.

São coisas que podem acontecer e, portanto, não devem ser lidas em termos moralistas (não só podem acontecer como ocorrem com muito mais frequência do que se pensa). Esse tipo de experiência, geralmente apresentada ao psicólogo com grande angústia e que muitas vezes tive de enfrentar com meus pacientes, pode ser lida e compreendida à luz da necessidade de reviver a situação edípica.

A possessividade nos faz enfrentar nosso lado obscuro, e é por isso que vale a pena viver: nenhum homem pode ser definido como tal se não tiver enfrentado essa experiência, que mais do que as outras o coloca diante de sua mediocridade, de seu nada. Nesse momento são evocados os "demônios" da nossa incapacidade de suportar uma possível perda. O ciúme repropõe a falta do objeto primário, ou seja, o primeiro amor de nossa vida, no qual depositamos absoluta confiança. De facto, não podemos deixar de acreditar em quem nos deu a vida, e também somos criados nesta ilusão: no abandono cego às pessoas que nos puseram no mundo. Na verdade, o ciúme mais extremo é justamente enfrentar essa grande perda, que nunca resolvemos em nossa vida. Ninguém nunca aceitou realmente ser abandonado e nós, desesperadamente, em cada vínculo afetivo queremos recriar aquela confiança que um acontecimento da nossa infância nos ofereceu e nos tirou. Às vezes, ficamos tão angustiados com essa necessidade de confiança total que somos levados a fantasiar sobre sermos abandonados por aqueles que amamos.

Talvez todos sintamos um desejo obscuro de nos libertarmos desta fé que marcou a nossa existência; mas somos incapazes de dar forma ao desejo de nos libertarmos do vínculo original do qual, aliás, continuamos a sofrer a perda, revivendo-o incessantemente nas relações com os outros. Talvez, se pudéssemos nos concentrar nesse desejo obscuro, entenderíamos todas as vezes que estamos fazendo o interlocutor errado, porque não é ele que nos fará adultos; é no mais profundo de nós mesmos que podemos sentir a força para aceitar e viver plenamente o abandono absoluto, sobretudo pelo objeto primário de nosso

Amor.

No relacionamento, a perda já ocorreu e ocorreu no momento em que deveria acontecer: não tenho mais pai e mãe atrás de mim, e se cultivo tal esperança, isso não passa de uma ilusão alimentada por

tal fervor que cria fora de nós a imagem de um pai que prolonga e perpetua a do verdadeiro pai e mãe. Quando temos coragem de entender que já perdemos tudo isso, nos tornamos nosso próprio interlocutor. Mesmo na traição volta a possibilidade de entender que não é o ente querido que me trai, não é com ele que devo discutir, mas comigo mesmo, tanto como traído quanto como traidor.

Precisamente porque vivemos a experiência de um abandono original que guardamos dentro de nós, ao lado da possibilidade de sermos adultos, a de sermos filhos desejosos. E ainda somos porque, felizmente para nós, podemos reavivar a dimensão do desejo, podemos nos oferecer uma espécie de realização para viver o sonho de reencontrar aquele objeto antigo e aquela confiança precoce que perdemos. Na verdade, sempre que estabelecemos uma relação para reviver esse sentimento primário, lançamos as bases para uma situação em que a traição entra e se enraíza. A experiência da decepção – que inclui o traidor e o traído – significa a angústia da perda; isso se enraíza e cresce, tornando o outro importante e significativo para nós. Suas qualidades nada têm a ver com isso; se não entendemos isso ficamos a mercê de qualquer face.

No momento da traição, abre-se uma ferida na parte mais vulnerável: a minha 'primeira confiança', que é a de uma criança absolutamente indefesa que só se move no mundo nos braços de alguém, e só consegue sobreviver com base nessa total e confiável deixe ir. Mas como isso acontece nos níveis mais primitivos e originais de nossa existência, ele se incorpora em nossa psique de tal forma que nunca podemos dominá-la, por isso ressurgue incessantemente. Até o último momento de nossas vidas devemos ter a possibilidade de ressuscitar essa criança indefesa em qualquer relacionamento que vê em quem está ao seu redor a possibilidade de confiar em si mesma sem limites.

O poema toca e ilumina o tema da traição e do abandono, pintando a existência humana como uma paisagem devastadora porque, ao apreender a verdade da experiência para além das formas aparentes, põe-nos em contacto de forma dura e cruel com aquilo que cegamente nunca queremos reconhecer. Quem nos abandona ou nos engana obviamente não é uma pessoa má, má, que guardou em silêncio o propósito de seus atos. Ele é apenas um ser humano a quem os Deuses reservaram a

viver uma nova experiência de amor da qual não pode escapar porque naquele momento se torna indispensável como necessidade primeira. Mas o traído, claro, não conhece esta verdade e vê apenas o que sente, uma dureza extrema, uma dor para a qual as palavras realmente não fazem sentido e a devastação toma conta do seu espírito, que se desmorona e quer morrer.

Só podemos ser enganados quando confiamos; mas devemos acreditar: um homem que não confia, e que se recusa a amar por medo da traição, também estará isento dessas "desgraças", mas quem sabe de quantas outras coisas estará isento. No momento em que me abandono, estabeleço as bases para ser traído, porque toda confiança absoluta sempre leva ao engano.

Em geral, gostaríamos de ser protegidos de nossa própria tentação de quebrar nossos compromissos: não queremos trair nem ser traídos, porque a traição é uma daquelas dimensões humanas em que o indivíduo é forçado a lidar com os aspectos menos controlados de sua consciência: as áreas em "sombra", as partes irracionais, os elementos 'inferiores' da existência; e tentamos mantê-los afastados, mesmo tentando escapar dessa experiência. Isso porque a relação amorosa é inevitavelmente vivida até de forma infantil, com todo o ímpeto e também com toda a imaturidade e inadequações da infância; com a tendência de abandonar-se à ilusão de uma confiança primária recém-descoberta, que necessariamente colidirá com a dura realidade do engano.

A traição deve ser elaborada, diante dela não se deve colocar-se como juiz e queimar em uma única condenação todos os valores do outro, que assim cai, como Lúcifer, do papel de anjo ao de representante máximo do mal. . Desta forma, de fato, também poderíamos destruir os valores positivos do outro. Se você me perguntasse qual é o caminho para se tornar um adulto, eu responderia que é necessário passar por essa circunstância. Porque é só isso que nos faz enfrentar a experiência primária. É possível reconhecer uma pessoa que não viveu a situação de traição: algo nela nos diz que não cresceu. Amar apenas quando podemos confiar significa permanecer filhos. Sempre me lembrarei de uma carta de Jung a Sabina Spielrein (Carotenuto, 1980/1986, pp. 195-196): "[...] não me é dado amar sem outra finalidade que não seja o próprio amor, sem a necessidade para justificar meu comportamento, sem

precisa prometer nada". Estas são palavras para subscrever sem hesitação. Qual é o sentido de amar apenas quando você pode ter total confiança? São necessidades infantis, mas a criança que há em nós deve juntar-se à dimensão mais dramática da nossa maturidade.

A decepção só pode acontecer onde amamos: só podemos ser traídos por uma pessoa que amamos de verdade e que nos amou de verdade. Pensemos na trágica figura de Judas. Além da "letra" dos Evangelhos, todos os escritores que posteriormente trataram desse personagem nunca duvidaram de seu amor por Jesus. Embora seu nome logo se tornasse sinônimo de traidor, o 'beijo de Judas' não pode deixar de dar um significado ambivalente. E, por outro lado, se não tivesse sido cometido precisamente por alguém que amava a Cristo, sua culpa não teria parecido tão "inconcebível"; também porque a traição de Judas é objetivamente uma passagem obrigatória na história da redenção do homem experimentada pelo Salvador. Neste acontecimento que marcou a maior revolução da história, o apóstolo traidor é uma ferramenta indispensável, embora inconsciente, e é provavelmente precisamente esta falta de consciência que o leva ao suicídio. De fato, o traidor corre o risco de esmagar sua dimensão interna se não integrar a ambivalência. Quem trai é, de fato, o ambivalente por excelência, seu é o drama de quem não consegue viver uma única relação até o fim, provavelmente porque, naquele momento histórico ou psíquico, "não está à altura": viver duas relações significa então reduzir drasticamente, pela metade, o compromisso de uma reunião que, tomada em sua totalidade, não seria capaz de suportar. Somente a consciência dessas necessidades profundas ajuda a superar um sentimento de culpa que, de outra forma, seria avassalador. A necessidade de enganar a pessoa que você ama implica que você tenha que integrar certos aspectos de sua personalidade, e isso se torna um instrumento de conhecimento. Podemos dizer também que quem trai pode ser considerado fiel à vida, pois a traição visa, sem saber, transformar o vínculo inicial: Não tenho coragem nem força para transformar a relação existente e assim, com o violento impacto de um terceiro partido, posso revolucionar essa situação e depois ver o que vai acontecer. É como se através do engano eu quisesse quebrar limites. Deve-se dizer, no entanto, que na maioria dos casos isso ocorre em total desconhecimento.

Pode haver motivos externos, mas estes são sempre superficiais. EU

Pessoalmente, estou convencido de que no fenômeno da traição há sempre uma cumplicidade; o traído e o traidor, além de corresponsáveis, são também cúmplices do que acontece. Não há necessidade de investigar, descobrir pistas, em um casal todo mundo sabe o que o outro está fazendo, mas não falamos sobre isso. Pode-se até ver na traição um elemento funcional da própria existência do sindicato. Na realidade, quem trai é ele próprio vítima daquele que enganou, que por sua vez se torna traidor. Este, sendo também inconscientemente responsável e cúmplice, descarrega todo o mal, todos os aspectos negativos da relação, nos ombros de quem cometeu o engano. Assim, o traidor, obrigado a carregar sobre os ombros a parte mais pesada da carga, está sempre no banco dos réus. O traído torna-se o carrasco, sem perceber que foi ele mesmo quem armou as coisas para levar o outro à traição. No entanto, é claro que neste ponto a situação não pode mais se sustentar e a crise se instala. Isso pode evoluir em duas direções: um questionamento frutífero do relacionamento, ou muito mais frequentemente quando o traidor se sente esmagado e assume toda a responsabilidade pelo relacionamento, uma nova busca pela vida, ou seja, o afastamento, o abandono.

A experiência da 'traição', traduzida em termos psicológicos, remete-nos para um dos processos fundamentais da nossa vida psíquica, nomeadamente para o que chamamos de "integração da própria ambivalência". Gostaria de sublinhar o fato de que esta experiência particular não diz respeito apenas ao portador do pior aspecto, ou seja, aquele que engana, mas também ao traído, que inconscientemente acionou mecanismos para que o parceiro tenha levado todo o mal, toda a negatividade da situação. Através desta experiência tocamos em aspectos muito dolorosos de nossas vidas, que estão ligados à coexistência do amor e do ódio, presentes em todas as relações. Nossas possibilidades diante de tal eventualidade são muitas, e também penso em oportunidades propulsoras, de recuperar o relacionamento, para que ele acenda sob uma luz diferente. Mas há também outra eventualidade, a conclusão.

O que significa o fim de um relacionamento? Acima de tudo significa uma desconstrução, o colapso de uma estrutura psicológica que havíamos construído lentamente. No encontro com o outro, ou seja, na abordagem de uma dimensão psicológica diferente, nos estruturamos de uma maneira nova. A relação nos modifica, pois a necessidade de unir um ser humano e o

a necessidade de manter um relacionamento aciona os mecanismos transformadores que alteram nossa estrutura psicológica tornando-a, por assim dizer, mais adequada para entrar em sintonia com aqueles que amamos. No momento da ruptura e do abandono esse novo arranjo é rompido e questionamos os nós fundamentais de nossa existência, pois poder ter vínculo significa basear nossa existência não mais na própria individualidade, não mais em referência a nós mesmos, mas em referência a outra pessoa. A mão que o outro me dá me permite manter o equilíbrio, a mão que me tira no momento da quebra me leva a uma nova situação de equilíbrio, mas passando por uma queda. O que fazer nesses momentos, momentos desesperados, para os quais os adjetivos nunca chegam? O "o que fazer" nestes casos não pode ser baseado em paradigmas e dados constantes, pois qualquer experiência de abandono e término do vínculo nunca é comparável a casos semelhantes. Cada situação final tem sua própria identidade peculiar e nenhum ponto de referência externo. Neste ponto, estamos verdadeiramente sozinhos com nosso desespero. Não há palavras que nos toquem, não há experiência diferente que nos console, porque o desespero da perda nos faz fechar em nós mesmos e é difícil alguém nos ajudar. Qualquer discurso racional de conforto e de consolo é ineficaz porque, no momento em que somos abandonados, toda uma série de momentos se acumula em nossa memória, graças aos quais assumimos uma identidade que agora nos é arrancada: a identidade relacionada com aquele encontro particular .

É aqui que nos é exigida muita coragem, porque temos de processar experiências fundamentais como a perda, que é sempre nova cada vez que voltamos. De fato, no vínculo sentimental esperávamos recuperar a antiga dimensão primária. A perda e o abandono nos confinam à solidão. Nunca passamos por uma experiência tão trágica como quando somos deixados pela pessoa que amamos, porque não há possibilidade externa, mas eu diria nem mesmo interna, que possa nos oferecer uma mão. A única oportunidade que se oferece nesse momento é a de trabalhar o próprio isolamento.

Desde que te perdi, fiquei obcecado com o silêncio;
os sons suas asinhas balançam por um instante,
depois se abandonam à onda do cansaço, que
balança sem barulho.

Seja na rua as pessoas passeiam
com zumbido monótono ou suspiram
o teatro e suspiram com a respiração
profunda e rouca,

ou o vento agita um emaranhado de luz no
rio negro e profundo, ou os últimos ecos da
noite fazem estremecer a aurora,

Sinto o silêncio esperando poder beber
tudo de novo em sua extrema totalidade
esvaziando o barulho dos homens.

(DH Lawrence, 1928, p. 221)

Não é necessário conhecer o "fundo" deste poema de Lawrence, os seus dados biográficos, para compreender que não pode deixar de estar ligado a uma história de amor "de primeira", daquelas que deixam a sua marca, vital e mortal ao mesmo tempo. Na verdade, o epílogo de tal história não é exatamente a morte: sobrevive-se, justamente porque a perda deve ser vivida ao máximo.

Estávamos sozinhos na dimensão amorosa, estamos ainda mais sozinhos agora que o sentimento se perdeu e ao redor não há nada além de escombros e silêncio, dentro de nós uma dor que não pensávamos ser capazes de suportar. Conhecemos o verdadeiro sofrimento apenas nessas ocasiões, é uma descoberta, uma revelação: agora sabemos que é a única coisa certa, e pensamos que não pode ter fim, exatamente como até recentemente pensávamos que nunca poderia acabar. Amor. Barthes se pergunta (1977, p. 206): "Como termina um amor? Mas depois acaba! Ninguém, exceto os outros, sabe; uma espécie de inocência esconde o fim dessa coisa concebida, preconizada e vivida como eterna". Esta é uma das características fundamentais da experiência do amor: o sentido do eterno é repentinamente forçado a aceitar a transitoriedade.

As lembranças, essas sombras longas demais
de nosso corpo curto, essas sequelas da morte
que deixamos para trás quando vivemos, as
lembranças lúgubres e duradouras,

aqui já aparecem:
fantasmas melancólicos
e silenciosos agitados por um vento fúnebre.
E você não passa de uma lembrança.
Você passou para a minha memória.
Agora sim, posso dizer
que você me pertence
e algo aconteceu entre nós de forma irrevogável.

Acabou, muito rápido!
O tempo se apressou e
nos ultrapassou levemente.
De momentos fugazes ele inventou uma
história bem fechada e triste.
Deveríamos saber que o amor queima a
vida e faz o tempo voar.
(Cardarelli, 1980, p. 287)

“Tínhamos que saber”, diz Cardarelli; mas não podemos conhecê-lo, não poderíamos amar se o soubéssemos, e com todas as nossas forças devemos ter a coragem de nos iludir no momento em que passamos por esta experiência. Acho que não há idade que não nos deixe iludir, porque é a própria estrutura desse sentimento que sugere a sensação de eternidade. Cardarelli evoca as memórias "lúgubres e duradouras", mas precisamente as reminiscências, o próprio fato de que momentos felizes podem ser lembrados, que se pode reviver - ainda que abafado pela distância no tempo e no espaço - que a plenitude já é uma prova de que nenhum amor nunca foi inútil, se nos deixa esta pequena 'renda' sentimental. Mas, acima de tudo, por mais ressentimento que possamos sentir em relação à pessoa que nos causou tanto sofrimento, devemos reconhecer como essa relação finita ainda está presente em nós, no que ela fez de nós, em nosso ser crescido, amadurecido, transformado . É verdade que o fim desse relacionamento significava reconhecer nossa incompletude; e esta é uma experiência dolorosa, porque nos prega à inadequação, à impossibilidade de nos sentirmos plenos e de nos inserirmos na dimensão eterna sem uma pessoa ao nosso lado. Mas também é, absolutamente, uma conquista; e deve ser atribuído ao mérito do amor que nos faça experimentar de primeira mão o sentido da nossa imperfeição, que o mito platônico já nos havia proposto com suas imagens poéticas e filosóficas e que a ruptura da relação nos propõe novamente, com a salutar v

diferenciar a história da separação. Pode haver um final ativo – sou eu deixando a outra pessoa – em que tomo uma decisão sobre um relacionamento que sinto já esgotado e inútil para minha situação psicológica, e isso parece ter uma função dinâmica. Neste caso eu me projeto para fora, vejo o mundo como um campo de caça, no qual posso mergulhar para recuperar no menor tempo possível essa exaltação que entretanto experimentei no relacionamento anterior. Mas quando o fim é 'passivo'? A própria estrutura da nossa existência leva-nos a viver ora ora uma ora ora outra destas duas versões da ruptura. É na conclusão 'não ativa', em ser deixado, que tocamos o sentido do fracasso. Ser abandonado é ter a percepção de que não dei e não fui o que deveria ter sido. A pergunta que me faço é: o que fiz e o que deveria ter feito?

Por que não consegui lidar com essa situação? E é aqui que surge instantaneamente o pensamento da morte, quando sinto que falhei na minha dimensão de ser humano. Este é o momento em que você só quer morrer e deseja alguma doença ou acidente fatal, porque a ideia de que a separação é causada pela própria insuficiência é insuportável. Nenhum ser humano pode aceitar tudo isso. Nessa área localizam-se e registram-se atos trágicos, suicídios, ou seja, quando a relação é vivenciada como um fracasso e nela vemos nossa incapacidade de nos agarrarmos ao outro. Essas são as situações em que é difícil intervir trazendo algum alívio, pois não há argumentos capazes de atuar sobre o núcleo profundo que sofreu o golpe. O significado e o valor do ser, do ego, foram esmagados. Nenhuma outra 'perda' – perder o emprego, bens materiais ou um ente querido que não seja o seu parceiro – pode aniquilar um ser humano como o fim do amor, porque com ele você se sentiu vivo e autêntico, e sua ausência nos diz que somos não mais. Esse conceito foi expresso por Kierkegaard com grande acuidade psicológica: “Desesperar-se por alguma coisa, portanto, ainda não é o verdadeiro desespero. É o princípio; é como quando o médico diz que a doença ainda não se manifestou. O próximo estágio é a manifestação manifesta: desespero de si mesmo. Uma jovem se desespera de amor; ele, portanto, se desespera com a perda de sua amada, que morreu ou se tornou infiel a ele. Isso não é desespero manifesto; ela realmente se desespera de si mesma. Esse eu dela do qual, se ela se tornasse a amada 'de

ele' teria se libertado da maneira mais agradável ou que teria perdido, esse eu é um tormento para ela agora que deve ser um eu sem 'eu'" (Kierkegaard, 1849, p. 224).

Afinal, essa impressão de "ausência de vida" também é perceptível de fora, se observarmos, por exemplo, um casal em que essa fratura já amadureceu: mesmo que os dois estejam ali, ainda juntos (aparentemente), a ausência da vida revela-se sobretudo pela falta de diálogo. Rilke dizia que o silêncio pode ser o único testemunho verdadeiro do amor, mas este, que revela a destruição do sentimento, é o silêncio de uma cidade morta. Onde não há fratura ouvimos, mesmo que não haja palavras, o jogo das consonâncias de duas almas; um contraponto silencioso, mas eloquente; mas o silêncio que se segue ao abandono é opaco, vazio, sem ressonâncias. E aqui, mais uma vez, devemos ter a coragem de dizer que não há nada que possamos fazer a respeito; não é algo que possamos evitar. Não podemos escapar do abandono, como da morte. Podemos construir nossas histórias, mas apenas no começo, e nunca saberemos como elas terminarão. Colocamos a mão em algo que logo nos escapará e irá para onde quiser. Na dimensão amorosa estão as premissas e promessas da eternidade; mas há também, como uma vocação perversa ou como o instinto de morte freudiano, a semente da transitoriedade. Pode até parecer uma tautologia, mas quem fica sozinho para enfrentar uma experiência tão dramática. Quero sublinhar que é a primeira vez que isto lhe acontece, numa história em que se vive a dois a duas situações, e este é o último toque num quadro já de si sombrio.

O abandonado é um verdadeiro sobrevivente, portanto testemunha das ruínas mas ao mesmo tempo também vítima de uma destruição que se operou dentro da sua alma, desejada até um momento antes pelo outro. Cesare Pavese, após o dramático rompimento com uma mulher profundamente e desesperadamente amada, escreveu em seu diário: "Você não se mata pelo amor de uma mulher. Matamo-nos porque um amor, qualquer amor, nos revela a nossa nudez, a nossa miséria, o nosso desamparo, o nosso nada" (Pavese, 1952, p. 400).

Pode-se falar em crueldade, mas a vida nunca é cruel. No momento em que somos testemunhas e vítimas de uma devastação psicológica, a vida nos oferece uma chance que não devemos deixar escapar: devemos ir ao fundo dessa experiência, porque é uma daquelas

momentos que nos fazem compreender, que nos fazem saber quem somos. É aqui que começa o nosso trabalho de reconstrução, que visa recriar as condições para o advento de uma nova presença. No mais profundo desespero, que também pode demorar muito, é-nos atribuída a tarefa de construir a presença do outro. As palavras de Yourcenar (1957, p.

63): "E você vai embora?... Você vai embora?... Não, você não vai embora: eu estou te segurando... Você deixa sua alma em minhas mãos como um

manto". É uma metáfora deslumbrante daquilo que no fundo todos podemos sentir: o outro, que partilhou connosco a nossa experiência e agora vai-se embora, não nos pode realmente deixar, porque o que construímos já faz parte das nossas almas, como dois líquidos que se uniram e depois se separaram devem necessariamente cada um carregar as moléculas do outro com eles. Isso não significa que a "lágrima" seja difícil de aceitar, porque não é fácil de entender; e então quem abandona é oprimido pela culpa e quem fica para trás é esmagado pela destruição.

No entanto, como já disse, esses eventos não são apenas "estruturais" em nossa existência, mas também "estruturantes". Eles são o sinal do limite. Quando fazemos um grande esforço físico e sentimos dor, o corpo nos diz que não podemos ir mais longe; assim, as fraturas nas relações sentimentais nos dizem qual é o limite de nossa vida psíquica, que é a necessidade de viver com alguém, apesar do risco de abandono. Mas é exatamente essa consciência, essa consciência dolorosa, que nos torna adultos, nos torna homens, mantendo intacta nossa capacidade de crianças de nos questionarmos continuamente.

A felicidade que vivemos ao lado daquela pessoa maravilhosa que agora nos abandona não nos foi dada: o preço que pagamos, a contrapartida, é o desespero que o fim dramático dessa relação nos inflige, mas este por sua vez não se limita a acertar a conta e fechar o jogo, mas também representa a premissa, o alicerce sobre o qual construiremos uma nova existência que carrega todo o nosso passado dentro de si.

Quando eu morrer quero as tuas mãos sobre os
meus olhos: quero que a luz e o trigo das tuas
mãos queridas, passem de novo sobre mim o seu
frescor; sentir a doçura que mudou meu destino.

Quero que vivas enquanto eu, adormecido, te espero,
quero que os teus ouvidos continuem a ouvir o vento,
a sentir o aroma do mar que juntos amámos

e que você continue pisando na arena que pisamos.
Quero que o que amo continue vivo e te ame
e cantei acima de todas as coisas, por isso
continue florescendo, florido, para que alcance
tudo que meu amor te ordenar, para que minha
sombra caminhe pelos teus cabelos, para que saibam
os motivos da minha música.
(Neruda, 1960, p. 203)

Esses versos de Neruda também podem ser a canção para um ente querido falecido, que é o limite máximo da separação. Mas não se pode deixar de ler o sonho e o desejo obstinado de uma recuperação que dê sentido ao passado e profundidade ao presente. Em todos os momentos da nossa vida somos o que somos graças ao que fomos. E fomos também essa felicidade, esse desespero e a nova alegria que construímos sobre essa dor. Vivemos cada condição de amor como se ela e só ela nos satisfizesse, e por isso os nossos olhos inquietos procuram incessantemente a confirmação, a resposta a esta esperança no olhar do outro. Ao contrário, a única forma possível de satisfação não está nesta ou naquela experiência, mas no fato de tê-las vivido e crescido com

eles.

Em cada união buscamos a dimensão do eterno, porque na verdade existe uma fatia de eternidade em cada relacionamento; como existe inexoravelmente a sombra e o destino da morte. Sabemos muito bem que as coisas acabam, mas as vivemos como se fossem durar para sempre; e não podemos prescindir dela, porque cada um de nós carrega dentro de si o desejo do infinito. E não só desejo, pois somos, também ou talvez, nossa imaginação, capaz de dilatar os estreitos confins de nossa experiência a ponto de adentrar todo o universo. É por isso que podemos dizer, com Neruda, que nem mesmo a morte é um limite intransponível para o nosso amor, mesmo que seja com ela que cada um de nós deva inevitavelmente se confrontar.

Mas nesta comparação perene entre o absoluto e o contingente, entre o céu e a terra, entre o eterno e o efêmero, reside o drama e a grandeza do destino do homem.

10. SOLIDÃO

Poder-se-ia dizer que a dor é "inerente" ao homem, ainda que provavelmente não seja da natureza que devemos atribuir esta conotação desanimadora, perigosamente contraditória ao instinto de autopreservação, mas milênios de "cultura" destinada a mortificar a vontade de viver. É um fato, porém, que desde o início dos tempos o sofrimento se tornou a cor dominante da vida humana; dir-se-ia que no tecido musical da nossa vida é um 'baixo ostinato', por vezes imperceptível como a arrebenção numa cidade litorânea, por vezes avassaladoramente em primeiro plano a dominar todas as outras notas. Gostaria de esclarecer que não sou um amante da dor, mas para onde quer que olhemos, vemos apenas dor. Falemos então do sofrimento da mesma forma que Kierkegaard (1843b, p. 117) também esclareceu seu pensamento: "Não sou o homem que pensa que nunca se deve sofrer; Eu desprezo essa sabedoria mesquinha e, se eu tiver escolha, prefiro suportar a dor. O sofrimento é belo e há vigor nas lágrimas; mas não se deve sofrer como um homem sem esperança".

Falando da dor humana, claro que não me refiro apenas aos seus aspectos marcantes, mas àquelas dimensões mais discretas, que também têm um impacto significativo em todo o percurso da vida individual.

A sensação de solidão, por exemplo. Sabemos bem o que é, mas só quando o experimentamos pessoalmente é que nos tocamos profundamente, adquirindo a consciência real. É neste caso, ou seja, quando não confiamos as nossas expressões ao raciocínio, que nos damos conta de que "não temos palavras" para comunicar aos outros as nossas experiências mais íntimas. O isolamento, como outras experiências que envolvem o nível de

sentimentos, atinge um limiar a partir do qual a palavra perde seu sentido de representação.

Esta experiência tem uma característica singular: não está ligada à falta concreta de pessoas à nossa volta, mas, paradoxalmente, à sua presença. Faz-se sentir de forma aguda precisamente quando se está em contacto com os outros, quando se encontra em situações em que se deve *sentir* a proximidade e a solidariedade dos outros; se não o percebemos, então se apodera de nós o sentimento de que estar só não é uma condição produzida por uma impossibilidade concreta de se relacionar, mas por uma situação de sofrimento interior que não pode ser curado ou aliviado por presenças externas. Nesse momento descobrimos que é ilusório acreditar na solidariedade entre os homens, na possibilidade de uma comunicação profunda: temos a trágica consciência do estado fundamental de solidão do ser humano (Fromm-Reichmann, 1959, *passim*).

O homem sempre tentou entender quais são as razões subjacentes à impossibilidade de sentir a presença dos outros. Do ponto de vista psicológico, podemos supor uma causa que remonta aos momentos mais decisivos da vida, aqueles que depois moldam nosso futuro como homens: algumas necessidades essenciais de nossa estrutura psicológica inicial, que deveriam ser alimentadas e fortalecidas, não foram encontradas a resposta certa no momento certo; essas necessidades provavelmente estão ligadas à solidariedade e, na experiência da infância, referem-se de modo particular à ternura. Quando não ocorre a realização de um desejo tão profundo, o indivíduo é obrigado a criar dentro de si aquela resposta que os outros não foram capazes de dar. É uma satisfação substituta no mundo da imaginação, que nos dá pela primeira vez a percepção da interioridade. Em outras palavras, tanto no nível ontogenético quanto no filogenético, as frustrações ativam o mundo da imaginação criativa e, com ele, a consciência da própria interioridade.

Adquirir esta consciência significa, em certo sentido, tornar-se capaz de compreender o que é a verdade pessoal. É sempre silencioso, nunca é "expresso"; na comunicação, de fato, ela não passa pelas palavras, mas pelo silêncio, porque só nesse estado nosso mundo interno é verdadeiramente expresso. E, de fato, se realmente precisamos falar, é uma *tradução do silêncio* como a obra do escritor Joë Bousquet - já mencionado acima - que, imobilizado em uma cama por trinta e dois anos,

construiu a sua escrita como *um silêncio em torno de uma voz*, dando vida a uma vasta produção literária, em parte ainda inédita, na dimensão da conversa interior. Seu percurso existencial pode ser resumido nesta frase: “Foi nessas condições que um homem inventou a poesia; ele assim encontrou a beleza indo com o coração para conquistar o silêncio” (Bousquet, 1941, p. 76).

E é nesses momentos cruciais da existência que podemos criar um modelo peculiar de compreensão do mundo: uma necessidade específica insatisfeita determina a necessidade de nos satisfazermos através do imaginário, isso envolve a descoberta de um universo interior, do qual surgem a sensação de verdade e a conseqüente organização de um ponto de referência que nos permite compreender a vida externa segundo a estrutura psíquica.

O contato com a solidão permite evitar qualquer forma de doutrinação; de fato, criar uma *Weltanschauung* nesta situação significa extrair o conhecimento da 'realidade' exclusivamente da própria interioridade. É por isso que, por exemplo, torna-se tão difícil para a criança ir à escola depois de ter feito essa experiência, porque o que lhe é proposto agora colide com algo mais vital e peculiar, ou seja, com aquela forma de ver a existência que é o fruto de sua criação.

Essa possibilidade de ler os fatos em sua verdade, e não apenas em sua aparência superficial, é a ponte com a qual tentamos superar o vazio em que nos encontramos.

A descoberta da vida interior e o nascimento de uma filosofia pessoal é o que nos permite abordar esta dimensão, mas neste ponto chegamos a outra consciência trágica: descobrimos que o mundo exterior 'não nos pertence'. Compreendemos que tudo o que podemos fazer é aceitar a nós mesmos e a única presença aparente dos outros: percebemos que nos momentos difíceis da vida sempre nos encontraremos sozinhos, porque, em última análise, o outro, por mais bem-disposto que seja, não tem o poder para nos ajudar, ele também é uma mônada solitária, incapaz de nos ajudar.

Em tais situações nem mesmo as solicitações que propõem a conquista do mundo exterior têm mais interesse, já não são importantes. Essas experiências parecem referir-se apenas à maturidade de uma pessoa, mas se originam em momentos semelhantes da primeira infância, e a experiência que se segue nos acompanha por toda a nossa existência. Às vezes, o compromisso de

a conquista dos chamados bens terrenos também pode ser uma defesa contra o medo profundo de estar só, mas se conseguirmos abrir mão dessa função protetora e reconfortante do exterior entramos numa perspectiva segundo a qual, como portadores de uma individualidade irreprimível, não podemos nos inserir mais profundamente no âmbito de um discurso coletivo, social, comum. Não podemos mais falar de nós mesmos, de como nos sentimos estranhos, porque o contexto em que cresce a experiência humana rejeita qualquer proposta individual e acho que não é difícil entender por que isso acontece: uma pessoa que vive intensa e conscientemente é sentida como "perigosa" pelo coletivo, pois é justamente nessa dimensão que as verdades são apreendidas. Com a nossa solidão, entendida não como distanciamento dos outros, mas como sentir-se só entre os seus, construímos um tipo de verdade capaz de desmascarar, colocar no pelourinho e denunciar a falsidade que circula no mundo exterior: uma verdade de massa que serve a todos, mas não para indivíduos.

Poder-se-ia afirmar e até demonstrar que os grandes personagens da história que mudaram a nossa visão do mundo são homens que tiraram da solidão a sua verdade. Naturalmente não devemos nos iludir que não devemos pagar algo por isso, aliás, deve-se dizer que é um preço muito alto: o sofrimento que se experimenta quando se tenta se comunicar e sente a separação entre si e os outros deve-se à compreensão de que sua condição é única e intransferível. "O caminho da dor permite ao homem constituir-se integralmente como indivíduo pela simples razão de que ninguém pode ser substituído em sua própria dor, assim como não o é em sua própria morte"

(Natoli, 1986, p. 15). Esta experiência absolutamente pessoal não pode ser traduzida em palavras, mas quase o prende a um segredo íntimo. Muitas tragédias existenciais estão justamente ligadas a essa opção de vida - mas na realidade somos nós que fomos escolhidos - que nos oferece a oportunidade de apreender o mais íntimo e profundo das coisas, mas ao mesmo tempo nos priva daquele calor humano, daquela dimensão de relacionamento que em todo caso é parte vital da existência.

Tal experiência tem um caráter tão doloroso porque, no momento em que a vivenciamos, sentimos intensamente nossa singularidade; é como se naquele momento percebêssemos não apenas o quanto tudo é impossível

relação, mas também da situação particular em que vivemos e esta, infelizmente, em vez de ser propulsiva pode tornar-se paralisante.

Gostaria de sublinhar mais uma vez que a verdadeira solidão se experimenta quando estamos com os outros, em comunidades, em situações sociais, e esta condição acarreta uma dor real sempre que tocamos na inconsistência das relações convencionais.

A "relação convencional" não é substituta, mas exatamente o oposto da autêntica; nela as palavras são praticamente vazias, não têm poder expressivo pois a verdadeira comunicação passa por um sentimento profundo, que jamais poderá existir de forma semelhante.

Essas relações são a regra na existência de todo homem, e é por isso que geralmente vivemos em situações de falsidade, em uma sucessão quase ininterrupta de trocas, que poderíamos definir como insignificantes se não fosse o esforço que elas nos forçam na tentativa desesperada de defender ainda um semblante, um fantasma de vínculo.

Mas o sofrimento está sempre à espreita: mesmo quando surge a oportunidade de viver um relacionamento autêntico, estamos tão desacostumados e despreparados para isso que o medo de não ser adequado nos leva a adotar comportamentos falsos.

Estamos, portanto, numa situação de "sem saída": por um lado vivemos relações convencionais, falsas e, portanto, portadoras apenas de sofrimento; por outro lado, vínculos autênticos, mas que no entanto nos fazem sofrer porque exigem uma atitude de verdade que não podemos sustentar. Nas "relações de verdade" o que tememos expressar nunca é um pensamento, porque este, como uma "palavra", não nos toca, não nos envolve na dimensão íntima do encontro; o medo refere-se a sentimentos que experimentamos em nossas vidas que geralmente são pisoteados.

Mas representam a expressão mais verdadeira do nosso ser: somos autênticos apenas nos movimentos da alma, que são sempre fruto e elaboração de uma experiência íntima. Somos, portanto, especialmente vulneráveis na área dos afetos e, por isso, somos particularmente ciumentos deles.

Quando nos encontramos envolvidos em uma relação real, na qual se deve dar espaço às experiências mais secretas, somos condicionados pelas experiências anteriores e, portanto, pelo medo de que nossa sensibilidade seja ridicularizada. Gostaríamos de comunicar a nossa verdade profunda, que é a

resultado da experiência pessoal, mas tememos expô-lo a um mundo diferente do nosso, que pode não entendê-lo. E na grande maioria dos casos vivemos a solidão justamente porque a expressão mais pessoal do nosso ser se torna incompreensível para o outro. Este estado representa, portanto, a percepção de uma impossibilidade de comunicação, não porque faltem palavras, mas porque cada um de nós estruturou uma dimensão psicológica na qual os valores são absolutamente individuais e não têm pontos de referência externos. O único referente é representado por nós mesmos, portanto toda mensagem encontra um muro de incompreensão. O sentimento expressa a verdade, mas nem sempre somos capazes de explicar o que realmente queremos dizer e, por isso, muitas vezes escolhemos o caminho da falsidade. É muito difícil, por exemplo, revelar ao nosso parceiro uma mudança em nossa situação amorosa, na verdade é tão doloroso que geralmente preferimos ficar sozinhos e em silêncio, e então toda a nossa vida contradiz essa verdade interior não dita.

A área dos afetos é a mais difícil de vivenciar e o problema que mais nos preocupa reside no envolvimento. Estar envolvido significa participar da vida interior de outra pessoa, mas uma experiência desse tipo, remota, talvez esquecida, mas que deixou sua marca, nos "vacinou", isto é, nos tornou de alguma forma refratários a estar disponível. Uma espécie de imprinting emocional nos impeliu a viver todas as experiências sentimentais subsequentes no signo do pânico e nos ensinou para sempre que a única possibilidade de salvação reside exatamente como da primeira vez na conquista da "autonomia psicológica". Quando vivemos a experiência de um relacionamento que nos envolve profundamente, invariavelmente experimentamos a solidão e vislumbramos a salvação apenas em um maior desenvolvimento psíquico, que conduz justamente à independência psicológica. Isso, embora desejável, exige um preço muito alto: aumenta nossa condição porque envolve a perda de qualquer ilusão sobre o próprio relacionamento.

Este tipo de amadurecimento implica, portanto, não mais esperar nada dos outros.

Mas nesta singular "independência" um gesto afectuoso é por vezes suficiente para nos fazer sentir repentinamente vitais, como se saber viver nos pensamentos e sentimentos do outro nos garantisse bem-estar, energia e confiança. Isso indica a presença de uma nostalgia, um profundo desejo de

relacionamento, que tem suas raízes em uma necessidade primária. De fato, a criança muito pequena consegue sobreviver, tanto física quanto psicologicamente, quando tem a percepção de ser "pensada", quando alguém realmente cuida dela.

Há momentos, mesmo na idade adulta, atribuíveis a situações de "cansaço" em que gostaríamos de ter uma pessoa que nos apoiasse. Essa necessidade particular é comunicada com muita frequência ao psicólogo: de diversas formas e modos é denunciada a necessidade de ser *pensado e cuidado* por outra pessoa. A necessidade de uma relação solidária, aquela que permite a sobrevivência na infância, é constantemente sentida ao longo do tempo, mas esbarra numa dura e implacável realidade que desilude e trai as nossas expectativas. Se queremos nos defender dessa decepção e dessa traição, só podemos fazê-lo alcançando a "autonomia psicológica".

Aqui a independência emocional promete ser o valor supremo. Pode ser descrito de várias maneiras, mas a essência é sempre a mesma: ser capaz de ser "indiferente" à atitude dos outros e, ao contrário, extremamente sensível aos próprios movimentos internos. A necessidade de aprovação e contribuição emocional de fora desaparece, assim, quando a capacidade de extrair "alimento" de si mesmo assume o controle. É

preciso esclarecer que aqui não estamos nos referindo à aridez e sim à perda da capacidade de entrar em contato com os sentimentos ou sofrimentos alheios ou com a existência humana em seu sentido mais amplo; ao contrário, trata-se de alcançar um tipo de liberdade que permita atrair para dentro de si a força necessária ao seu bem-estar psíquico e estar disponível para os seus semelhantes. Enquanto numa fase primitiva e elementar da existência é o sorriso do outro que nos deixa satisfeitos, numa fase mais madura esse sorriso também pode nos fazer felizes, mas o nosso estado de espírito e a nossa força não dependem disso.

As "escolas de sabedoria" divergem, mesmo profundamente, quanto aos itinerários a seguir, mas coincidem quanto ao fim a alcançar: se se chama Serenidade ou Indiferença perante os acontecimentos humanos, Imperturbabilidade ou Insensibilidade à dor, Ataraxia ou Nirvana, sempre ao o pico do processo de crescimento indica uma condição humana de emancipação de paixões, desejos e necessidades inautênticas. Mas gostaria de acrescentar que este objetivo não pode ser alcançado sem passar pela comp

doloroso que nossa dimensão mais profunda e individual, justamente por sua singularidade, seja incompreensível para nossos semelhantes.

Isso significa que em cada um de nós existem necessidades que conflitam com os modelos tradicionais, de modo que o que tem validade geral não necessariamente tem valor para o indivíduo individual. E então tudo o que temos a fazer é nos perguntar para obter respostas pessoais. E quando o fazemos, de repente percebemos que o que queremos, quem somos, é algo completamente diferente dos modelos externos. Por exemplo, no contexto de um relacionamento, podemos expressar uma necessidade que pode parecer "estranha" porque não tem correspondência na experiência dos outros, mas na realidade, como a nossa subjetividade é a própria fonte da experiência, isso deveria ser suficiente justificar nosso pedido; no entanto, perceberemos que nossas aspirações provavelmente não serão satisfeitas. Mesmo na relação analítica, que é uma espécie de microcosmo que reflete o que acontece na vida, pede-se um sorriso que tranquilize e proteja, experimenta-se o desejo de estar no pensamento do outro; mas se a análise for bem, o paciente ganha sua independência emocional. Um relatório analítico é válido se desde o início se trabalha para o desenvolvimento da autonomia. Não devemos esquecer, porém, que este tipo de experiência só tem sentido e é eficaz na medida em que se enquadra num profundo sentimento de solidão; se não passamos por tanto sofrimento, somos incapazes de estruturar um novo modo de vida. Tanto é verdade que as sociedades avançadas - que não têm interesse em estimular o perigoso "crescimento interior" dos indivíduos - fazem muito para levar as pessoas a "socializar", inventando todos os dias novas oportunidades e novas instituições que evitam que as pessoas fiquem sozinhas.

O aspecto mais perturbador desse estado é dado pela sensação de "não estar lá" que acompanha a experiência da solidão. Se estamos acostumados a considerar os outros como testemunhas de nossa existência, corremos o risco de, quando não pudermos mais contar com esse testemunho, nos vermos perdidos; tememos ter sido apagados do mundo. Não são apenas as canções de amor que revelam essa lógica perversa ("Se você não pensa em mim, eu não existo"), uma espécie de paranóia invertida, ou solipsismo reverso, em que só existe o outro e eu não que uma imagem ou projeção dele, mas pelo menos uma vez aconteceu a cada um de nós experimentar o desaparecimento de um ente querido como o fim: aquele olhar que me prendeu em

vida, agora sou eu quem se foi. Há quem defenda que nessas situações dramáticas só se pode comunicar com o corpo. Palavras não são necessárias, pois o sofrimento nesses casos é "pré-verbal", para retornar a uma sensação de "ser" é necessário um contato corporal. Essa condição de isolamento absoluto é representada por Bousquet (1941, p. 86) com algumas palavras sugestivas: "Estou só, não sou eu que constituo a solidão, é a solidão que me constitui".

Podemos então chegar a outra conclusão: nestes casos, o próprio sentimento de estar sozinho torna-se a comunicação de uma necessidade profunda, e viver esta experiência intensa e dramaticamente significa buscar algo que falta na vida. Portanto, no momento em que atravessamos essa dimensão e apreendemos seu significado, a solidão por sua vez se torna uma abertura para a conquista de novos horizontes, para alcançar aquela capacidade comunicativa que a situação anterior não nos oferecia. Pessoalmente, estou convencido de que esta nova modalidade, que pode ser alcançada em nossa interioridade, encontra uma síntese original na "expressão artística".

Não se pode compor um poema ou dar espaço à criatividade se estivermos muito "cheios de vida", se estivermos muito gratificados pela própria existência: nesta condição não precisamos fazer nem dizer nada. Certamente não estou indicando na privação, nas meras frustrações e, portanto, numa vida intolerável, a situação ideal para a criação artística; este estereótipo romântico, difícil de descartar mesmo em tempos de hedonismo rastejante, se adapta bem a alguns casos sensacionais (Leopardi, Van Gogh, Modigliani), mas é inutilizável em muitos outros (o Goethe da maturidade, o próprio Foscolo 'romântico' e todos os artistas acompanhado na vida pelo sucesso, mesmo mundano, de D'Annunzio a Picasso). É inegável que uma sensibilidade excepcional pode tornar um indivíduo mais vulnerável e, portanto, mais infeliz, e também pode torná-lo um artista; mas são dois efeitos separados, a operação incorreta é fazer do primeiro a causa do segundo. Isso não muda o fato de que a experiência da solidão representa uma condição vital - necessária, mas não suficiente - para "saltar a centelha" da expressão artística.

Já destacamos que o primeiro método adotado para comunicar a sensação de estranhamento do mundo é sempre não verbal; não há palavras para expressar esse sentimento, mas talvez haja outro

código com o qual se tem oportunidade de comunicar a própria experiência: é o amor. Se nos primeiros momentos da nossa existência, que são os fundamentais, tivemos a experiência de sermos amados, temos também a esperança de poder ligar a nossa solidão a uma experiência criativa.

"Criativo" não significa apenas "artístico", mas refere-se à capacidade de dar vida a algo que antes não existia, tirado de dentro de si, numa tentativa de se abrir ao mundo.

Na existência de cada indivíduo há um momento particular, de grande importância psicológica, em que se "descobre" a própria singularidade. É hora de acordar". E é precisamente aprofundando e ampliando esta descoberta que compreendemos o quanto preciosa é a existência do ser humano singular.

Devido a uma série de condições ambientais e hereditárias, surge em todas as criaturas uma dimensão absolutamente irrepetível, que não é intercambiável com nenhuma outra. É por isso que a vida individual deve ser absolutamente defendida: de fato, nesse ser temos uma singularidade que pode produzir frutos insuspeitados e insuspeitos. Uma autêntica 'educação' deve ter sempre presente este elemento. Infelizmente, porém, as necessidades coletivas levam a um nivelamento de relacionamentos e regras, que violam a singularidade pessoal.

Como já esclarecemos, é da percepção da própria individualidade que se origina o sentimento de solidão; com efeito, esta experiência é vivida precisamente no momento em que a comunicação, a troca de ideias, parece não ter um fundamento sobre o qual se basear; gostaríamos de "agarrar" o outro, mas ele se torna um fantasma para nós.

E então a nossa diferenciação se intensifica: ao mesmo tempo em que somos lançados em um mundo em que reina o nivelamento psicológico, buscamos uma particularidade, algo que nos torne as únicas testemunhas de nossa experiência, mas é justamente nesse momento que a dimensão artística geral pode emergir. , a criação do que flui de nossa individualidade mais profunda.

Mas a mesma reação criativa legitima aquela sensação de solidão que se anuncia nos primeiros momentos da existência: já no alvorecer de nossas vidas, de vez em quando, a sensação de estarmos sozinhos no mundo se insinua. E na infância tal experiência é muito mais dolorosa, pois a capacidade de perceber a solidão não vem acompanhada da posse de

ferramentas para se defender. Pessoalmente, nunca acreditei em quem fala em "infância de ouro": sempre pensei que o pior período da existência é a infância, em que se está sujeito às prevaricações dos outros no mais alto grau, sem possibilidade de resistindo. Falando em solidão infantil, pode-se lembrar que Van Gogh pintou filhos de operários, deixados sozinhos pelos pais que iam trabalhar e esses retratos mostram olhares de uma maturidade chocante. Em tempos mais próximos de nós, devemos considerar o destino de algumas crianças criadas e vendidas na América do Norte para doação forçada de órgãos para transplante.

Nesses primeiros momentos, no entanto, podemos entender algumas verdades importantes. Por exemplo, estar 'afastado' dos outros, não conseguir obter ajuda deles e viver na impossibilidade de se comunicar plenamente. É então que, como diria Jung, estruturamos um segredo em nossa existência. Em suas *Memórias, reflexões sobre sonhos*, Jung (1961, p. 379) fala da importância que a presença de um segredo tem para todo ser humano, o que torna o indivíduo mais rico e mais atento ao mundo dos sentimentos: de fato, enquanto a relação verbal está ligada ao *logos*, a dimensão do segredo - e, portanto, do silêncio - está ligada aos sentimentos.

Pessoalmente, acredito que é mais fácil para as mulheres do que para os homens carregarem dentro de si o "segredo" de sua infância. Isso depende de uma organização psíquica particular que torna a menina mais frágil e indefesa do que o menino diante da sedução e da violência sexual. Geralmente nunca se diz, mesmo que a experiência apenas o confirme continuamente, que as meninas, mais do que os meninos, são objeto de atenção sexual desde tenra idade. Esta é uma observação que Freud já havia destacado para explicar a etiologia das neuroses, mas que foi retomada com mais vigor por Ferenczi (1932, p. 415 e *passim*). Acrescente-se também, para entender melhor o que queremos dizer, que a maioria das meninas se calam sobre os abusos que sofrem e por isso "aprendem" a guardar algo intimamente. A menina que se desenvolve ao lado de um menino é obrigada a ser testemunha silenciosa de uma série de experiências dolorosas, que às vezes permanecem em sua interioridade por muito tempo sem nunca serem reveladas (Russell, 1986, *passim*) .

Esse hábito de guardar dentro de si a memória de certas experiências faz com que a mulher desenvolva uma maior capacidade de guardar o próprio segredo e de sentir profundamente a sensação de solidão. Entre outras coisas, isso explica por que na esfera das expressões criativas temos muitas escritoras e poetisas, enquanto é difícil para as mulheres encontrar outros canais artísticos adequados que se revelarão tão frutíferos com o tempo quanto os dos homens. Esse fenômeno de uma possibilidade intimista que se revela mais pela escrita está, a meu ver, ligado a um hábito precoce de guardar dentro de si verdades intransferíveis.

No entanto, gostaria de reiterar que o sentimento de solidão é uma das características essenciais da condição humana. E, a meu ver, tem função propulsora para a conquista de novas conquistas.

O facto artístico, ou mais genericamente criativo, consegue assim quebrar o círculo que nos encerra e o produto que decorre desta experiência torna-se assim uma arma que rompe os moldes da nossa existência.

A ação criativa é, portanto, concebível como um novo paradigma, o cujo nascimento é estimulado pelas próprias contradições da vida.

No processo de desenvolvimento, o indivíduo precisa de mensagens claras; antes de atingir a maturidade, de fato, não se tem categorias para entender o que teremos então de enfrentar e isto é, precisamente, as ambivalências da existência. A própria vida sempre se apresenta a nós dividida em oposições polares, mas como crianças somos incapazes de tolerar a ambiguidade. As teorias de Melanie Klein situam essa apercepção em idade precoce, justamente na fase da amamentação, em que a criança vivencia uma alternância de gratificação e frustração.

Desde o início, portanto, sofremos a aspereza de uma dimensão contraditória que se resume na cisão paradigmática entre o bem e o mal, que Jung definiria como um casal arquetípico e que encontra expressão nas imagens de Deus e do diabo.

A percepção dessa ambigüidade sempre tem um efeito desestabilizador: é como estar diante de uma placa de trânsito indicando o mesmo local à direita e à esquerda. Até a vida, quando conseguimos vivê-la de verdade, nos oferece indícios desse tipo ao longo do caminho que nos fazem viver momentos de turbulência e conflito. E aqui diferentes respostas e soluções individuais são possíveis.

A maioria das pessoas defende uma das duas alternativas, negando a outra e, assim, retirando-se do conflito, mas assim mutilando seu pensamento. Por exemplo, para permanecer no campo da psicologia, alguns nunca leram Jung porque acreditam na palavra de Freud (espero que aqueles que conhecem e apreciam o pensamento de Jung não tenham a mesma atitude em relação a Freud).

Essa unilateralidade se deve ao fato de que esses indivíduos têm medo de entrar em crise se forem assaltados pela menor suspeita de que possa haver uma solução alternativa para algum problema. Ou pensemos nas lutas da religião, que são verdadeiramente paradigmáticas: para que uma ideia religiosa se afirme, deve negar todas as outras. E deste ponto de vista, as confissões mais perigosas são as monoteístas, porque ali por definição "há lugar para um só Deus". Quanto mais inequívoca for a ideia que abraçamos, mais cresce a intolerância. Mas, por outro lado, os homens não gostam de incertezas. Quando Shakespeare (1623, p. 119) faz um plebeu exclamar a Brutus "Deixe-o ser César" nada faz senão reafirmar através da poesia a miserável condição do homem que tem sempre medo de perder a poderosa figura de seu pai.

A solução possível é aceitar a contradição, admitir a ideia de que o mesmo objetivo pode ser alcançado de duas direções completamente diferentes. A minha experiência terapêutica ensina-me que só se desenvolve de forma criativa quem é capaz de acolher alternadamente a existência de várias possibilidades, sem nunca se tornar campeão de uma ou de outra. E isso porque, sempre tendo que lidar com dimensões contraditórias, somos obrigados a estruturar uma condição de equilíbrio interior, para evitar ser dilacerado. Em outras palavras, fortalece-se internamente e ao contrário de quem confia sua sensação de segurança à singularidade de uma solução específica. Portanto, para poder levar em conta as várias alternativas possíveis, só podemos desenvolver nossa própria dimensão criativa.

Dissemos que 'estar só' significa sentir-se fechado na própria interioridade, e isso aumenta enormemente as diferenças individuais. Conrad (1906, p. 42) escreveu: "Não, é impossível, impossível comunicar aos outros a sensação viva de qualquer momento de nossa existência, o que constitui sua verdade, seu significado; dele

essência sutil e penetrante. É impossível. Você vive como sonha: perfeitamente sozinho".

Se analisarmos esta citação, ficará claro para nós como a pessoa solitária, que chegou ao fundo de certas realidades, infunde medo. De fato, o indivíduo torna-se o intérprete de uma dimensão muito profunda, que se opõe à superficialidade coletiva.

E a verdade profunda é sempre contraditória, assim como um grande amor é sempre cheio de ambivalências: *ódio e amor*. A paixão nos torna capazes de dar a vida pelo outro, mas também de extinguir sua vida, de matá-lo. Não existem meios termos: onde não há contraste não temos nem amor.

É justamente na experiência da solidão, portanto, que se enxerta o pensamento do artista, a própria dimensão criativa. E aqui gostaria de sugerir uma reflexão sobre as palavras de um poeta:

E se voltarmos a falar de solidão, fica cada vez mais claro que não é algo que se possa escolher ou abandonar, estamos *sozinhos*. Pode-se enganar a si mesmo sobre isso e agir como se não fosse assim. Isso é tudo. Mas quão melhor é entender que estamos sozinhos e, de fato, partir daí. E então acontecerá que seremos tomados de vertigem; que todos os pontos em que nossos olhos costumavam repousar são tirados de nós, não há mais nada próximo e tudo que está longe está infinitamente longe. Quem do seu quarto, quase sem preparação e passagem, fosse colocado no alto de uma grande montanha deveria experimentar sensação semelhante: uma incerteza incomparável, um abandono ao desconhecido quase o aniquilaria. Ele sonhava em cair ou acreditava ter sido lançado no espaço ou esmagado em mil fragmentos; que grande mentira seu cérebro teria que inventar para recuperar e esclarecer o estado de seus sentidos. Assim, todas as distâncias, todas as medidas mudam para aquele que se torna solitário; muitas dessas mutações surgem repentinamente e, como naquele homem no topo da montanha, nascem imaginações extraordinárias e sentidos estranhos, que parecem crescer além de qualquer medida suportável. (Rilke, 1929, p. 58)

O desespero interior, que coincide com a solidão vivida de forma mais intensa, torna-se um estímulo, uma mensagem, uma possibilidade de conhecer o sentido daquilo que se vive e das pessoas que nos rodeiam. A pessoa criativa compreendeu que não há absolutos, nada pode ser um ponto fixo a que se referir: tudo pode estar certo e errado ao mesmo tempo. E esse entendimento torna impossível a comunicação com pessoas para quem ainda existe uma diferenciação definida entre o certo e o errado, entre a verdade e o engano. Neste ponto, de fato, estamos em níveis completamente diferentes.

O que nos dizem os outros não corresponde à nossa percepção

interno e assim viver temos a única possibilidade de captar o alimento e o sustento de nossa própria interioridade.

Mas quando rejeitamos a solidão as diretrizes que o mundo exterior nos oferece, tornando-nos assim sujeitos que julgam, tomamos consciência, chocados e trêmulos, de nossa liberdade interior. Mas também é preciso adquirir uma força particular porque, como diz Blanchot (1955, p. 220): “O eu solitário se vê separado, mas não é mais capaz de reconhecer nessa separação a condição de seu poder, ele não é mais capaz de fazer dela o meio de atividade e trabalho, a expressão e a verdade que sustentam toda comunicação externa”.

11.

A DOR DO HOMEM

Se conseguirmos alcançar um nível de autonomia, o preço que pagamos é uma maior vulnerabilidade às armadilhas da vida. A liberdade e a autonomia, como dimensões individuais, opõem-se à falsa solidariedade que, por definição, tem sempre um carácter coletivo. Viver em liberdade significa, portanto, encontrar-se sozinho mesmo nas dificuldades.

Em minha experiência clínica, muitas vezes me fazem a mesma pergunta, que, entre outras coisas, não é fácil de responder; é uma pergunta que surge espontaneamente das pessoas que sofrem e que pode ser resumida em poucas palavras: por que os homens sempre fazem seus semelhantes sofrerem?

Dostoiévski afirmou que existem pessoas que nunca mataram, mas são mil vezes mais perversas do que aquelas que cometeram assassinato. É legítimo perguntar se a maldade existe e não devemos ter medo de afirmar que, no curso da vida, a maldade é frequentemente encontrada.

Os artistas entenderam bem que a dimensão do mal não está apenas presente no mundo, mas muitas vezes tem a vantagem. Assim, Shakespeare (1964, p. 1272) afirma no soneto 121: "Todos os homens são perversos, e neles maus / triunfantes".

A maldade manifesta-se porque a nível simbólico nos aparece a imagem do demónio em oposição à de Deus. Geralmente aceitamos com bastante facilidade os acontecimentos, mesmo negativos, que têm um carácter natural. O que realmente nos dói e amarga nossa existência sempre diz respeito ao relacionamento com nossos semelhantes. Pessoalmente, estou convencido de que sofreremos sobretudo quando somos mal compreendidos pelos outros e, portanto, nos sentimos rebaixados, maltratados, desvalorizados.

Geralmente somos vistos de uma forma que fragmenta, teimosamente escotomiza uma parte do nosso mundo psíquico, num singular eclipse parcial da nossa personalidade. Com uma metáfora, poderíamos dizer que o "mau" é cego para a "luz", mas, como um animal noturno, enxerga muito bem na "escuridão", naquela escuridão específica que para o outro parece esgotar nosso ser. Quando somos percebidos dessa forma parcial, corremos o risco de não nos sentirmos mais como um todo, porque nos tornamos um objeto parcial para nós mesmos.

A maldade, para lidar conosco, deve nos parcializar; para nos dominar, deve nos enfraquecer; nunca ataca - para usar o léxico dos boletins de guerra - todas as nossas "tropas", mas primeiro tenta dispersá-las, precisamente captando um único aspecto do ser individual. A defesa consiste em estarmos sempre atentos a nós mesmos para não sermos cúmplices dessa parcialização. Se formos atacados da maneira descrita e respondermos orientando nossas forças para um lado apenas, o grande risco é que nós mesmos nos percebamos de forma limitada e setorial.

Devemos admitir que o mundo exterior, o "coletivo", é muito habilidoso em reconhecer o ponto fraco da subjetividade, ou seja, aquela dimensão "Sombra" que é a mais questionável, mas também a mais interessante e a mais viva da personalidade. Em qualquer relação humana que envolva luta somos sempre atacados na Sombra, que é certamente o aspecto menos "defensável" da nossa forma de ser.

Como costuma acontecer entre as crianças que brincam, quem sofre de deficiência é sempre tocado em sua deficiência, de modo que, nos adultos, o alvo privilegiado dos ataques torna-se a dimensão da Sombra, os aspectos psicológicos mais ocultos e vergonhosos.

Quando somos atacados em nosso mundo mais secreto, podemos adotar essencialmente uma defesa em duas frentes. Em primeiro lugar, devemos pensar que o que é atingido existe verdadeiramente em nós e não é uma invenção do outro; em segundo lugar, é importante considerar que para nos protegermos devemos adotar uma atitude específica. De facto, é necessário não aceitar passivamente os ataques dos outros, mas assumir um modo de defesa ativo face ao mundo exterior. Diferente, porém, mas não menos importante do ponto de vista psicológico, é o discurso sobre a atitude em relação à interioridade. Sendo atacado do nosso lado

fraco, se requer um comportamento de luta e defesa em nível objetivo, ao contrário, exige internamente um confronto e uma reconciliação com aquela dimensão "negativa" que foi visada, porque é precisamente essa parte oculta que nos torna vitais. Sabemos que quanto maior é uma árvore, maiores são suas raízes, suas partes ocultas. Assim, nossa grandeza como homens é proporcional à profundidade de nossas raízes pessoais, a esse mundo que muitas vezes escondemos mais de nós mesmos do que dos outros; quanto mais clara, boa, "perfeita" uma pessoa é externamente, mais ela possui um fundo "diabólico" (Bernhard, 1969, p. 101).

Esta é uma lei psicológica que devemos ter sempre em mente: o santo é tal que continuamente se defronta com a possibilidade de ser um demônio. Se não procurarmos conhecer a dimensão profunda da nossa interioridade e compreender que a árvore é grande e alta precisamente porque tem raízes tão profundas, corremos o risco de nos identificarmos com aquilo que nos é atribuído. Os outros, porém, não mentem, porque, como demonstramos, de fora é fácil perceber o aspecto mais fraco e indefeso de uma pessoa. É falso acreditar que nosso ser se esgota nessa particularidade única e, portanto, nos identificarmos com uma imagem exclusivamente negativa. Em vez de nos sentirmos como uma árvore na totalidade dos elementos que a compõem, sentimos que somos apenas "raízes" fincadas na terra. O erro psicológico mais grave reside precisamente em considerar a parcialidade total, identificando-nos com a diversidade e a 'monstruosidade' que nos é atribuída.

Nessas situações, a sensação de não ser compreendido surge com intensidade, pois o outro focou os holofotes apenas em um detalhe, conseguindo nos fazer parecer "monstros". Devemos então viver isolados, pois não teríamos possibilidade de diálogo com o exterior e estaríamos nos empenhando exclusivamente no único aspecto que se tornou essencial: o reconhecimento de nós mesmos. Thoreau (1854, p. 178) disse: "Acho saudável ficar sozinho a maior parte do tempo. Estar na companhia, mesmo dos melhores, causa imediatamente problemas e dispersão. Eu amo ficar sozinho. Nunca encontrei um companheiro que fosse tão bom companheiro de solidão."

É claro que este é um processo muito longo, muitas vezes exigindo uma vida inteira; na verdade, os objetivos alcançados nunca são definitivos: uma vez conquistados, devem ser sempre defendidos.

Nesta experiência de solidão e incompreensão é importante redescobrir o sentido da própria totalidade, o que significa aceitar a presença de aspectos negativos dentro de si. É o momento que os mitos ou os contos de fadas representam com o motivo da viagem: é sempre o mais fraco quem sai da casa paterna e vai para a solidão, porque só assim pode ter a certeza da sua própria autenticidade. Somente na verdade do mundo interior podemos reconhecer aquela atitude que o outro aponta como nosso defeito é indispensável para a vida. Mas mesmo aqui corremos dois graves perigos. Como disse Bernhard, este é o momento em que alguém é crucificado ou considerado louco.

A imagem arquetípica da crucificação, característica da religião cristã, indica que aqueles que aceitam vivenciar o próprio mal como parte integrante do todo são incômodos para o coletivo, pois o aspecto sombrio sempre vai contra as chamadas 'leis morais' ' tempo.

Qualquer um que os quebre, por exemplo, dizendo "vocês são todos irmãos", só pode ser crucificado.

Portanto, infringir a lei significa defender a própria totalidade, na qual aquele aspecto negativo, que os outros usam para apontar nossa inferioridade, assume um caráter extremamente positivo e funciona para a própria vida. E é justamente neste ponto que corremos o risco de sermos crucificados ou considerados loucos. Toda a história do pensamento é pontilhada de existências que acabaram na fogueira ou pregadas na cruz ou no rótulo de loucos.

Mas enfrentar esse perigo é, na verdade, um reconhecimento da própria genialidade: ser "gênio" expressa a capacidade de ver as coisas de uma maneira completamente diferente das outras e até com bastante antecedência, vendo-as com os olhos do "espírito", ao contrário de todos os outros que percebem apenas através dos sentidos. Grandes experimentos são fruto do pensamento; a mente sempre tem superioridade sobre os fatos concretos, pois é ela que consegue antecipar possibilidades e modos de existência que não são visíveis na realidade cotidiana.

Recordemos o exemplo do sol que parece se mover diante de nossos olhos: é o gênio que consegue compreender que isso é apenas uma aparência e derrubá-la.

E afinal, Einstein (1949, p. 24) não pediu perdão a Newton justamente porque seus conceitos que ainda hoje norteiam o mundo "deveriam

ser substituído por outros muito mais distantes da esfera da experiência imediata”?

Neste ponto gostaria de sublinhar que a maldade sempre tem um caráter coletivo, assim como a visão do sol que se move é coletiva. Mas devemos ter a percepção de um único valor em relação aos outros e esse valor é a nossa *individualidade irrepetível*. Esta é a verdade mais importante que podemos entender: uma pessoa "como nós" nunca existiu e nunca existirá, então por que sufocar essa singularidade com critérios e avaliações gerais?

A tarefa é também entender as razões pelas quais somos atacados e, portanto, forçados a sofrer. Todos os homens que contam, e em nosso campo são aqueles que compreenderam profundamente as múltiplas realidades do ser, devem ter uma coragem particular: mostrar sua própria Sombra. Aqueles que desafiam as regras, expressando seus pensamentos, destacam não apenas sua luz, mas também sua sombra. E é aqui que precisamos ser corajosos: ter a coragem de viver de verdade e, portanto, de nos expor aos ataques, como acontece com um recém-nascido que é imediatamente atacado por patógenos.

É preciso ter a ousadia de viver conscientemente até a própria Sombra, sabendo que assim uma existência é mais completa e rica do que seria cumprindo as regras coletivas, estruturadas de forma a neutralizar a dimensão mais secreta, mais específico para um indivíduo.

Se você não aceita e percebe sua completude, você comete um pecado real contra si mesmo, um pecado que nunca pode ser perdoado. A pergunta fundamental que devemos fazer para fazer o balanço da nossa existência é esta: "Vivi como realmente fui?"! Se não posso responder "sim", na verdade não vivi, porque peguei emprestado dos outros um modo de existência que não era o meu. Nunca como neste caso “O facto de ter morrido não significa que tenha vivido” (Lec, 1977, p. 38).

Devemos estar cientes de que a Sombra, nossa dimensão mais oculta, gera perigos. Mas não sei até que ponto não temos que admitir que as coisas mais bonitas que podemos alcançar vêm daquilo que inicialmente nos assusta. Goethe (1832, p. 193) nos conta em *Fausto*. “Uma parte da força que sempre quer o mal e sempre faz o

Bem". É como se encontrássemos Mefistófeles em nosso caminho e fôssemos enfrentá-lo. Essa coragem é justamente o que gera uma série de "ataques de inveja" por parte dos outros.

Mostramos até agora que, ao nos opormos à visão parcial operada por outros, utilizamos uma modalidade que envolve um processo de integração das próprias faces da Sombra, e o perigo que surge nesta situação torna-se um ativador da consciência. No momento em que conseguimos solicitar uma dimensão individual e personalizada, somos tomados por uma perturbação que tem todas as conotações de um sentimento de culpa. É como se nos sentíssemos culpados por ter conseguido onde outros falharam: é aquele sentimento indefinido que nos acompanha na vida quando comparamos nossa capacidade de realização com a experiência de quem, ao contrário de nós, parou em seu caminho. Só a imagem do 'caminho' nos permite captar o sentido mais profundo e radical da nossa existência e dar sentido ao que fazemos. Isso implica acreditar que todo compromisso existencial tem um propósito de qualquer maneira. Essa forma de entender o esforço humano é evidentemente funcional à existência, ainda que só pudesse ser determinada pela ilusão; isto, porém, nesta perspectiva torna-se um motor porque nos permite "ir em frente". No entanto, ao longo deste caminho em que enfrentamos e superamos perigos e dificuldades e do qual saímos fortalecidos, somos sempre acompanhados por um sentimento de culpa.

O sentimento de culpa que surge em nós quando ganhamos autonomia - autonomia de ação ou pensamento - tem suas raízes na experiência infantil. Já na infância todos tentam emancipar-se de um vínculo absoluto e indiferenciado com as figuras parentais, tentando tornar-se, de satélite como era inicialmente, o centro de atração de uma nova constelação. Essa empreitada não é fácil, pois certamente não é fácil abrir mão da figura parental como referente protetor. De fato, pode acontecer que mesmo na idade adulta continuemos precisando da aprovação dos outros. As primeiras tentativas de autonomia são sempre vistas com desconfiança, suspeita que se justifica porque uma independência precoce, que no mundo da natureza pode até levar à morte, pode ser fonte de perplexidade e confusão no ser humano. É por isso que a autossuficiência das crianças é limitada e uma rede de regras é criada no nível social que controla, mas de certa forma também protege a existência dos indivíduos.

O sentimento de culpa que sentimos por ter feito algo que não deveríamos é geralmente desencadeado pelo que podemos definir como "falar" (Heidegger, 1927, p. 261). A fofoca é a forma comum de avaliar sem raciocinar, é como usar um julgamento pré-fabricado, para o qual não se considera a experiência real observada, não se verifica o que realmente aconteceu: elimina da existência a necessidade de compreender a realidade através da avaliação pessoal habilidades.

Na dimensão psicológica da "fala" o indivíduo como tal, isto é, como portador de uma experiência totalmente única e de um modo de compreensão diferente dos outros, não pode ser avaliado pelo que é; na verdade, com base na fofoca que o pré-julgou segundo o critério do que deveria ser, ele é considerado nada.

A organização que nos damos a nível social requer necessariamente um modo de pensar coletivo, do qual o indivíduo deve escapar. O desenvolvimento psicológico coincide justamente com o distanciamento dessas estereotipias que não têm relação com a realidade. De fato, um pensamento ou uma regra que esteja além de qualquer verificação individual possível não faz sentido, porque todo ser é portador de uma série de variáveis absolutamente peculiares, que se estruturam a partir das figuras dos pais e, sobretudo, do modo como que estes se propuseram contra ele. Portanto, ninguém pode se reconhecer naquilo que é genérico e comum que lhe é ensinado. É aqui que identificamos a real dificuldade de relacionamento com os outros, sempre pautada por aspectos coletivos e superficiais.

É preciso reiterar que a dimensão social exerce uma influência significativa sobre todos e por isso, no esforço de diferenciação, é preciso estar sempre atento ao perigo de cair na "areia movediça" constituída pela possibilidade de "conversar" em vez de pensar .

A "palavra" portanto não se baseia em uma avaliação pessoal, mas em algo externo e generalizado; portanto, compará-lo com "areia movediça" indica que situações desse tipo podem surgir repentinamente assim que tivermos um momento de desatenção. Se observarmos nossa vida de relacionamento ao longo do dia, podemos perceber quantas vezes nos encontramos, mesmo involuntariamente,

expressando julgamentos que realmente não nos pertencem, que não são o resultado de uma reflexão pessoal.

Se a tentação de "tagarelar" é tão forte em cada um de nós, a ponto de mesmo pessoas conscientes caírem continuamente nesse erro, isso significa que essa atitude é determinada por motivações muito profundas.

Devemos nos perguntar o que nos leva tão fortemente a julgar os outros não de acordo com sua especificidade, mas de acordo com pré-julgamentos coletivos. Não pode ser apenas uma espécie de distração, há uma necessidade mais profunda por trás disso: a de rotular o outro com uma avaliação negativa que não fomos capazes de aceitar para nós mesmos. Trata-se, portanto, da necessidade de projetar uma experiência com a qual é muito difícil lidar, um aspecto "diabólico" de nossa personalidade que só podemos enfrentar distanciando-o de nós mesmos. Se não lidarmos com nossos lados da Sombra, se não os reconhecermos, tenderemos continuamente a projetá-los, expressando assim condenações com base em uma avaliação genérica, que nada tem a ver com a experiência pessoal. Isso significa que basicamente é mais confortável ou mais fácil "demonizar" os outros do que aceitar esses aspectos problemáticos dentro de si.

Pascal (1669, p. 132), que pertence àquele grupo de pensadores com os quais nunca deixaremos de nos relacionar, nos diz que "é perigoso mostrar demais ao homem o quanto ele é semelhante aos brutos sem mostrar-lhe sua grandeza ao mesmo tempo. Igualmente perigoso é fazê-lo ver demais sua grandeza, sem lhe mostrar sua baixeza. Mais perigoso ainda, deixá-los ignorar um ou outro. Por outro lado, é muito útil colocar um e outro diante de seus olhos". Até mesmo do ponto de vista psicológico o que é realmente necessário é a aceitação da presença de ambos os aspectos, mas, na verdade, o que Pascal não diz é que continuamente somos confrontados com nossos aspectos mais nocivos.

Aos olhos dos outros somos sempre "negros", somos pecado, erro. Também é verdade que pertencemos a uma tradição religiosa onde a própria vida é a expiação de uma culpa atávica, mas nesta condição, ao ser "demonizado", esconde-se a raiz do sofrimento pessoal.

O destino do anjo mais lindo que Deus criou parece se repetir em cada um de nós: Lúcifer, como o nome indica, é o "portador da luz", mas está condenado às trevas. Sua luz não é mais visível. A operação

psicológico que os outros fazem é precisamente isto: de portadores da luz, daquela grandeza humana a que se refere Pascal, passamos a ser apenas portadores da sombra.

O inimigo, portanto, nos torna opacos: nossas melhores habilidades, as possibilidades de realização, a dialética e até a beleza, podem não emergir justamente porque o outro tende a opacificar a totalidade de nosso ser. E é uma situação de extremo sofrimento perceber que a relação com o mundo traz à tona o que temos de pior. Esta parece ser a verdadeira condenação: quando apenas um aspecto parcial e negativo da totalidade está constelado em nós, temos a sensação de ser apenas esse negativo. Cada ação que realizamos assume um caráter sombrio.

Na prática analítica este aspecto é certamente um dos mais desconcertantes porque se pode observar como, ao longo dos anos, se construiu um modelo cuja verdade reside apenas na imaginação dos outros, não na vida real da pessoa.

O drama dessa condição reside no fato de que os modos coletivos de pensar e agir parecem ganhar luz e positividade em si mesmos. Sentimos que a verdadeira luz está dentro de nós, mas nos é impossível transmiti-la como se tivéssemos muito medo de passar pela experiência de Giordano Bruno. Os tempos mudaram, mas também podemos reconhecer no mundo de hoje métodos punitivos, radicalmente diferentes na aparência, mas idênticos no seu significado profundo. É por isso que não é totalmente impróprio falar ainda hoje de 'perseguição'. Existe uma síndrome psiquiátrica grave, a paranóia, em que o sujeito tem a impressão de estar sendo continuamente perseguido; mas o que geralmente não se diz é que esse delírio paranoico tem fundamento na realidade. Todos nós percebemos algum tipo de perseguição a que somos submetidos. É como estar sempre sujeito a um controlo superior que verifica a nossa adesão a modelos pré-estabelecidos. Mas alguém escolhe aquele modo de vida que poderíamos chamar de "heraclítico" e se volta para uma realidade fluida e em constante mudança que não oferece nenhum ponto de referência estável. Este caminho provavelmente não está devidamente "escolhido", porque é a nossa própria condição psicológica que nos obriga a abraçar uma dimensão existencial que não permite pontos fixos de ancoragem.

Esta destruição de "mitos" não pode deixar de suscitar um profundo mal-estar, porque já não há uma "mãe" que proteja: o

"mãe" é aquele coletivo que pensa por todos aqueles que não suportam o peso da própria autonomia.

Em suma, a raiz do sofrimento reside no facto de julgar as coisas procurando compreendê-las e nelas penetrar, ao mesmo tempo que se dá conta de que para os outros existe apenas um preconceito, que tende a parcializar negativamente todos aqueles que tentam fugir a esse pré-requisito. -modelo ordenado. Esse contraste entre julgamento e preconceito, entre o individual e o coletivo, sempre existiu, e a história mostra que o que hoje aparece como blasfêmia e sacrilégio pode se tornar a fé de amanhã. Mas quem é realmente capaz de cometer sacrilégio hoje? E quem é capaz apenas de abraçar uma fé? Só podemos esperar estar do lado dos sacrílegos, porque cada um de nós tem o seu 'sagrado' a profanar.

Mas talvez haja algo a acrescentar porque, na sutil e perversa dinâmica das relações humanas, sempre se insinua uma perversa lei psicológica que tem sua origem na inferioridade de cada homem. Lutamos contra essa sensação de pequenez e inutilidade diante do universo e tentamos através do trabalho sair da condição de nos sentirmos inferiores, mas muitos, infelizmente muitíssimos, pensam que a única forma de se sentirem grandes é tornando os outros pequenos. . Ou seja, devemos falar de humilhação.

Como sempre, é sempre um artista que nos coloca diante do problema com uma fina psicologia. Por exemplo, o romance *The Scarlet Letter* me parece exemplar. Hawthorne (1850, *passim*) nos conta uma história ambientada na América durante o século XVII. Uma jovem cometeu adultério e deu à luz uma criança de um relacionamento culpado. A mãe e a filha são exibidas em um palco para toda a comunidade, enquanto o pastor condena o crime. Uma vez afastada, a protagonista terá que conviver com a filha à margem da sociedade, em uma casa distante, contentando-se com o pouco que as pessoas acharem adequado para pagar seus bordados e sempre terá que usar uma grande letra escarlate no rosto. seu peito: o "A" de adúltera, como uma lembrança perene de sua culpa. Mas a dinâmica psicológica se esconde no fato de que o pastor, que a condena e humilha violentamente, era na verdade o amante da mulher e ele é o pai da menina! Assim, na humilhação, devemos sempre ver um mecanismo psicológico sutil e sorrateiro com o qual precisamente isso é acusado e destruído.

que existe em nós e que partilhamos com a nossa própria vítima. No entanto, a consciência por parte do humilhado de que aquele que o humilha certamente não é melhor do que ele, não consegue aliviar a sua angústia e o seu sofrimento. Isso pode acontecer porque quem sofre humilhação geralmente está sozinho diante de sua negativa e infelizmente não pode contar com a ajuda de ninguém.

Considere que a humilhação é uma prática tão antiga quanto o mundo: o vencedor deve humilhar o vencido; os samnitas fizeram os romanos vencidos passarem sob o jugo; em algumas tribos de índios americanos os guerreiros usavam a cabeça raspada, exceto por um longo 'rabo de cavalo': se na guerra o inimigo conseguisse agarrar o homem pelo rabo, significava que ele havia vencido e isso representava uma humilhação mortal.

Em geral, a tortura e os castigos públicos têm como objetivo a humilhação, pois ser e sentir-se humilhado publicamente é usado como um impedimento. De fato, humilhar significa destacar algo de que se envergonha. O verdadeiro objetivo é a aniquilação moral do indivíduo, por meios físicos e psicológicos. Obviamente, não precisamos recorrer a exemplos extremos para entender o conceito, mas a alegria do detrator, e daquele que tem por hábito o ato de humilhar, consiste no fato de só conseguir ver pequenos e medíocres aspectos da nossa vida. Goethe, Hegel e Tolstói, em diversas ocasiões, bordaram no aforismo "ninguém é grande por seu criado" dando, afinal, a única interpretação possível. O garçom só pode ver através de suas pequenas categorias. E assim aquele que humilha e destaca os defeitos de uma pessoa não pode ver mais nada, ele mesmo é o verdadeiro medíocre. Mas há outra consideração. Se um julgamento deve ser feito, bem, deve ser expresso sobre o que realmente somos e não sobre o que deveríamos ser.

Se sou pintor, não posso ser julgado por não conseguir fazer algo que não pertence à minha arte. Se realmente temos que errar, pelo menos temos que errar fazendo o que sabemos fazer e não nos envolvendo em tarefas que não sentimos que sejam nossas. Por exemplo, em carta a Duboc datada de dezembro de 1822, Hegel (1887, p. 113) reconheceu-se incapaz, ao contrário de um homem de negócios, de escrever uma carta a um amigo porque sua mente estava sempre ocupada com outros interesses. Mas gente medíocre nos espera no portão justamente neste ponto em que nossa dimensão não tem desejo, desejo, capacidade de se expressar. Rilke (1921-1974, p. 77) assim descreve esse estado de espírito: "Portanto, desde criança, creio ter

rezei apenas pela *minha* dificuldade, que a minha me seja concedida e não, por engano, a do carpinteiro ou do cocheiro ou do soldado, porque na minha dificuldade quero me reconhecer".

Quando nos humilham, afetam nosso respeito próprio. Cada um de nós, embora conheça os seus próprios lados negativos ou vergonhosos, tende a dar aos outros uma imagem 'ideal' de si mesmo onde, obviamente, não há lugar para esses lados sombrios. Mas são precisamente estes que se destacam na humilhação: o ser humano perde este hábito ideal que encobria a sua vergonha e identifica-se apenas com esta. Uma forma incorreta de fazer a análise, mas não por isso não perseguida, é destacar, com o olhar de um 'garçom', os aspectos da Sombra do paciente. Tudo estaria bem se também tivéssemos outros olhos para ver a luz.

Infelizmente, muitas vezes permanecemos presos a uma visão mesquinha onde o paciente acredita ser a Sombra e se identifica totalmente com ela, projetando em seu analista a luz que ele foi levado a acreditar não possuir.

Na humilhação há, portanto, uma referência ao problema da Sombra, como uma parte rejeitada ou removida de si mesmo, que é destacada e julgada. Mais uma vez, você é atingido onde é mais fraco. E pode ser uma debilidade social (pobreza, pertencer a uma minoria étnica) ou uma debilidade psicológica.

Podemos atribuir o caso dos judeus à primeira situação (fraqueza social). A vida deste povo, desde a diáspora, tem sido marcada pela violência e pela humilhação. A mera pertença a esta etnia já era motivo de perseguições aprovadas e incentivadas pelas comunidades cristãs. Podemos considerar a Estrela de David, que os judeus alemães tiveram que usar de forma visível em suas jaquetas durante o período nazista, como uma humilhação legalmente reconhecida de toda uma minoria. O que impressionou nesse caso foi uma identidade sociocultural (que representa um parâmetro fundamental para o ser humano) que foi mal compreendida e ridicularizada pela maioria ariana. Os judeus foram então identificados com a Sombra, aspecto que resultou de uma projecção colectiva, mas com a qual não podiam deixar de se identificar devido à pressão social. Talvez isso possa explicar o comportamento de alguns judeus, que nos campos de concentração se tornaram 'kapo' e colaboraram com os nazistas.

A identificação com o atacante só pode ocorrer se a pessoa perder a identidade.

Nos campos de concentração, que representavam uma humilhação da condição humana de forma institucional, as pessoas perdiam qualquer elemento que conotasse sua individualidade e tornavam-se um número. Quando os prisioneiros eram levados para os escritórios de triagem, eles eram forçados a ficar completamente nus na frente dos homens uniformizados da SS. Ser despido, em sentido real ou metafórico, parece ser o cerne da humilhação. Existem partes do nosso corpo e do nosso caráter que não gostaríamos de expor aos olhos dos outros, por medo de julgamento. No momento em que nos encontramos expostos diante de alguém que arrancou violentamente o que encobria as partes mais secretas de nossa existência, sentimos que estamos em seu poder. Compreendemos que estamos à mercê de quem, observando-nos, possa penetrar com o seu olhar indiscreto e cruel nas dobras ocultas e sofridas da nossa alma. Um exemplo revelador do tratamento dado pelos nazistas aos prisioneiros pode ser encontrado em um artigo de Edith Jacobson (1959, p. 165). Alguns presos políticos foram sistematicamente interrogados pelos torturadores, mas mesmo aqueles que conseguiram resistir à violência e ao sadismo foram sujeitos a fenômenos particulares: "Os presos acordavam à noite com a sensação de que os membros ou o rosto não faziam mais parte de seu corpo. Angustiados, eles tocaram as partes estranhas tentando recuperar o sentimento de integridade de seu corpo. Durante o dia, eles foram repentinamente dominados por experiências terríveis de autoalienação psíquica, por sentimentos de serem estranhos ao seu próprio Self e de olharem um para o outro, pensando, falando, agindo, como se fossem pessoas diferentes. Esta me parece uma experiência aterradora, levada às últimas consequências, do conceito de humilhação. Humilhar significa reduzir à terra (*húmus*) , mas não pode coincidir com a morte porque a redução à terra c

Em outras palavras, trata-se de colocar o outro na condição de não mais ser inteiro, mas de sentir-se reduzido e pela metade. Uma particular tortura chinesa (G. Dumas, 1923; Bataille, 1961, p. 116) consistia em tirar do condenado cem pedaços de sua carne e esse método, além de sua dimensão angustiante, expressava a máxima humilhação ao literalmente dissolver o corpo da vítima.

“Exposição” também foi um elemento importante de humilhação social. Até alguns séculos atrás, digamos antes do Iluminismo, os culpados de algum delito menor eram expostos ao ridículo público nas praças, por exemplo eram colocados no pelourinho ou eram aplicadas máscaras de ferro com aparência ridícula em seus rostos.

Mulheres, crianças, minorias e os "diferentes" são as categorias sociais que, ao longo da história, sofreram as maiores humilhações.

Na infância as humilhações são e foram frequentes, foram até contrabandeadas como forma de educação. Gerações inteiras cresceram sob o preconceito de que a humilhação é necessária para se tornar um homem.

Em entrevista à televisão, Ingmar Bergman falou longamente sobre sua infância e as terríveis humilhações que sofreu. Sua estada na casa do pai terminou com uma cena dramática em que espancava o pai e esbofeteava a mãe. Nos filmes do realizador sueco o tema da humilhação reaparece com a constância de um *Leitmotiv*: nos anos cinquenta um elemento recorrente é a humilhação do artista pelo medíocre: no filme *Passione* a protagonista fala das humilhações passadas como feridas ainda abertas; em *Fanny e Alexander*, há a cena em que o pastor espanca o protagonista na presença de toda a família.

Um amigo meu me disse que em sua cidade natal (uma pequena cidade na Sicília) havia um menino que, ao se meter em alguma confusão, foi despido pela mãe, amarrado a uma cadeira e assim jogado na rua.

Os adultos que passavam zombavam de seu pequeno órgão sexual. Agora esse menino se tornou um criminoso que já esteve várias vezes na prisão.

Por muito tempo, a humilhação foi considerada uma fonte de aprendizado: professores universitários conhecidos rebaixavam e insultavam seus alunos na frente de todos. Um conhecido jornalista narra que, durante seu aprendizado em um conhecido jornal, o diretor o chamou para dizer que ele havia escrito uma crítica ruim, não explicou o motivo, mas arrebatou-a na frente dele e de outros editores do jornal, jogando os pedaços para o alto.

Nos regimes autoritários existe um estado de humilhação, sinistro e grosseiro. Pensamos nos expurgos do óleo de rícino que os fascistas administraram a seus próprios

adversários, carregando-os em caminhões, humilhando os homens em suas fraquezas físicas.

Cesare Pavese, numa carta à irmã, conta a sua chegada à localidade onde tinha sido confinado pelo regime fascista: "Cheguei a Brancaleone no domingo 4 da tarde e todos os cidadãos que passeavam em frente à estação pareciam estar à espera do criminoso que, munido de algemas, entre dois carabinieri, descia com passo firme, rumo à Câmara Municipal. A viagem de dois dias, com algemas e uma mala, foi um empreendimento turístico de alto nível [...] Atravessei as estações de Roma e Nápoles no horário de maior tráfego e foi preciso ver como as pessoas abriam caminho para o trio esquerdo. [...] Em Salerno, mudança de carroça com espetáculo educativo para as crianças que passavam" (Pavese, 1924-1944, p. 422).

Em um filme do diretor alemão Werner Herzog, *a balada de Stroszek*, o protagonista narra que passou a infância em um orfanato durante o período nazista; quando molhava a cama, era obrigado a ficar de pé segurando o lençol esticado até secar. Bergman diz que, pelo mesmo motivo, foi obrigado a usar "saia"

vermelho.

O manicômio e a prisão são duas instituições onde a humilhação é um componente importante da estrutura repressiva. Pensemos nas dolorosas buscas a que o indivíduo é submetido quando entra na prisão. Também na situação de julgamento há uma humilhação básica: a jaula dos réus (agora feita de vidro inquebrável, mas outrora construída com barras de ferro), que simboliza o desejo de expor os culpados como um animal enjaulado (lembre-se das jaulas que eram penduradas em praças públicas, nas quais os culpados eram trancafiados onde todos podiam cuspir ou atirar objetos à vontade).

Outra instituição onde a humilhação tem um lugar importante são os militares. Antigamente, os castigos corporais infligidos aos soldados ocorriam diante de toda a tropa reunida para a ocasião. Pensemos naqueles episódios mencionados nas notícias sobre suicídios durante o período do serviço militar. Foi relatado que os meninos mais novos foram forçados por seus "avós" a fazer coisas terrivelmente humilhantes, como lamber o chão do banheiro ou os sapatos de seus colegas de classe. Este último fato lembra uma situação semelhante representada por Stanley Kubrick no filme *Laranja Mecânica*. O protagonista é um jovem e violento criminoso que, uma vez

preso, ele passa por um tratamento de descondicionamento que o reduz a uma larva humana. Em uma cena terrível, os psiquiatras que implementaram essa "cura" mostram às autoridades competentes os resultados que obtiveram com o menino, submetendo-o a humilhações, como ter seus sapatos lambidos, sem que ele pudesse mais reagir. defender-se. O filme *Um Oficial e um Cavaleiro* também conta a história de um grupo de alunos que são treinados por um sargento que continuamente os humilha.

No cristianismo, a humilhação torna-se uma forma de triunfo para os fracos: "Quem se humilhar será exaltado", "Bem-aventurados os humildes e os pobres de espírito porque verão o reino dos céus" (Discurso das Bem-aventuranças). A cerimônia das cinzas pode ser considerada um ritual de humilhação. A auto-humilhação tornou-se a virtude da humildade. A histórica humilhação do imperador Henrique IV em Canossa deve ser colocada nesta perspectiva, ainda que alguns estudiosos digam que ele passou o resto da vida tentando vingar a vergonha sofrida.

A humilhação da carne é uma prática do catolicismo, pensem nos vários "espartilhos" que santos e religiosos usavam para mortificar o corpo, nas procissões dos penitentes. Nos remédios contra a luxúria, somos lembrados de "tratar o próprio corpo como inimigo aberto e cortá-lo com trabalho, jejum, cilícios e outras mortificações" (Delumeau, 1983, p. 784). Claro, a humilhação pressupõe uma relação entre dois. Também na perspectiva cristã esta dualidade se mantém: Deus e o pecador.

A psicologia de quem humilha o próximo é semelhante à dos que exercem o poder: se você aniquilar um ser humano humilhando-o, você o tem nas mãos. Ele não pode fazer mais mal, porque perdeu sua dignidade humana. Mas também devemos considerar um mecanismo mais sutil: quanto mais uma pessoa é humilhada, mais danos podem ser causados a ela, porque o sentimento de culpa desaparece completamente. E, afinal, basta refletir sobre a resposta sinistra de Franz Stangl, chefe do campo de Treblinka, quando questionado sobre o motivo de tantas humilhações e torturas dos judeus que deveriam ser mortos: "Para condicionar aqueles que realmente deveriam realizar as operações... Para possibilitar que eles façam o que fizeram" (Sereny, 1974, p. 135).

A humilhação é basicamente o instrumento de poder mais sinistro: se alguém representa um perigo por causa de suas idéias ou de seu jeito de ser, ele

eles vislumbram duas maneiras de colocá-lo em posição de não prejudicá-lo: eliminá-lo fisicamente ou humilhá-lo. Em ambos os casos o homem se perde. E é por isso que La Rochefoucauld (1665, p. 177) pode dizer: "Nada deve humilhar mais os homens que mereceram grandes elogios do que o cuidado que continuam tendo em se afirmar com ninharias".

Primo Levi percorreu longamente sobre o tema da humilhação e da vergonha, baseando-se nas experiências, que estão além do humano, feitas nos campos de concentração nazistas. Detenhamo-nos na sua definição de angústia: "A ansiedade é conhecida de todos; desde a infância, e todos sabemos que muitas vezes é branco, indiferenciado. Raramente traz um rótulo escrito em texto claro e contendo sua motivação; quando ele traz, muitas vezes é uma mentira. Pode-se acreditar ou declarar-se angustiado por um motivo, e sê-lo por outro completamente diferente: acreditar que se está sofrendo diante do futuro e, ao invés, sofrer pelo seu passado; acreditando que sofremos pelos outros, por piedade, por com-paixão, e ao contrário sofremos por nossas próprias razões, mais ou menos profundas, mais ou menos confessáveis; às vezes tão profundos que só o especialista, o analista das almas, sabe desenterrá-las" (Levi, 1986, pp. 55-56). Esta descrição capta a verdade mais amarga e dolorosa da angústia: parece não ter propósito, parece assentar numa legitimação sensata mas depois percebemos que tudo é falso. Nesse estado quase sentimos a nulidade de nossas vibrações mais profundas e íntimas da alma justamente porque nos sentimos roubados, com ou sem razão, do sentido do sofrimento. Levi nos fala "da consciência de ter sido aleijado" (Levi, 1986, p. 57) devido a uma direção orquestrada de perfídia e violência que não permitia que aqueles que eram homens fossem homens porque, "como animais, éramos confinado ao momento presente" (Levi, *ibid.*). Segundo o escritor, essa destruição da humanidade está na base dos muitos suicídios após a libertação. Se quisermos tentar entender o poço insondável do destino que também levou Levi a tirar a própria vida, mais de quarenta anos depois de sua libertação, podemos pensar na dimensão criativa com a qual por tantos anos ele soube olhar com coragem na "água perigosa" tentando nos dizer, que essa vergonha não afetou, a maior maldade que o homem cometeu desde sua aparição na terra. O artista e sua obra são um, e quando ele ouviu, por sua própria confissão direta, que a arte não estava mais presente, ele entendeu que a "água perigosa" estava agora sobre nós. Sobre o suicídio, Levi disse então: "Quando

consciência de não ter feito nada, ou não ter feito o suficiente, contra o sistema no qual estávamos absorvidos” (Levi, 1986, p. 58). Daí um sentimento de culpa invencível que encontrou seu castigo no sofrimento do campo de concentração.

Podemos aproximar as últimas frases com as quais Kafka (1924, p. 338) fecha o *Processo a estas considerações*: “Com seus olhos atônitos ele viu novamente os rostos dos dois acima dele, face contra face, que espiavam o fim . 'Como um cachorro!' ele murmurou, e pareceu-lhe que sua vergonha sobreviveria a ele. Jamais saberemos o motivo de um suicídio, mas neste caso podemos dizer que mesmo este gesto ainda é um gesto de liberdade e quem o faz ainda é um homem.

12.

A REPETIÇÃO

Paul Valéry (1894/1945, p. 29) argumentou que é necessária uma fortaleza particular para se manter fora dos caminhos estabelecidos por outros e - eu acrescentaria - para defender arduamente as conquistas de alguém nessas estradas impermeáveis. Infelizmente nem sempre temos a força necessária para amar e investir libidinalmente nossas criações, talvez porque elas não sustentem o ego como gostaríamos. Por mais paradoxal que pareça, a necessidade interior de reparar uma situação de desarmonia nos mantém em contínua tensão. Este é um dos aspectos essenciais do espírito criativo: uma inesgotável necessidade íntima que impulsiona a criação de uma obra, na ilusão de que a própria criação pode curar certas "lesões" interiores. Mas isso é justamente *uma ilusão*: o artista cria continuamente justamente porque não consegue sanar completamente seus problemas profundos.

Mesmo nosso trabalho de análise é provavelmente baseado em um anseio por esse cara, nunca muito satisfeito.

A incapacidade de encontrar sustentação para o próprio ego através da criação pessoal baseia-se no fato de que o ser individual, nossa irrepetibilidade, parece assumir conotações negativas em comparação com o coletivo. Isso pode levar alguns, digamos muitos, a cancelar sua própria especificidade para escapar da dolorosa sensação de isolamento e reprovação social.

Paul Valéry (1894/1945, p. 207) diz que sempre tentou por todos os meios ser diferente dos demais para não se sentir uma mera repetição; ele argumenta que, como indivíduos, temos o dever de nos distinguir. Mas quem expressa sua individualidade sem se identificar com o negativo e aceitando sua diversidade vive uma "existência itinerante". Lá

a personalidade viajante é sempre dinâmica, em constante desenvolvimento, não se adapta a modelos estáticos. De certo ponto de vista, temos que agir contra a lei física da entropia. É uma lei segundo a qual todas as forças tendem ao equilíbrio: se colocarmos um pedaço de ferro quente ao lado de um frio, veremos que o calor do primeiro se transmite lentamente ao segundo, até que ambos tenham a mesma temperatura.

E assim, se instalarmos um motor entre os dois ferros, ele funcionará enquanto houver essa 'transmissão', essa passagem de energia, ou seja, até que o calor se torne uniforme.

E é este o perigo que corremos: o de parar porque não passa mais energia entre nós e os modelos que nos inspiram. É a situação em que estamos perfeitamente sobrepostos aos outros, aderindo plenamente a modos coletivos e impessoais de comportamento e, sobretudo, de pensamento.

Este não é o nosso trabalho; devemos estar sempre em condição de problematidade e de pesquisa, o que é doloroso sim, mas nos permite sentir a existência como verdadeiramente significativa.

Mas aqui, precisamente, surgem problemas. Elias Canetti (1960, pp. 27-28) chamou a atenção dos estudiosos para a questão da relação entre 'massa' e 'poder': são as massas que sofrem de mania de perseguição, não o indivíduo isolado; são os indiferenciados que nela se reconhecem. A mania da perseguição é sempre dirigida àquele tipo de personalidade que chamamos de itinerante, que busca nos problemas o sentido de sua vida, e por isso mesmo é percebido como um inimigo que pode minar a solidez do grupo.

Do ponto de vista psicológico, quem adere a um pensamento comum e consolidado, quem vive plenamente imerso nos paradigmas atuais, tem apenas uma necessidade: sentir-se cada vez mais solidamente enraizado graças ao crescimento do coletivo ao qual pertence, e isso é o motivo do proselitismo. Numa dimensão mais estreita, isso equivale à tentativa que cada um de nós faz de encontrar a confirmação de suas crenças, de apaziguar dúvidas e perplexidades, ampliando o número de pessoas que compartilham de nossos pensamentos. Quem se desvia dela é visto como perigoso, pois seu pensamento autônomo e sua capacidade de estudo podem minar toda uma construção teórica.

Jung (1912, pp. 384-428), por exemplo, ao perceber que não podia mais se sentir de acordo com as concepções anteriores compartilhadas com Freud, pois ele mesmo formulava outras, em *Símbolos da transformação* escreveu um capítulo intitulado “O sacrifício”, em que se referia claramente à sua experiência pessoal, ao 'sacrifício' da sua própria segurança que fez quando, dentro da construção freudiana, se colocou como voz solitária para propor algo diferente a nível teórico.

O que difere do pensamento coletivo, da massa – significando por este termo a adesão acrítica a alguma ideia – é percebido como 'negativo'. Este perigo apresenta-se sempre que existe uma ideologia dominante e imposta, qualquer que seja a sua "cor" política.

A única visão que permite um choque de ideias é aquela que se baseia justamente no pluralismo. Mas onde isso não existe, quem pensa “diferente” torna-se automaticamente o “negativo”.

Para podermos afirmar-nos como individualidade devemos também diferenciar-nos através de uma oposição decisiva. E, portanto, se conseguirmos evitar o perigo constituído pela perseguição social contra a "diversidade" que representamos para os outros, ainda não estamos a salvo de um ulterior risco, muito mais subtil que o primeiro: o perigo psicológico de nos identificarmos com esta diversidade, sustentando-a com a mesma rigidez com que se afirmam as normas colectivas. Em outras palavras, é possível desenvolver um estilo de vida baseado apenas na oposição

Na verdade, existem pessoas que sempre se colocam em posição de contraste; toda a sua existência é estruturada em uma função adversária. Também esta situação é causa de sofrimento, porque priva o indivíduo da possibilidade de viver a si mesmo de maneira autêntica; aparentemente luta pelas suas próprias ideias, na realidade luta apenas para afirmar a sua diversidade. Como se dissesse que aquela pessoa sente a consistência e o valor de suas ideias apenas como diferentes das de outra. Ele, portanto, não existe, mas se opõe: é uma forma real de escravidão. A existência funda-se numa falsa identidade, porque a vida plena e autenticamente individual se baseia numa elaboração do pensamento que não se dirige exclusivamente contra os outros, mas é motivada por uma necessidade íntima e profunda. Se somos forçados a viver uma vida reativa, na qual

apenas realizamos reações, ou seja, ações de resposta, estamos praticamente nas "mãos" de outros.

No entanto, creio que esta modalidade, em determinada fase da vida, é uma etapa obrigatória, como bem sabe quem se dedica à psicologia infantil: a criança começa a estruturar a sua personalidade quando se opõe às pressões externas afirmando um estilo pessoal.

Mas esta deve ser apenas uma etapa transitória no caminho para aquela harmonização das próprias forças que torna o estímulo vindo de fora secundário em relação à sua vitalidade autônoma. Se não fizermos esta inversão de perspectiva, se permanecermos numa condição reativa, corremos o risco de levar uma existência inútil e vazia, que só os "inimigos" podem preencher, incitando-nos a uma resposta (reação) que funda a nossa personalidade em um ponto externo a nós mesmos. Encontram-se frequentemente "destinos" muito difíceis, em que uma ou ambas as coordenadas fundamentais da vida - a relação sentimental e a dimensão laboral - envolvem escolhas particularmente dolorosas.

Falo intencionalmente de "escolhas", mesmo que muitas vezes o indivíduo não tenha consciência disso e atribua a causa da sua infelicidade a nível emocional ou de realização a uma situação externa (parceiro ou trabalho).

É verdade que também existem inimigos externos, mas o sutil jogo psicológico ao qual somos chamados é justamente o de recuperar e trazer de volta para dentro de si aqueles "outros" aspectos que foram projetados e que, ao contrário, pertencem fundamentalmente à própria realidade psíquica. Assim, voltamos ao problema de lidar com os aspectos da Sombra, que não podemos deixar de ver nos outros, até que estejamos completamente inconscientes deles. Mas falar em projeção não significa que quem está à nossa frente esteja totalmente livre dessas mesmas características negativas que atribuímos a ele. Em um nível inconsciente, de fato, sempre se tem a capacidade de "escolher" a pessoa certa em quem fazer a projeção. Em nosso esforço para crescer e diferenciar, devemos recuperar esses aspectos "rejeitados" dentro de nós e enfrentá-los. E assim é interessante ver como elementos simbólicos estão presentes nas imagens oníricas que despertam medo e repulsa, por exemplo, as formas de animais, reais e fantásticos, e como se estrutura gradualmente uma possibilidade de contato com eles, que ao mesmo tempo transforma eles.

Nietzsche (1884, p. 265, n. 27) disse que todos os personagens importantes da história - homens que realmente se sentiram assim e viveram suas vidas ao máximo - eram "maus"; isto é, eles conseguiram lidar com essa dimensão diabólica, "outra" que não a personalidade consciente, que uma vez integrada torna-se uma fonte de nutrição.

É a situação exatamente oposta à entropia, a "negentropia", para a qual há no indivíduo uma passagem contínua de energia entre dois pólos opostos: da aceitação do próprio conflito a pessoa extrai o alimento necessário para se expandir criativamente no 'existência.

O homem de conhecimento, continua Nietzsche, consegue até se alegrar com seus defeitos, sabe reconhecer e também usar doenças e humilhações. O que significa que nunca devemos negar nossa 'miséria' e nossa 'vileza', porque só assim realizamos o objetivo da consciência. Se, solicitados pela experiência da dor, cavarmos as profundezas psíquicas, alcançamos aquele nível de desenvolvimento psicológico que nos permite eliminar todos os véus e ilusões, telas e padrões que nos impedem de ver a realidade em que estamos inseridos, perceber assim algo fundamental e peculiar ao nosso ser: "O caminho da dor torna-se, então, na forma internalizada do sofrimento, o caminho da inteligência, da compreensão do mundo" (Natoli, 1986, p. 28).

Nos mitos e contos de fadas, muitas vezes se repete o tema da pesquisa, do que deveria servir para sair de uma condição desesperadora; você embarca em uma jornada para chegar a um destino preciso a mulher amada, uma erva milagrosa, um tesouro, poder e assim por diante, mas então acontece que a realidade da jornada representada pelos eventos se torna mais importante do que o destino. A nível psicológico podemos acreditar que os objetivos também são inatingíveis: só tem valor para nós o caminho que percorremos para nos aproximarmos deles.

Para prosseguir nessa caminhada, sem cair e sem desistir das dificuldades, é preciso adotar outra afirmação, também emprestada de Nietzsche (1886, p. 76, n. 116), segundo a qual as grandes épocas da história ocorrem quando o homem tem a coragem de redefinir o seu próprio mal, considerando-o como a melhor coisa que possui. Em nível intrapsíquico esta é uma consideração extremamente aguda, pois as transformações ocorrem justamente quando o indivíduo consegue mudar os termos substanciais de sua própria existência, entendendo que

o que lhe causou sofrimento, o que ele experimentou como uma sentença, na verdade representa o aspecto mais importante de sua vida.

Se quisermos provocar em nós esse impulso propulsor que nos permite tomar as rédeas da nossa existência, devemos ser capazes de ver precisamente o que consideramos mais errado ou inadequado como vantajoso e frutífero, e talvez reconhecer a falta de confiabilidade do que tínhamos até aquele momento, considerado valioso.

No processo analítico, forma-se um ponto de vista semelhante: ao submeter toda a nossa vida ao escrutínio de um espírito crítico, é possível que a perspectiva mude completamente, e o mesmo problema adquira significados completamente diferentes. No entanto, devemos ser imprudentes, porque, para provocar essa subversão de significado, devemos minar os valores e crenças que antes nos sustentavam. Em certos momentos, por exemplo, pensamos que a conquista de uma determinada posição - econômica, social, cultural - é o mais desejável; mas pode então acontecer que assumamos uma atitude diferente que nos permita viver numa condição de *desajuste* (fora do lugar) e nos permita encontrar uma nova forma de olhar para a realidade. E aqui é preciso coragem, porque se trata de enfrentar um estado que nada tem de tranquilizador.

A tentativa de reformular certas experiências fundamentais, conotando-as com uma avaliação diferente, como ocorre na relação dual da relação analítica, tem um antecedente na obra dos alquimistas. A tradição alquímica caracteriza-se precisamente pelo fato de que o adepto tenta transmutar a matéria "básica" em matéria "preciosa"; o grande sonho era de fato transformar chumbo em ouro.

Mas talvez os próprios alquimistas estivessem cientes da inatingibilidade desse objetivo na realidade concreta e do fato de que suas pesquisas estavam relacionadas a profundas necessidades psicológicas: a transformação do que parecia inferior em valor positivo.

Voltamos assim mais uma vez ao problema da relação com a Sombra, com aqueles aspectos que, com o seu 'peso', nos permitem manter a estabilidade do rumo: o 'lastro', como sabemos, permite ao navio manter a linha certa de imersão e o centro de gravidade.

Embora possa parecer paradoxal, a relação com essa escuridão, com nosso 'chumbo' endopsíquico, é condição preliminar para a compreensão dos acontecimentos fundamentais da existência e para a saída do

condicionamento pelo afastamento dos caminhos pré-estabelecidos, que correspondem a categorias não escolhidas por nós, mas que nos são impostas de fora. Para que isso aconteça, temos que enfrentar essa dependência interior que não nos permite ser livres e fazer escolhas independentes; por exemplo, com o medo que nos torna incapazes de expressar um pensamento pessoal, como se por ousar tanto corríamos sérios perigos. Desta forma, determina-se um dos mecanismos pelos quais removemos todo ato criativo que parece ameaçar a sobrevivência: no momento em que percebemos que somos dirigidos por outros, surge uma experiência interior de liberdade que sentimos como um elemento "diabólico", perigoso pela vida. Para poder atingir níveis dignos de nossa humanidade, devemos confrontar o "mal" interior a partir da realidade externa. É aqui que nasce a decisão de viver e não se submeter passivamente à existência.

Aceitar a "mediocridade", ou seja, permanecer em uma situação em que as forças agressivas não afloram e o mal interior não é exteriorizado é muito fácil; pelo contrário, tornar-se "maduro" significa expor-se constantemente, colocando-se sempre em primeiro plano. A realidade externa é organizada de forma a encorajar a escolha da mediocridade, convencendo-nos de que ela é funcional para a sobrevivência. Tudo isso tem consequências muito dolorosas no nível individual, das quais o analista é muitas vezes testemunha. Afirmo que na realidade ninguém é medíocre; a pessoa simplesmente decide viver em tal condição. Estamos mais uma vez diante do problema da responsabilidade individual: nada está escrito no céu, tudo está em nossas mãos. No atual contexto social nunca encontraremos alguém que nos oponha à decisão de ser "pessoas modestas"; não desanimaremos de nos contentar com os "sobras" da vida, ou seja, de viver de forma regressiva.

Expressar-se como uma "personalidade regredida" significa ter potencial para fazer e alcançar muito mais do que realmente nos permitimos. Podemos dizer que ninguém jamais nos impedirá de sermos "subdimensionados"; se os outros percebem que decidimos ser os donos de nossas vidas, encontramos verdadeiras dificuldades.

Por exemplo, quando o adolescente começa a se opor a seus pais e seus valores com suas atitudes e ideias, ele lança o primeiro

fundamentos de uma responsabilidade pessoal e expressa a profunda necessidade de ser árbitro de si mesmo. Mas neste ponto os outros se levantam, porque todo ato de liberdade é sentido como uma “declaração de guerra”. A necessidade de autonomia representa um perigo para a autoridade que não pode mais nos controlar; as regras, de fato, tornam-se pessoais e diferem completamente das coletivas. A ordem social é sempre baseada em critérios inequívocos e precisos estabelecidos ao longo do tempo, e não na vida de um indivíduo ou de parte dela.

A relação que o homem estabelece com as regras gerais do grupo a que pertence torna-se uma espécie de teste psicológico, a partir do qual podemos distinguir duas grandes categorias: os que decidem seguir "Colombo" nas suas explorações, mesmo sem saber para onde os conduzirá, e que se estabelece, em vez de permanecer "no chão", ancorado em tudo o que é conhecido e tranquilizador.

Obviamente, ninguém é responsável por vir ao mundo, mas ele se torna o arquiteto de sua vida quando toma consciência de si mesmo e de sua posição. É então que surge a escolha entre zarpar – e assim viver a sua aventura pessoal, fora de qualquer norma colectiva – ou desistir da viagem, deixando o seu potencial criativo inutilizado.

Como já destacamos, a primeira solução implica a necessidade de quebrar certas leis, e é isso que teremos que pagar de qualquer maneira. Permanecendo na metáfora, Colombo experimentou não só a satisfação de sua descoberta, mas também a humilhação da prisão: havia quebrado uma regra até então incontestada. Condição preliminar para que o grande explorador, e cada um de nós dentro de seus limites, possa se rebelar e seguir seu caminho, é a capacidade de enfrentar o "mal", pois é por meio dessa relação que compreendemos a inautenticidade das leis que regular nossa existência.

No contexto da história cultural, vemos como certas dimensões em que agora nos movemos com certa liberdade de pensamento foram no passado verdadeiros tabus, cuja transgressão poderia até ser punida com a morte. E então podemos acreditar que algumas regras atuais, quebradas mesmo com risco de vida, se tornarão modos atuais de existência no futuro.

Essa perspectiva histórica é sempre esclarecedora, especialmente no nível psíquico. A raiz de tanto sofrimento, de fato, reside no fato de que uma receptividade particular pode nos dar intuições que não se refletem na situação psicológica coletiva, mas que podem, ao contrário,

ser uma antecipação de experiências compartilháveis posteriores. Neumann (1954, p. 37) lembra como o sofrimento do criador, do artista, e eu diria também dos pacientes em análise, depende justamente de uma sensibilidade incomum, capaz de apreender a realidade, interna e externa, diferente daquela aparece e longe da consciência dos outros. Se nossa percepção se tornou tão aguçada que realmente enxergamos a dimensão em que vivemos, então devemos enfrentar as injustiças e falsidades reveladas. Este é o problema subjacente que, em parte, motiva os indivíduos mais sortudos entre aqueles que recorrem ao conhecimento profundo para a criatividade.

Em nossa existência várias alternativas nos são oferecidas: a destruição do tirano, revolta na família, escolha da solidão.

No entanto, a possibilidade de uma compreensão íntima da realidade passa pelo contato com o mal, ou seja, por aquele lado "delinquente" que pertence à própria interioridade e que permite olhar o universo mesmo com outros olhos. É uma liberdade que, como já foi dito, exige a aceitação de uma capacidade cognitiva que se apresenta sob uma forma "diabólica". A árvore do conhecimento é também a árvore do bem e do mal. Eu já usei essa metáfora para sugerir que as pessoas "maiores", aquelas que têm uma profundidade psicológica elevada, se erguem, assim como as árvores mais altas, em virtude de raízes muito profundas, então aquelas que brilham com uma luz intensa também têm sombras terríveis .

O problema do mal e do sofrimento pode ser compreendido na sua amplitude e complexidade quando é vivido pessoalmente, não bastando uma mera aquisição teórica. A experiência da dor só nos afeta quando estamos ativamente engajados na existência; se tivermos a coragem de mergulhar no mundo, promovendo iniciativas pessoais, deparamo-nos verdadeiramente com as contradições da vida e é precisamente na ação que podemos enveredar pelo caminho do conhecimento. Buda recebe a iluminação aos quarenta anos, ou seja, como resultado de muitas experiências vividas; e Cristo começa sua pregação aos trinta anos; até os judeus chegam à terra prometida depois de quase meio século passados no deserto. Se não mergulharmos totalmente na vida e não a enfrentarmos com coragem, autonomia, "autodireção", abrindo mão das regras dos outros, não existimos de verdade. É quando fazemos isso, que entramos em um relacionamento com o mal.

Aqueles que aceitam um modo de vida regressivo não tiveram coragem de enfrentar o negativo. Quando não se tem poder nem posição de responsabilidade, não é preciso muito esforço para ser 'bom'; para realmente se *ver*, você precisa se permitir lutar por sua própria afirmação. Uma pessoa é julgada pelo uso que faz de sua força, não pelo fato de ter ou não. Daí a necessidade de lutarmos por nós mesmos e pela concretização do que nos parece certo. Goethe (1870, pp. 193-194) disse: "O caráter, nas grandes coisas como nas pequenas, consiste no fato de o homem prosseguir com firme constância o trabalho do qual se sente capaz".

É uma situação limítrofe: a fronteira que separa a irresponsabilidade de uma existência autenticamente responsável. No primeiro caso, não vivemos realmente; na segunda nós mesmos escolhemos a vida, e neste exato momento declaramos a guerra. Comparado à nossa autonomia, o outro se torna um inimigo.

13.

FUGA PARA O PODER

Estar em situação limítrofe pode significar estar diante de uma alternativa: escolher entre a própria vida e a dos outros. Com a aquisição da consciência conseguimos ver e enfrentar aqueles aspectos da existência que a educação e as convenções sociais tendem a esconder ou exorcizar através de rituais, como escaramuças verbais que representam uma forma tradicional de 'conter' embates muito mais violentos. Mas na realidade – e aqui volto a citar Canetti – no ato de sobreviver cada um se torna inimigo do outro.

Eu uso o termo 'sobreviver' intencionalmente porque significa literalmente existir 'acima' de algo, às custas de outro. Por outro lado, viver implica um nível de maturidade psicológica que nos permite confiar exclusivamente em nós mesmos.

A ideia de que a afirmação de um implica necessariamente a exclusão ou o fracasso de outros é uma espécie de 'lei natural' em nossa cultura e experiência de vida; somos criados em uma dimensão competitiva, na qual o outro é percebido como aquele que pode ameaçar nossa existência. Nesse contexto, viver é apenas sobreviver.

Um outro aspecto dessa 'escolha' de vida está ancorado em um nível psíquico primitivo, aquele relativo ao sucesso: a afirmação de um deve ser equivalente ao fracasso do outro. E aqui tocamos no 'problema do poder': o verdadeiro poder não se exerce sobre as coisas, mas sobre os homens. E para o psicólogo é importante poder explicar por que o homem sente a necessidade de dominar a sua própria espécie.

A busca pelo sucesso geralmente é motivada pelo fato de que dentro de nós, naquela camada psíquica mais profunda, que só pode surgir em

situações limítrofes, o espectro do fracasso habita. Acho que não existem pessoas que não guardem esse fantasma internamente, principalmente na adolescência, onde as inseguranças são particularmente intensas. Se o indivíduo não tolera o medo da derrota, sua existência se estrutura como uma luta incessante para negá-lo e exorcizá-lo.

A necessidade de poder, que serve justamente para combater a imagem do colapso, implica uma inimizade substancial entre os homens. É uma questão muito complexa, pois está dividida em inúmeras variáveis e por mais que tentemos simplificá-la, nunca conseguimos esgotá-la. Além disso, o poder tem valores muito importantes, porque está na raiz de muitos sofrimentos humanos e continuamente nos deparamos com ele, seja como detentores ou como sujeitos a ele.

É preciso distinguir, antes de tudo, a necessidade de dominação do exercício de uma função. De fato, é possível e necessário assumir um papel temporário de poder, como Cincinnatus, que foi chamado pelos romanos para lutar, mas imediatamente retornou ao seu acampamento: desempenhou uma 'função' limitada e depois retomou sua vida normal. No entanto, o problema não diz respeito a essa área porque, ao desempenhar um papel, que também gratifica o narcisismo, estamos a serviço dos outros; é a dimensão do "poder pelo poder" que assume um significado particular: nela o que importa é apenas a supremacia sobre os outros. Eu pessoalmente acredito que a dominação para fins egoístas é um dos pecados mais iníquos que podem ser cometidos; o desejo de ter autoridade sobre os homens é um verdadeiro 'pecado mortal', que não admite 'remissão'.

A prática de poder mais difundida é também a mais sutil, porque se esconde nas dobras das 'relações interpessoais'. Quando falamos de domínio sobre os seres humanos, não devemos pensar apenas nas dimensões macroscópicas da ditadura, mas em algo que todos *podemos* experimentar. No casal, por exemplo, esse aspecto está sempre presente e se expressa na tentativa que cada parceiro faz de bloquear o potencial do outro.

Uma das raízes fundamentais da necessidade de exercer a autoridade reside na percepção fundamentalmente inconsciente da própria incapacidade: trata-se da expressão de uma dificuldade de realização pessoal. É esta impotência, da qual não se tem plena consciência, que alimenta tal estilo de vida e daí se deduz facilmente que nenhum

o homem verdadeiramente criativo pode desejar afirmar sua supremacia sobre os outros.

A experiência nos diz que é possível viver uma relação em que não predomine esse desejo porque algumas pessoas não precisam 'sobreviver', pois estão inseridas em um processo em que apenas a escuta do mundo interior é 'vital', para para construir um ambiente diferente. O indivíduo criativo sente-se preso a uma corrente de vida que tem a dimensão da eternidade; ele não sente os limites de sua própria existência, o que ele faz ou pensa ultrapassa os limites dentro dos quais aqueles que simplesmente sobrevivem são forçados.

A pessoa que busca a dominação, presa como está à sua dimensão de sobrevivência, ao contrário, tem uma necessidade incessante de 'controlar' a criatividade dos outros.

Este é um dos pontos mais delicados sobre os quais precisamos refletir: o impulso para a dominação surge da percepção da própria incapacidade de realização, que não tende exclusivamente a controlar o outro, mas tem a função precisa de bloquear sua criatividade. Transferindo este discurso para dimensões mais amplas, certamente não é por acaso que nas ditaduras as artes são sempre mortificadas e as personalidades originais são forçadas a deixar o país: o criativo é o 'inimigo natural' do poder.

Se expressamos um pensamento divergente, devemos perceber que teremos inimigos naturais, como acontece no mundo animal onde certas espécies são a presa escolhida de outras. Para quem precisa ser autoritário, o ato criativo é vivenciado como uma ferida mais grave e perigosa do que as produzidas pela inveja ou pelo ciúme: nesse caso, o outro representa um testemunho silencioso e contínuo da possibilidade de 'viver'. Aqueles que optaram por comandar e ter o destino de outras pessoas em suas próprias mãos continuamente se deparam com gestos que denunciam sua incompletude, incapacidade e esterilidade. E, portanto, toda atitude que remete a uma possibilidade mais ampla de existência é sentida como uma ferida. Ao reagir a tudo isso, o homem na verdade destrói a si mesmo.

Se descobrimos em nós a necessidade de controlar os outros, de tomar decisões pelo destino dos outros, nesse preciso momento nos deparamos com um aspecto da personalidade até então desconhecido, que representa a revelação explícita de nossa incapacidade de criatividade.

Das considerações até agora expressas, podemos tirar uma primeira conclusão: todo ato de dominação, justamente pela incapacidade criativa que o fundamenta e a consequente necessidade de reprimir a originalidade dos outros, está intimamente ligado ao problema da morte. O ser humano pode ter muitas paixões – aventura, pesquisa, amor – mas só a do poder implica a subjugação das demais. Canetti (1960, pp. 280-281) diz: “Cada execução pela qual ele é responsável, de fato, lhe dá uma certa força: a força do sobrevivente. Suas vítimas não precisavam se posicionar contra ele: elas poderiam.

Sua angústia os transforma - talvez só mais tarde - em inimigos que lutaram contra ele. Ele os condenou, eles foram mortos: ele sobreviveu a eles”. Sua ação, de fato, tenta anular uma possibilidade de vida que testemunharia sua própria condição de morte. E, afinal, Solzhenitsyn (1968, pp. 146-147) nos fala de Stalin precisamente nesses termos.

Stalin era da opinião de que uma pessoa só pode permanecer leal por um período limitado de tempo, após o qual deve ser eliminada, caso contrário, certamente acabará traindo. “Nesses casos, seu primeiro pensamento era: quanto se pode confiar neste homem? E o segundo pensamento: já não chegou a hora em que este homem deve se sacrificar? [...] A desconfiança dos homens era sua concepção do mundo.

A criatividade, ao contrário, luta contra a morte, não precisa ser acorrentada por outros, não quer cadáveres nem escravos, antes ama os que vivem. É uma dicotomia muito precisa: os que querem a morte dos outros, porque isso se torna uma prova de sua força, e os que aceitam se relacionar com os outros, porque vivem com sua autonomia.

Ao conhecermos uma personalidade artística, sentimos de imediato a carga positiva que dela emana, assim como sentimos uma arrepiante atmosfera negativa no contato com quem exerce o poder. Seu exercício de forma eficaz, dramática e inexoravelmente consome e destrói o indivíduo em um nível humano.

A dimensão criativa significa vitalidade não apenas para quem a cria, mas também para quem dela se beneficia indiretamente. Há uma afirmação de Jung (1941/1954, p. 248), muito significativa: “Se de fato não houvesse nada por trás do homem senão, por um lado, uma norma coletiva de valor e, por outro, a pulsão natural, qualquer violação da norma moral seria apenas uma

rebelião da natureza instintiva. Inovações de valor e significado seriam então impossíveis, pois os instintos são o que há de mais antigo e conservador nos animais e no homem. Essa opinião esquece a pulsão 'criativa' que pode até agir como um instinto, mas não deixa de ser uma singularidade da natureza quase exclusivamente limitada à espécie *Homo sapiens*".

Aqueles que trabalham como psicólogos deveriam ter entendido, como Rousseau em seu tempo, que o homem nasce livre. O ser humano vem ao mundo com uma psique livre de conflitos, daqueles espinhos que nos condicionam lenta mas inexoravelmente ao longo de nossa existência.

Parafraseando Rousseau, o homem nasce livre, mas em todos os lugares ele está acorrentado.

O que vemos não são precisamente grilhões "sociais", a que antes se referia o grande pedagogo, mas sim grilhões de natureza psicológica, invisíveis para quem é sua vítima, pois na situação neurótica não há, como na de escravidão, consciência. Quem sofre psicologicamente às vezes nem sabe que está, e confunde essa situação com a própria existência. Mas esta última não é um dado "a priori", deve ser conquistada dia após dia, tirando de cada nível alcançado o impulso para um maior progresso.

Aqueles laços invisíveis que tornam o homem incapaz de viver são claramente percebidos pelo olho experiente; as 'cadeias' psicológicas que nos prendem correspondem à sensação mais ou menos consciente de poder existir apenas manipulando os outros. Em tal situação não é possível entrar em relação com o objeto em uma dimensão dialógica – na qual a única verdade possível surge apenas do encontro – mas, identificando-se com um ideal de verdade, sente-se o direito e o dever forjar o seguinte.

São, portanto, as pessoas insatisfeitas que perseguem o poder, mas devemos assumir que isso não as torna nada felizes. Se dominar significa sentir-se vivo apenas pela manipulação da vida dos outros, o sentido da existência não brota da própria pessoa, mas também aqui está intimamente ligada à presença de um público sobre o qual é preciso exercer sua influência, ter, em virtude de um engano diabólico, apenas a *impressão* de existir.

O uso do poder, claro, sempre implica um objeto externo a ser atacado. Robinson Crusoe, por exemplo, teve uma chance de dominação

ilimitada, pois estava só, mas por isso mesmo não podia pô-la em prática. A necessidade de poder é, portanto, sempre uma expressão do desejo de moldar o destino dos outros.

Podemos comparar esta atitude à sutil manipulação inconsciente que ocorre em um relacionamento entre duas pessoas e que se resume em uma frase como esta: "Você precisa de mim, eu entendo que você não pode viver sem mim". Não se busca, portanto, um diálogo 'eu-tu', mas apenas uma oportunidade de manipulação, que surge da própria necessidade que o outro tem de nós. Essa dinâmica fica ainda mais implícita naquelas situações de relacionamento em que o parceiro é vivenciado apenas como um produto de nossa criação: o "complexo de Pigmalião" é mais frequente do que se imagina. A tentativa de moldar o próprio objeto de amor parece quase estrutural; frases como "Você é como eu queria você", que parecem ditadas pelo sentimento, na verdade são sugeridas por um desejo profundo de ter em mãos o destino da pessoa amada.

Em certo sentido, a ideia de poder casa-se com a de Deus: a própria imagem torna-se "divina" quando se perde toda a capacidade crítica e a dominação assume a dimensão da onipotência. Esta não é uma circunstância patológica em si, porque às vezes, especialmente em momentos de perigo, pode ser necessário, e portanto funcional, sentir uma sensação de grandeza. Porém, quando se ultrapassam os limites desta função adaptativa de exaltação das próprias faculdades, então ocorre uma identificação com quem tudo sabe e tudo pode, e aqui surge imediatamente o problema aninhado em todos aqueles que expandem os limites do Ego, se mostram como líderes carismáticos e se organizam de modo a poderem efetivamente dominar os outros com sua própria crueldade: este é o problema de serem portadores da semente da destruição, que é constituída por uma impotência real. Qualquer impulso para o poder surge do desejo de superar uma profunda dúvida que determina essencialmente o medo de viver.

O medo de crescer e tornar-se consciente e responsável pelos próprios atos provavelmente deriva de uma experiência genética muito importante, que podemos definir como 'formação da figura de entrega'. Esta ideia, que é produto de uma série de introjeções feitas nos momentos mais delicados do desenvolvimento, é aquela que nos guia e ampara em situações difíceis, aquela que nos dá a certeza de 'ser pensado'; está estruturado dentro de nós mesmos como um ponto de referência sólido.

Porém, deve ficar claro que no final o que importa é sempre a internalização da imagem. Não precisamos de sinais externos, garantias que nos consolem porque o que é necessário é ter criado um mundo interno e poderoso do qual extraímos a força para poder seguir em frente.

Este é o equivalente religioso de dizer "Deus está comigo".

O último episódio do filme *Kaos* dos irmãos Taviani é sutilmente psicológico e no diálogo entre o protagonista e sua mãe há uma frase reveladora: Luigi se sentia vivo quando sua mãe pensava assim. É o mesmo mecanismo psicológico que sustenta, por exemplo, um atleta em situação de competição: ter torcedores que torcem por ele equivale, no plano psicológico, a esse 'sentir-se pensado'. E isso também significa 'sentir-se protegido': é a conhecida imagem do anjo da guarda que cuida de nós e nos tranquiliza.

Esse sentimento de não estar sozinho é fundamental para o ser humano: quem se encontra na feliz condição de poder dizer "Deus está comigo" jamais se sente impotente ou inferior, não se percebe como desigual diante das situações que enfrenta. tem que enfrentar, não precisa exercer o poder. Quem a pratica, porém, busca fora o que não reconhece em si: segurança, confirmação, valorização pessoal. O rei, por exemplo, está sempre cercado pelos dignitários da corte e assim se expressa sua intrínseca fraqueza e impotência, enquanto o herói pode enfrentar e destruir o dragão sozinho. Esse mesmo mecanismo também explica por que algumas pessoas são obrigadas a vivenciar uma multiplicidade de relacionamentos afetivos: é a busca contínua pela confirmação externa de sua capacidade relacional.

Com a dinâmica do poder aciona-se uma espécie de mecanismo diabólico: buscamos a dominação porque somos inseguros, mas como detentores do poder damos segurança a um número muito grande de pessoas, que por sua vez se sentem indefesas e inseguras e vivenciam as mesmas dificuldades que nós; é exatamente disso que vivem os demagogos.

Aqueles que assumem o controle sobre seus semelhantes e aqueles que se submetem a ele são animados pela mesma necessidade de se libertar de seu estado de necessidade interior: esta é a matriz comum tanto das religiões quanto dos estados autoritários. A Europa viveu os momentos mais terríveis de sua história em virtude de um mandato preciso confiado a duas pessoas que pareciam encarnar uma função orientadora: Hitler e Mussolini; eles não

tomaram o poder pela força, mas obtiveram-no legalmente, pois estes dois homens pareciam corresponder a necessidades profundamente enraizadas na Europa da época (Kohut, 1978, pp. 93-112). Em vez de encontrar uma solução racional, crítica e dialética para suas próprias dificuldades, a possibilidade de eliminar os países daquelas condições particulares que os oprimiam foi confiada aos dois ditadores e ao seu senso de onipotência.

Numa esfera mais restrita, o sucesso daqueles terapeutas mencionados nos jornais, aqueles que eu chamaria de 'terapeutas de massa', baseia-se justamente no fato de que sempre há alguém disposto a abrir mão de toda a sua liberdade psicológica em troca da promessa de libertar-se de suas ansiedades e necessidades. Pela primeira vez, depois de anos de experiência universitária, participei recentemente de uma sessão de formatura em que um aluno foi reprovado. Este apresentava uma tese sobre o pensamento de um demagogo local e sua discussão era totalmente desprovida de senso crítico: viu-se claramente como ele foi cativado pela promessa de algum 'paraíso', a ponto de ser incapaz até mesmo do discurso mais distante. A comissão, da qual também eu fazia parte, rejeitou com razão um futuro psicólogo que demonstrou não poder ter outra atitude para com seu professor senão a adoração.

Na realidade, deve-se entender que não só não é possível livrar-se de um estado de carência, como nem mesmo é desejável, porque cada uma de nossas necessidades, mesmo que urgentes e dolorosas, constitui um estímulo e uma condição favorável para compreender o mundo que nos rodeia. A satisfação alcançada é sempre a premissa para aspirar a um nível superior de gratificação; a nível biológico, por exemplo, as necessidades de comer, beber e fazer amor não se esgotam, porque a sua satisfação nas classes elementares acompanha necessariamente a necessidade de viver essas experiências de satisfação de forma mais rica e articulada. O demagogo que promete a libertação da necessidade e do conflito, e a recuperação da situação não conflituosa vivida na fase urobórica do relacionamento com a mãe, oferece apenas uma ilusão, na qual todos aqueles que não receberam nessas fases estão particularmente inclinados a acreditar desde cedo um sentimento suficiente de segurança e solidariedade.

O poder depende precisamente dessa ilusão. Hitler não apenas disse aos alemães que eles eram de uma raça superior, mas que para eles criaria um império duradouro. A nação da qual Goethe e nasceram

Schiller acreditou por dez anos em tais palavras que elas só poderiam satisfazer uma necessidade humana extremamente primitiva. E por outro lado, em *O Triunfo da Vontade*, do diretor Leni Riefenstahl, Hitler diz aos jovens: "Farei de vocês homens que não temem a morte".

Os demagogos nos enganam com a promessa de uma libertação da necessidade; nós psicólogos sabemos, ao contrário, que diante dos problemas existenciais só podemos ter uma atitude, aquela que nos permite criar continuamente nossa vida. Livrar-se da necessidade, ainda que ilusoriamente, significa sair da história e regressar ao "paraíso terrestre" onde tudo se passa sem que o homem jamais possa intervir. Essa busca por um Éden é tão intensa que ao longo do século XIX, quando houve grandes explorações geográficas, os países do eixo tropical foram verdadeiramente considerados como 'últimos paraísos', oásis de 'liberdade' onde a natureza parecia dar espontaneamente tudo o que os indivíduos aspirava.

Na verdade, só nos sentimos livres quando aceitamos a possibilidade de estarmos sempre insatisfeitos. É isso que diferencia nossa visão psicológica do modelo oferecido pelos ditadores, que prometem a satisfação plena de todas as necessidades.

Assim como Elias Canetti se perguntou qual era a missão do escritor, eu me pergunto qual é a missão do psicólogo. Nós, de fato, como tais, devemos nos comprometer a oferecer aos outros o fruto do nosso conhecimento. Compreendemos que, para se sentir vivo, para sair do nada e da morte, o homem deve criar, com suas obras e com seus pensamentos. O poder liberta da necessidade, mas assim conduz à morte, pois a falta de desejo é a morte. O psicólogo sabe que a verdadeira existência é a do indivíduo que cria e luta contra a atração do nada.

Mas para chegar à capacidade de despertar outras consciências, devemos ter a coragem de passar pelo nosso próprio desespero, aquele que sentimos quando nos prometem algo e ao mesmo tempo sentimos a falsidade dessa afirmação.

Graças ao confronto com o desespero, e depois de sair dele, podemos tentar falar e partilhar a nossa experiência com os outros. Mas não devemos entender mal, porque cada um deve seguir seu próprio caminho, tendo em mente que nada de importante pode ser feito se pouco foi gasto.

Em nossa cultura parece absolutamente proibido permanecer na condição de “conflito”: os esforços são direcionados para que este momento seja o mais curto possível, da mesma forma que tentamos conter a dor física em um tempo muito curto. É como se a própria sociedade estivesse estruturada de forma a condenar a possibilidade de passar por momentos difíceis, estados de sofrimento, ansiedade e vazio. Todos os nossos esforços visam libertar os outros de experiências semelhantes. No entanto, é necessária uma reflexão mais aprofundada sobre esta questão.

Se assimilamos a permanência na dificuldade e no sofrimento a um sentimento de fracasso, de derrota, à impressão de 'perda de tempo', devemos admitir que não é uma situação esporádica, passageira, mas uma experiência que nos acompanha ao longo da vida. Em outras palavras, perder faz parte do jogo. Ninguém pode se levantar e andar sem antes tropeçar e cair no chão, mas tal situação é sempre assustadora. Talvez não tenhamos em mente o que Goethe (1870, p. 47) havia dito: "Há indivíduos que nunca erram porque não propõem nada de sensato".

Os jovens geralmente tendem a imaginar a existência como uma série de vitórias: cada conquista garante a próxima, e o futuro só pode aumentar e enriquecer tal estado. Nós, adultos, por outro lado, sabemos bem por experiência que cada etapa alcançada pode ser efêmera, confinada ao presente; sua validade não se estende no tempo, não se projeta no futuro. O sucesso não é um patrimônio do qual viver de renda, lucrando com juros; no instante seguinte teremos que jogar todo o capital, arriscando perdê-lo a qualquer momento. Claro, ver o futuro sob esta luz dura, ver claramente a possibilidade de derrota, nos apavora. Mas o medo na verdade vem de um relacionamento errado com a morte, que pode ser percebido como o fracasso final. Eu pessoalmente acredito que a saúde mental também se mostra na relação que estabelecemos com essa ideia; Acho muito preocupante que uma pessoa viva constantemente com medo de tal perspectiva, mas, felizmente para nós, muitas vezes vivemos com uma sensação de imortalidade.

O medo de não atingir os objetivos a que nos propusemos está, portanto, ligado a uma concepção da morte entendida precisamente como uma derrota, ao passo que esta fecha um aspeto, o conhecido, e é possível que abra outros, incognoscíveis para nós.

O fracasso e o fracasso nunca podem ser rastreados até fatos circunscritos, porque os dois termos não se referem a nenhum critério fixo e objetivo com base no qual avaliar com precisão os eventos da vida. De fato, os grandes temas e etapas significativas da existência têm implicações diferentes para cada ser. A individualidade nos coloca diante de nosso caminho existencial com impulsos e motivações muito peculiares: todos tendem a criar um 'programa' absolutamente pessoal, no qual o único critério de julgamento são os valores igualmente pessoais daquele projeto específico. Perder, portanto, significa ter a impressão de não ter alcançado uma meta importante para nós.

Existem duas respostas possíveis a uma sensação de fracasso: destrutividade e vontade de lutar.

Como uma pessoa se move e se comporta em relação aos seus fracassos pode ser um verdadeiro teste psicológico. Há aqueles que são completamente destruídos e aqueles que, em vez disso, extraem mais energia desse revés para retomar sua jornada. Quando nos sentimos 'aniquilados' por um fracasso, significa que nos identificamos completamente com aquele compromisso determinado e pré-estabelecido, negligenciando o fato de que nossa existência é muito mais rica do que atos isolados realizados ou factíveis. Por trás das aparências limitadas da realidade concreta esconde-se sempre uma riqueza muito mais ampla.

Se você cometer o erro psicológico de se identificar com o objetivo que deseja alcançar, o colapso não diz respeito apenas a esse propósito específico, mas ao nosso ser como um todo. É aqui que as ideias de suicídio podem surgir. Este grave problema psicológico surge, infelizmente, de um mal-entendido: o fracasso na realidade, como já destacamos, tem a ver com um aspecto parcial da existência, e apenas por um 'erro' ofuscante como um 'curto-circuito' podemos pensar que afeta toda a vida.

Por outro lado, aqueles que conseguem manter certo distanciamento das dimensões externas extraem da derrota um incentivo particular para lutar contra a situação que naquele momento lhes era adversa. Esta é certamente a atitude psicológica que devemos tentar conquistar; a falha, reconhecida e aceita como uma ocorrência possível, assume assim um significado propulsivo.

Somente pessoas 'fortes' sabem enfrentar a derrota; mas o termo 'forte' não deve ser entendido no sentido comum, ao contrário, refere-se à coragem de experimentar. Se nos encontrarmos na situação de procurar continuamente, tentar, expor-nos, se navegarmos para praias desconhecidas, corremos também o risco de fracassar, de naufragar, ao contrário de quem escolhe ficar na praia.

A chamada cultura de 'fronteira', característica de um certo tipo humano, evoca a imagem do mistério, de algo desconhecido que se encontra do outro lado. E é justamente o desafio ao desconhecido que nos expõe à possibilidade do fracasso; portanto, poderíamos dizer que quem experimentou fracassos é 'mais forte' pelo próprio fato de ter sentido a necessidade de cruzar a fronteira que delimitava a 'zona de segurança'.

Quando nos deparamos com pessoas que relatam não ter passado por nenhum contratempo, podemos legitimamente suspeitar que nunca viveram de verdade. Dessa forma, inverte-se uma concepção psicológica segundo a qual a derrota tem um valor negativo: a nosso ver, 'fracassar' significa não ter tido coragem de tentar. Das proezas dos astronautas à coragem de muitos jovens que saem do seu país para ir estudar nas grandes cidades, atravessando assim as 'fronteiras' pessoais, deparamo-nos sempre com actos que expressam a mesma aceitação do risco e possibilidade de perdendo.

Esta aquisição manifesta-se, por exemplo, na capacidade de oposição à mediocridade, a que corresponde também uma inexistência: aceitar passivamente os critérios mínimos de vida propostos pelo coletivo equivale a permanecer numa dimensão completamente previsível.

Gostaria de reiterar que quando falamos em 'colapso' não devemos pensar em termos coletivos, e acreditar, por exemplo, que uma pessoa de sucesso está isenta disso; no nível psicológico, essa ideia corresponde a outra coisa, cada um de nós tem seus próprios 'sonhos e necessidades' absolutamente individuais, em comparação com os quais os valores coletivos, que como tais são verdadeiramente 'abstratos', não têm valor.

O fracasso só faz sentido em um nível subjetivo; o indivíduo sabe se falhou em um determinado momento, mesmo quando outros podem ver o que por critérios comuns parece uma vitória. É a própria pessoa que

ele se torna o único verdadeiro árbitro de sua experiência e quem pode dar sentido ao que aconteceu.

A derrota individual não pode mais ser estéril se lhe dermos o sentido propulsor que pode derivar de um intenso investimento das próprias energias psíquicas peculiares. Em *Cartas a um jovem poeta*, Rilke (1929, p. 55) escreve:

Você teve muitas grandes tristezas, que foram embora. E você diz que até a partida deles foi difícil e irritante para você. Mas, por favor, reflita se essas grandes tristezas não passaram por você, se muito em você não foi transformado, se em algum lugar, em algum ponto do seu ser não mudou, enquanto você estava triste. Perigosas e malignas são apenas aquelas tristezas que são trazidas entre as pessoas para esmagá-las com barulho, como doenças que são tratadas superficialmente e sem consideração; eles apenas dão um passo para trás e depois de uma breve pausa irrompem, ainda mais temerosos, e se recolhem nas profundezas e são vida, são vida não vivida, abatida, perdida, da qual se pode morrer.

Os poetas não precisam estudar psicologia ou psicanálise para expressar as verdades profundas do nosso ser com uma linguagem sintética e particularmente eficaz. Nós, como psicólogos, abordamos a alma por fora, o poeta a aborda por dentro.

Rilke sublinha aqui a futilidade de fazer 'barulho' lá fora com a própria angústia: ao contrário, devemos guardar nosso sofrimento dentro de nós e tentar compreender que não é só quem nunca começou a viver que falha.

É por isso que geralmente se deve temer as pessoas aparentemente bem-sucedidas: isso geralmente não tem nada a ver com as qualidades humanas mais autênticas. Afinal, só quem vive de verdade, quem não se detém diante dos sentimentos ou das ações, pode saber o que significa se sentir inadequado. Percebemos uma sensação de inadequação apenas se mergulharmos na água e tentarmos nadar, somente quando estivermos realmente comprometidos em alcançar nossos objetivos. Mas neste caso o que nos faz desistir da ação não é a sensação de impotência estéril; devemos, de fato, considerar que a dimensão humana é sempre menor que a onipotência do nosso desejo. É muito importante não nos sentirmos mal por esse tipo de 'impotência': na verdade é só diante dela que podemos nos compreender profundamente. A consciência de nossos aspectos mais secretos só é possível no momento do fracasso, que se torna o verdadeiro espelho de nosso ser, a imagem na qual reconhecemos o

nossos limites. Mas estes podem ser superados: o fracasso nos confronta com uma fronteira que não deve ser entendida em sentido estático, mas como uma 'fronteira' dinâmica que sempre pode ser movida, conforme medimos nossa força.

A nossa dimensão oculta, a dimensão sofrida a que demos o nome de "Sombra", surge apenas quando nos encontramos nas mais sérias dificuldades, por isso temos tanto medo das adversidades.

No caminho para a maturidade psicológica há uma etapa crucial, uma encruzilhada onde a escolha não pode ser deixada ao acaso; a partir desse momento, de fato, os dois caminhos divergiram irreparavelmente. Você pode escolher o caminho que parece mais fácil representado pelo compromisso, sempre chegando a um acordo para evitar desconforto; ou então aquele, mais acidentado e impenetrável, da coerência, da fidelidade a si mesmo, da autenticidade. A primeira promete-nos um passeio, a segunda uma aventura. Quem optar pelo compromisso fará uma 'visita guiada', numa paisagem familiar, numa natureza domesticada, por caminhos traçados e 'batidos' já há algum tempo; quem escolhe o outro caminho aventura-se por sua conta e risco numa empresa solitária, numa terra inexplorada onde, como em certos mapas antigos, se poderia escrever *Hic sunt leones*. A 'besta' que nosso viajante aventureiro pode encontrar não é nem mais nem menos que o 'diabo', ou seja, sua própria Sombra, a parte mais violenta de si mesmo, assim como as três 'feras' encontradas eram aspectos temíveis de sua personalidade por Dante na "floresta escura". Para quem escolhe o caminho da autenticidade, tais encontros não são apenas inevitáveis, mas preciosos, porque os ajudam a se tornar mais homens.

Nesses momentos, a razão, que parecia ser nossa única arma, falha e o irracional assume o controle; mas então temos que nos opor a uma força ainda maior, que é a de nos tornarmos 'mais homens', porque entendemos que a lógica sozinha não nos permite apreender o mundo, a concepção racional da vida não nos faz entender tudo.

Quando o pensamento se torna "fraco", devemos nos esforçar para sermos testemunhas dessa fraqueza, não para nos sentirmos aniquilados, mas sim mais alertas e mais vivos do que nunca. Nos campos de concentração, apenas aqueles que sentiram que sua resistência não era apenas sobrevivência, mas que se tornaria um testemunho no futuro, conseguiram se salvar. Cada um é testemunha de sua própria vida.

14.

TESTEMUNHAS DE NÓS MESMOS

Cada indivíduo é o testemunho de si mesmo: esta afirmação não é um enigma de oráculo, mas ainda assim se presta a diferentes interpretações. Devemos partir da ideia de que sermos nós mesmos individualidades únicas já é extraordinário em si mesmo e o é justamente no sentido etimológico do termo, pois o fato de cada um de nós poder representar algo com valor próprio é fora do comum intrínseco mesmo embora não tenha nada em comum com todos aqueles processos de identificação a que a existência nos submete desde o momento do nascimento.

O mecanismo de identificação permite um processo de crescimento, mas ainda é uma questão de relação com um modelo. Seu oposto é a tentativa de afastar-se de uma imagem que não nos pertence, concreta ou ideal, para buscar um modo de vida totalmente individual. Cada um só pode ser o resultado de uma história muito pessoal, única e irrepetível, como o padrão oferecido de tempos em tempos por um caleidoscópio. Devemos desenvolver e carregar dentro de nós esse senso de diferenciação em relação aos modelos pré-estabelecidos, aos quais também inconscientemente prestamos atenção, caso contrário, pagamos o preço de nos tornarmos apenas seres vivos que desconhecem sua própria existência.

Ninguém nos pode substituir, ninguém nos pode substituir, precisamente porque a vida é marcada por episódios e momentos que resultam de uma experiência absolutamente exclusiva. Como psicólogos, ou seja, como pessoas que enfrentam o sofrimento humano real, nos perguntamos quais são as razões pelas quais devemos jogar fora essa riqueza, tentando nos tornar uma cópia ruim do mundo que nos rodeia.

Este discurso pode até parecer óbvio, mas sabemos que a tentativa de não ser apenas 'rascunhos', de não ceder à tentação de nos identificarmos com um modelo externo, exige esforço e atenção contínuos. De fato, um único momento de descontração é suficiente para retomar a fala coletiva, e então, como já foi dito, em vez de julgamentos emitimos pré-julgamentos, em vez de pensamentos propomos tagarelice. A atenção constante, pelo contrário, permite-nos afastar destes métodos repetitivos e avançar para a autêntica originalidade da nossa personalidade, que tem o significado próprio de uma recuperação da 'origem'; ou seja, é preciso eliminar as 'superestruturas', trazendo à tona a 'estrutura' básica.

O sentido do trágico, do sofrimento, começa quando sentimos a necessidade de começar a forjar, a construir o 'destino': em termos dinâmicos, podemos delinear o melhor como a atividade criativa realizada por nós mesmos na dimensão psíquica que pertence desde o início e que, quaisquer que sejam as condições externas, permanece sempre inalterado.

No campo da psicologia existe uma corrente de pensamento segundo a qual se pode fazer o que se quer com o homem, 'condicionando-o', como programar um computador. Quem cultivar essa ideia ficará cruelmente decepcionado, pois felizmente para nós há limites além dos quais o 'condicionamento' – que certamente não falta em nossa vida social, e são muitos, mais sutis, maciços e contínuos que o 'experimental' os concebidos por Watson e outros – são ineficazes, já não conseguem 'morder', como um trado que encontra a rocha: há um núcleo duro dentro de nós que os outros não conseguem arranhar, um 'resíduo' de originalidade que, se apenas o quisermos, será a nossa salvação. É sobre esse resíduo que devemos basear nosso desenvolvimento psicológico; e é exatamente com isso que contamos e focamos durante a análise: o sofredor é cheio de superestruturas e não tem consciência desse cerne pessoal inexpugnável, do qual se deve partir para desenvolvimentos posteriores.

A recuperação da nossa individualidade é uma espécie de esforço, um trabalho que se faz apesar de tudo e contra as próprias leis da criação. De fato, assim vamos contra o rumo natural das coisas; mas o homem como tal sempre exerceu essa violência, como quando conquistou a possibilidade de vencer certas doenças. Quanto mais pecado

parece grande a percepção de nossa individualidade, que permanece inatacável mesmo sob os golpes de quem quer nos atormentar e nos dobrar à força.

'Contra a natureza' implica justamente esse esforço de atenção mencionado acima, pois nascemos 'inconscientes' e nos momentos de desatenção há uma queda em nosso nível de civilização psicológica, e surgem aquelas pulsões que nos tornam novamente predadores e agressivos: no fundo nós há uma tendência a viver como animais, a viver 'de acordo com a natureza'. No entanto, isso significaria que o homem desapareceria da terra em pouco tempo, como teria acontecido se esse singular mamífero não tivesse escapado às regras do mundo inventando a 'cultura'. Na dimensão psicológica temos que violentar o patrimônio genético, mas assim uma pergunta se torna pertinente: por que se sente o impulso de se mover contra as leis naturais?

O próprio fato de estarmos interessados nessas questões é indicativo de um mal-estar geral. Os que não os têm, os que não se sentem insatisfeitos, não se colocam tais problemas e, de qualquer modo, nem sequer os compreenderiam. Mesmo nós, analistas, só podemos falar sobre esses temas pescando em nós as palavras certas e universais para poder nos comunicar com o paciente, porque também nós não estamos imunes a esse mal-estar. Uma linguagem comum pressupõe experiências comuns; paradoxalmente, poderíamos dizer que 'felizmente' a *doença* de que estamos tratando é de caráter epidêmico; é graças a essa característica que podemos revestir de palavras o inefável, o que de outra forma seria 'incomunicável'. Escusado será dizer que esta 'doença' não se refere ao sentido atual do termo, é como um estado de incompletude que nos assalta mesmo que as coisas aconteçam do seu jeito. Ser humano é sentir que comer não basta, sobreviver não basta. A maioria dos transtornos psicológicos do nosso século diz respeito à área daqueles problemas internos que dilaceram as pessoas enquanto ainda as tornam capazes de realizar suas

A sensação de insatisfação, sofrimento psíquico é uma lembrança da alma, assim como os órgãos internos solicitam nossa atenção através da dor física. Se estamos apaixonados e não correspondidos, sofremos, mas esse profundo sofrimento nos faz sentir que temos uma existência interior. Para enfrentar essa dor ouvimos música, lemos um livro ou tomamos psicotrópicos, mas tudo é inútil porque nesse momento o

nossa alma está clamando e ela precisa apenas ouvir sua mensagem: é preciso, portanto, aprender a conversar consigo mesmo individualmente, com uma linguagem pessoal.

Aqui vemos o grande valor da atitude analítica que atua como intérprete do caso individual quando o analista se dirige ao paciente "virgem" para aprender com ele a linguagem de sua alma. As palavras de Nietzsche (1887, p. 157) vêm à mente: "Contra o que estou protestando? Contra o fato de que essa pequena e plácida mediocridade, esse equilíbrio de uma alma que não conhece os grandes impulsos produzidos por grandes acumulações de energia, é tomado como algo elevado, talvez até como a medida do homem" .

Traduzida para a linguagem psicológica, a frase de Nietzsche configura a revolta da alma contra uma vida completamente coletiva cuja lei está sempre do lado de fora, nunca essa alma teve coragem de olhar para dentro para decidir por si mesma.

Claro que não ignoro todas aquelas dificuldades da existência que nos obrigam a 'fazer-se' e a fazer concessões que pelo menos nos permitam sobreviver, mas depois alguns de nós sofrem de uma profunda insatisfação, enquanto outros nem sequer observe os limites que são impostos. Devemos, no entanto, reiterar que o que importa é a possibilidade de vivenciar o autêntico momento existencial.

O primeiro passo fundamental, confirmado também pelo trabalho analítico, consiste em dizer sim à própria experiência individual, em sua totalidade. Aceitar a própria dor significa ter aprendido que de forma alguma o caminho da existência pode ser aplainado para nós: ninguém pode evitar que enfrentemos perigos e soframos danos inevitáveis, apenas nós mesmos temos a possibilidade de lutar por nossas vidas, assumindo plena responsabilidade por tudo o que encontramos pelo caminho.

Os obstáculos podem ser representados por doenças, dificuldades econômicas, agressões, recusas, assédios de toda espécie: não é pela sua qualidade nem mesmo pela quantidade que podemos avaliá-los, mas pela situação psíquica. Diante de circunstâncias aparentemente intransponíveis, surge a dimensão real; há quem fuja diante de um perigo e quem o enfrente, e a coragem de nos enfrentar nasce naquele momento, graças a esse perigo, a esse impedimento.

Pode parecer retórico dizer que os obstáculos ajudam a crescer, mas a nível psicológico podemos dizer que estimulam a expressão da dimensão interior. As dificuldades devem, portanto, ser consideradas como elementos estruturais da vida, da mesma forma que a 'resistência' que o mármore opõe ao escultor: a nossa estrutura é reforçada de acordo com a 'dureza' com que somos chamados a confrontar-nos. E é aqui que podemos forjar o destino; nessas situações cruciais, devemos nos perguntar o que fizemos e estamos fazendo com nossas características irrepetíveis.

Essas são perguntas 'difíceis', ainda mais difíceis de serem feitas quando uma grande parte da existência já passou. Marx disse que os homens também podem viver como bois, mas neste caso não são dignos de serem chamados de 'homens'. Tememos as mortificações, calúnias, hostilidades, desconfianças dos outros? Mesmo que esses medos pareçam bloquear a expressão da individualidade, devemos perceber que a presença desses obstáculos, dessas ansiedades, indica algo muito importante, que é que para preservar a individualidade, para nos sentirmos plenamente vivos, tivemos que viajar pistas completamente novas. Isto implica sempre o risco de errar, porque neste caso as 'regras do jogo' são aprendidas no próprio acto de traçar o seu caminho. Descobertas científicas significativas ou grandes obras humanísticas, aquelas que mudaram completamente uma visão do mundo, foram possíveis justamente porque um indivíduo deixou de olhar na direção para a qual todos se voltavam e, obviamente, nessa perspectiva diferente ele encontrou um maior número de obstáculos, dificuldades e imprevistos. Já próximo do fim de sua vida, Jung (1961, p. 397) afirmou que quando se segue o caminho da 'individuação' os erros também devem ser levados em conta, pois sem eles a existência não seria completa.

O verdadeiro e único 'perigo' que encontramos, que os sintetiza a todos, é aquele que decorre precisamente da adesão contínua à escolha individual. Este salto de fé implica a consciência de que aspectos do caminho escolhido não têm contrapartida externa. O caminho coletivo elimina todas as contradições, já foi 'suavizado' por outros e, portanto, sempre sabemos para onde ir: cada placa deste caminho indica inequivocamente a direção a seguir. A estrada individual, por outro lado, tem inúmeras indicações, que não dão nenhuma certeza sobre a linha a seguir.

É precisamente nos momentos de dúvida, porém, que temos a percepção de existir: quando aceitamos o risco de escolher entre soluções contraditórias sentimos que a alma vive. Podemos, portanto, dizer que, para sermos psicologicamente vitais, devemos sempre nos mover nas polaridades. Toda escolha que fazemos obviamente implica uma renúncia, e não há quem possa nos dizer se aquele comportamento foi certo ou errado.

Viver assim significa ter abandonado aquelas setas indicadoras, aquelas 'tábuas da lei' que regem a vida coletiva, e ter trazido de volta à nossa alma todas as polaridades e contradições; assim, como diria Jung, estabelece-se um juízo no indivíduo em que acusado e acusador são a mesma pessoa.

Isso implica trabalhar conosco, sem referências externas, para a solução da dicotomia que dilacera, mas que ao mesmo tempo nos faz sentir vivos. Nesta condição já não há nada de objetivo que nos ajude a resolver as contradições: só a solidão se torna a testemunha silenciosa do nosso drama interior.

Justamente porque esse testemunho é mudo, experimentamos uma condição de existência que deveria prescindir de confirmações externas. Na realidade, estar no mundo sem reconhecimentos implica uma dimensão psicológica muito evoluída e difícil de atingir, sobretudo na juventude; poderíamos até dizer que é quase contra a natureza prescindir de confirmações.

E isso explica porque, mesmo quando contamos com a ressonância interna, ainda experimentamos uma condição desejante, voltada para aquelas referências externas que não podemos deixar de perceber. Nessa situação, experimentamos ansiedade, que em alguns casos pode assumir a forma de um medo mais geral de viver. Vejamos, para nos ajudar a esclarecer este aspecto, o que sugere a observação do mundo animal. Em cada espécie há um momento preciso em que o filhote deixa de sê-lo e enfrenta seu ambiente de forma autônoma, e isso ocorre quando o desenvolvimento biológico de seu organismo permite que ele sobreviva por conta própria. O período de dependência do animal jovem tem uma duração fixa e um prazo regular para cada espécie individualmente, porque está ligado ao habitat, ao ecossistema em que aquela espécie está inserida, sendo que o habi

mais ou menos o mesmo por milênios - exceto nos tempos bem recentes, em que o *Homo sapiens* se encarregou de remodelar o mundo.

Mas, além dos malefícios do homem, também a natureza pode introduzir algumas variantes na relação com o meio ambiente: mudanças climáticas, por exemplo, que podem tornar o período de 'dependência' absolutamente insuficiente para o filhote, e seu desmame absolutamente prematuro. Nestes casos a espécie extingue-se (se o novo ambiente for proibitivo para todos os espécimes jovens), ou sobrevive, salvando aqueles seres que devido às suas características acidentais são mais adequados às condições alteradas.

Infelizmente, para o ser humano não é tão simples assim: no momento em que temos que enfrentar a vida sozinhos, deixamos todas as referências familiares que nos guiaram até aquele momento, perdemos aqueles que pensam por nós. Já usei essa expressão "sentir-se pensado" para resumir aquela sensação de proteção que nos alivia do medo. No curso do desenvolvimento, temos que nos afastar desse ambiente protetor, mas o ambiente em que nos encontramos no momento do distanciamento não é mais natural, mas

O desenvolvimento implica, portanto, a passagem de um sistema 'biológico' para um 'cultural', que é uma criação do próprio homem e neste último as habilidades inatas não são mais necessárias porque o mundo mudou tanto que o equipamento natural não *garante* mais sobrevivência. A ideia de que as dificuldades diminuem à medida que crescemos baseia-se no pressuposto errôneo de que o desenvolvimento tem um caráter enraizado nos genes, mas se devemos falar de crescimento para o indivíduo, é apenas cultural e psicológico.

Quando falamos de "medo de viver" nos referimos a uma incapacidade generalizada de apreender o que a vida, de forma totalmente indiferente, nos oferece. E isso se traduz na sensação de 'não conseguir' seguir em frente.

Quase parece que não somos fortes o suficiente para suportar o peso da existência. Na minha opinião, essas experiências são baseadas em uma suposição, muitas vezes até inconsciente, segundo a qual devemos, como o animal filhote, nos sentir 'naturalmente' inseridos na vida, mas essa premissa 'naturalista' é infundada porque não há nada 'natural' em um mundo agora essencialmente "cultural" como o do homem. A premissa inconsciente citada vê um universo onde as coisas acontecem quase que automaticamente; na vida humana, por outro lado, não há nada que aconteça só porque 'tinha que ser assim'.

Não nos cabe fazer juízos de valor sobre essas diferentes dimensões existenciais, mas ainda temos o dever de atentar para tal dicotomia. Como disse Freud, quando nos deparamos com a realidade devemos lutar para transformá-la se isso for possível, e aceitar pacientemente tudo o que não é suscetível de modificação. Mas eu acrescentaria que ainda temos que nos perguntar sobre essa dupla possibilidade. Pensar em etapas precisas que levam 'naturalmente' a um determinado resultado é simplesmente ilusório; o desejo de que assim seja certamente é legítimo, ainda que a realidade seja bem diferente. Portanto, não é a natureza que devemos combater, mas o mundo da cultura com suas regras, que não nos são dadas biologicamente, mas que devemos aprender à medida que avançamos em nossa esfera. O filhote de animal, ao se desprender de sua mãe, traz consigo um aparato biológico próprio que lhe permite enfrentar o ambiente; o cachorrinho do homem, com um kit parecido com o do animal, se vê conhecendo um universo que nada mais tem a ver com aquela esfera biológica.

Mesmo por esta razão, pode-se sentir um profundo desconforto: não eles ainda conhecem as regras do jogo.

Quando falamos das dificuldades de nos abirmos para a vida, é importante nos perguntarmos a qual 'vida' pretendemos acessar, lembrando que os elementos essenciais são as relações interpessoais e os sentimentos. Quem conhece bem as regras para "nadar" nessas duas esferas também conhece as regras para entrar na existência.

E assim a sobrevivência é decidida não tanto pelas leis da natureza quanto pelas normas e convenções dos homens, essa "superestrutura" que o homem construiu sobre a "estrutura" biológica básica. O medo de viver diz respeito justamente às 'leis' criadas pelos seres humanos, é o medo de enfrentar o mundo e confrontar suas normas. De fato, é possível que uma pessoa extremamente corajosa diante de um perigo natural seja, ao contrário, incapaz de falar em público ou de enfrentar uma situação social e cultural. Tememos nos expor no que aprendemos em nível cultural; temos vergonha das regras humanas, porque ali sentimos mais agudamente o perigo do 'julgamento'. Todos temos medo, mas o que nos diferencia é a forma como reagimos a esta experiência. O cerne do problema consiste em compreender que relação temos com quadros de referência pessoais, com modelos ideais; o exemplar e radical é oferecido por

Deus 'onipotente': este adjetivo expressa um desejo profundo do homem, o de atribuir a si mesmo possibilidades infinitas. A famosa resposta de Woody Allen aos que o censuravam por pensar como se fosse o próprio Deus Eterno, "Você tem que se inspirar em algum modelo!", não foi apenas uma brincadeira de gosto surrealista.

Essa projeção de onipotência deve nos fazer refletir sobre o fato de que também devemos lidar com a realidade; a solução consiste em entender que viver significa, acima de tudo, ter relações positivas com o medo.

Não há possibilidade de uma vida diferente porque, por mais equipados que estejamos, a natureza e a cultura são sempre mais fortes do que nós. A sensação de pânico está sempre presente, mas nossa primeira tarefa é entrar em contato com ela, e não fingir que não sabe. As crianças podem ser enganadas, mas a idade madura impede-nos de o fazer e obriga-nos a enfrentar esta dimensão aparentemente devastadora que nunca nos abandonará. Uma vez em relação, para não sucumbir, ou seja, não ficar paralisado, devemos entrar na própria linguagem do medo.

15.

A VERDADE ESCONDIDA

Nosso desejo de onipotência deve necessariamente confrontar-se com a realidade da vida, que sempre nos impõe uma relação de medo; relacionar-se com ela, porém, tem o valor de aprender a compreender sua "linguagem". Encontramos dificuldades porque é um código aproximado e imperfeito; é uma linguagem que busca uma forma, é o canal de quem tenta dar contornos precisos a algo vago, obscuro, mas essa expressão será fatalmente inadequada e insatisfatória.

Quando um homem criativo tenta delinear uma imagem interna com a palavra, com a música, com a pintura ou com qualquer outro meio de expressão, percebe que na verdade o que percebe está absolutamente distante daquela intuição captada em determinado momento. Só ele tem consciência da grande lacuna que existe entre suas vibrações internas, a intensa experiência criativa e o que de fato consegue dar em seu trabalho. Esta é a razão pela qual Platão (1966, Carta sétima, 341, cd) disse que basicamente a verdade é inexprimível; o verdadeiro ensinamento não passa pelas coisas escritas, aquelas que se consomem no ato em que se expressam, mas por outras modalidades. Isso implica a existência de um momento em que o que foi apreendido e compreendido não é comunicável com as ferramentas que nós humanos possuímos, mas apenas com outros meios que requerem não apenas formas particulares de expressão e criatividade, mas também sintonizações peculiares. Em outras palavras, estamos no campo da comunicação mais sutil e ao mesmo tempo mais verdadeira em que uma espécie de cumplicidade é obrigatória, fora dos olhares, fora de qualquer complacência narcísica. Não leva à glória, às honras e impede o contentamento porque o momento do conhecimento se basta a si mesm

isso acontece na análise quando você entende como o mundo das emoções deu muito mais do que qualquer outra ferramenta, mas esse segredo deve permanecer assim, longe dos olhos profanos.

Mesmo o medo, a meu ver, não pode ser apreendido em seu real significado, com as formas usuais de pensar; para enfrentar o que nos assusta devemos estruturar novas perspectivas psicológicas.

Aqui está um exemplo retirado da psicopatologia: o fóbico tenta evitar o que teme porque sente que seria esmagado por isso. A terapia desse transtorno pode consistir em levar gradualmente a pessoa a se aproximar de situações fóbicas, pois é aí que se pode descobrir algo, compreendendo assim o significado do pânico. Essa experiência deve ser compreendida, é preciso ir às suas raízes, mesmo que pareça incompreensível ou absurda.

É por isso que eu disse que o medo fala a linguagem da imperfeição: o verdadeiro objeto do terror nunca é expresso com clareza e, portanto, devemos aprender a traduzir sua linguagem. E assim como na situação patológica a tentativa de fuga daquilo que nos inspira a angústia se torna fuga de toda uma série de experiências, assim também na condição normal não querer entrar em relação com o medo, com este aspecto inevitável da existência, significa fugir da própria vida.

Certamente aprendemos ao longo do desenvolvimento que a realidade das relações é traduzida de forma absolutamente pessoal, da mesma forma que um poema pode ser relatado em língua estrangeira em diferentes formas, dependendo da sensibilidade do tradutor. Isso significa que, a partir da relação que temos com a vida, podemos ser 'tradutores' ou 'traidores' daquele acontecimento que queremos compreender. Muitos sofrimentos decorrem justamente de uma 'má tradução' que não nos faz entender realmente o 'texto' e, no melhor dos casos, desperta em nós a necessidade de ir ver o original. Assim, a cosmovisão externa se desenrola entre os pólos da fidelidade ao texto e sua traição.

A origem dessa possibilidade de erro remonta óbvia e inevitavelmente à infância. Poderíamos dizer que, quando começamos a aprender nossa 'linguagem' psicológica pessoal, entendemos mal o significado de algumas palavras e estas serão posteriormente associadas a um significado diferente do que realmente têm: essas palavras são experiências

infantis, que determinam nossas possibilidades de desenvolvimento psicológico quanto mais inconscientes delas estivermos. Se essas primeiras experiências foram 'mal traduzidas', sempre enfrentaremos o mundo com uma atitude de medo, realizando contínuas 'traições' com relação a experiências semelhantes àquelas que no passado nossa condição infantil não nos permitia traduzir na exata caminho.

Nessa perspectiva, o termo "trauma infantil" indica uma comunicação muito complexa que a criança não consegue entender. Se a carícia do adulto, que a criança está pronta a interpretar como uma expressão de ternura, ao contrário, assume um caráter apaixonado e erótico, ela está vivendo uma experiência "traumática". Grande parte do trabalho psicológico se baseia em uma revisão do passado, que tem como objetivo ir ver o 'texto original' daquela 'má tradução' que está na origem de nossa patologia psíquica.

Na verdade, aquele 'trauma' inicial obrigou-nos a ver a existência *contra* nós, porque é assim que traduzimos as nossas experiências: todos estão contra nós e somos demasiado fracos e impotentes para nos defendermos. E essa traição da tradução continua a nos assombrar na vida, impedindo-nos de revisar e retraduzir criticamente aqueles momentos cruciais.

Um cientista, por exemplo, jamais pensaria que as dificuldades encontradas em sua pesquisa são dirigidas contra ele, assim como Spallanzani não pensou quando tentava demonstrar a inexistência da geração espontânea. A verdadeira dificuldade não está nas coisas, mas dentro de nós, ou seja, surge da falta de meios adequados para entender o problema que se apresenta. Assim como na ciência é necessário um equipamento específico – um telescópio ou um microscópio – para ver determinados elementos e realizar uma determinada pesquisa, assim também acontece na vida psíquica. O problema está, portanto, dentro, nos instrumentos de observação, e não fora, no objeto de observação.

E depois devemos tentar reelaborar a nossa experiência na única linguagem certa, aquela que nos oferece os meios para avançar para a vida de forma positiva. É necessário, portanto, entender como a existência não é um 'dado', e isso significa que somos forçados a refletir sobre a própria essência da vida. Sem esta consideração não teremos consciência do nosso estado, como acontece no mundo animal. Como homens, temos a 'obrigação' de sair da inconsciência e realizar o potencial pessoal de consciência. E é essa reflexão sobre nós mesmos que nos faz reconhecer

que a vida não nos foi dada, mas deve ser conquistada de forma autônoma e individual.

Um escultor sabe bem que a estátua deve ser 'arrancada' do mármore, mas para isso deve ter uma ideia da forma que quer criar. Portanto, uma intuição básica é necessária para orientar nosso trabalho.

Assim, Michelangelo foi levado por seu próprio "demônio" a trabalhar no bloco de mármore, a forjá-lo, a dar um aspecto concreto e duradouro à sua imagem interior. Da mesma forma, nós também devemos "excluir" nossa existência individual do fluxo impessoal da vida.

Quando temos uma percepção clara da interioridade, é nosso dever recuperar e expressar o que o medo nos impede de trazer para fora de nós mesmos. E isso só é possível quando sabemos o que fazer com ela. Na situação patológica não temos a imagem da estátua que devemos forjar, não temos o projeto de nossa existência, e por isso não vivemos realmente porque ficamos separados daquele projeto fundamental enterrado e escondido em nossa interioridade.

A patologia do homem sem planejamento é contraposta a uma modalidade existencial que a concepção junguiana resume no "processo de individuação", por meio do qual, como pessoa dividida internamente e sem perspectiva de desenvolvimento, o homem recupera sua própria unidade, na qual convergem consciente e inconsciente potencial: então ele sabe o que fazer com sua própria existência, porque conhece o desígnio inscrito nele.

Esta ligação com a própria interioridade, que também pode ser vista em termos religiosos, constitui um estímulo impulsionador essencial para a humanidade; no nível ontogenético pode coincidir com o momento em que a criança reconhece sua própria imagem no espelho e, portanto, toma consciência de si mesma. Somente com o desenvolvimento da consciência podemos entender o que é realmente importante para nossa saúde mental, ou seja, nada depende dos outros. A referência externa é uma patologia real, pois o conflito interno é deslocado. Na dimensão paranóica, por exemplo, toda ação, todo elemento da existência pessoal é despejado no mundo exterior por meio de mecanismos de projeção.

Obviamente, esse discurso não nos dispensa de um exame cuidadoso da realidade; A perseguição nazista realmente veio de fora e essa avaliação deve nos dar a oportunidade de escolher entre a intervenção e a não intervenção. Lembro-me de Bernhard, meu professor, dizendo-me dois dias antes de morrer

sentir-se na graça de Deus porque estava fazendo todo o possível para salvar sua existência concreta, mas também entendeu que depois dessa sua tentativa, só Deus poderia ajudá-lo, acolhendo-o em seus braços. Era uma forma de aceitar a morte como um momento de sua vida; para isso, porém, é preciso lutar até o fim.

Espero não ser acusado de irreverência se confessar que a esta altura me vem à mente um aforismo de um escritor erroneamente considerado - em vida - 'leve', Marcello Marchesi: "O importante é que a morte nos encontre vivos " .

A forma como interpretamos a realidade sempre se origina em nosso mundo interior. Isso significa que, por mais que nos esforcemos para ser objetivos, a imagem do mundo é sempre fruto de nossa subjetividade: somos nós que a vemos 'daquela' maneira, somos nós que atribuímos 'aqueles' significados isso, somos nós que 'traduzimos' de uma maneira e não de outra.

A referência às experiências, repetimos, obviamente não quer negar a existência real das coisas, sob pena de nada haver para traduzir e interpretar. Mas como somos 'seres psicológicos', a relação e o conhecimento do mundo têm sempre um caráter psíquico e, portanto, mesclado à subjetividade. A beleza de um dia, por exemplo, não é dada apenas pelas condições climáticas ou pelas características da paisagem, mas é determinada pela nossa disposição interior mais ou menos intensa para perceber essa beleza. Toda abordagem do mundo tem a ver com uma mediação interior; a realidade não está 'tem para nós', nem está 'do nosso lado'. Às vezes, ameaças isoladas ou auxílios isolados podem vir de certas pessoas, mas é decididamente aberrante supor que o mundo inteiro gasta seu tempo se preocupando conosco. Portanto, em geral, nossos adversários não são os fatos, a 'oposição', o que em todo caso nos parece negativo; os verdadeiros inimigos somos nós mesmos que nos preparamos para ler esses fatos. Em nossa evolução psicológica temos que fazer um grande esforço para nos distanciarmos da situação externa, que parece determinar arbitrariamente a vida, e sermos nós a influenciar o exterior: é uma completa inversão de perspectiva.

A criança é estruturalmente incapaz de entender e implementar esta modalidade, por isso consideramos 'infantil' uma pessoa constantemente condicionada por fatos externos. O tamanho da criança é possível

reconhecer a partir da velocidade de resposta ao estímulo, significando o último no sentido mais amplo. Quanto mais rápida a reação, menor a duração da mediação entre o que vem de fora e a nossa resposta, mais nos comportamos de acordo com uma forma tipicamente primitiva. Já o comportamento do adulto se caracteriza justamente pelo tempo de processamento necessário para agir adequadamente e não apenas reagir.

Tudo isso é resultado de um trabalho pessoal voltado para enfrentar o mundo externo e as partes inconscientes da psique para criar uma nova estrutura psicológica, que na linguagem da psicologia analítica chamamos de "Self": ou seja, a dimensão psicológica mais elevada, que contém não apenas os aspectos conscientes de nossa existência, mas também os inconscientes. Mas Jung (1941/1954, p. 253) repetidamente destacou como esse processo encontra sérias dificuldades porque "a própria natureza humana é extremamente relutante em se tornar consciente; é o Eu que a empurra para lá, que pede que ela se sacrifique, sacrificando-se por ela". E é por isso que, sempre do ponto de vista de Jung, trilhar o caminho da integração psicológica assemelha-se a uma tarefa trágica em que o ator nunca sabe o objetivo e continuamente recebe frustrações e decepções. Nessa luta, nessa tarefa que não tem comparação com outros empreendimentos concedidos ao ser humano, "ele, por assim dizer, sofre a violência do Eu" (Jung, 1942/1948, p. 156).

Qual é a consequência dessa forma de lidar com o medo?

Acima de tudo, gostaria de salientar que o que ficou explícito não pretende ser uma exaltação da 'vida heróica': "Infeliz é a terra que precisa de heróis", adverte-nos Bertold Brecht (1938, p. 634) . Se percebermos que a realidade externa é sempre filtrada pelo nosso mundo interior e, em última análise, nós mesmos lhe damos um significado, também compreendemos que a dimensão do medo faz parte da vida e, portanto, é impossível pensar em viver sem que seja essa experiência fundamental. .

O medo é como a fome, a sede, o amor: a própria natureza nos obriga a enfrentar esse sentimento. Geralmente, porém, não sabemos dar-lhe o sentido certo, porque o lemos como uma resposta a uma situação que vem de fora contra nós.

E esta é a atitude 'paranóica', que encontra seu fundamento na evasão de toda responsabilidade na relação com a realidade porque esta é mais

funcional do que reconhecer que somos nós que lemos e interpretamos o que acontece de determinada maneira.

Afinal, pode-se pensar que o medo é como uma porta que leva ao inconsciente. Por definição, 'inconsciente' indica algo que está longe de nossa experiência e, portanto, 'somos influenciados' por impulsos internos. Como eu disse antes, quem reage rapidamente aos estímulos externos o faz instintivamente, enquanto com a reflexão a autonomia do inconsciente é reduzida e a ação só surge depois de ter passado toda a situação para o crivo do ego consciente. Assim, diante de uma circunstância que considero perigosa, compreendo coisas novas: e isso significa que aquele perigo se torna uma fonte de ensinamento para mim.

Há pessoas que, mesmo quando adultas, têm medo do escuro. Isso é possível porque a escuridão, não tendo seu conteúdo perceptível, está repleta de nossos problemas. Quanto mais uma situação nos assusta, mais importante é entender que esse medo é alimentado por nossas projeções, assim como o que não é visível tanto mais nos assusta quanto mais massivamente o preenchemos com conteúdos internos.

No teste projetivo TAT (*Teste de Apercepção Temática*) há também uma tabela em branco que é apresentada ao sujeito e que, justamente por não oferecer nenhuma referência perceptiva, pode despertar reações de ansiedade. Portanto, não se trata de sermos heróis, mas de entender como o medo que naquele momento é solicitado 'de fora' surge, na verdade, do mundo interno.

Podemos concluir que enfrentar o medo é, na verdade, um contato com o desconhecido. Na situação que desperta o pânico, emergem conteúdos pessoais profundos, que nos impulsionam à pesquisa.

Entrar na interioridade para apreender um sentido faz parte de um discurso ainda mais amplo: na verdade, implica distanciar-se cada vez mais do mundo criado pelos homens, que pouco tem a ver com o nosso; ou seja, a recuperação da própria dimensão humana e individual passa pelo sacrifício da realidade externa e do seu valor, para elevar e sublinhar a preciosidade da interna. A realidade é dada pelos fenômenos que nos cercam, não apenas aqueles que objetivamente podem nos assustar, mas também belos e recompensadores. O perigo que corremos, e muitas vezes o erro que cometemos, é acreditar que este mundo, com todas as suas seduções, tem um valor em si mesmo, enquanto somos apenas nós que

atribua isso a ele. Em certos momentos de nossa evolução pessoal sentimos que não estamos interessados nessa realidade, mas apenas na nossa, que então é capaz de dar sentido à primeira.

Os medos que o homem experimenta são sempre os mesmos. Simplificando, podemos dizer que o medo outrora dizia respeito às figuras dos 'demônios': o medo tinha a ver com alguma entidade 'externa' que poderia interferir à vontade na vida do homem. O demônio, a divindade eram algo muito concreto, que fazia e desfazia a existência do ser humano. Pensemos na mitologia greco-romana e em todo esse tipo de religiosidade que caracterizou a nossa cultura. Este mundo demoníaco foi posteriormente internalizado; o homem entendeu que era apenas uma 'invenção' psicológica e então parou de ter tais medos.

No atual sistema de vida social tudo se tornou interdependente em escala planetária e, portanto, é necessária uma dimensão organizacional muito sólida; mas isso mina tanto nossa segurança que sentimos que não podemos viver se não pertencermos a alguma organização.

As ansiedades do passado foram substituídas pelo medo subjacente do isolamento. Isso torna vital essa inclusão em um sistema, fora do qual parece que não se pode sobreviver. Os novos 'demônios' são, portanto, essas dimensões que minam nossa originalidade e nossa segurança interior. Eles ativam o medo, até porque no momento em que mostramos nossa oposição percebemos que estamos travando uma luta desigual contra estruturas que são de qualquer maneira mais fortes do que nós.

A organização coletiva é como um corpo militar, que nos priva de toda segurança interior: substitui nossos modelos mentais pessoais e atua como único ponto de referência; é, em suma, uma dimensão em que somos forçados a permanecer infantis, a não pensar de forma independente. Se nós, intimidados por essas megaestruturas, não conseguirmos traduzi-las corretamente e, portanto, não encontrarmos dentro de nós a possibilidade de nos opormos a nós mesmos, perdemos nossa condição mais humana e mais livre: a capacidade de pensar. Não podemos viver sem a orientação da razão, por isso somos forçados - este é o mecanismo perverso - a buscar fora de nós mesmos a resposta para nossa necessidade; daí a necessidade de nos referirmos à figura do patrão, que exerce por nós as funções diretivas. É evidente que em tais condições é impossível preservar a mais autêntica condição humana.

A nossa dimensão pessoal, aquela que sabe traduzir a realidade das coisas, representa um aspecto da verdade e esta é sempre individual, mas colide continuamente com a mentira colectiva; mais cedo ou mais tarde, todos nós teremos uma experiência semelhante. Estou convencido de que a organização consegue sobreviver com uma espécie de 'mentira' que não se importa com o indivíduo. Kafka é um dos grandes escritores que apreendeu precisamente este aspecto da existência: seu Herr K. sempre luta pela verdade, mas nunca consegue ver o resultado de seus esforços.

Fizemos uma pergunta a nós mesmos: o que significa possuir a própria verdade, uma 'verdade individual' que se opõe ao que definimos como a 'mentira coletiva'. Mas que garantias pode o indivíduo ter quanto ao valor de sua própria dimensão interior, já que só ele a percebe? Quando fazemos essa pergunta, identificamos o cerne do problema.

Já mencionamos a sétima carta de Platão que alude precisamente a um tipo de verdade que não pode ser transmitida; se tentarmos 'ler nas entrelinhas' desta mensagem, podemos adivinhar que o filósofo se referia àqueles momentos de profunda interioridade em que sentimos que a nossa razão, a nossa verdade é certamente a vencedora, mas, precisamente como indivíduo conquista, não é fácil persuadir os outros: é quase impossível ser ouvido por um mundo que grita muito mais alto do que nós. Existe um enorme fosso entre a intuição da própria condição interior e a sua comunicação, bem sabemos que o nosso falar sempre 'traí' o sentido mais profundo da nossa expressão; um sentimento, uma percepção, no momento em que são 'ditos', são sempre inadequados à experiência vivida internamente.

Além disso, situações como essa também exigem que sejamos imprudentes, precisam da coragem de nos expormos aos outros, mesmo por meio de palavras, escritos ou ações, pelas quais não podemos deixar de assumir total responsabilidade por se tratar de algo exclusivamente pessoal.

Nesse momento, aliás, sabemos que só podemos ser aproximados, e às vezes uma espécie de perfeccionismo bloqueia nossas expressões; o perfeccionista não tolera que o que expressa seja inferior ou inadequado ao que sente no fundo, e isso pode fazê-lo desistir de desafiar o coletivo em condições de 'inferioridade'.

Continuo a falar de "coragem" porque, quando estamos prestes a comunicar experiências subjetivas, experimentamos a estranha e singular sensação de estarmos *entregues a nós mesmos*. É um sentimento de vulnerabilidade ao

mundo, pois nossa força não vem de cânones pré-estabelecidos, nem de verdades codificadas, que nos protegem da exposição pessoal. Na vida cotidiana, continuamente nos relacionamos com pessoas que falam em nome de outrem: em nome da lei, da sociedade, de Deus. Aliás, os mais perigosos são aqueles que falam em nome da moral porque, referindo-se a algo óbvio, eles realmente escondem questões que podem não ser óbvias para eles. Atrás de todo moralista, em geral, existe uma pessoa falsa e negativa. Dificilmente falamos em nosso próprio nome e, ao estruturarmos uma dimensão psicológica individual que nos dê coragem para nos expormos sem qualquer proteção, somos acompanhados pela estranha, cansativa e dolorosa sensação de estarmos abandonados.

Não há mais referência, não há pais, mães, famílias que se responsabilizem por nós; por isso, quando o que expressamos é escarnecido e espezinhado, sentimo-nos feridos na nossa essência: somos fracos porque podemos ser trespassados diretamente. Esta é uma experiência dolorosa da qual todos tentamos escapar, ligando-nos, por exemplo, a qualquer *ipse dixit*, ou seja, negando a experiência que o nosso "telescópio" pessoal nos permitiu ter.

Se tivermos coragem e olharmos para dentro de nós mesmos, a referência ao exterior já não é salvação para nós, mas, como disse, provoca uma dolorosa experiência de vulnerabilidade: enquanto em outras circunstâncias só o que representamos pode ser afetado, quando nos opomos a nós mesmos para mentir coletivamente com nossa verdade individual nos tornamos atacáveis naquilo que realmente somos.

Tudo isto implica outra experiência dolorosa, que todos tivemos na infância e que continuamos a viver também na idade adulta: a de nos sentirmos *indefesos* perante a realidade. Nunca conheci ninguém que não tivesse experimentado essa sensação, indivíduos que se realizassem e se reconhecessem no que faziam, mas em determinado momento de sua existência todos tiveram a impressão de que a vida era mais forte que eles e sentiram privados de armas adequadas para lutar. Quando dizemos que somos incapazes de estar no mundo e nos sentimos impotentes

diante da existência, nos referimos a regras de sobrevivência que nem conseguimos entender bem. Sentimo-nos estruturalmente incapazes de partilhar certas modalidades, perante as quais sentimos apenas consternação. Ao tentarmos analisar essas normas, percebemos que elas não são fruto de experiências, mas sim de uma visão particular do mundo segundo a qual as coisas são mais importantes que os homens, ao passo que crescemos naturalmente, como seres humanos, com a concepção de que as pessoas devem ter prioridade. Se a nossa ideia orientadora é sempre o respeito pela dignidade humana, quando este princípio é derrubado sentimo-nos sós e abandonados porque desse ponto de vista o homem não existe. Talvez possa parecer uma observação óbvia, mas chegamos a um ponto em que precisamos nos esforçar para impor uma atitude que leve em consideração primeiro o ser humano e depois as regras. É algo que, de forma quase diabólica, é facilmente esquecido nas relações, e se por acaso formos sensíveis ao problema e pensarmos que primeiro existimos e depois vêm as regras da organização, estamos fatalmente destinados à destruição radical.

Não estamos mais diante de pessoas com quem dialogar, mas apenas de uma lei abstrata que nos nega a própria existência: é essa negação que nos faz sentir 'abandonados'. É difícil escapar desse tipo de experiência, mas também deve ser dito que o sofrimento resultante é o pré-requisito necessário para encontrar a única saída criativa de uma situação de impotência em relação à vida.

É inevitável que esta experiência nos deixe mais expostos, mas é um estado que tem origem na infância, pois surge do sentimento de absoluta inadequação que a criança pode ter perante os adultos e, sobretudo, do sentimento de frustração que sentimos pode desenhar sobre expectativas não satisfeitas. Estes têm a ver com um mundo interior que é obviamente diferente do adulto e, portanto, é fatal que eles se decepcionem. É aí que se inscreve em nós a sensação de impotência, um 'calcanhar de Aquiles' escondido nas profundezas da psique e que só podemos reconhecer, e talvez curar, quando o 'destino' nos obriga a viver a vida ao máximo. mais plena dimensão de fraqueza.

O mito sempre falou desse tema: o homem é expulso do paraíso terrestre e só então percebe que está nu. Na linguagem comum, 'sentir-se nu' significa entender que você é vulnerável. Sempre há

circunstância em que devemos tomar consciência da 'nudez', e é o momento em que, estruturando a personalidade mais autêntica, nos opomos ao conformismo coletivo para abraçar a nossa verdade .

Não é o sentimento de desamparo entregue à vida que deve nos assustar, mas devemos temer a tentação de negar essa experiência, ou rotulá-la como 'patológica'. Outra prova de coragem que nos espera é entender que nada pode nos dar segurança, a única segurança possível é a interior que, no entanto, por sua vez, causa maiores dificuldades nos relacionamentos.

De fato, é então que experimentamos ainda mais intensamente a sensação de abandono: o mundo não nos entende. Pasolini escreveu abaixo um de seus desenhos: "O mundo não me quer e não sabe disso" (Carotenuto, 1985, p. 9). O que poderia ter levado o poeta a se expressar dessa maneira? Certamente não os acontecimentos externos que pareciam jogar a seu favor, mas aquela dimensão de interioridade que é sempre terrivelmente e cruelmente sincera. Não há destino que escape à sua voz.

Em nosso microcosmo tudo isso é claramente visível na relação com o pai e a mãe. Assim que nos tornamos adultos e nos opomos à família com um 'estilo' pessoal, somos abandonados: realmente perdemos nossos pais, e é uma experiência trágica entender que ninguém jamais poderá se encarregar de nossa existência de novo.

Não há nada fora de nós que possa nos poupar das 'dificuldades' da vida. O mito da cruz nos diz que até o fim Jesus deve percorrer o caminho do homem e, finalmente, dirá as palavras essenciais: "Pai, por que me abandonaste?". Do ponto de vista psicológico, esta frase é cheia de significado, porque expressa uma condição profundamente humana. É uma descoberta trágica; porém, sabemos que nela há um elemento ativador da consciência, mesmo que demore para conseguir reconhecer o aspecto positivo dessa tremenda revelação.

Leva tempo, portanto, e é necessário que tenha chegado o tempo também para nós de reduzir certas necessidades, a idade certa para vivenciar esses problemas segundo novas escalas de valores. É natural que o jovem sinta mais avassaladora a necessidade de ser tranquilizado pelo amor do outro, que se sinta vivo e importante no pensamento e no desejo; porém, à medida que nos tornamos adultos, essa necessidade enfraquece e outros assumem, e a nova dimensão que buscamos é a autonomia.

A experiência do abandono é intrínseca a esta procura de independência e à própria condição do homem, pelo que dela não devemos fugir.

Há adultos que entram em análise justamente porque se sentem sozinhos, abandonados; o analista corre o risco de encarar essa solidão como se fosse o problema real, enquanto o patológico é a forma como o paciente vive tal situação. Mais uma vez precisamos inverter a perspectiva: a questão diz respeito, na verdade, à nossa forma de nos relacionarmos com a nossa experiência. Ninguém tem que nos 'curar' desses sofrimentos, porque quando nos sentimos abandonados ainda acentuamos uma de nossas peculiaridades, que se manifesta apenas naquela situação. Se não conhecermos esta dimensão não teremos como perceber nossa 'nudez' e, portanto, nunca poderemos transformar nossa vida em 'história', jornada, crescimento.

A sensação de perda tem maior chance de surgir em situações de envolvimento emocional porque é nelas que particularmente somos descobertos. É por isso que existem pessoas que, por medo do abandono, nunca se permitem uma abertura emocional para os outros; quem não se apaixona teme justamente essa exposição pessoal. Felizmente para nós, porém, há sempre alguém que nos 'faz tropeçar' e nos obriga a nos expor. E então certamente viveremos a experiência da perda, porque, tendo jogado tudo dentro de uma relação afetiva, nos expomos completamente, o que não pode deixar de responder à nossa nudez psicológica de uma forma pelo menos parcialmente diferente das expectativas.

Sentir-se à mercê de si mesmo significa entender que nada mais pode nos proteger, mas também significa começar a encontrar aquela autonomia pessoal que é o segredo e a essência desse tipo de vida que consideramos verdadeiramente humano e maduro.

A sensação de abandono, assim como no amor, também é vivida quando nos colocamos nas mãos dos poderosos. Esta é uma situação bastante sugestiva porque é um movimento espontâneo da alma para acreditar que uma pessoa "poderosa" sabe como dispor positivamente de nossa existência. Mas isso é uma ilusão, porque em todo caso essa entrega ao outro implica exposição e, portanto, vulnerabilidade.

Devemos, portanto, sublinhar mais uma vez o possível conflito que pode surgir na relação entre cada um de nós enquanto ser humano singular, enquanto indivíduo com a sua história pessoal, e o coletivo externo

anônimo. Nesse relacionamento, podemos experimentar ainda mais perda e desamparo. Diante da massa a que não resistimos, corremos o risco de sucumbir.

Essa sensação deriva particularmente do fato de que nossas experiências pessoais derivam seu significado dentro do contexto específico em que ocorreram e, portanto, nunca podem ser sobrepostas às dos outros; e é precisamente essa história individual que é sistematicamente ignorada nas relações. A singularidade de nossas características torna-se uma espécie de culpa, e constantemente somos desconfirmados justamente naquilo que mais nos pertence, e isso nos leva a uma situação de conflito com os outros.

Temos a certeza que vem de ter vivido *aquela* experiência, somos portanto uma 'testemunha pura', autêntica do nosso ser, do que fizemos, e por isso sabemos que somos portadores de uma verdade interior que tem a sua própria legitimidade e que de forma alguma pretende se sobrepor a outras liberdades ou verdades, mas é justamente nessa dimensão que nos é negada.

A negação da nossa interioridade torna-se assim a negação de nós mesmos como pessoas: não é um aspecto da minha vida, mas a minha própria vida que é negada. E é isso que determina a situação de conflito, que, como nos diz a experiência, nunca encontra solução no exterior, mas apenas na nossa interioridade.

No confronto com o que nos contradiz não se trata tanto de se opor ou de tentar fazer sucumbir; mais sutilmente, do ponto de vista psicológico, trata-se de fazer com que essa mesma situação de conflito se torne nosso estilo de vida. Em termos mais simples, trata-se de entender que a existência individual é sempre contrariada pelos 'outros', significando por esta palavra a massa anônima com suas normas, seus valores, suas sanções. Por mais dolorosa que seja essa consciência, devemos aprender a aceitá-la como aceitamos todos os aspectos irredutíveis da existência, como a transitoriedade de todas as coisas, a ideia de envelhecer ou morrer. A nosso ver, a grande força reside justamente na capacidade de arcar com o conflito entre a dimensão individual e o que a contradiz.

Ao aceitar tudo isso, entendemos também que a história não se importa conosco como indivíduos, e essa afirmação configura o

drama da nossa condição: para a história da humanidade o indivíduo homem não conta.

Mas nós, como psicólogos, não nos dirigimos ao que é anônimo e coletivo, mas apenas ao ser único, cujo horizonte se limita à sua história pessoal de felicidades, valores, conquistas, derrotas, vinganças. Certamente é um episódio 'insignificante' comparado aos que envolvem as massas e decidem seu destino, mas para o protagonista é mais chocante, realmente é uma questão de vida ou morte. Por trás dos grandes acontecimentos sociais existe uma realidade cruel e trágica, o sofrimento dos indivíduos, que parece insignificante aos olhos do historiador, mas representa o próprio universo para quem o vivencia.

Nunca se prestou grande atenção, por exemplo, às devastações mais íntimas das pessoas cujas famílias foram devastadas pela guerra. Obviamente não me refiro a perdas materiais, mas sim àquelas situações desesperadoras em que os afetos são dissolvidos e estilhaçados da noite para o dia por sinistras paixões destrutivas. Se aparentemente a destruição das coisas físicas parece mais marcante, é verdade que tendemos a ignorar o que significa sofrer na esfera dos sentimentos; cabe aos psicólogos interessar-se por essas coisas, pela concretude das emoções humanas.

É precisamente a consciência, que deriva do nosso trabalho, de ir ao íntimo das pessoas, de ir ver e ouvir o sofrimento dos outros, que nos faz apreender o sentido dramático da vida.

Dramático porque o tormento individual tem um sentido dentro da experiência individual, e não para quem só recebe 'notícias' de fora. Nestes momentos compreendemos o quanto somos impotentes em relação aos outros, compreendemos que fomos deixados nus como ao nascer perante a tragédia desta dimensão da existência. Estamos nus e desamparados perante o coletivo, e nosso desenvolvimento individual consiste em compreender que o limite de nossa vida não é tocado pelos outros e nem mesmo traduzível para eles.

Só a experiência da relação, tendo sido oprimida, condicionada, impedida, pode nos levar a delegar parte ou todo o nosso destino no outro. No entanto, isso é um mal-entendido: é verdade que somos permeáveis às influências dos outros, mas é ilusório pensar que minha existência pode ser solicitada a outra pessoa. Quando eu faço é como se eu, pur

estando vivo, já estava morto. Não se pode viver 'por procuração', mas assumindo para si tudo de bom e de ruim da condição humana.

A partir desta perspectiva podemos compreender como o sentimento de abandono sempre nos acompanha, porque, no momento em que assumimos tudo sobre nós, estamos realmente sozinhos. Devemos encher-nos deste sentimento: viver como abandonados, porque só assim a vida está nas nossas mãos. De vez em quando a comunidade nos dará a miragem de algum modelo de vida que nos liberte da sensação de abandono; mas será, de fato, uma miragem. Usando as categorias dos outros temos a ilusão de falar uma língua comum e de não estarmos sozinhos, mas isso é mais um engano, um autoengano que nos faz perder a existência. Se agirmos em conformidade com os outros, em vez de aceitar o sentimento de abandono, traímos a vida porque usamos um código que não nos pertence.

Na realidade, cada indivíduo deve inventar *sua própria* modalidade, que só vale para ele, e podemos dizer que mesmo a linguagem só é verdadeiramente válida se for pessoal. Assim, o grande artista cria uma linguagem que é só sua: entrou tão profundamente no sentido da vida que a modalidade expressiva já existente não lhe serve mais e ele é forçado a inventar uma nova maneira de fazer poesia, de pintar, de fazer música. Esses grandes eventos são também nossos pontos de virada no crescimento psicológico.

Todos, em seu próprio nível, devem encontrar seu próprio código. Isso significa ter aceitado ser *abandonado* por aqueles que continuam a 'fazer sempre a mesma música'.

Como indivíduos tendemos precisamente a isso, ou seja, expressar e sentir reconhecida nossa estrutura peculiar; este, como pudemos apurar, é também, infelizmente, o momento em que vivemos a condição de abandono, ficamos vulneráveis, porque já ninguém nos defende: não é por acaso que os inovadores são sempre perseguidos e não têm outra defesa do que o pessoal, incongruente e insuficiente face à pressão dos outros. Quando as velhas estruturas desmoronam, ou seja, quando não podemos mais falar com a língua aprendida, nem pensar com as categorias usuais, nos sentimos ameaçados, porque estamos em um 'novo país'. A transição da arte figurativa para a arte abstrata, por exemplo, constituiu uma 'desorientação' porque implicava uma comunicação por meio de novos códigos; nestas condições a ameaça externa é muito grande porque

essa criação deve se opor a algo já estruturado há muito tempo.

A questão angustiante, portanto, diz respeito à possibilidade de que o que uma vez teve um começo e depois seu desenvolvimento, e em todo caso uma duração, deva necessariamente, inelutavelmente terminar. No entanto, esse fim implica a reversão de uma situação que chegou a um ponto em que não pode mais funcionar. E devemos entender o quanto antes que aquela linguagem não é mais expressiva e estar dispostos a aceitar os símbolos de um novo código.

À pergunta sobre a possibilidade do fim, e à relativa ao nosso possível futuro, responderia que psicologicamente devemos sentir e aceitar a necessidade de que as coisas tenham um fim, porque permanecendo ancorados a um modelo, e à esperança de sua duração infinita, significa inserir-nos em uma existência repetitiva, mas tudo isso implica enfrentar o abandono e a ansiedade que se seguem.

Devemos então nos expor nus novamente como no nascimento, 'renascer': o motivo do renascimento, não surpreendentemente, é recorrente em mitos em todo o mundo porque expressa uma profunda verdade psíquica.

Todo mundo conhece a história do soldado que procurava seu coração. Um sábio disse: "Ele está do outro lado do mundo." O soldado foi até lá, mas não o encontrou. O sábio disse a ele que ele realmente encontrou seu coração enquanto viajava.

A possibilidade de sentir nossa vida psíquica não é um dom, não é algo que se encontra fora de nós, mas apenas nossa realização. Cabe a nós nos tornarmos mestres e participantes de nossa dimensão espiritual, e no momento em que tomamos posse dela, a própria realidade se torna completamente diferente. Mas também é preciso entender que esta não é uma batalha para a qual se pode gastar pouco dinheiro, não se pode trapacear ou ser excessivamente esperto, poupando-nos da amarga taça do confronto com um mundo para o qual nos tornamos incômodos e demais.

A análise também procede desta forma: desmonta os códigos utilizados pelo ego a ponto de o paciente, como diz Jung (1928, p. 72), se sentir como 'um navio sem timoneiro'. Ele perde seus pontos de referência habituais, mas para criar novos. Na análise estamos numa espécie de 'desorientação guiada' para uma nova realidade, que já não tem a ver com desejos infantis de regressar ao ventre da mãe, ou seja, a uma condição de paz onde, tal como no paraíso terrestre, existe sem história. quando de

adultos vamos 'ao redor do mundo' para encontrar nossos corações e dar profundidade à nossa existência psicológica, o que nos espera não é o Éden, mas a realidade com suas contradições e dificuldades. Diria mesmo que através deste exercício psicológico somos conduzidos ao 'absurdo', à capacidade de compreender coisas que antes nunca teríamos compreendido. É uma condição limítrofe em que o mundo se torna mais transparente; é por isso que o sábio no final de sua vida se retira para uma condição de solidão. Mas não faz sentido retirar-se para a montanha antes de ter percorrido os absurdos e as contradições deste universo.

O que vale durante a viagem é como podemos dar sentido a eles por meio de um código e de uma linguagem capaz de lê-los.

O 'absurdo' torna-se então um fator principal e fundamental da existência em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, F.

1979 *Apaixonar-se e amar*, Garzanti, Milão

ALBERONI, F.

1986 *Erotismo*, Garzanti, Milão

BARTHES, R.

1977 *Fragmentos de um discurso amoroso*, Einaudi, Turim, 1979

BATAILLE, G.

1957 *Erotismo*, Mondadori, Milão, 1969

BATAILLE, G.

1961 *As lágrimas de Eros*, Arcana, Roma, 1979

BAUDELAIRE, C.

1857 *As Flores do Mal*, Mondadori, Milão, 1973

BAUDRILLARD, J.

1979 *Da sedução*, Cappelli, Bolonha, 1985

BERNARD, E.

1969 *Mitobiografia*, Adelphi, Milão

BLANCHOT, M.

1955 *O espaço literário*, Einaudi, Turim, 1967

BOUQUET, J.

1941 *Traduzido do silêncio*, Marietti, Casale Monferrato, 1987

BRECHT, B.

1938 *Vida de Galileu* (Drama), in *Teatro*, vol. II, Einaudi, Turim, 1963

BUBER, M.

- 1954 *O princípio dialógico*, Ed. di Comunità, Milão, 1959
- CANETTI, E.
- 1960 *Massa e poder*, Adelphi, Milão, 1981
- CARDARELLI, V.
- 1936 *Poemas*, Mondadori, Milão, 1977
- CARDARELLI, V.
- "Passado", in Davico Bonino, G., *Poemas de amor*, Mondadori, Milão, 1980
- CAROTENUTO, A.
- 1980/1986 *Tagebuch einer heimlichen Symmetrie*, Verlag Traute Hensch, Freiburg
- CAROTENUTO, A.
- 1985 *O outono da consciência*, Boringhieri, Turim
- CAVALCANTI, G.
- em Salinari, C. (editado por), *A poesia lírica do século XIII*, UTET, Turim, 1951
- CONRAD, J.
- 1906 *Coração das Trevas*, Einaudi, Turim, 1984
- DAVI, C.
- 1971 *A dimensão do amor*, Liguori, Nápoles, 1982
- DE FORNARI, O.
- 1986 *Os filmes de F. Truffaut*, Gremese, Roma
- DELUMEAU, J.
- 1983 *Pecado e medo*, Il Mulino, Bolonha, 1987
- DE ROUGEMONT, D.
- 1939 *Love and the West*, Rizzoli, Milão, 1977
- MULHERES, J.
- Poemas de amor, poemas teológicos*, Einaudi, Turim, 1977
- DOSTOEVSKI, F.
- 1873 *O suave*, Bompiani, Milão, 1981
- DUMAS, G.

- 1923 *Traité de psychologie*, Paris
- DURAS, M.
1984 *O amante*, Feltrinelli, Milão, 1985
- EINSTEIN, A.
1949 *Autobiografia científica*, Boringhieri, Turim, 1979
- Ferenci, S.
1932 "Confusão de linguagens entre adultos e crianças", em *Psicanálise dos hábitos sexuais*, Guaraldi, Florença, 1974
- FREUD, S.
1915 "Observação sobre o amor à tradução", in *Works 1912-1914*, vol. VII, Boringhieri, Turim, 1975
- FROMM-REICHMANN, F.
1959 "Solidão", em *Psicanálise e Psicoterapia*, Feltrinelli, Milão, 1964
- GOETHE, JW
1809 *Afinidades eletivas*, UTET, Turim, 1948
- GOETHE, JW
1982 *Fausto*, Mondadori, Milão, 1987
- GOETHE, JW
1870 *Máximas e reflexões*, vol. I-II, Theoria, Roma, 1983
- HAWIHOINE, N.
1850 *A letra escarlate*, Mondadori, Milão, 1931
- HEGEL, GWF
1887 *Briefe von und an Hegel*, vol. 2, Philosophische Bibliothek, Hamburgo, 1952-1960
- HEIDEGGER, M.
1927 *Ser e Tempo*, Longanesi, Milão, 1970
- HIKMET, N.
1933/1963 *Poemas de amor*, Mondadori, Milão, 1984
- HILMAN, J.
1966 "Sobre a criatividade psicológica", em *O mito da análise*, Adelphi, Milão, 1979

JACOBSON, E.

1959 "Despersonalização", em *Depressão*, Martinelli, Florença, 1977

JACOPO DE LENTINI

em Salinari, C. (editado por), *A poesia lírica do século XIII*, UTET, Turim, 1951

JIMÉNEZ, R.

1916/1918 *Poemas de Amor*, Newton Compton, Roma, 1983

JONG, E.

1984 *Pára-quedas e beijos*, Bompiani, Milão, 1984

JUNG, C.G.

1912 *A libido - símbolos e transformações*, Works, vol. 5, Boringhieri, Turim, 1965

JUNG, C.G.

1928 "O ego e o inconsciente", in *Dois textos de Psicologia Analítica*, Obras, vol. 7, Boringhieri, Turim, 1983

JUNG, C.G.

Boringhieri, "O Símbolo da Transformação na Missa", em *Psicologia e Religião*, Obras, vol. 1941/1954 11, Turim, 1979

JUNG, C.G.

1942/1948 "Interpretação psicológica do dogma da trindade", em *Psicologia e Religião*, cit.

JUNG, C.G.

1946 *Psicologia da transferência*, Il Saggiatore, Milão, 1961

JUNG, C.G.

1961 *Memórias, sonhos, reflexões* (recolhido e editado por A. Jaffé), Il Saggiatore, Milão, 1965

KAFKA, E.

1924 *O processo*, Frassinelli, Turim, 1951

KIERKEGAARD, S.

1843 aC *Diário de um sedutor*, Rizzoli, Milão, 1955

KIERKEGAARD, S.

1843 b *Aut-Aut*, Mondadori, Milão, 1956

KIERKEGAARD, S.

1848 *Diário*, vol. 1, Morcelliana, Bréscia, 1962

KIERKEGAARD, S.

1849 *O conceito de angústia - a doença mortal*, Sansoni, Florença, 1953

KOHUT, H.

1978 "Reflexões sobre a psicologia do eu", in *Poder, Coragem e Narcisismo*, Astrolábio, Roma, 1986

LA ROCHEFOUCAULD, F.

1665 *Maxims*, Rizzoli, Milão, 1978

LAWRENCE, DH

1928 *Poemas de amor*, Newton Compton, Roma, 1983

LEC, JS

1977 *Pensamentos desgrenhados*, Bompiani, Milão, 1984

LEVI, P.

1986 *Os afogados e os salvos*, Einaudi, Turim

MULDWOLF, B.

1972 *Rumo à sociedade erótica*, Astrolabio, Roma, 1974

OTANLI, S.

1986 *A experiência da dor*, Feltrinelli, Milão

NERUDA, P.

Cem sonetos de amor, Nuova Accademia, Milão, 1960

NEUMANN, E.

1954 *O homem criativo e a transformação*, Marsilio, Veneza, 1975

NEZÿMÿ

1985 *Leyla e Majnun*, Adelphi, Milão

NIETZSCHE, F.

1884 *Fragmentos póstumos 1884*, em *Obras*, vol. 7, volume II, Adelphi, Milão, 1976

NIETZSCHE, F.

1879/1881 *Aurora e fragmentos póstumos*, in *Works*, vol. 5, volume I, Adelphi, Milão, 1964

NIETZSCHE, F.

1886 *Além do bem e do mal - Genealogia da moral*, in *Obras*, vol. 7, volume II, Adelphi, Milão, 1976

NIETZSCHE, F.

1887 *Fragmentos póstumos 1887-1888*, em *Works*, vol. 8, volume II, Adelphi, Milão, 1971

PACI, E.

1961 "Por uma fenomenologia de Eros", in *Aut Aut*, julho/outubro de 1986

PASCAL, B.

1669 *Fragmentos*, vol. I-II, Rizzoli, Milão, 1983

PAVESE, C.

1924/1944 *Cartas*, Einaudi, Turim, 1966

PAVESE, C.

1950 "Você, vento de marcha", em *Poemas de desamor*, Einaudi, Turim, 1962

PAVESE, C.

1952 *O ofício de viver*, Einaudi, Turim

PETRARCA, F.

Rime, UTET, Turim, 1953

PLATÃO

Obras, vols. I-II, Laterza, Bari, 1966

PROUST, M.

1923 *O prisioneiro*, Einaudi, Turim, 1952

RILKE, RM

1921/1974 *O testamento*, Guanda, Milão, 1983

RILKE, RM

1929 *Cartas a um jovem poeta*, Adelphi, Milão, 1980

RUSSEL, D.

1986 *O trauma secreto do incesto na vida de meninas e mulheres*, Basic Books, Nova York

SAFO

"Parece-me igual aos Deuses", in G. Perrotta (editado por), *Grego Lirici*, Garzanti, Milão, 1976

SERENY, G.

1974 *Naquela escuridão*, Adelphi, Milão, 1975

SHAKESPEARE, W.

"Sonetti", em *Todas as obras*, Sansoni, Florença, 1964

SHAKESPEARE, W.

1623 *Júlio César*, Rizzoli, Milão, 1986

SOLŽENICYN, A.

1968 *O primeiro círculo*, Mondadori, Milão, 1974

STENDHAL, HB

1853 *Do amor*, Einaudi, Turim, 1972

THOREAU, HD

1854 *Walden ou a vida na floresta - Desobediência civil*, Mondadori, Milão, 1970

ÍNDICE DE TÓPICOS E NOMES

Abandono –
e autonomia – e
envolvimento emocional – e poder
– experiência de –

Agostinho (santo)

alquimistas

Amor
– e abandono
– e conhecimento
– e deificação – e
vício – e eternidade
– e imagem interior
– e doença

– e morte
– e narcisismo –
e paixão – e
medo – e poder
– e sofrimento
para amar o –
manifestar a –
quebra de um –

Angústia

Ausência

Autonomia -
e confirmação interior - e
desenvolvimento humano -
e psicológico

Auto-suficiência

Beijo

Barthes

Batalha

Baudelaire

Baudrillard

Beleza –
e feiúra

Bem e mal -
como Deus e o diabo

Bergman

Bernardo

Blanchot

buquê

brecht

buber

canetti

Cardarelli

caroteno

Cavalcanti

Bater papo

Coação

Culpa

Conflito –
entre a individualidade e as normas coletivas

Confúcio

Conrado

Corpo
– como objeto de
nudez de –

Criatividade

orientada para -

Crucificação

Davi

De Fornari

Delírio -
divino

De Rougemont

Desejo - e
chateado

Proibição

Mulheres

Dostoiévski

dumas

Duras

einsten

Empédocles

Erotismo

Expressão artística

Fausto

Ferenczi

Ferida
- de amor

Freud

Cíume –
e perda – e
a situação edipiana

Jaquetas

para baixo de

Goethe

– e Mefistófeles –
e Werther

Hawthorne

Heidegger

Herzog

Caminhada

Hillman

fictício
– e eros

incompletude

Encontro

Individualidade
– e consciência
– e trabalho analítico
– e normas coletivas –
e verdade interna – e
vulnerabilidade

Inibição

Apaixonado
– foi hipnótico

Jacobson

Jacopo da Lentini

Jiménez

jong

Junng

kafka

Keats

Kierkegaard

Klein

Kohut

La Rochefoucauld

Lawrence

O C

Mãe –
como um coletivo

Marx

Mediocridade

Michelangelo

Morte
ideia de –

Mozart

Muldworth

natali

Neruda

Neumann

Nezami

Nietzsche
– e o homem do conhecimento

Novalis

Objeto
de desejo

Integração de sombra
de – comparação com –

Paz

Pascal

Pasolini

Medo

– e traumas de infância

Pavese

Perda

Personalidade

– e existência itinerante

- regrediu

Petrarca

Platão

Poder

– e complexo de Pigmalião – e
criatividade – e demagogia – e o

problema da morte – e

necessidade de segurança –

Processo de descoberta

Proust

Relato –

convencional – da

verdade

Interpretação da realidade de -

relatório analítico

Riefenstahl

Rilke

Renovação

Russel

Safo

Derrota –
e a dimensão da Sombra – e
destrutividade – e a vontade de
superar

Sedução –
pelo olhar – e imagem
sedutora

Culpa

Sexualidade

Shakespeare

Sufrimento
– do artista

Solidão
– e segredo

Solzhenitsyn

Spielrein

Stendhal

Ternura

Testemunho

- de si mesmo

Thoreau

Traição

Transferir
- é amor

Transgressão

Humilhar

Singularidade

- de ser

Valéry

Verdade - interior

Watson

Yourcenar

ÍNDICE

Nota à nova edição

Prefácio de G. Lutte

Introdução

1. Um evento inesperado Evocações de
2. imagens
3. A base da falta
4. A aparente sedução Sacralidade
5. do corpo
6. sofrer o outro
7. A redenção da subjetividade
8. A luta com a proibição
9. Traição e abandono
10. Solidão
11. A dor do homem
12. Repetição 13. Voo
- para o poder
14. Testemunhas de nós mesmos
15. A verdade escondida

Referências bibliográficas

Índice de tópicos e nomes